

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL – ICH/PO**

**ISABÔHR MIZZA VELOSO DOS SANTOS**

**ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO  
SOCIOESPACIAL: as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG.**

**Ituiutaba  
2020**

**ISABÔHR MIZZA VELOSO DOS SANTOS**

**ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO  
SOCIOESPACIAL: as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal – Área de Concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do espaço urbano e rural

Orientadora: Profª. Dra. Maria Angélica de Oliveira Magrini

**Ituiutaba  
2020**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Pontal

Rua Vinte, 1600, Bloco D, Sala 300 - Bairro Tupã, Uberlândia-MG, CEP 38304-

402 Telefone: (34) 3271-5305/5306 - www.ppgep.facip.ufu.br -

ppgep@ufu.br

### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Geografia do Pontal				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGE				
Data:	24 de Janeiro de 2019	Hora de início:	09:30hs	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	21812GEO005				
Nome do Discente:	Isabôhr Mizza Veloso dos Santos				
Título do Trabalho:	Entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: As relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG				
Área de concentração:	Produção do espaço urbano				
Linha de pesquisa:	Produção do espaço rural e urbano				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial :entraves à construção do Direito à Cidade				

Reuniu-se no Auditório III, Campus Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, assim composta: Professores Doutores: Professores Doutores: Vitor Koiti Miyazaki (Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Ciências Humanas do Pontal); Igor de França Catalão (Universidade Federal da Fronteira Sul - SC) e Maria Angélica de Oliveira Magrini (Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Ciências Humanas do Pontal) orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Maria Angélica de Oliveira Magrini, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor (a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**APROVADA**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Angelica de Oliveira Magrini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/02/2020, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor de França Catalão, Usuário Externo**, em 04/02/2020, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Koiti Miyazaki, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/02/2020, às 09:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do

[Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [h](#)

[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](#), informando o código verificador **1848359** e o código CRC **6697436B**.

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Isabôhr Mizza Veloso dos, 1991-  
2020 Entre a (in)segurança urbana e a fragmentação socioespacial:  
[recurso eletrônico] : as relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG  
/ Isabôhr Mizza Veloso dos Santos. - 2020.

Orientadora: Maria Angélica de Oliveira Magrini.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Pós-graduação em Geografia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.158>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Magrini, Maria Angélica de Oliveira, 1984-  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação  
em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

*No Amazonas, no Araguaia  
Na Baixada Fluminense  
Mato Grosso, Minas Gerais  
E no Nordeste tudo em paz  
Na morte eu descanso  
Mas o sangue anda solto  
Manchando os papéis, documentos fiéis  
Ao descanso do patrão  
Que país é esse?  
(Legião Urbana, 1987).*

*Eu ofereço este trabalho científico a todas as pessoas as quais, ao exporem suas visões de mundos, estão (in) diretamente modificando o meu!*

## AGRADECIMENTOS

*[...]. Você não sabe o quanto eu caminhei, para chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir. Eu não cochilei. Os mais belos montes escalei, nas noites escuras de frio chorei. [...]* (Letra da música: A estrada, pelo grupo Cidade Negra). ♪♪

(...) É que para chegar até aqui foi uma luta. A vida ensina e o tempo traz o tom!

Ao longo de uma investigação que demanda tempo e acesso a diferentes espaços, muitas pessoas estiveram presentes e contribuíram de diferentes formas para a sua realização. É impossível citar todas, mas gostaria de deixar registrados meus votos de agradecimentos a algumas delas, agradeço a todos (as) que me ajudaram neste processo importante.

Em Brasília, gostaria de agradecer: a Soraya Cruz, Dino Andrade e Tati, Emanuelle Menezes e André, Humberto Costa Ramos, Marina Morena, Juliana Galli, Anderson e Ariane Romão, Helihudson Bernardo, Rodrigo Rocha, Iloisy Karla, Darlan Palmieri, George Grégory e Apolinário Lima pela amizade, paciência e cuidado comigo durante momentos difíceis da minha vida pessoal.

Gostaria de agradecer imensamente aos professores (as) universitários em Brasília-DF, responsáveis diretos pela minha formação durante minha trajetória no mundo da Universidade, em especial a: Nelson Gonçalves Souza, Marcelle Figueira, Ludmilla Gaudad, Haydée Caruso, Jacqueline Muniz, Marjorie Chaves, Renísia Filice, Isabel Clavelin, Jussara e Daniel Seidel, Vanildes Santos, Jean Louis Le Guerroué e muitos outros (as) de diferentes instituições públicas e particulares.

Em São Paulo-SP gostaria de agradecer as professoras Lucieneida Dovão Praun, Verónica Cortés, Claudete Pagotto, Cristiane Gandolfi e a Suze Piza pela formação crítica humanística na área de ciências sociais, principalmente da sociologia inserida num panorama das áreas de trabalho, habitacional, da educação, das relações étnico-raciais através da UMESP.

Nesse sentido, agradeço a todos (as) professores (as) de educação básica que puderam fazer parte da minha formação infantil, do ensino fundamental e médio em diferentes escolas públicas no Distrito Federal (SEEDF), mas em especial, aos que não me deixaram desistir de estudar, tanto em Taguatinga e em São Sebastião, agradeço principalmente as professoras Uênia, Águida Gonçalves, Rosângela Alves, Sílvia, Ana Rosa, Clarice, Leísa Sasso, Gisa, Rosângela Porto, Isis Rocha, Ana Valéria que sempre me incentivaram a estudar por ser uma adolescente tão questionadora. Agradeço também aos professores Adelmo Brito, Benedito Machado, Pedro Romildo, Lúcio, Sebastião Arthur, Alexandre Melo, Alcir Borges e tantos

outros que me influenciaram a crescer com atitude crítica frente ao mundo real. Sem vocês eu sequer teria chegado até o mestrado!

Com relação aos amigos policiais, preciso agradecer a Ricardo Boratto e a Ezequiel Capellete (DPF/MJ) por estreitarem comigo muitas discussões inerentes ao direito penal e a criminalidade no território brasileiro e pela influência intelectual positiva, bem como ao amigo Fernando Fernandes (PCDF) por me influenciar diretamente nas questões sociais relativa a insegurança urbana desde o ano de 2013 quando tratávamos sobre segurança pública. Agradeço também a Ravan Alves Santos (GDF/OAB-DF) pelas conversas sobre criminalidade e planos de segurança socioeducativos e pela influência no mundo dos resultados dos concursos e da vida acadêmica.

No estado de Minas Gerais, agradeço demasiadamente as considerações do amigo e acadêmico Jésus Trindade Barreto Júnior (PCMG) por me fazer refletir “fora do tradicional” do trabalho policial e da amplitude da segurança pública no Brasil através do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e ao amigo doutor Adailson Silva e Lima (OAB/MG) pelas influências positivas no mundo jurídico. Agradeço também a PMMG e a PCMG da cidade de Ituiutaba-MG por se fazerem presente nesta pesquisa científica.

Às/Aos amigas/os de mestrado em Geografia, com quem compartilhei angústias e reflexões e que muito me ajudaram: Lorrana Laila, Ludmylla Arantes, Maria Cristina, Kátia Luzia, Geisa Gonçalves, Adriano de La Fuente, as irmãs Sandra Aparecida e Sirlene Aparecida, Jéssica Barbosa, Húrbio Rodrigues, Airton Neto, Acácio Mariano, Fábio Venceslau, Arnaldo Araújo, Alessandra Ribeiro, Jhonatan Wivys e aos estudantes de graduação em Geografia do PET-UFU, sobretudo a João Paulo, Tamires Quiérico, Gleici Tamires Brito me ajudando nos eventos da Geografia.

Destarte, também preciso tecer agradecimentos a todo corpo docente e discente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) do curso de Direito, do campus Ituiutaba. Agradeço também todos (as) servidores, estagiários, vigilantes da Vara da Secretaria Criminal do TJMG da cidade pelas aprendizagens na reta final desta pesquisa.

A partir do ingresso no mestrado, no início de 2018, é que pude perceber as principais discussões atuais no âmbito dos fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e espaciais acerca de Ituiutaba-MG, possibilitando uma visão mais integrada da cidade e da sua articulação com a região do Triângulo Mineiro. A participação como discente pesquisadora do programa agregou conhecimento com relação aos prazos burocráticos a serem cumpridos para o alcance de um programa de qualidade reconhecida em instâncias superiores, principalmente

perante a CAPES, FAPEMIG, CNPq, quanto em outras universidades públicas brasileiras e em âmbito internacional.

Destarte, acompanhei de perto eventos, seminários, palestras no campus Pontal, tanto os organizados pelos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, quanto os realizados por outros cursos de Graduação da instituição, o que me inseriu em outras discussões sociais e políticas correlatas ao estado de Minas gerais, mais especificamente acerca das demandas do Triângulo Mineiro.

Também tive contato com profissionais de outras áreas, podendo observar seus modos de trabalho e suas percepções sobre a cidade e a região, o que na minha visão foi um diferencial para escrever esta dissertação, considerando o desafio duplo de desenvolver um trabalho na Geografia sem ser geógrafa de formação e sobre Ituiutaba sem ser natural da cidade.

Agradeço pela oportunidade de participar do V Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas cidades - V Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades: Cidades em territórios e territórios em cidades: Dos corpos ao mundo, no campus da UNESP/FCT de Presidente Prudente- SP com discussões norteadoras e que foram importantes para a estruturação da dissertação final.

Na ocasião, agradeço aos professores (as) do PPGEP/ICHPO da UFU por proporcionarem aulas dialogadas, reflexivas, críticas e por apresentar a amplitude científica da Geografia inserida num mundo contemporâneo, tanto no espaço urbano quanto rural, bem como a pensar sobre Ituiutaba e região. Devo agradecer ao corpo docente das duas linhas, mas principalmente aos doutores (as) Carlos Loboda, Rildo Costa, Geresa Gonçalves, Jussara Rosendo, Roberto Castanho, Antônio de Oliveira, Hélio Miranda, Anderson Portuguez, Vitor Miyazaki e Leda Miyazaki, Joelma Santos, Alessandro Enoque, por ter tido mais contato durante o mestrado. Só tenho a agradecer à UFU por tamanha abertura de novos caminhos e pela recepção calorosa!

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira Magrini, por inspirar-me intelectualmente ao longo dos dois anos de trabalho e de convívio, me mostrando que a Geografia deve ser problematizada a partir da pesquisa social, me apresentando campos novos que é o da fragmentação socioespacial e do direito à cidade. E por ter a coragem de enfrentar junto comigo temáticas tão relevantes e ainda pouco abordadas cientificamente, apesar de tantos questionamentos, críticas e imaginários ao redor deste estudo. Muito obrigada por compartilhar o seu olhar feminino crítico e por administrar as minhas ansiedades neste processo, me emprestando livros, me atendendo em horários estranhos, me dando liberdade de (re) interpretar fenômenos, vivências, falas, me ensinando a ouvir o outro

num processo dialético intenso e muito importante para a cidade de Ituiutaba e seus cidadãos. Com você estou aprendendo a ser mestra de verdade!

Aos professores doutores que estiverem em minha banca de qualificação e colaboraram para que eu visse o que estava escondido: a Igor Catalão (mais que um professor, um amigo brasileiro) pela leveza dos pensamentos e das críticas tecidas a partir de comentários divertidos e inteligentes (sem querer falar mal da Angélica, mas fazendo isso de forma suave, rs!) e por aceitar fazer parte da banca e da pesquisa, a Vitor Miyazaki pelo apoio tecnológico incondicional e sua sagacidade objetiva japonesa, com um olhar amplo da geografia urbana e a Carlos Loboda por me deixar calma e tranquila num momento importante do avanço deste estudo.

Devo também agradecer ao grupo de pesquisa FragUrb pelo trabalho de campo realizado e por debatermos sobre as especificidades geográficas de Ituiutaba e por me mostrarem parte da segregação/fragmentação existentes. Agradeço a Eliseu Sposito, Natália Sá Britto, Wagner Batella, Angélica Magrini, Igor Catalão, Vitor Koiti, Suelen Parreira, Isabella Cunha, Rafael Jorge por debatermos sobre Ituiutaba e região.

Agradeço imensamente à minha família como um todo, mas particularmente a Eliane Veloso pelo apoio, carinho, ajudas, escutas, comentários sobre esta pesquisa. Agradeço também a Isabella Ayezza pela salvação internética em momentos de pressão de prazos e formatações, pela paciência e credibilidade em mim depositados durante a vida e por compartilhar aprendizagens docentes (aliás, uma vida baseada em dividir o fim do refrigerante! Sempre! Rs).

A todos (as) cidadãos (as) entrevistados (as) que acreditaram em meu trabalho e se dispuseram a colaborar para que ele pudesse ser realizado na cidade de Ituiutaba, pensando criticamente na construção das argumentações desta dissertação, por disponibilizarem seus contatos, tempo, vivências do medo, falas do crime, falas do cotidiano, além de abrirem seus corações! Muito obrigada pela confiança!

Foram dois anos de intensos aprendizados, leituras, angústias, alegrias, risos e choros, tristezas, notas baixas, dificuldades, viagens, escutas emocionadas, diálogos abertos e olhares desconfiados em alguns corredores, salas e ruas. Mas um dia tem que acabar!

Esta dissertação de mestrado foi pensada e dedicada para todos aqueles (as) que combatem, trabalham, estudam e pesquisam incansavelmente por um Brasil menos violento, com menos criminalidade e desigualdades socioespaciais. Mas também para os indivíduos que lutam contra as engrenagens dos vícios da drogadição no Brasil e as suas

famílias que sofrem de diferentes formas com as problemáticas psicossociais inerentes a esta realidade.

Agradeço a Deus e aos mentores/as de luz por me ajudarem a concretizar meus sonhos, a modificar aquilo que é possível ser modificado, e a aceitar o que não pode ser modificado (agradecimento maior às consciências elevadas, que nos guiam frente a tantos obstáculos extrafísicos no plano da vida).

A cidade de Ituiutaba e a seus cidadãos pela acolhida espiritual!

Aos amigos (as) de Ituiutaba e região!

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia pela oportunidade em cursar o Mestrado e o Doutorado em Geografia!

E finalizo, na esperança, de estar sendo digna de todos (as) vocês! Namastê!

*“É uma pena que os humanos não possam encontrar toda sua satisfação na contemplação científica.”*

**(NIELS BOHR)**

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for sua presença em todos os lugares. Presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem. (CLAUDE RAFFESTIN, 1993)

Eu vejo a multidão de cego só crescendo olho na terra  
Querem as joias da coroa, forças, fronteiras se alteram  
Geral quer ser rei, conspiram para o tempo que não espera,  
Impérios caem com novos reis, uns tempos passam a ser de guerra  
Rua sangra, tensão triplica, eu vi camisa com desenho do mundo escrito,  
Isso aqui é de quem se antecipa  
Eu incorporo o Sun-Tzu, bolação vietnamita,  
Osama Bin que dinamita, os buchas que desacreditam  
Gritaria, choradeira, tiro, cheiro, desespero  
Se entregaram, desistiram, meus irmãos escreveram  
Na calada, somos rato, rap é o eco dos bueiros...  
[...] Cada vez que eu rimo ponho a minha alma em todas as partes da letra  
Como se escrevesse nos teus cornos com a ponta da baioneta. (...) No Chile é guerra, neguin,  
Brasil é guerra, neguin  
Michigan é guerra, neguin, nós somos a guerra, neguin. (Letra da música Guerra de MC  
Marechal, 2012).

O próprio medo da impessoalidade, que governa a sociedade moderna, prepara as pessoas para verem a comunidade numa escala cada vez mais restrita. Se o eu ficara reduzido a intenções, o compartilhar desse eu fica também reduzido a excluir aqueles que são muito diferentes em termos de classe, de política ou de estilo. Interesse pela motivação e pelo bairrismo: eis as estruturas de uma cultura construída sobre as crises do passado. Elas organizam a família, a escola, a vizinhança; elas desorganizam a cidade e o Estado. (SENNET, 1998, p.322)

## RESUMO

O impacto dos processos da globalização econômica, bem como da intensificação da urbanização no mundo contemporâneo se correlacionam rompendo os laços que compõem a coesão social nas cidades, transformando a vida cotidiana de seus habitantes, marcada pelas desigualdades socioespaciais e pela violência urbana. Nesse sentido, entendemos que tratar do tema da violência urbana é compreender suas aparições contínuas nas cidades, a partir de múltiplos mecanismos de hipervisibilidade, muitas vezes seletivos, que geralmente não retratam e enfrentam a violência em seu sentido mais amplo. Pelo contrário, constatamos que as representações dominantes da violência urbana seguem roteiros e discursos pré-definidos, que são semelhantes nas mais diferentes cidades. As práticas cotidianas ficam seletivas, privilegiando espaços privados em detrimento dos públicos, nos quais se espera ter possibilidades efetivas de se controlar as relações de sociabilidade. Tais aspectos reforçam o processo de fragmentação socioespacial que avança mediante a reestruturação urbana, a partir da produção do tecido urbano e da realização das práticas de securitização cotidianas, juntamente com os imaginários acerca das cidades e seus diferentes cidadãos. Assim, no que tange ao objetivo geral do estudo, buscamos analisar as relações entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial, a partir da compreensão das dinâmicas objetivas e subjetivas que perpassam as práticas espaciais dos cidadãos de Ituiutaba, no triângulo mineiro. Isso porque acreditamos que as atividades associadas à violência e a (in) segurança urbana e suas representações simbólicas influenciam diretamente na apropriação da cidade, promovendo evitamentos e estigmatizações de bairros e de seus cidadãos, o que contribui para a quebra da coesão da vida urbana, contribuindo com o processo de fragmentação socioespacial. Nesse sentido, esses processos são analisados a partir da cidade de Ituiutaba- MG, inserida num contexto não metropolitano, pretendendo evidenciar as especificidades de um contexto urbano considerado como mais seguro quando comparado com as metrópoles e cidades grandes. No âmbito metodológico, utilizamos um conjunto de informações quantitativas e qualitativas para compreender o processo de fragmentação socioespacial em Ituiutaba no plano do cotidiano urbano e pelo viés da insegurança urbana: a) índices de ocorrências criminais totais e distribuídos por bairros; b) entrevistas semiestruturadas com diferentes perfis de cidadãos e c) trabalhos de campo nos bairros da cidade. Deste modo, as reflexões realizadas se basearam principalmente nas representações sociais dos moradores da cidade, em suas opiniões e nas descrições de suas práticas cotidianas, no intuito de apreender melhor a vivência local em contraposição com os dados referentes à violência urbana. Constatamos com a pesquisa que em Ituiutaba o imaginário da insegurança urbana influencia na consolidação da tendência de fragmentação socioespacial, em função de uma vivência mais privatista, individualista e separatista, afetando as relações de sociabilidade entre os cidadãos ituiutabanos e fomentando entraves ao Direito à Cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fragmentação socioespacial. Insegurança Urbana. Violência Urbana. Sociabilidade. Ituiutaba-MG.

## ABSTRACT

The impact of the processes of economic globalization, as well as the intensification of urbanization in the contemporary world, are correlated, breaking the ties that make up social cohesion in cities, transforming the daily lives of their inhabitants, marked by socio-spatial inequalities and urban violence. In this sense, we understand that to deal with the theme of urban violence is to understand its continuous appearances in cities, based on multiple hypervisibility mechanisms, often selective, that generally do not portray and face violence in its broadest sense. On the contrary, we find that the dominant representations of urban violence follow predefined scripts and discourses, which are similar in the most different cities. Daily practices are selective, privileging private spaces over public ones, in which it is expected to have effective possibilities to control sociability relations. Such aspects reinforce the process of socio-spatial fragmentation that advances through urban restructuring, based on the production of the urban fabric and the realization of daily securitization practices, together with the imaginary about cities and their different city dwellers. Thus, with regard to the general objective of the study, we seek to analyze the relationship between urban (in) security and socio-spatial fragmentation, based on the understanding of the objective and subjective dynamics that permeate the spatial practices of the citizens of Ituiutaba, in the mining triangle. This is because we believe that activities associated with violence and urban (in) security and their symbolic representations directly influence the appropriation of the city, promoting avoidance and stigmatization of neighborhoods and their citizens, which contributes to breaking the cohesion of urban life, contributing to the process of socio-spatial fragmentation.

In this sense, these processes are analyzed from the city of Ituiutaba-MG, inserted in a non-metropolitan context, aiming to highlight the specificities of an urban context considered as safer when compared to metropolises and large cities. In the methodological scope, we used a set of quantitative and qualitative information to understand the process of socio-spatial fragmentation in Ituiutaba in terms of urban daily life and from the perspective of urban insecurity: a) rates of total criminal occurrences and distributed by neighborhoods; b) semi-structured interviews with different city profiles and c) fieldwork in the city's neighborhoods. Thus, the reflections made were based mainly on the social representations of city dwellers, on their opinions and on the descriptions of their daily practices, in order to better understand the local experience as opposed to the data referring to urban violence. We found with the research that in Ituiutaba the imaginary of urban insecurity influences the consolidation of the tendency of socio-spatial fragmentation, due to a more privatist, individualistic and separatist experience, affecting the sociability relations between the Ituiutaban citizens and fostering barriers to the Right to the City.

**KEYWORDS:** Socio-spatial fragmentation. Urban insecurity. Urban violence. Sociability. Ituiutaba-MG.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa sobre a pesquisa nacional sobre a vitimização entre 2010 a 2012. ....	54
Figura 2: Organização espacial das redes do Tráfico .....	77
Figura 3: A rota das drogas - Como agiam os traficantes .....	78
Figura 4: Residências dos bairros Centro e Independência.....	152
Figura 5: Residências nos bairros Canãa e Drummond .....	153
Figura 6: Residências nos bairros Junqueira e Satélite Andradina .....	154
Figura 7: Outras residências - Drummond e Portal dos Ipês.....	155
Figura 8: Heterogeneidade residencial- Drummond e Satélite Andradina .....	156
Figura 9: Muros e outras separações da paisagem de Ituiutaba .....	157
Figura 10: Paisagem urbana - Satélite Andradina .....	158
Figura 11: Condomínio privado x Residências populares?.....	159
Figura 12: Paisagem urbana comercial- Centro .....	160
Figura 13: Brasil - um país cordial sanguinário?.....	168

### LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Ituiutaba. Residência dos cidadãos entrevistados. 2018 a 2020.....	40
Mapa 2: Ituiutaba. Educação e Renda. 2010 .....	41
Mapa 3: Ituiutaba. Mapa de Renda média. 2017 .....	42
Mapa 4: Brasil. Mapa nacional de vitimização. 2010 a 2012 .....	54

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ituiutaba. O perfil dos entrevistados. 2018 a 2019.....	39
Tabela 2: Brasil : óbitos por homicídios .....	53
Tabela 3: Minas Gerais. Tabela comparando crimes. 2018 a 2019.....	56
Tabela 4: Minas Gerais. Alvos de roubos. 2018 a 2019 .....	56
Tabela 5: Ituiutaba. Ocorrências de furtos. 2010 a 2018. ....	63
Tabela 6: Ituiutaba. Ocorrências de roubos. 2010 a 2018.....	66
Tabela 7: Ituiutaba: Ocorrências de homicídios. 2010 a 2018. ....	69
Tabela 8: Ituiutaba. Ocorrências de uso e consumo de drogas. 2011 a 2018.....	79
Tabela 9: Ituiutaba. Ocorrências de tráfico de drogas. 2011 a 2018.....	81

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação gráfica de pessoas presas por tráfico de drogas no Brasil .....	57
Quadro 2: Representação gráfica sobre tráfico de drogas (TJMG) .....	60

## SUMÁRIO

Prefácio: A vida da pesquisadora

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	26
<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	31
A importância da pesquisa bibliográfica .....	33
A pesquisa de campo e a observação: Conhecendo a cidade de perto.....	35
A entrevista semiestruturada e sua interação social.....	37
Da análise das entrevistas a partir de seus conteúdos .....	43
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>A VIOLÊNCIA NA CIDADE X A VIOLÊNCIA DA CIDADE</b> .....	44
1.1 Violência Urbana e Representações da (in) segurança: construção de um contexto analítico .....	44
1.2 Alguns índices de criminalidade .....	52
1.3 Geografia da marginalidade e o tráfico de drogas: Do vício ao crime.....	70
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA-MG: OS IMAGINÁRIOS DO MEDO</b> .....	84
2.1 Os conteúdos da insegurança urbana em Ituiutaba .....	84
2.2 O lado oculto de Ituiutaba narrado pelos cidadãos.....	86
2.3 Divisão social do trabalho e o desemprego .....	103
2.4 Violência versus Pobreza .....	108
2.5 Violência Urbana e a Polícia .....	116
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA-MG: AS PRÁTICAS ESPACIAIS</b> .....	128
3.1 Da Segregação à Fragmentação Socioespacial.....	128
3.2. A (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: As práticas espaciais de securitização na cidade de muros .....	139
3.3. As relações de sociabilidade no cotidiano urbano .....	163
3.4 O Direito à Cidade tem estado à deriva? .....	168
3.5 E as soluções viáveis e o papel estatal?.....	172

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	176
REFERÊNCIAS .....	181
<b>APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA EM ITUIUTABA-MG</b> .....	189
COMPROVANTE FINAL DO CEP/UFU (ANEXO 1).....	192

## **Prefácio: A vida da pesquisadora**

Desde criança sempre estive em contato com temas de relevância social e política mesmo que sem qualquer conhecimento mais profundo. Entre os 07 aos 12 anos morava na cidade satélite de Taguatinga Norte (Brasília-DF) e era estudante da rede pública de ensino. Quando criança as disciplinas de ciências humanas me despertavam para muitas reflexões existenciais e inerentes à minha própria realidade socioeconômica. É justamente na escola que se dão as primeiras interações sociais com os outros e com o mundo do saber, desde então, não mais parei de estudar, conhecer, ler, interagir, socializar com amigos (as) e interpretar novas e diferentes realidades e situações cotidianas. Fui uma menina criada dentro do espaço dos muros de casa e só conseguia sair com autorização. Talvez por isso ver a realidade lá fora, das ruas, me chamou tanta atenção desde tão pequena.

Durante esses anos de vivência escolar juvenil, alguns temas me despertaram mais que outros, principalmente os que tinham a ver com as desigualdades sociais e de gênero (porque meninas não podiam brincar com carrinhos, somente de bonecas e casinhas) e direito de fala (porque a voz dos meninos e suas brincadeiras sempre eram mais aceitas no espaço escolar) do que das meninas, já presentes nas primeiras brincadeiras lúdicas, mas repletas de violências simbólicas próprias da idade entre meninos e meninas.

No ano 2000, com 09 anos de idade, fui aluna durante a quarta série, da implantação do Programa da PMDF denominado Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) tendo uma formação voltada à prevenção da violência e ao uso precoce de drogas e que foi fundamental para o meu afastamento desse submundo durante a infância e à adolescência. Não tinha noção naquela época, do quanto temáticas dessa natureza, estariam interligadas a minha trajetória de vida pessoal e também na universidade.

Nesse sentido, alguns anos se passaram e juntamente com minha família, por motivos diversos nos mudamos para São Sebastião (ainda cidade satélite de Brasília-DF) percebida como periférica, por ser tão próxima do Complexo Penitenciário da Papuda, que é um complexo formado por cinco presídios (CDP, CIR, PDF I, PDF II e Penitenciária Federal) nas margens da estrada que liga a capital federal, ao município mineiro de Unaí. Seu nome refere-se à antiga fazenda, onde vivia uma mulher portadora de deformidade física. A área foi desapropriada para abrigar o presídio inaugurado em 16 de janeiro de 1979. Na época destinava-se a receber 240 presos. Atualmente é formado por cinco presídios, que abrigam presos e presas.

Assim, em meados do ano de 2002, em função da expansão de loteamentos habitacionais, que estava a pleno vapor, das políticas governamentais relacionadas ao acesso à

moradia pelo Governo do Distrito Federal em diferentes bairros da cidade, muitas famílias se mudaram para São Sebastião, porque foram contempladas por tais políticas, mesmo tendo ausência de infraestrutura de serviços públicos essenciais, tais como, acesso à rede de água, esgoto, energia elétrica, pavimentação de asfalto. Quando adolescente residi numa área da cidade considerada como um assentamento em fase de regularização fundiária, e foi lá, que assisti e também vivenciei algumas das reproduções da estigmatização da violência e da pobreza durante alguns anos.

A cidade de São Sebastião possuía uma realidade social diferenciada em alguns de seus bairros, principalmente naqueles em que viviam famílias removidas, como o bairro Residencial Oeste (uma parte do bairro) em que era residente. Na época, morar ali implicava em certo estigma social inerente à pobreza, ao fato de ser de “fora” da cidade, por conviver com a malandragem e com usuários de drogas e membros de gangues juvenis. O que não necessariamente correspondia à realidade dos fatos, tendo percebido de perto que o bairro era formado por famílias mais vulneráveis economicamente e nem todas estavam envolvidas com ilegalidades. Essas representações eram mais estigmas sociais da localidade que estavam no imaginário de moradores mais antigos.

Morando no Residencial Oeste no ano de 2004, passamos pela crise do chamado Hantavírus, que desencadeava a Hantavirose (doença com contaminação que se aumentava com a chegada da seca, quando o rato transmissor saía da toca em busca de comida e espalhava fezes e urina que contém o vírus, misturada a poeira local) e esse estigma social se agravou um pouco mais. Durante seis meses sofri diferentes violências simbólicas por colegas e moradores locais com medo de se contaminarem com a doença, pelo fato de morar num bairro que não tinha asfalto e serviços básicos de infraestrutura. Vivemos alguns preconceitos também em outros espaços sociais como em filas de bancos, em lojas de comércio da cidade, em filas de ônibus na Rodoviária do Plano Piloto quando descobriam que morávamos em São Sebastião num bairro estigmatizado pela incidência da doença, as pessoas saíam de perto e tinham medo de se contaminarem. Esta situação foi vivenciada também por muitos moradores do bairro e da cidade de forma geral. Foi um momento difícil de entender e superar. Mas ali fui percebendo cada vez mais os processos de estigmatização inerentes às classes mais populares.

Com o passar dessa fase, tudo melhorou e aos poucos alguns serviços e benfeitorias foram chegando ao bairro. A vida dos moradores foi sendo amenizada pela chegada dos equipamentos urbanos. Durante esse período, morando em São Sebastião, conheci alguns loteamentos fechados próximos, tais como Ouro Vermelho I e II, Quintas da Bela Vista, Jardim Botânico VI e já percebia as desigualdades socioespaciais presentes numa mesma cidade que

está tão perto das sedes oficiais do poder público estadual e federal. Como poderia ser tão desigual assim? Sempre refletia sobre isso vivenciando a cidade enquanto estava estudando durante o ensino médio em São Sebastião.

Durante os anos de 2002 até o fim de 2007 vivi em São Sebastião em meio às principais mudanças sociais, políticas, culturais no espaço urbano inerentes ao desenvolvimento daquela região administrativa, inclusive também na questão da segurança pública. Entre os anos de 2006 a 2007, por exemplo, após a realização de um dos concursos públicos na PMDF/PCDF e de concursos internos, alguns concursados (as) realizavam treinamentos táticos operacionais (mas sem abordagens a transeuntes e moradores) em algumas ruas de bairros que tinham morros, sob o comando de outros policiais de formação tática mais elevada, durante madrugadas de finais de semana.

Como morava em uma residência com laje e muro alto, me recorro de pedir permissão a minha mãe para “assistir” na varanda da laje, a movimentação coordenada de policiais (todos vestidos de preto com símbolo de uma caveira e logotipo da instituição) em formação, com movimentação pacífica nas esquinas. Nenhuma dessas ações culminou em prisões ou mortes. E foi a partir dessas primeiras observações sociais que foi crescendo o interesse em estudar sobre a segurança, a insegurança, a criminalidade, a cultura do medo, mesmo sendo ainda estudante secundarista.

No ano de 2008 minha família retorna a Taguatinga Norte e finalizo o ensino médio. Logo após o término, aos dezessete anos de idade, optei por cursar uma graduação tecnológica em Segurança e Ordem Pública na Universidade Católica de Brasília através da modalidade à distância. O curso foi uma iniciativa ímpar e diferenciada com foco em capacitar policiais militares e isso foi condicionante para o entendimento mais aprofundado sobre a segurança pública, a violência, a criminalidade e foi uma experiência de dois anos bastante enriquecedora de conhecimentos. Ao final do ano de 2010 me graduei e queria continuar me especializando continuamente.

Assim, no ano de 2011 tive a possibilidade de cursar minha primeira especialização lato sensu, também pela Universidade Católica de Brasília, desta vez na modalidade de ensino presencial, no curso de Direito e Inteligência no Combate ao Crime Organizado e ao Terrorismo, quando obtive noções teóricas sobre a manifestação do crime organizado no Brasil e a âmbito transnacional, bem como do conhecimento jurídico sobre as temáticas, também dos problemas de segurança pública nacional, além de estudar sobre a importância da atividade de inteligência policial e das atividades terroristas e sua letalidade. Ao final do ano de 2012

finalizei esta especialização e continuei me aperfeiçoando cursando outras em diferentes universidades ao longo dos anos.

Entre os anos de 2013 a 2016 cursei a graduação plena em Ciências Sociais (Sociologia) pela Universidade Metodista de São Paulo na modalidade a distância durante um período que fui servidora terceirizada da Codhab (Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal) tendo oportunidade de trabalhar diretamente com a regularização de áreas de interesse social mediante a aplicabilidade da lei 4996/2012 referentes ao planejamento urbanístico habitacional e emissão de escrituras públicas da gestão governamental vigente na época.

Já entre os anos de 2015 a 2016 tive contato com a especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, de forma que, seu objetivo era capacitar profissionais para atuarem na elaboração, aplicação, monitoramento e avaliação de projetos e ações visando a intersectorialidade e a transversalidade de gênero e raça nas políticas públicas. Em meados de 2016, depois de defender monografia sobre a violência contra a juventude negra, me tornei especialista na área e o sonho de cursar o mestrado foi ficando mais perto da minha realidade de discente oriunda das escolas públicas do DF, mas sempre estudiosa de fenômenos sociais e políticos em parte vivenciados por experiências individuais ou familiares.

Como mulher cis, heterossexual, jovem, parda, crítica, feminista, pertencente à classe média baixa, filha e neta de pioneiros e candangos da migração mineira e nordestina, que ajudaram na construção de Brasília, a minha permanência na cadeira universitária foi marcada por algumas dificuldades sociais, políticas, socioeconômicas e antagonismos de todo tipo. Desde a minha própria forma de ser jovem e não inserida no meio policial estudando questões bem específicas dessa categoria, até mesmo o fato de ser uma mulher inserida num meio acadêmico mais masculino e por não ter uma visão militarizada da manutenção da ordem e da segurança pública atual.

A minha visão civil dos fatos e fenômenos sociais era questionada a todo o momento, posta à prova a todo instante, tanto em avaliações, quanto na postura como acadêmica, inserida nestas áreas, por colegas e professores (as), que muito me ensinaram a entender as desigualdades sociais permeadas na sociedade brasileira e nos seus estados e municípios. Tanto a entrada e a permanência na Universidade se dão pela força de vontade de ser uma mulher politizada, sendo capaz de tentar modificar realidades para ser uma profissional mais engajada nas lutas sociais, principalmente no campo da educação.

Nesse sentido, em função de variados motivos pessoais também relativos ao envolvimento com o uso e abuso de drogas por membro familiar, optamos por nos mudar para

o interior do Brasil. A cidade escolhida foi Ituiutaba no estado de Minas Gerais, no oeste do Triângulo Mineiro e que nos acolheu tão bem. Quando chegamos a Ituiutaba em dezembro de 2016 não conhecíamos nada da cidade e seu cotidiano, mas a sensação era de um (re) começo na vida e da esperança num futuro possível.

Sendo assim, logo me inseri nas duas grandes universidades públicas de Ituiutaba, primeiramente como graduanda em Direito na UEMG no início de 2017 e que muito me auxiliou a construir parte do referencial teórico desta pesquisa científica. Neste ano também atuei como professora designada de Sociologia, pela SEEMG nas séries do ensino médio na escola pública estadual Antônio Souza Martins em Ituiutaba, oportunidade em que pude conhecer parte das juventudes presentes no município.

No início de 2018, aprovada na seleção pública do Mestrado acadêmico em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) do campus Pontal, começo a ter uma aproximação científica e intelectual com as ciências humanas de forma mais densa. A Geografia é uma ciência que tem por objetivo o estudo da superfície terrestre e da distribuição espacial de fenômenos significativos na paisagem, também estudando a relação recíproca entre a sociedade e o meio ambiente e está inserida na prática humana de conhecer onde se vive para compreender e planejar o espaço, por exemplo.

O mestrado em Geografia expandiu minhas interpretações sociais principalmente a partir das temáticas da insegurança urbana e da fragmentação socioespacial e de suas relações com os entraves à construção do direito à cidade, visto que a insegurança urbana se tem constituído como importante elemento da produção/apropriação do espaço urbano contemporâneo. Nesse sentido, trabalhamos na perspectiva de que a insegurança urbana é também um dos conteúdos da fragmentação.

Nas cidades brasileiras, das grandes às de porte médio, as estratégias de seleção/evitamento vinculadas à construção de um imaginário de cidades inseguras marca as práticas espaciais dos cidadãos, em particular considerando-se a ampliação do acesso ao consumo e a predominância dos espaços securitizados como mediação da sociabilidade urbana.

Fora dos contextos metropolitanos, as características socioespaciais próprias requerem a análise desse processo, tendo em vista a ampliação do imaginário difuso da insegurança que marca o cotidiano mesmo de cidades em que os dados concretos de ocorrências violentas não justificam diretamente sua existência.

Minhas escolhas temáticas no mestrado nunca foram em vão. Elas são fruto da vivência e experiências traumáticas relacionadas à manifestação de crimes no espaço urbano. Quando

residente em Taguatinga Norte, no fim do ano de 2014, fui roubada por duas vezes voltando para casa sozinha durante o dia, antes e após o expediente do trabalho.

Em uma dessas situações, às seis horas da manhã, fui atacada por quatro homens que estavam dentro de um carro cinza e que frearam próximo ao meio fio, dois saíram do carro armados com uma pistola Glock preta e puxaram minha bolsa com a arma de fogo apontada para mim, não tive reação e simplesmente entreguei a bolsa e fui andando para trás com medo e com o coração acelerado. Felizmente entraram no carro novamente e foram embora. Fiquei desesperada e com medo numa esquina, corri por outro caminho até minha casa e posteriormente fiz boletim de ocorrência na Delegacia da Polícia Civil mais próxima. Desde então, os aspectos relativos à segurança e a sensação de insegurança me preocupam e alteram algumas atividades cotidianas. Não por acaso, mas por medo da violência.

Nesse contexto, entendo que se entrelaçam nesta narrativa, a correlação que se deu entre a trajetória pessoal de vida e o meu caminho acadêmico e ideológico. Escrever sobre tais temáticas é uma forma de entender a minha própria existência como mulher, como cidadã que enfrenta e já enfrentou cotidianamente diferentes tipos de preconceitos, violências simbólicas e vivências de todo tipo.

A marginalidade social difundida no território brasileiro, sobretudo nas áreas periféricas versus as áreas mais abastadas, agrava a situação dos cidadãos de diferentes cidades e a criminalidade tem alcançado níveis extremos no Brasil, incidindo no imaginário do medo, culminando na separação dicotômica entre pessoas de bem versus os bandidos a serem combatidos, mediante uma crise de conflitos ideológicos e culturais muito preocupante e altamente polarizada. Os cidadãos mais vulneráveis economicamente têm sido cada vez mais criminalizados juntamente a movimentos políticos de ruas.

A ideologia da crítica tem sido posta à prova e os regimes das democracias regentes do Estado de Direito já sente algumas ferrugens lhe corroerem principalmente na América Latina. A segregação socioespacial e a fragmentação mostram-se em curso no espaço urbano e o agravamento dos conflitos de interesses entre classes e raças têm polarizado politicamente todo o globo, mediante o avanço célere das políticas neoliberais de toda ordem. A fome, o desemprego, as incertezas do mercado de trabalho e a crescente precarização, a degradação do meio ambiente, as privatizações e as desigualdades sociais e políticas interferem nas decisões cotidianas dos cidadãos e alteram os tecidos espaciais das cidades.

Existem variadas transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas em curso que interferem nos costumes das sociedades contemporâneas na atualidade. Tem crescido a

sensação do individualismo e do isolamento social por parte dos indivíduos de diferentes cidades, bem como conflitos inerentes aos grupos e classes sociais.

A era da informação é marcada pela constante perda da privacidade em função das variadas formas de comunicações disponíveis e que possibilitam os indivíduos a evidenciar seu cotidiano para muitas pessoas ao mesmo tempo, em diferentes lugares do mundo em poucos instantes. Essa espetacularização da vida cotidiana demonstrada na atualidade, contribui diretamente para a consecução de variados crimes e para a crescente sensação de insegurança urbana, principalmente pelos imaginários do medo e da preocupação com a preservação da propriedade privada.

Ostentar virou lei e se isolar virou regra para disfarçar a realidade latente e os problemas sociais. Por isso crescem os vícios lícitos e ilícitos de toda sorte como forma escapista de uma realidade imersa no consumismo em detrimento dos laços de sociabilidade e dos relacionamentos.

E foi por ser acusada de ser estudiosa de objetos científicos menores, com pouca ou nenhuma importância na visão da sociedade, por ser defensora dos direitos humanos e uma intelectual pensante das humanidades, sigo através desta pesquisa, tentando desmistificar alguns estigmas e apontando horizontes para o desenvolvimento de um compromisso social muito mais amplo.

*“A liberdade é o crime que contém todos os crimes. É a nossa arma absoluta!”*  
**(Grafite no muro da Universidade de Sorbonne em maio de 1968).**

*Pois, a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra. Para toda ciência, para todo saber deve ser colocada a questão das premissas epistemológicas; o processo científico está ligado à uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder. Colocar como ponto de partida que a geografia serve primeiro, para fazer a guerra não implica afirmar que ela só serve para conduzir operações militares; ela serve também para organizar territórios, são somente como previsão das batalhas que é preciso mover contra este ou aquele adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho de Estado exerce sua autoridade. A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações. (...) desde que se tome consciência de que a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, que é a geografia, é um saber estratégico, um poder. (Yves Lacoste, 1993, p.9-10).*

## 1. INTRODUÇÃO

*[...]. Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem feito. O que se consome, o que se compra, são apenas sedativos morais que tranquilizam seus escrúpulos éticos. (Zygmunt Bauman, 2001).*

As epígrafes de abertura desta dissertação nos provocam reflexões intelectuais necessárias para o entendimento das questões sociais mais tensas no Brasil atual. O trecho que retrata o pensamento de Raffestin (1993) enfatiza as relações de poder hierarquizados em diferentes contextos pelas relações humanas, presentes por exemplo, no fragmento da música Guerra do rapper MC Marechal (2012) que nos mostra os conflitos armados entre cidadãos periféricos versus as forças de coerção do Estado brasileiro, nos demonstrando a (in) segurança urbana em seus aspectos mais visíveis de tensão. Já o trecho de Sennet (1998) reforça a fragmentação social e espacial de cidadãos imersos nas sociedades urbanas, ou seja, do quanto as diferenças marcam a convivência e as percepções em diferentes escalas de análise.

Tais epígrafes iniciais combinadas com as passagens do prefácio sobre a vida da pesquisadora de Yves Lacoste (1993) e do Grafite de 1968 em Paris, amplificam nossa interpretação dos objetos de estudo, porque incorporam a (in) segurança urbana aliada à fragmentação socioespacial em função da quebra dos laços de sociabilidade entre os indivíduos e que nos causam na modernidade um esquecimento do amor, da amizade, dos sentimentos, em detrimento do consumismo desenfreado para a manutenção de um status quo como ressalta o trecho de Bauman (2001) que abre esta introdução.

Dito isso, nos cabe esclarecer aos leitores e pesquisadores, que a adoção do termo “(in)” segurança urbana foi pensada como uma forma de se diferenciar (no aspecto linguístico da palavra) de outras obras correlatas sobre tal temática. A adoção da (in) segurança retrata nesta dissertação, a própria noção da sensação de insegurança pertencente a incidência do imaginário do medo operando frente ao cotidiano dos cidadãos. Ao passo que tenta abarcar também a noção dialética sobre a segurança urbana e que tentamos, ainda que de forma simplista, evidenciar à comunidade acadêmica e a sociedade civil como um todo.

Desta forma, para Paulo César da Costa Gomes (2006) existem nas cidades algumas formas de grupamentos urbanos, em que se predomina a diferenciação baseada em estruturas de solidariedade a partir da noção de identidade. A fragmentação social e do espaço é percebida na ausência da apropriação do direito territorial, onde existem grupos soberanos de decisões ou

leis, a partir das relações de sociabilidades mais pessoais do que territoriais. Isso é correlato a uma multiplicação de lugares associados a um determinado grupo. Paulo Gomes (2006) afirma que a organização espacial dimensiona comportamentos da vida cotidiana, a partir da noção das duas formas de-ser-do-espço e da identidade ontologicamente fundada em um local, geralmente de pertencimento entre os iguais. A partir dessa diferenciação é que percebemos a fragmentação social e do espaço se estreitando nos tecidos espaciais nas mais variadas cidades.

Na atualidade, o impacto dos processos da globalização econômica e cultural, bem como da intensificação da urbanização no mundo contemporâneo se correlacionam, rompendo os laços inerentes à coesão social nas cidades, transformando a vida cotidiana de seus habitantes, marcada crescentemente pelas desigualdades socioespaciais e pela violência urbana.

Nesse sentido, entendemos que tratar do tema da violência urbana é compreender suas aparições contínuas nas cidades, a partir de múltiplos mecanismos de hipervisibilidade, muitas vezes seletivos, que geralmente não retratam e enfrentam a violência em seu sentido mais amplo. Pelo contrário, as representações dominantes da violência urbana seguem roteiros e discursos pré-definidos.

Essa violência urbana no Brasil, que pode ser assistida cotidianamente na televisão, é perceptível nas relações sociais e nos diferentes espaços urbanos, passando a fazer parte do estabelecimento das relações de sociabilidade entre os cidadãos. Tal violência, tanto no que se refere às suas manifestações concretas quanto às suas representações simbólicas, tende a assolar mais os segmentos sociais marginalizados, em função da repressão e da estigmatização, por exemplo. No entanto, na atualidade, os distintos conteúdos da violência perpassam cada vez mais a vida dos diferentes segmentos sociais, inclusive dos mais abastados (PEDRAZZINI, 2006), compondo o que Magrini (2013) denomina de imaginário das cidades inseguras, pautado na disseminação de representações difusas de (in) segurança urbana, que tendem a ser associadas à diferentes contextos espaciais e sociais.

A violência urbana não pode ser entendida apenas como um fenômeno isolado, visto que a urbanização desordenada, a privatização ou esvaziamento dos espaços públicos e a segregação socioespacial, por exemplo, nos ajudam a compreender melhor as atividades informais e ilegais, violentas ou não, que atuam na composição da percepção desta violência urbana. Deste modo, a informalização da urbanização é uma resposta direta das populações carentes à própria globalização e às políticas de segurança, também na medida tomada dos seus meios. (PEDRAZZINI, 2006).

Através de todo o contexto global atual, a partir da realidade da América Latina e também do Brasil, que tende a ter os conteúdos da violência e da insegurança associados às cidades, esta dissertação, centra-se em contribuir com a análise das relações entre (in) segurança urbana e fragmentação socioespacial, a partir da compreensão das dinâmicas das diferentes sociabilidades inerentes a violência urbana em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro. Assim, a pesquisa foi baseada no trabalho com dados estatísticos oficiais acerca da violência urbana, no que diz respeito à criminalidade (homicídios, furtos, roubos e tráfico de drogas), realizando tanto análises quantitativas e comparativas, quanto análises da distribuição espacial dos crimes analisados. Outra frente metodológica foi desenvolvida a partir de entrevistas semiestruturadas com os cidadãos locais (moradores dos bairros da cidade com diferentes perfis) que lidam com as temáticas pesquisadas e suas decorrências bem como a partir de trabalhos de campo para apreensão do cotidiano urbano.

Destarte, entendemos que tratar da violência urbana, da criminalidade, da estruturação do mercado fornecedor/consumidor de drogas, em cidades de porte médio, exige um tratamento diferenciado diante das especificidades desses espaços que perpassa pela questão das escalas. Assim, estudar Ituiutaba no Triângulo Mineiro, é diferente de trabalhar com as grandes metrópoles, tais como São Paulo ou Rio de Janeiro, que possuem características muito específicas sobre como se dá esta articulação entre a violência e o cotidiano urbano. Deste modo, para a realização desta pesquisa será necessário um esforço para o avanço teórico e metodológico acerca do tema, a partir das especificidades da realidade empírica estudada.

A cidade de Ituiutaba tem um papel importante entre médias e pequenas cidades, com funções urbanas regionais, assumindo uma responsabilidade territorial considerável em termos do oferecimento de atividades de consumo e de prestação de serviços privados e públicos, por exemplo, para os municípios próximos que não possuem a mesma infraestrutura.

Nosso argumento se baseia, nesse sentido, no contexto de ampliação das preocupações com a (in) segurança nas cidades em geral, identificado por autores como Beck (2008), Giddens (2002) e Glasner (2003) que afirmam que a contemporaneidade é marcada pela multiplicação e pela existência simultânea dos riscos, das incertezas e das inseguranças que perpassam a sociedade de diferentes maneiras, bem como, das preocupações com o meio ambiente, com a saúde, com as relações de trabalho, com o convívio social, com a violência das sociedades.

Consideramos ainda, que as divisões socioespaciais baseadas nos estigmas pautados na associação dos segmentos pobres e de seus espaços com a (in) segurança urbana, fazendo com que sejam considerados como perigosos, atuam na criação de diferentes tipos de entraves

socioespaciais, alterando os padrões de coesão, tanto social quanto espacial, nas cidades contemporâneas, reforçando a tendência de fragmentação socioespacial e dificultando a construção do direito à cidade, como perceptível em Ituiutaba.

A produção dos conteúdos de sociabilidades inerentes a estruturação da (in) segurança e da violência urbanas em Ituiutaba se insere nesse contexto, por isso buscamos compreender as interferências na constituição das relações de convivência/evitamento entre os cidadãos e o impacto socioespacial de tais processos na produção/apropriação da cidade.

A Geografia urbana é um campo que analisa os processos de produção e de apropriação das cidades com diferentes dimensões e papéis na rede urbana.

Assim, o fenômeno geográfico da urbanização terciária defendida por Milton Santos, apresenta-se como um conjunto de processos coordenados complexamente pela ação humana, compreendendo ao mesmo tempo um todo homogêneo e heterogêneo, de modo que, esses espaços urbanos são reconhecíveis na paisagem, mas cada espaço urbano apresenta suas singularidades.

Os cidadãos são inseridos nestes espaços, acompanhando e participando dos diferentes modos produtivos e as diferentes fases das urbanizações que (re) produzem as diferenciações de apropriação do espaço urbano, que ocorrem a partir de lógicas socioespaciais, produzindo assim tecidos urbanos altamente complexos à medida que são aprofundadas as relações (também sociais) no espaço.

Na atualidade, é perceptível o aumento da manifestação de atos violentos nos espaços urbanos brasileiros, como consequência do conjunto de processos, em que o Estado foi um mediador da segregação, da exclusão, da gentrificação. Essa realidade torna-se específica a partir da aceleração do processo de urbanização, na qual constatam-se atualmente, muitas transformações no espaço urbano, mediante o período de intensos fluxos migratórios do campo para as cidades, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970. Neste contexto alguns centros urbanos brasileiros cresceram tanto quantitativamente quanto qualitativamente, diversificando os papéis que desempenham na rede urbana.

Tal crescimento se deu no âmbito do desenvolvimento do capitalismo industrial, uma vez que este gerou mudanças acerca das características do processo de urbanização terciária segundo Milton Santos, bem como na estrutura interna desempenhada pelas cidades. Nesse sentido, conforme nos pondera Miyazaki (2008, p.4) acerca dos critérios que definem os “espaços urbanos”, utilizando da citação de Souza (2003, p.19) o “Brasil é, realmente, um país predominantemente urbano, e que se urbaniza mais e mais, em grande velocidade”. Para além

da constatação da intensificação da urbanização e para melhor estudá-la pretende-se chamar atenção para os seguintes aspectos, já destacados por Miyazaki (2008, p.4) acerca dos fenômenos urbanos:

[...] muitos fenômenos e processos, antes restritos às grandes cidades e metrópoles, **passam a ocorrer também em cidades de menor porte**<sup>1</sup>, embora se compreenda que sua dimensão e complexidade nem sempre sejam aquelas observadas nas cidades de maior porte e nas metrópoles. Dentre esses processos e fenômenos podemos destacar aqueles ligados ao crescimento populacional, à expansão territorial urbana, à complexificação da estrutura econômica entre outros, que como já dito antes passam a ocorrer em cidades de menor porte. (MIYAZAKI, 2008, p.4, grifo nosso).

Este contexto nos ressalta a importância de considerarmos as mudanças significativas ocorridas diante da intensificação do processo de urbanização também nas cidades menores, que apresentam novos usos e expressões, no âmbito do processo de expansão territorial urbana, bem como diferentes questões sociais vivenciadas por grupos sociais específicos.

Destarte, sendo a fragmentação socioespacial o foco desse estudo em associação com a violência e (in) segurança urbanas, é preciso especificar o contexto territorial a partir do qual se dão essas relações. As cidades brasileiras foram sendo construídas segundo a lógica de separação entre os segmentos sociais, na qual os possuidores de bens vêm historicamente ocupando as melhores localizações, os melhores bairros, e aqueles que possuem pouco, têm que sobreviver em barracos aglomerados uns aos outros nas periferias das cidades, por exemplo, afastados do centro e sem um mínimo de condições básicas para uma vida humana digna.

Esse contexto vai evoluindo para níveis extremos de separação socioespacial nas cidades ao longo do desenvolvimento histórico do processo de urbanização. Assim, principalmente na atualidade, os cidadãos enfrentam diversos desafios para viver em sociedade. O conjunto de problemas sociais nas cidades, como os relativos às dificuldades de acesso aos serviços de educação, transporte, moradia, lazer e saúde, bem como o agravamento da violência no espaço urbano, são fatores que contribuem em larga escala para a quebra dos laços de sociabilidade, o que influencia o processo de fragmentação socioespacial em curso, como já é perceptível em Ituiutaba.

É nesse sentido que abordamos as relações de sociabilidade marcadas pela (in) segurança urbana no contexto da produção da fragmentação socioespacial. Essa discussão é importante pois no Brasil as desigualdades socioeconômicas oferecem um viés particular para a análise tanto do aumento da violência urbana quanto dos discursos dominantes acerca dos

---

<sup>1</sup>Embora saibamos que há uma diferenciação na literatura especializada do campo da Geografia sobre a diferença entre cidades médias e de porte médio.

conteúdos da insegurança que contribuem para o esgarçamento socioespacial urbano. Esta realidade precisa ser levada a efeito de estudo no que diz respeito à cidade de Ituiutaba, pois nos últimos anos a violência urbana foi sendo elevada gradativamente, mediante o incremento da ocorrência de crimes (homicídios, roubos, furtos, etc), como é discutido no capítulo 1 da dissertação, correlatamente ao aumento da demanda por segurança, como abordado no capítulo 2 da dissertação.

Nesse contexto, o estudo científico destas temáticas abordadas são de suma importância para se entender com alguma profundidade a dinâmica da (in) segurança urbana e da violência urbana através dos métodos de análise do olhar geográfico. Pensar a cidade de Ituiutaba através dessa ótica e pesquisar tais questões cientificamente, mostra-se como um desafio inovador, dada a relativa carência de trabalhos acadêmicos e metodológicos que retratam tais temáticas no âmbito das cidades de porte médio e mais especificamente sobre Ituiutaba.

É importante ressaltar que as ideias apresentadas nesta dissertação fazem parte de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal – PPGE/ICHPO, no âmbito dos projetos: Fapemig - Fragmentação socioespacial e Direito à Cidade em contextos não metropolitano (2070.01.0002964/2019-07), CNPq - Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial: entraves à construção do Direito à Cidade (427730/2016-3) e do Projeto Temático FAPESP - FragUrb - Fragmentação socioespacial e Urbanização brasileira: escala, vetores, ritmos, formas e conteúdos (18/07701-8).

Cabe salientar que este trabalho difere de outros na medida em que pretende incluir discussões teóricas a partir da articulação de diferentes ciências, como a própria geografia, mas também a sociologia, o direito, a história, a antropologia e a psicologia social, por exemplo, como forma de ampliar os horizontes de interpretação e entendimento dos fenômenos pesquisados.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O foco de análise do presente trabalho é acerca da (in) segurança urbana e da fragmentação socioespacial, a partir das características da cidade do pontal do Triângulo Mineiro: Ituiutaba-MG. A escolha da área de estudo se deu pelas especificidades relativas ao cotidiano da vida urbana de Ituiutaba, que nos permite observar como o processo de fragmentação socioespacial se delinea em contextos não metropolitanos.

Nossa proposta é tratar sobre a temática da (in) segurança urbana atrelada a fragmentação socioespacial, a partir de interfaces e correlações com os imaginários urbanos e as relações de sociabilidade na cidade de Ituiutaba de forma mais específica.

Assim, no que tange ao objetivo geral do estudo, buscamos analisar as relações entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial, a partir da compreensão das dinâmicas objetivas e subjetivas que perpassam as práticas espaciais dos cidadãos de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro. Isso porque acreditamos que as atividades associadas à violência e a (in) segurança urbana e suas representações simbólicas influenciam diretamente na apropriação da cidade, promovendo evitamentos e estigmatizações de bairros e de seus cidadãos, o que contribui para a quebra da coesão da vida urbana, contribuindo com o processo de fragmentação socioespacial.

No que tange aos objetivos específicos pretendemos:

- Avaliar como os dados acerca da violência urbana se correlaciona com a produção dos imaginários da insegurança em Ituiutaba;
- Identificar as práticas espaciais em busca por segurança dos diferentes moradores de Ituiutaba, observando como a lógica da separação e do evitamento contribuem para o processo de fragmentação socioespacial;
- Compreender o processo de estigmatização socioespacial decorrente das representações de (in) segurança urbana dos cidadãos, observando como a dimensão do imaginário compõe o processo de fragmentação socioespacial;
- Relacionar os elementos do processo de fragmentação socioespacial com a busca pelo Direito à Cidade, observando os possíveis entraves e possibilidades.

No que tange aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa dissertativa, de caráter bibliográfico e documental, é centrada na interpretação qualitativa, base de procedimento que busca avançar no conteúdo estudado e concentrar-se em análises além do material buscado, de modo que, chega-se a uma interpretação quando é possível realizar uma síntese entre as chamadas questões da pesquisa: e os resultados obtidos a partir da análise do material coletado, bem como, as inferências realizadas e as perspectivas teórica adotadas. (MINAYO, 2010).

Essa interpretação de dados e informações perpassa principalmente por uma leitura compreensiva do material selecionado, pela exploração do material coletado e por fim pela elaboração de uma síntese ou análise interpretativa (com a articulação entre os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados empíricos elencados). (MINAYO, 2010).

No que tange à sua natureza pode ser caracterizada, como qualitativa, porque este tipo de abordagem se preocupa com alguns aspectos relacionados à realidade que não podem ser quantificáveis, geralmente centra-se na elucidação das relações sociais. De acordo com Minayo (2010, p.80), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”.

### **A importância da pesquisa bibliográfica**

Para Koche (1997, p.122) a pesquisa bibliográfica se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais de eventos, meios eletrônicos, etc.

A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para que se conheça e analise as principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto para determinados fins:

- Para ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a delimitar melhor um problema de pesquisa;
- Para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de algumas hipóteses;
- Para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema.

Nesse sentido, nos cabe ressaltar que ao analisar essas finalidades, pode-se inferir que a pesquisa bibliográfica pode ser realizada em nível de pesquisa exploratória, quando apenas se quer ter maiores conhecimentos ou uma familiaridade sobre um assunto; oferecer informações mais precisas ao investigador no momento da construção de problemas ou questões de pesquisa e também de fundamentar a análise e a discussão de resultados de pesquisas empíricas. A pesquisa bibliográfica não deve ser entendida como um modelo inflexível, mas que pode auxiliá-lo no momento de planejar um determinado estudo, que perpassa principalmente pela escolha do tema; pela delimitação do tema e formulação do problema; da elaboração do plano de desenvolvimento da pesquisa; pela identificação, localização das fontes e obtenção do

material; pela leitura do material; da tomada de apontamentos; e por fim pela redação do trabalho.

Para a pesquisa bibliográfica foram priorizados alguns temas como: a) práticas espaciais a partir da insegurança e violência urbana - Sposito e Goés (2013), Magrini (2013; 2014); Michel Misse (2006); Pedrazzini (2006); b) estigmatização e medo na cidade a partir dos autores como Marcelo Lopes de Souza (2008; 2012), Alessandro Baratta (1997), Wagner Batella (2010); Roberto Lobato Corrêa (1989); Teresa Caldeira (2000); Henri Lefebvre (1994), c) fragmentação socioespacial- a partir de Bauman (2008, 2009, 2011, 2013), Curbet (2007), Navez- Bouchanine (2001); Catalão (2013); Sposito e Góes (2013;2014); d) Direito à Cidade a partir de David Harvey (2012), Henri Lefebvre (1991,2001, 2004), Ana Fani Carlos (2013) bem como de outros autores, de diferentes áreas, que também tratam da fragmentação socioespacial e da insegurança urbana a partir das relações de sociabilidade no cotidiano urbano.

A pesquisa documental assemelha-se a bibliográfica, ambas adotam o mesmo procedimento na coleta de dados. A diferença está, no tipo de fonte que cada uma utiliza. Enquanto a pesquisa documental utiliza fontes primárias (documentos oficiais, publicações parlamentares, publicações administrativas, documentos jurídicos, arquivos particulares, fontes estatísticas, iconografia, fotografias, diários) a pesquisa bibliográfica utiliza fontes secundárias (livros, boletins, jornais, monografias, teses e dissertações, artigos em fontes de papel e em meio eletrônico, revistas, material cartográfico, anais de congressos, em relatórios de pesquisa).

Nesse sentido, conforme nos ressaltam Marconi e Lakatos (2003, p. 174) afirmam que “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”.

Na pesquisa documental as fontes ainda não receberam tratamento crítico, ou seja, “os conteúdos dos textos não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o investigador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Foram utilizados alguns sites institucionais como: IBGE, IPEA, PMMG/PCMG, e o site da prefeitura municipal, que possibilitaram compreender e analisar variáveis do município estudado.

Tais dados permitiram ter um panorama para o aprofundamento das temáticas específicas da pesquisa. Além disso, foram analisados dados acerca das ocorrências de alguns tipos de crimes, para compreendermos o contexto de violência que perpassa as temáticas da pesquisa.

## **A pesquisa de campo e a observação: Conhecendo a cidade de perto**

Para a professora Dirce Maria Suertegaray (2002) a pesquisa de campo consiste para o geógrafo e outros acadêmicos das ciências humanas, em um ato de observação da realidade do outro, interpretada através do olhar individual do sujeito na relação com o outro sujeito.

Tal interpretação segundo Suertegaray (2002) resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação, ou seja, da construção geográfica através das práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos, este se (retro) alimenta do processo, na medida em que se emergem as contradições, na medida em que se tornam perceptíveis, criando uma nova ou diferente consciência do mundo. Também se trata de um movimento em busca da geografia mais atualizada e engajada nos movimentos sociais, agrários ou urbanos, bem como os de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Nesse contexto, a pesquisa de campo conforme enfatiza Suertegaray (2002) ressalta a observação empírica e descritiva centrada no fenômeno investigado. E o fenômeno neste caso, entendido como algo externo ao sujeito, visível, perceptível por ele ou outros. Esta prática promove o (re) conhecimento do campo entendendo-se como observador externo, suscetível de captar a informação vinda do objeto em análise, portanto, sendo um conhecedor com certa neutralidade ou apenas um sistematizador do que o mundo dos fenômenos possa nos revelar.

Assim, a pesquisa de campo como ação de explicação e transformação, representa a necessidade de campo, sendo pensada com vistas a sua transformação essencialmente. A geografia, neste caso, exerce uma ação de destacar o território, constrói novas territorialidades conjuntamente com outros segmentos sociais e ainda nos alerta que:

[...] A pesquisa de campo como compreensão hermenêutica supera a relação sujeito versus objeto, o campo é nosso espaço de vida que se apresenta como um texto carregado de signos que precisam ser desvendados. Entende-se que, nesta perspectiva, o geógrafo (sujeito) é objeto (campo) e campo (é sujeito). O geógrafo, neste caso, visualiza o mundo como uma totalidade complexa e dialética. Trata-se, como diz Morin (1982), de um sistema que não deve ser compreendido como na biologia (externo ao sujeito). Trata-se de um sistema mundo da qual faço parte como observador/transformador de mim e de mim nele. Assim, a busca de mudança ou de defesa do “sistema” atual poderá ser gestada a partir de cada um de nós (sujeitos), com nossas práticas e indagações sobre o mundo, se assim o desejamos. (SUERTEGARAY, 2002, p. 3-4).

A autora defende a importância da pesquisa de campo na Geografia como uma compreensão interpretativista dos acontecimentos e fenômenos sociais e urbanos na atualidade,

a partir de uma ótica dialética, baseando o que se pretende construir com este estudo científico sobre as questões urbanas inerentes à Ituiutaba.

A partir desse contexto, se faz necessário estabelecer a importância da pesquisa de campo, mediante a abordagem de se entrevistar cidadãos residentes em Ituiutaba, para entender melhor a vida urbana em análise, bem como observar atentamente os seus movimentos e o cotidiano da cidade, como uma forma de apreender um pouco da realidade local, e da incidência de alguns imaginários.

A escolha desses entrevistados se deu a partir do estabelecimento de perfis que contemplem a diversidade citada, bem como dos critérios de inclusão dos cidadãos que foram contatados com antecedência para a realização da entrevista e trabalhados com a perspectiva da indicação em rede, na qual cada entrevistado indica outros possíveis entrevistados a partir de cada perfil. A utilização de gravador de voz para fornecer esses depoimentos foi necessária, bem como o uso de nomes fictícios para preservação da identidade dos cidadãos envolvidos.

Com relação a análise das informações coletadas e a metodologia inerentes a pesquisa, caracteriza-se por ser qualitativa, com coletas de dados em campo e através da realização de entrevistas abertas e por indicação de pessoas. Após as entrevistas realizadas e devidamente transcritas, o tratamento das informações ocorreu mediante a adoção da análise de conteúdo.

Diante disso, a primeira etapa da pesquisa centrou-se especificamente na revisão de literatura e no levantamento de fontes bibliográficas nas áreas de Geografia, Ciências Sociais, Direito, História, Antropologia para alicerçar as discussões teóricas.

A segunda etapa ficou centrada na coleta de dados qualitativos nos trabalhos de campo e quantitativos junto aos órgãos de segurança do município, na PMMG, PCMG, Prefeitura e demais fontes para desenvolver uma análise comparativa dos dados, com construção de tabelas, gráficos, mapas, e também da pré-análise das entrevistas abertas.

A terceira etapa foi a de organização e análise das informações qualitativas e quantitativas e da própria criação da argumentação e categorização entre ideias e informações levantadas.

A quarta e última etapa foi centrada na redação da dissertação abrangendo as Normas da ABNT, mediante as teorias de aproximação de temáticas a partir de inferências e conclusões que respaldam o problema central desse estudo.

## **A entrevista semiestruturada e sua interação social**

Segundo Minayo (2001) a entrevista é uma forma de abordagem técnica do trabalho de campo conjuntamente a observação participante e são componentes essenciais para a realização da pesquisa qualitativa envolvendo alguns aspectos da coleta de dados também qualitativos. É por meio da entrevista que o pesquisador busca alcançar informações contidas nas falas dos atores sociais pesquisados e que não necessariamente significa ter apenas uma conversa despreziosa ou neutra, em função de se inserir como uma forma de meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, que são os sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam de perto uma dada realidade que está sendo especificada cientificamente.

As formas de realização da entrevista, conforme sustenta Minayo (2001) podem ser de natureza individual ou coletiva. A entrevista, na visão da pesquisadora, pode ser entendida como uma conversa a dois com propósitos bem delimitados, principalmente quanto a técnica da comunicação verbal que prioriza a importância da linguagem e do significado da fala, quanto também nos possibilita ser um meio de coleta de informações sobre uma temática científica a ser analisada.

Os tipos de dados obtidos se relacionam diretamente aos valores, às atitudes e às visões de mundo e imaginários dos sujeitos entrevistados. A entrevista possui uma interação com amplitude do universo social em que o sujeito da pesquisa se encontra inserido e nos possibilita interpretar as atitudes, os gestos, as expressões faciais e comportamentais, assim como o próprio lugar de realização da entrevista para se ter uma interpretação mais completa e subjetiva do caso analisado.

As entrevistas podem ser tanto estruturadas e não-estruturadas, sendo mais ou menos dirigidas aos sujeitos. Assim, é possível enfatizar a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o sujeito aborda de forma mais ampla o tema em debate; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas que articulam essas duas modalidades de entrevistas, caracterizando-se como semiestruturadas e que serão utilizadas para o alcance desta pesquisa sobre Ituiutaba dividida em seis blocos com contextos específicos de análise, com cidadãos residentes em diferentes bairros da cidade, nos contando sobre suas vivências e experiências acerca do contexto da insegurança, das interações sociais nos espaços públicos e da tendência da lógica privatista em algumas localidades.

Para Minayo (2001) a entrevista semiestruturada nos possibilita um diálogo interativo entre entrevistadora e entrevistados (as), porque permeia parte da história de vida destes, pois

permite retomar sua vivência de uma forma retrospectiva, com uma nova visão de mundo, com um pensamento mais crítico através de confidências e experiências difíceis em suas falas.

Nesse sentido, enquanto entrevistadora, esse olhar detalhista sobre a própria vivência, nos fornece uma estrutura com mais riqueza de detalhes para análises de fatos já ocorridos, que podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual de cada entrevistado (a).

As entrevistas são tratadas neste estudo como momentos de interação entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados/entrevistados, nos quais é possível obter informações que revelem as memórias e os pontos de vista dos entrevistados, com o objetivo de recompor as vivências de experiências urbanas por meio dos relatos e das histórias de vida.

Nosso interesse de estudo centra-se na cidade como totalidade, de modo que, estamos priorizando a variedade de entrevistados, a partir da elaboração de diferentes perfis que contemplem segmentos sociais, faixas etárias e bairros de residência distintos.

A perspectiva deste estudo é qualitativa, sendo assim, e a intenção não é utilizar os resultados das entrevistas para fazer algumas categorizações, mensurações, nem generalizações, o que implica no fato de que não buscaremos um universo amostral estatístico. A quantidade de entrevistados foi definida a partir da análise da complexidade e diversidade das respostas que se foi obtendo buscando atender aos objetivos propostos.

Neste sentido, foi criado um roteiro de entrevista (apêndice A) com 49 perguntas dividida em 06 blocos organizados por temáticas específicas, a fim de conhecer e analisar as práticas dos cidadãos de Ituiutaba. No dia 28/02/2019, foi enviado ao Comitê de Ética da UFU, junto à Plataforma Brasil, os documentos necessários para a aprovação da execução da entrevista, cujo número de comprovação final é o 08867219.9.0000.5152 da versão 2 (anexo 1).

No total, foram realizadas 10 entrevistas com cidadãos residentes em Ituiutaba para compreender melhor as nuances das temáticas em análise. Os cinco primeiros entrevistados foram selecionados por conveniência dos contatos em rede, devido à possibilidade e a disponibilidade de se entrevistar os cidadãos. Já as demais entrevistas foram realizadas para contemplar uma maior diversidade tanto no quesito local de residência quanto por faixa etária, gênero e segmento social.

De modo a preservar as identidades dos cidadãos entrevistados, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios (vide tabela 1).

Tabela 1: Ituiutaba. O perfil dos entrevistados. 2018 a 2019

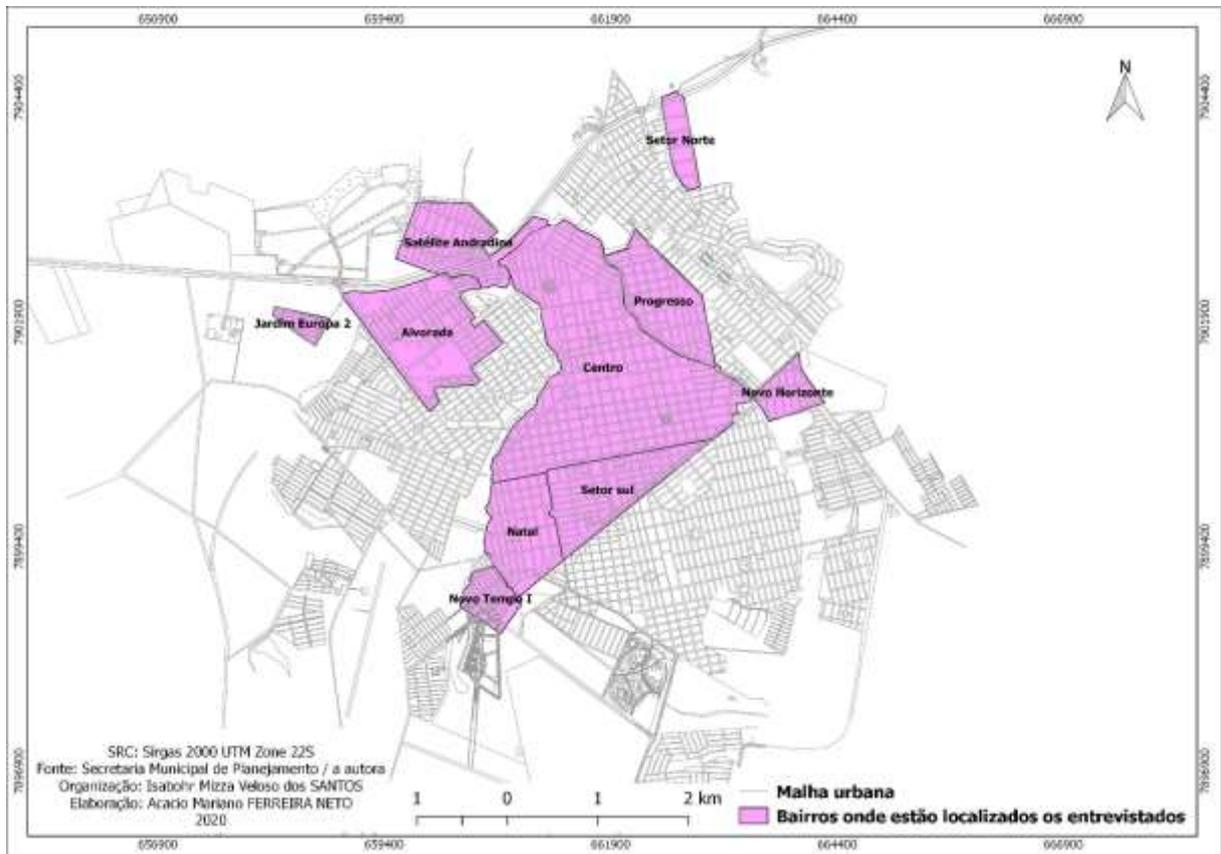
<b>Número da Entrevista</b>	<b>Nome Fictício</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>	<b>Bairro</b>	<b>Renda média familiar</b>
<b>01</b>	Pedro Fontoura	DJ e universitário	21 anos	Satélite Andradina	2 salários mínimos
<b>02</b>	Marcelo Silva	Professor	49 anos	Centro	2 salários mínimos
<b>03</b>	João Ribeiro	Servidor público	35 anos	Novo Horizonte	6 salários mínimos
<b>04</b>	José Santana	Estudante	19 anos	Novo Tempo 1	7 salários mínimos
<b>05</b>	Luciana Nogueira	Viverista	55 anos	Natal	2 salários mínimos
<b>06</b>	Alex Santiago	Motorista	28 anos	Alvorada	8 salários mínimos
<b>07</b>	Heleno Perez	Advogado	57 anos	Setor Norte	10 salários mínimos
<b>08</b>	Núbia Bueno	Diarista	46 anos	Jardim Europa II	Próximo a 1 salário mínimo
<b>09</b>	Edson Pontes	Produtor Rural	56 anos	Setor Sul	Acima de 10 salários mínimos
<b>10</b>	Venina Ramalho	Estagiária e Universitária	22 anos	Progresso	1 salário mínimo

Org.: SANTOS, I.M.V (2019)

A entrevista para a pesquisadora, é uma mola propulsora de questionamentos, que se pode obter com informações referentes as experiências urbanas, além de “dar voz” à população pesquisada por meio do processo de escuta e de se entender as complexidades inerentes as vivências de Ituiutaba.

O mapa 01 nos mostra a espacialização dos cidadãos entrevistados para que possamos entender suas vivências nos diferentes bairros de Ituiutaba e os aspectos relativos ao cotidiano e as práticas espaciais inerentes a suas famílias, vizinhança, relações de sociabilidade e consumo que são diversas.

Mapa 1: Ituiutaba. Residência dos cidadãos entrevistados. 2018 a 2020



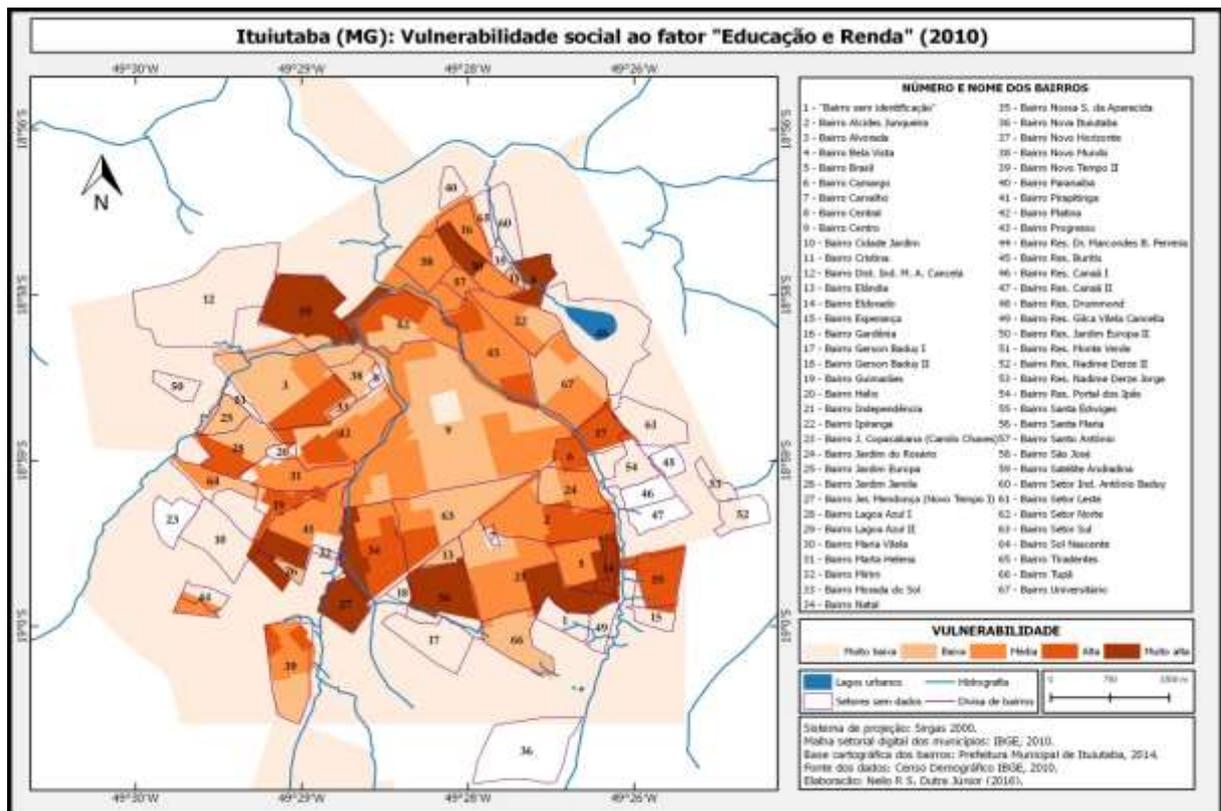
Org.: SANTOS, I.M.V; FERREIRA NETO, A. M (2020).

A partir desse mapa 1 é possível identificar o real local de fala dos cidadãos, tendo em vista, as diferenciações inerentes a cada bairro de Ituiutaba. Assim, foi perceptível compreender alguns detalhes, dados, informações diferentes de cada setor e que contribuiu para entendermos as realidades socioeconômicas diversas e a sua correlação com a insegurança e a fragmentação socioespacial.

Para aumentar os horizontes de interpretação dialética e nos ajudar a compreender a espacialização dos cidadãos que foram entrevistados, o mapa 2 destaca os índices de vulnerabilidade de renda e educação de Ituiutaba. É importante destacar que a base cartográfica utilizada e os dados censitários apresentados correspondem ao ano de 2010, data do último Censo Demográfico do IBGE. Por isso, alguns setores e bairros (e seus dados correspondentes de renda média) não comparecem no mapa, como nos casos dos bairros Nova Ituiutaba e Nadime Derze Jorge, e outros resultantes de conjuntos habitacionais recentemente implantados.

Diante disso, para uma visão complementar, apresentamos o mapa 2 elaborado por Dutra Júnior (2016) que trata da educação e renda em bairros de Ituiutaba. (SOUZA, 2018).

Mapa 2: Ituiutaba. Educação e Renda. 2010



Fonte: IBGE (2010). Elaborado por: DUTRA JÚNIOR, N.P.S. (2016).

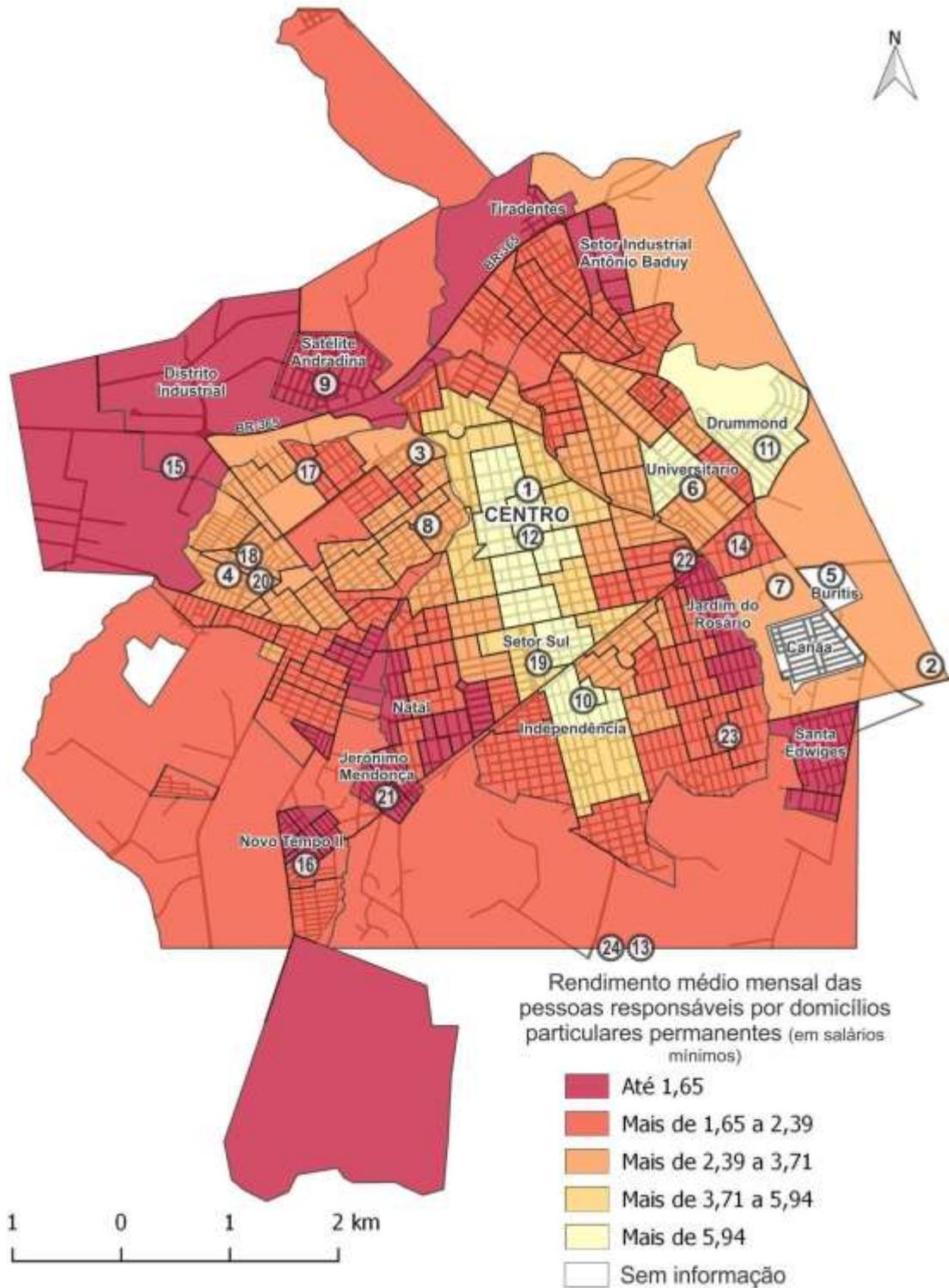
A renda, embora seja um ponto de partida relevante, não é a única variável a ser considerada em relação à caracterização socioeconômica do local de residência dos cidadãos entrevistados. Porém nos auxilia no entendimento da inserção social e espacial dos moradores para entender suas visões sobre a cidade.

Ao se observar o mapa 2, é possível identificar que ao analisar a variável educação à renda, as áreas mais vulneráveis têm correspondência com aqueles setores já destacados como de renda mais baixa. Portanto, por meio deste mapa 2, reforçamos mais ainda, a questão das diferenças socioeconômicas existentes em Ituiutaba e que tomamos como base para a escolha de perfis específicos de cidadãos inseridos em contextos distintos de moradia. (SOUZA, 2018).

Já o mapa 3 nos mostra detalhadamente as diferenciações de renda média por família inerentes aos bairros de Ituiutaba, conforme os dados do IBGE (2010), e que aumenta a força

explicativa da inserção socioeconômica e espacial dos cidadãos, para compor suas visões, memórias e percepções da cidade.

Mapa 3: Ituiutaba. Mapa de Renda média. 2017



Fonte: IBGE, 2010 e pesquisa de campo, 2017. Org.: Souza, J. S. e Miyazaki, V. K., 2017.

Os três mapas nos apresentam os perfis econômico, social e espacial da cidade analisada, além de delimitar a sua localização geográfica, assim como as relações existentes entre as suas dimensões, intersecções, que são fundamentais para considerar as relações em planos escalares, tendo em vista, por exemplo, as lógicas espaciais que são um resultado de algumas estratégias e também de interesses que se definem em múltiplas escalas na mesma cidade, nos auxiliando a compreender melhor a inserção dos cidadãos.

### **Da análise das entrevistas a partir de seus conteúdos**

A técnica de análise de conteúdo de acordo com Minayo (2001) compreende duas funções na sua aplicação, a primeira função se refere à verificação das hipóteses e das questões através da análise de conteúdo, mediante as respostas para as questões formuladas e das afirmações ou negações estabelecidas anteriormente as hipóteses.

A segunda função está ancorada na descoberta do que está por detrás dos conteúdos manifestados, que vai além das aparências do que está sendo dito. As duas funções se complementam e podem ser aplicadas a partir de abordagens da pesquisa quantitativa e da qualitativa. Os conteúdos da análise são variados, tanto linguísticos quanto de formas contextuais, sociais e podem abranger as seguintes fases: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

É necessário ressaltar que para Minayo (2001) a análise de conteúdo cabe trazer à tona o que está sendo falado de uma forma ampla, sem excluir informações estatísticas, ideologias, tendências, valores e outros significados sendo analisados. Nesse sentido, a análise desses conteúdos perpassa por uma interpretação qualitativa correlata ao método hermenêutico-dialético, em que os atores sociais são mais compreendidos, a partir do detalhe da fala especificamente, através de uma interpretação subjetiva, para estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos do estudo, respondendo às questões da pesquisa conforme seus objetivos. Nosso intuito é o de promover o entendimento entre o real e o imaginário, o geral e o particular, a teoria e a prática mediante interpretações dialéticas.

Para Minayo (2001) a análise final de uma pesquisa em geral é provisória, porque se baseia na evolução gradual da ciência, de modo que, as afirmações podem ser constantemente superadas por diferentes argumentos, hipóteses, momentos históricos e políticos antagônicos, visões de estudiosos sobre determinadas temáticas. Na ciência nenhum conhecimento é absoluto, todos são passíveis de aperfeiçoamentos futuros e novas interpretações.

## CAPÍTULO 1

### A VIOLÊNCIA NA CIDADE X A VIOLÊNCIA DA CIDADE

*Entre a ordem dificilmente suportável e o caos sempre ameaçador, o poder, qualquer que seja- o poder do Estado - sempre escolherá a ordem.*  
(Henri Lefebvre)

Nesta seção, abordamos alguns aspectos teóricos-conceituais e também dados empíricos que nos permitem traçar um panorama estatístico da violência urbana no Brasil e no estado de Minas Gerais, além de apresentar uma análise quantitativa e espacial das ocorrências de crimes violentos em Ituiutaba, bem como da correlação delas com a configuração socioespacial de alguns bairros da cidade. O intuito é o de elucidar o contexto a partir do qual a violência e a insegurança urbanas permeiam a produção das cidades, permitindo analisar os processos atinentes a Ituiutaba sob a luz dos acontecimentos mais amplos e multiescalares.

#### **1.1 Violência Urbana e Representações da (in) segurança: construção de um contexto analítico**

De início, cabe ressaltar que o Estado democrático de direito no Brasil, em praticamente nenhum momento histórico conseguiu conter o monopólio efetivo da manifestação da violência no território. Assim, a sociabilidade violenta é um dos aspectos marcantes da história do Brasil (em seus diversos períodos), incorporando tanto a relação do Estado com a sociedade civil, como também entre as relações entre os indivíduos, conforme assevera o sociólogo Luís Flávio Saporì (2014) ao defender que a criminalidade violenta ainda é o principal problema público da sociedade brasileira na atualidade. Por isso a importância de iniciar este capítulo com a epígrafe de Lefebvre enfatizando o poder da ordem do Estado para compreender a construção desse contexto analítico.

Tal fenômeno não se restringe apenas às regiões metropolitanas, posto que existe uma interiorização da violência marcada também pela demografia:

Da década de 1980 até o ano 2000 os municípios com população de 500 mil ou mais habitantes foram os que se destacaram no recrudescimento dos homicídios, acompanhados de perto pelos municípios com mais de 100 mil habitantes. Desde então, identifica-se vigoroso crescimento da incidência dos homicídios nos municípios pequenos, especialmente com população entre 20 e 100 mil habitantes. A taxa de crescimento dos homicídios nesse segmento superou o patamar de 50 % entre 2000 e 2010, ao passo que nos municípios mais populosos houve estabilização ou mesmo crescimento modesto. (DATASUS, 2014).

Segundo Sérgio Adorno (2002) desde a década de 1970, vem se intensificando, no Brasil, o crescimento de todas as modalidades delituosas, principalmente os crimes que envolvem a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os sequestros, os estupros. Esse crescimento veio acompanhado de mudanças nos padrões de criminalidade individual e do perfil dos indivíduos envolvidos nestes submundos. Assim, o público alvo dessas mortes causadas pela violência, tendem a ser de adolescentes e jovens adultos, do gênero masculino, negros e das classes populares. Sérgio Adorno (2002) nos esclarece que parte significativa dessas mortes, possivelmente ocorrem nos conflitos entre quadrilhas, associados ou não ao tráfico de drogas nos estados e municípios, sendo que ao longo das décadas de 1980 e 1990, começa a se observar a intensificação de casos mais violentos em todo o Brasil.

A violência, de um modo geral, gera um impacto que vem estimulando o desenvolvimento de pesquisas no domínio das ciências humanas, e pode-se agrupar os esforços de elucidação dos fatos em ao menos três vertentes: nas mudanças na sociedade e nos padrões de ações ilegais inerentes aos grupos criminosos que recaem na delinquência e violência; nas relações entre a desigualdade social e a criminalização da pobreza, e por último na crise do sistema de justiça criminal.

O Brasil registrou só em 2013 cerca de 1.188.245 roubos, o que equivale à taxa de 589 roubos por 100 mil habitantes, nas regiões brasileiras, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública do mesmo ano. Mais recentemente, no ano de 2017, temos que em três semanas são assassinadas no Brasil mais pessoas do que o total de mortos em todos os ataques terroristas no mundo, isso apenas nos cinco primeiros meses, que envolveram 498 atentados, resultando em 3.314 vítimas fatais de Norte a Sul. Estes exemplos figuram na dimensão que tal problemática tem alcançado nas regiões brasileiras.

Ademais, o estado de Minas Gerais não foge à regra, apresentando expressivas taxas de criminalidade. Porém, cabe ressaltar que, quando comparada a outras unidades da federação, encontra-se numa posição relativamente confortável, ocupando o 23º lugar em taxas de homicídios de jovens segundo o Atlas da Violência de 2019. Por outro lado, quando se analisa o percentual de crescimento nas taxas de homicídios na última década, Minas Gerais passa a apresentar papel de destaque, com um incremento de 62,7% nas ocorrências de homicídio. Diante dessa complexidade, percebemos que se trata, de um fenômeno que merece a nossa atenção.

Nesse sentido, o Atlas da Violência de 2019, ressaltou que os municípios brasileiros com menos de 100 mil habitantes registraram um aumento de 113% no número de homicídios

entre os anos de 1997 e 2017. Por isso, optamos em analisar e compreender os conteúdos sobre a (in) segurança urbana inerentes ao município de Ituiutaba ao constatarmos que a violência passa a ser um problema também das cidades médias e de porte médio.

Nosso entendimento sobre a conceituação de violência urbana, possui uma delimitação ampla, as suas manifestações são sentidas e vivenciadas pelas populações de diferentes cidades. Conforme nos esclarece Magrini (2014), tal conceito perpassa principalmente pelas seguintes estruturas elementares e que precisam ser explicitadas:

a) pelo caráter socioespacial (percebido através da configuração dos espaços urbanos que agregam qualidades para a ocorrência de determinados tipos de violência, ao mesmo tempo em que os próprios atos violentos transformam os modos de produzir e vivenciar os espaços);

b) pelo cunho contextual (tanto no que se refere às singularidades das questões históricas quanto sociais e espaciais, porque elas alteram os conteúdos e a significação do que pode ser denominado como violência urbana);

c) pela indissociabilidade (perceptível entre as diferentes dimensões escalares que lhe influenciam: revelando que os tipos de atos violentos predominantes nos espaços urbanos possuem interações, diretas e/ou indiretas, com outras escalas geográficas, como a nacional e a internacional);

d) pela multiplicidade causal (fazendo com que a tentativa de derivações gerais para explicar o acontecimento das ocorrências violentas seja fadada ao fracasso, pois não é possível definir um conjunto de causas para a violência, que deve ser considerada como resultante de processos que se desenrolam em dimensões diferentes, tanto estrutural, conjuntural, cultural, social, espacial e individual e;

e) finalmente pelo crescente individualismo (presente nos atos violentos e nas ações em busca por segurança).

Desta forma, conforme Yves Pedrazzini (2006) reforça, compreender a violência perpassa por entender o urbanismo, mas vai além disso, pois temos que entender os processos de globalização econômica que contribuem para modificar sua natureza, por exemplo. Nos cabe compreender em essência o impacto desta globalização econômica nas aglomerações urbanas, bem como o impacto da urbanização na realidade contemporânea e na forma como as indústrias globalizadas reagem a isso para romper a coesão social e mergulhar os habitantes das cidades na pobreza e na violência.

As favelas que cercam tais cidades modernas exemplificam que a desigualdade socioespacial é marcante na produção das cidades, fazendo com que a análise da violência tenha

que ser feita de maneira aprofundada e de mão dupla, observando a violência que ocorre nas cidades e a violência que os próprios espaços urbanos exercem sobre os cidadãos, sobretudo os mais pobres.

Para Pedrazzini (2006), escrever sobre violência é falar de lutas anônimas que perpassam, por exemplo, as táticas dos mais pobres para alimentar-se quando suas mesas estão vazias e não lhes é dada nenhuma outra oportunidade lícita de trabalho. Nós, enquanto intelectuais e cientistas, tendemos a pensar que a irrupção da violência acontece apenas nos lugares onde moradores sabem enfrentá-la e só onde vivem os pobres, que existe uma violência de base popular e que é passível de ser enfrentada apenas pelos indivíduos que se encontram no ápice da pirâmide social.

A violência nas cidades tornou-se um certo fato consumado, um objeto da civilização, em que apenas os aspectos técnicos (da segurança e da repressão) geralmente são administrados. Assim, a segurança urbana mediante os órgãos de segurança pública é dada aos gestores para tranquilizar e garantir a mínima parcela de nossos territórios privados. Não obstante, percebemos que a violência e a insegurança são também administradas por agentes policiais.

Nesse sentido, Pedrazzini (2006) nos alerta que a pobreza é a última violência das sociedades democráticas, mas é uma das mais perversas, pois há um castigo imposto pelas camadas dominantes da sociedade não a eliminando. Desse ponto, quando os pobres se rebelam são exterminados pela polícia (não é à toa que nos bairros mais populares e tidos como periféricos, os habitantes temem mais à polícia que certos tipos de bandidos). Desta forma, entendemos que a sociedade contemporânea se baseia na amplificação do medo e dos riscos e que precisamos ter uma releitura da violência nas cidades a partir dos conteúdos da coesão social e da sociabilidade nas cidades.

Isso porque os cidadãos dos bairros pobres são percebidos como produtores dessa violência urbana, tidos como os únicos culpados e alvos de operações conhecidas por “tolerância zero” que visam eliminar os "inimigos" da sociedade, os supostos perpetradores da bandidagem e acabam ocasionando a seletividade social e penal na definição do inimigo a ser combatido.

Não é errôneo dizer então, que a urbanização está ancorada no mercado espetacular da violência, em que o bairro popular participa da modernidade tecnológica e da incoerência urbana. Assim, Pedrazzini (2006) aponta que no Terceiro Mundo o bairro popular é uma nova formulação do meio urbano desfeito pela noção de planejamento urbanístico ausente e a

ausência de poder público, relativo ao urbanismo dos oprimidos e também da violência numa ótica global e da inovação da favela.

Portanto, a violência urbana não é um processo isolado, ela é perpassada pela urbanização desenfreada, pela privatização dos espaços públicos, pela segregação social e racial como meios indicadores da civilização urbana, por isso, parte da informalização da urbanização é um tipo de alternativa adotada pelas populações mais pobres para responder a globalização e as políticas de segurança atuais. As ações dos pobres é um léxico do medo relativo as ações e percepções que são diferentes no que tange à violência nas/das cidades.

A pobreza urbana atual engendra o protagonismo das classes perigosas mediante a popularidade de gangues, que impulsiona a violência do pobre e que se enaltece a miséria a ser combatida coletivamente.

Para Pedrazzini (2006) vivemos em cidades duais que abarcam a insegurança, o pânico, as microguerras entre adolescentes de rua, dos movimentos do tráfico, das pequenas violências diárias, e que são elementos suscitados atualmente, além da própria cidade servindo para delinear formas de violências. A cidade contemporânea torna-se perigosa em virtude dos processos de globalização que se infiltram nos territórios e os dividem em fragmentos antagonicos, culminando no acirramento de conflitos de forças e de interesses.

É preciso equalizar a violência social com a política. A violência revolucionária não pode ser dissociada daquela representada pela miséria e não nos cabe menosprezar a violência de ladrões, pois contém praticamente a mesma forma de transformação das guerras mundiais, das revoluções de protestos políticos, das lutas étnicas, não se pode minimizar o combate de um integrante de uma gangue que sobrevive mediante a utilização de uma arma em punho, porque caso sua situação social e pessoal não se modifique, a violência das cidades contemporâneas continuará a mesma, ou seja, enquanto continuarem morrendo diferentes indivíduos não se tem salvação para tal problemática e seu alcance. Portanto, a violência da cidade é diferente daquela realmente presente na cidade.

Nesse contexto, Pedrazzini (2006) evidencia que existe um sentimento de um retorno à Idade Média, na medida em que, se percebe nas sociedades democráticas o viés da violência comunitarista personificada na figura de justiceiros da cidade e que dissimula muito bem a violência da globalização e de seus agentes mais influentes e poderosos.

Nessa perspectiva, a violência representa um encadeamento lógico de causas ilógicas como as dificuldades econômicas, as políticas sociais mal implementadas, o racismo, as

frustrações cotidianas e que vão culminar na violência da urbanização, através dos processos de globalização que não possuem legitimidade social.

Desta forma, defendemos que o crime promove significativas interferências na constituição do espaço, sofrendo por sua vez, influências deste, e é inegável que seja um fenômeno de interesse geográfico, transformando paisagens e comportamentos, além de gerar vítimas diretas e sentimentos de medo e insegurança na sociedade. Dentre as várias modalidades de crime, o tráfico de drogas é uma das mais influentes na modelagem do espaço porque territorializa grupos de indivíduos, estabelecendo uma sociabilidade extremamente violenta, uma vez que o mesmo se encontra, estando vinculado a outras formas de crime, sobretudo as de natureza violenta, como o roubo, o homicídio, e o latrocínio. (DINIZ, 2003; BATELLA, DINIZ, 2010).

Sendo o crime uma realidade que nos acompanha no cotidiano, seja nas grandes, pequenas ou médias cidades, realizar uma análise do reflexo das ações criminosas no espaço é bastante desafiador, já que são propostas variáveis que envolvem a sua origem e a sua prática que demarcam territórios no espaço urbano. Dessa forma, a ciência geográfica não pode ficar dissociada da problemática da criminalidade na formação de territórios nas cidades conforme nos esclarece Roberval Santos (2012).

Para Batella (2008) uma forma condicionante que representa as incidências criminais no território, se dá através do mapeamento de localizações geográficas que apresentam índices maiores e menores da manifestação da criminalidade e dos diferentes tipos de ocorrências e crimes num dado município, nesse sentido, mediante tal espacialidade desse movimento da criminalidade há algumas atrelações com conteúdos que ajudam a entender melhor a própria geografia ligada ao crime no espaço e no território brasileiro.

Nesse contexto, mostra-se *a importância da Geografia* em estudos como desta natureza aplicados à pesquisa. Contribuições diversas demonstram seu crescimento e desenvolvimento ao longo dos anos desde sua iniciação, demonstrando que diagnósticos pautados em análises geográficas podem contribuir identificando padrões, além de auxiliar na prevenção de crimes. A geografia tem dado uma contribuição valiosa aos estudos interdisciplinares que focam essa temática. Dentre essas contribuições destaca-se em Félix (2002) que, em conexão com outros campos do conhecimento, tem buscado explicar as múltiplas desigualdades espaciais de manifestação do crime e de todo o processo que o origina.

Nos dias atuais tem sido cada vez mais perceptível o fato de que a violência, em suas mais distintas facetas, tem comparecido com mais importância na vida cotidiana dos moradores

dos centros urbanos de diferentes dimensões. Os problemas relativos à ineficiência das políticas públicas de segurança e ao aumento da criminalidade são mais percebidos. Nesse sentido, evidencia-se a perversa realidade violenta em que sociedade está inserida, considerando os aspectos objetivos e os simbólicos que permeiam a violência.

Para além da ocorrência efetiva das violências criminalizadas, a urbana se apresenta também como um estilo de vida, como uma linguagem, na medida em que faz parte do cotidiano de alguns indivíduos ou grupos, o que envolve escolhas particulares, relativas à identidade, às vestimentas, ao lazer, à aparência, à apropriação do espaço e ao uso do tempo, bem como do convívio com outros diversos atores sociais. Manter tal estilo certamente mantém tais indivíduos ou grupos à margem da sociedade hegemônica e os distanciam dos padrões vigentes.

Percebemos assim, que o conceito é amplo e por vezes contraditório, posto que não existe uma única forma de violência se manifestando no espaço urbano, mas uma multiplicidade de ações e representações que podem ser consideradas como violentas. Certamente não possui lócus determinado para sua incidência. Pode se encontrar em vários segmentos sociais, dos bairros mais abastados até os mais carentes, embora seus conteúdos sejam diferentes. Assim, variados são os tipos e formas de violência, dentre os quais pode-se destacar os crimes de roubos, furtos, homicídios, assassinatos, sequestros, guerras, terrorismo, violência física, psicológica, de cunho sexual, no meio policial, etc., sem falar nas inúmeras violências que não são criminalizadas, mas que fazem parte do cotidiano das cidades.

Nesse contexto, para Adorno (1988, p.31) “(...) a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência”. Desta forma, o autor deixa evidente uma relação também conexa com muitos fatores sociais no que tange ao cotidiano da população no Brasil. O contexto social bem como as políticas públicas precisam ser imediatamente valorizados conjuntamente para contribuir com a minimização dos conteúdos da violência no espaço urbano.

Percebendo as inúmeras desigualdades sociais, políticas e econômicas que assolam o território brasileiro. De que a incidência da violência urbana não atinge a todos os segmentos sociais de maneira idêntica, pois estes não transitam nos mesmos espaços das cidades e não desfrutam do mesmo capital simbólico e cultural.

O conceito de violência é realmente muito abrangente, mas adota-se para as discussões propostas, que o entendimento de Arendt (2009) enfatiza a dimensão política, através da atual configuração mundial, que pode ser entendida a partir da consideração da violência, que esteve

presente em guerras, revoluções e estratégias que visavam à manutenção ou à transformação das relações de poder.

Adota-se também as argumentações de Michel Misse (2001) quando enfatiza sobre a violência não ser uma expressão descritiva ou neutra, pois seu uso já evidencia uma tomada de partido, ou seja, o outro é percebido como violento em si mesmo. No que tange aos processos de criminalização de condutas inerentes à criminologia crítica, Michel Misse (2003) ressalta que é possível perceber que o direito penal se estende a todos os indivíduos, mas especificamente de maneira diferenciada e de forma vulnerável com os indivíduos negros e pobres, Misse (2006) especifica sobre a acumulação social da violência e retrata sobre a abrangência da criminologia nas classes populares, se aproximando posteriormente das temáticas da segurança pública.

Nos cabe ainda ressaltar que para Michel Misse (2006) há uma visibilidade social, com maior reação moral e de interesse público das condutas criminais dos mais pobres têm em relação aos crimes dos ricos. Assim, a polícia não agiria seguindo seu roteiro estruturado previamente, a partir da associação imaginária entre pobreza e criminalidade, se essa associação não estivesse tão difundida na sociedade. Da mesma forma, a mídia não privilegiaria os crimes cometidos pelas pessoas mais pobres se não houvesse um respaldo de seus espectadores e consumidores, denotando uma espetacularização de alguns atos tidos como violentos, em detrimento de outros (MAGRINI,2014).

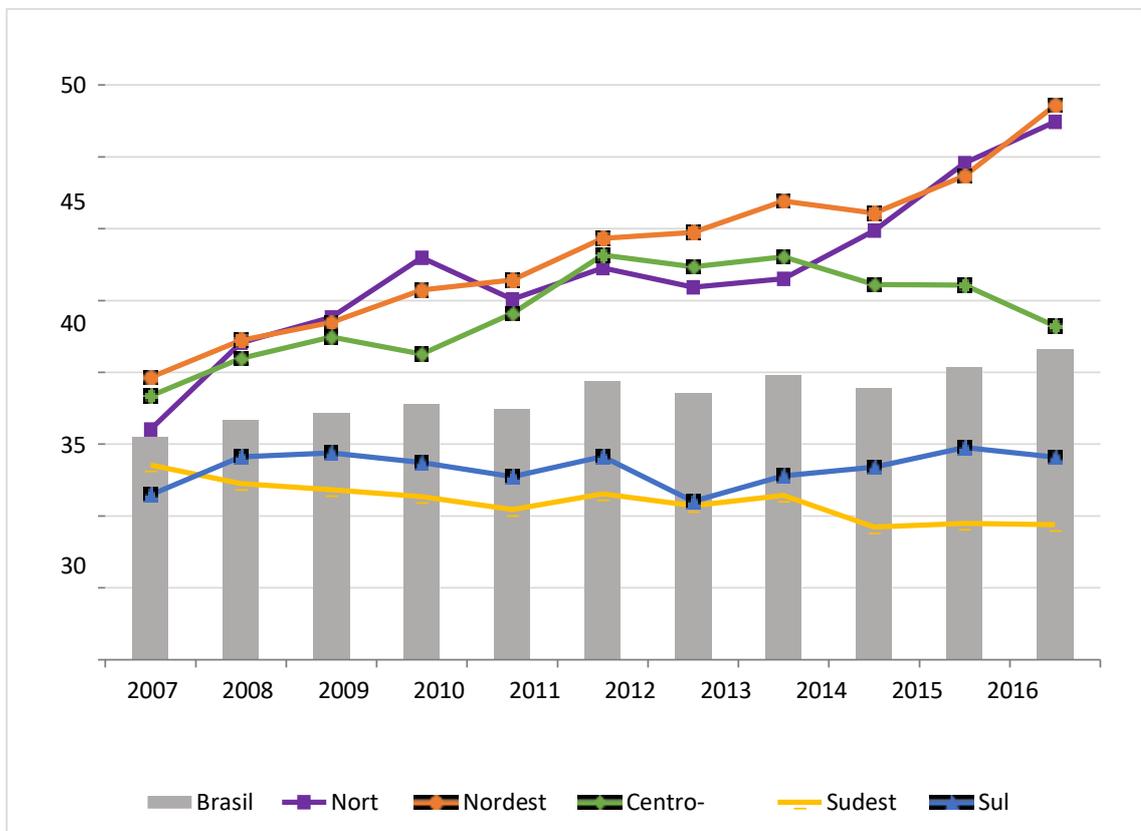
Para Magrini (2014) a decisão de criminalizar algumas condutas sociais também depende dos consensos estabelecidos socialmente, de acordo com as especificidades do momento histórico e do contexto socioespacial principalmente.

Existe uma diferenciação entre atos violentos e crimes, pois nem todos os atos violentos são criminalizados juridicamente e nem todos os crimes reconhecidos pela lei envolvem diretamente a violência, há alguns tipos de condutas pelas quais ela (a violência) se manifesta e se percebe a complexidade da temática mediante estigmatizações variadas.

## 1.2 Alguns índices de criminalidade<sup>2</sup>

É necessário evidenciar mediante gráficos e tabelas a situação da violência, através dos crimes de homicídios, furtos, roubos e tráfico de drogas, em diferentes escalas comparativas, para entendermos sua amplitude na atualidade, tanto a nível nacional, quanto do estado de Minas Gerais e posteriormente com as ocorrências de crimes em Ituiutaba. O gráfico 1 nos apresenta a taxa de homicídio nas regiões brasileiras e é perceptível os índices da região Sudeste e seus estados no período delimitado:

Gráfico 1: Taxa de homicídios nas regiões brasileiras. (2007-2016)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na Região de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSP (2019).

<sup>2</sup> Este tópico da dissertação trabalha com as estatísticas criminais, o que não é o mesmo que trabalhar com a violência em si, há questões ligadas aos registros dos crimes, subnotificação desses dados, mas que precisam ser figurados na pesquisa para se delimitar as noções multiescalares dessas temáticas mesmo que em anos diferenciados.

A região sudeste foi a que se manteve com índices de declínio na taxa de homicídios entre os anos de 2007 a 2016, se comparado a outras regiões do Brasil. No entanto, as outras regiões apresentam um aumento considerável como é o caso do Norte e Nordeste, por exemplo. Esse gráfico elaborado pelo Ipea e FBSP nos mostra as notificações de homicídios causados por óbitos por agressão com intervenção legal, ou seja, não nos apresenta uma totalidade dos outros índices criminais estatísticos relativos aos crimes de homicídios em outros contextos. Mas nos enfatiza um pouco sobre seu panorama de abrangência.

A tabela 2 trata da proporção de óbitos em todo Brasil causados por homicídios por faixa etária no ano de 2017 apresentando as informações sobre os aspectos de gênero:

Tabela 2: Brasil : óbitos por homicídios

Faixa etária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69	Total
<b>Masculino</b>	18,4%	59,1%	55,7%	45,1%	35,3%	23,9%	14,3%	8,2%	4,5%	2,5%	1,4%	0,8%	14,7%
<b>Feminino</b>	7,4%	17,4%	15,5%	12,2%	8,8%	5,2%	3,0%	1,6%	1,0%	0,5%	0,3%	0,2%	2,2%
<b>Total</b>	14,1%	51,8%	49,4%	38,6%	28,6%	18,2%	10,5%	5,8%	3,2%	1,7%	0,9%	0,5%	10,4%

Ipea e FBSP (2019).

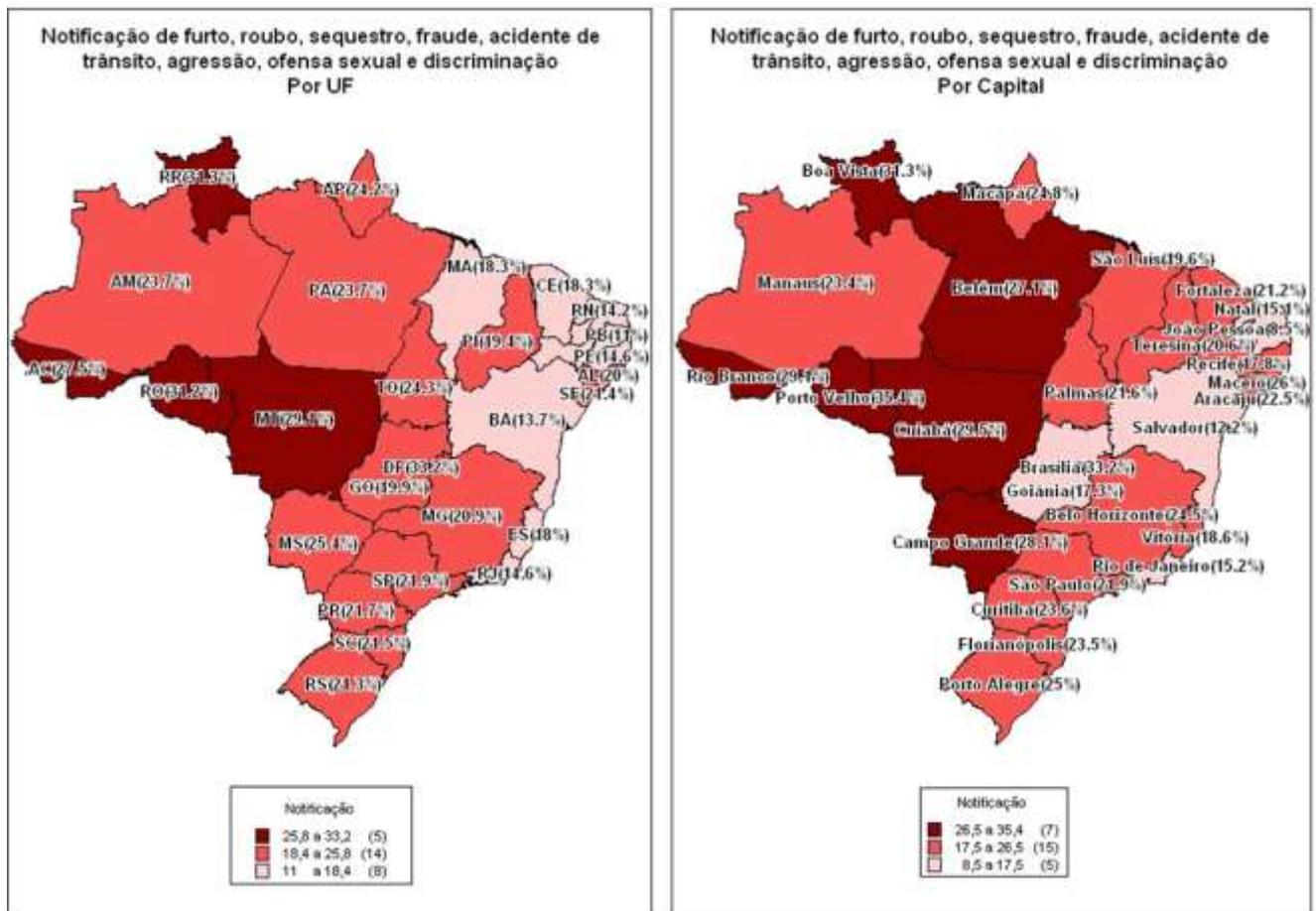
De acordo com esta tabela a faixa etária mais atingida por crime de homicídio no Brasil são do sexo masculino entre 15 e 29 anos de idade por estarem mais expostos socialmente. Para oferecermos uma maior compreensão acerca da situação da violência letal no Brasil, analisamos alguns dados para traçar análises comparativas.

Segundo Waiselfisz (2014), entre os anos de 2008 a 2011 foram contabilizadas 206.005 vítimas de homicídios no país, um montante superior ao registrado na somatória das mortes nos 12 maiores conflitos armados acontecidos no mundo entre 2004 e 2007 (Iraque, Sudão, Afeganistão, Colômbia, Rep. Democrática do Congo, Sri Lanka, Índia, Somália, Nepal, Paquistão, Caxemira, Israel Palestina), que totalizam 169. 574 mortes, de acordo com o Relatório sobre o Peso Mundial da Violência armada. (MAGRINI, 2018, p.93).

Esses dados nos preocupam se consideramos que o Brasil ainda não passa por guerras civis, disputas de fronteiras, nem enfrentamentos étnicos e religiosos mais gravosos. No entanto, analisar o total e a taxa de homicídios por 100 mil habitantes para o conjunto do território brasileiro mascara as singularidades da evolução da violência nas diferentes unidades da federação. (MAGRINI, 2018, p.93).

Já o mapa 4 enfatiza a pesquisa nacional sobre a vitimização entre os anos de 2010 a 2012 e a notificação de crimes como furtos e roubos nos estados brasileiros e apresenta uma média criminal mais ampla:

Mapa 4: Brasil. Mapa nacional de vitimização. 2010 a 2012



SENASP (2013)

Esse mapa 4 retratou dos índices no espaço urbano dos estados e do DF e das grandes capitais, mas nos apresenta alguns números em diferentes estados, dentre eles, o de Minas Gerais sobre as percepções de vitimização dos crimes de furtos e roubos mediante pesquisa da Senasp no ano de 2013.

Já no estado de Minas Gerais, segundo a Agência Minas, vale ressaltar, que os 676 municípios, (79,3% dos municípios mineiros) não registraram roubos ou tiveram melhoras em seus índices, comparando com os primeiros três meses de 2018 com 2019. Entre os destaques com melhores resultados no trimestre estão Belo Horizonte (-2.572 registros), Contagem (-738 registros) e Montes Claros (-421 registros):

Gráfico 2: Índices de roubos (MG).

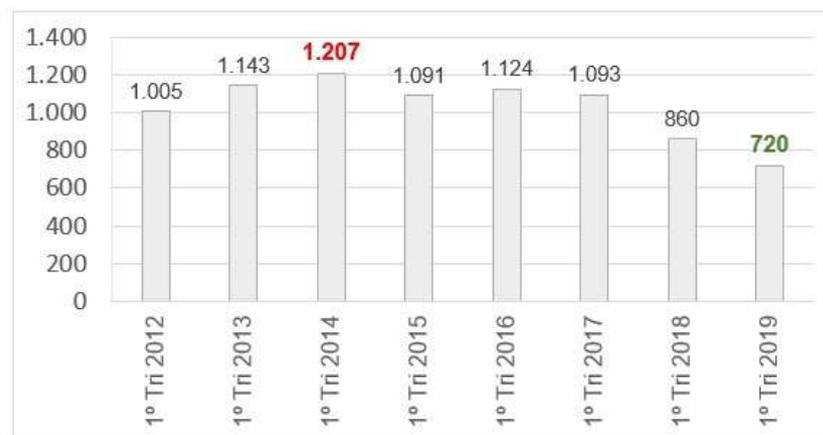


Fonte dos Dados: Armazém SIDS\_REDS

SIDS, 2019.

Importante indicador mundial de violência, o número de vítimas de homicídio também diminuiu 16,2%, passando de 860 vítimas para 721 nos três primeiros meses deste ano. O resultado do trimestre no crime de homicídios também é o melhor dos últimos oito anos.

Gráfico 3: Taxa de homicídios (MG).



Fonte dos Dados: Armazém SIDS\_REDS

SIDS, 2019.

Na avaliação geral, dos 12 crimes monitorados pela Secretaria de Estado de Segurança Pública, por meio do Observatório de Segurança Pública Cidadã, 11 apresentaram queda no primeiro trimestre do ano (ver tabela 3). O crime de lesão corporal é a exceção, com crescimento de 0,3%.

Tabela 3: Minas Gerais. Tabela comparando crimes. 2018 a 2019

Natureza/Período - Minas Gerais	Jan a Mar 2018	Jan a Mar 2019	Δ 2019/2018
Vítima de Homicídio Consumado	860	721	-16,2%
Homicídio Tentado	970	777	-19,9%
Lesão Corporal Consumado	16.730	16.772	0,3%
Sequestro e cárcere Privado Consumado	75	55	-26,7%
Estupro Consumado	351	307	-12,5%
Estupro Tentado	100	65	-35,0%
Estupro de Vulnerável Consumado	747	666	-10,8%
Estupro de Vulnerável Tentado	48	47	-2,1%
Roubo Consumado	22.800	15.690	-31,2%
Furto Consumado	76.956	70.812	-8,0%
Extorsão Consumado	236	201	-14,8%
Extorsão Mediante Sequestro Consumado	24	15	-37,5%

Fonte dos Dados: Armazém SIDS\_REDS

SIDS, 2019

Na avaliação do trimestre, todos os seis alvos de roubos tiveram queda. Entre os destaques estão o número de veículos roubados (-41%) e roubos a estabelecimentos comerciais (-39%).

Tabela 4: Minas Gerais. Alvos de roubos. 2018 a 2019

Alvos de Roubo em Minas Gerais	Jan a Mar 2018	Jan a Mar 2019	Variação 2018/2019
Cargas	121	100	-17,4%
Estabelecimento Comercial	2.521	1.538	-39,0%
Residência	1.145	898	-21,6%
Transeunte	11.714	8.491	-27,5%
Transporte Coletivo	804	449	-44,2%
Veículos	5.103	3.009	-41,0%

PMMG (2018;2019).

Tendo como base tal panorama sobre a situação criminal de furtos, roubos, homicídios do estado de Minas Gerais é preciso analisar sobre o tráfico de drogas em escala nacional.

A reprodução de um discurso acrítico de demonização das drogas, aliada à falta de critérios claros para diferenciação entre usuários e traficantes, resultou em anos posteriores à entrada em vigor da lei de drogas, no aumento significativo do número de pessoas presas por tráfico de drogas que teve, por sua vez, a pena mínima aumentada de 3 para 5 anos por exemplo.

Com relação ao crime de tráfico de drogas em escala nacional, é possível verificar que existe um alto índice de prisões de indivíduos envolvidos com as redes da movimentação do tráfico por meio de usuários e traficantes que retroalimentam a cadeia de consumo:

Quadro 1: Representação gráfica de pessoas presas por tráfico de drogas no Brasil



Fonte: Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen, Junho de 2016. Secretaria Nacional de Segurança Pública, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, dezembro de 2015. IBGE, 2016.

Infopen (2016)

O quadro 1 apresentado nos revela que existe um percentual de presos sendo encarcerados em função desse tipo de crime. Isso fica evidente pelos números de prisões no ano de 2013 e 2016 por exemplo, com um aumento expressivo se comparado com o ano de 2006 antes da aprovação da atual lei de drogas.

A figura 3 retrata estatisticamente sobre o crescimento dos números de presos após a vigência da lei 11.343/2006 (A lei de drogas) e os crimes correlatos que envolvem manifestação

do tráfico de drogas nos territórios urbanos de diferentes cidades e municípios brasileiros entre os anos de 2005 a 2013:

Gráfico 4: Brasil. Presos por Tráfico de Drogas



A mídia retratando sobre presos por tráfico entre 2005-2013 no Brasil.

Retirado da reportagem: Com Lei de Drogas, presos por tráfico passam de 31 mil para 138 mil no país no site Portal do dia.com baseado no site G1 com acesso em 07/11/19.

A figura 4 retrata estatisticamente sobre o crescimento dos números de presos após a vigência da lei 11.343/2006 (a lei de drogas) e a média nacional de presos por tráfico de drogas em 22 estados entre os anos de 2005 a 2013:

Gráfico 5: Brasil - Percentual de presos

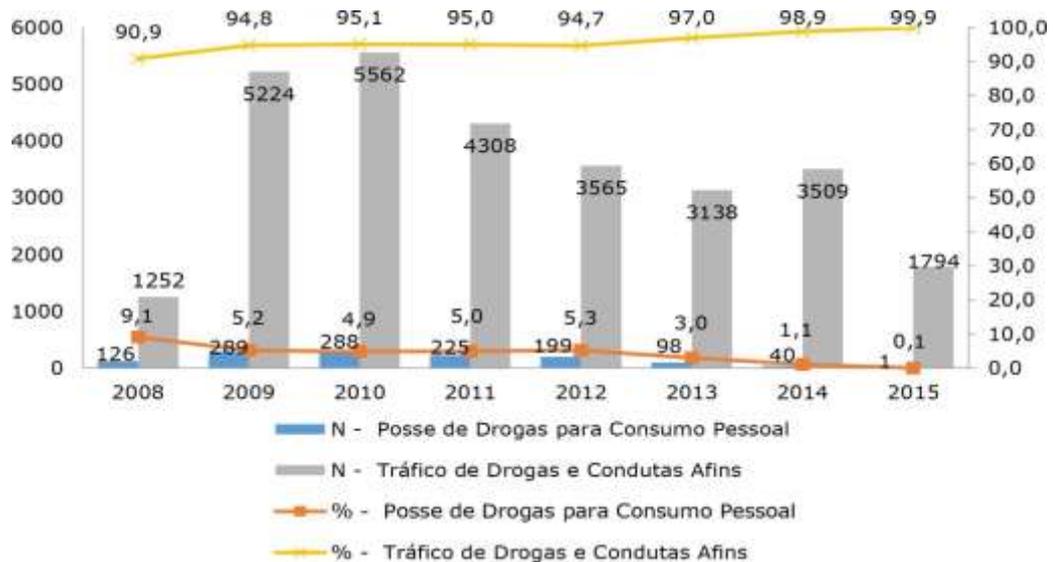


A mídia retratando sobre presos por tráfico também em MG entre 2005-2013 e no Brasil.

Retirado da reportagem: Um em cada três presos do país responde por tráfico de drogas no site G1 com acesso em 07/11/19.

No caso do estado de Minas Gerais, apresentamos estatisticamente um gráfico da comarca de Belo Horizonte, ou seja, da capital do estado, mediante dados e informações de processos judicializados (vide quadro 2) relacionados ao tráfico de drogas e condutas afins do TJMG para termos uma ideia da magnitude de sua manifestação no espaço urbano na capital do estado:

Quadro 2: Representação gráfica sobre tráfico de drogas (TJMG)



Fonte: Dados cedidos pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Qui-quadrado = 289,444 (sig. 0,000).

Gráfico 1 Procedimentos de acordo com a tipificação do delito e o ano de distribuição (número absoluto e percentual) - Varas de Tóxicos de Belo Horizonte (jan. /2008 e set./2015).

Através das figuras, mapas e gráficos percebemos que a criminalidade no estado de Minas Gerais, diferentemente da média nacional, tem sido mais reduzida nos crimes analisados. Embora os anos especificados sejam um pouco diferentes dos comparados com Ituiutaba, eles formam um conjunto da amplitude dos dados estatísticos e contribuem para interpretar esta questão da violência urbana em situações multiescalares.

Nos é possível observar que enquanto tivemos estados com estagnação ou variação negativa nas taxas de homicídios, furtos, roubos e tráfico de drogas nos períodos analisados, como em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, por exemplo, em outros tivemos aumento mais acentuados entre 2006-2016. Outros estados que tiveram acréscimos expressivos de suas taxas foram Mato Grosso do Sul, Maranhão, Sergipe, embora exista uma dispersão de variação dependendo dos tipos de crimes praticados inerente a cada realidade dos estados.

Conhecendo o contexto dos crimes de homicídio, furto, roubo e tráfico de drogas em diferentes escalas desde a nacional e da estadual, nos é possível também traçar análises com dados estatísticos municipais para apreender um pouco da situação local de Ituiutaba com relação as representações da violência e insegurança.

Nesse contexto, o município de Ituiutaba abrange uma população com 104.526 mil habitantes, segundo a projeção da população feita em 2017, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Encontra-se, localizado na porção Sudeste do país, que é considerada como uma grande região polarizadora, capaz de exercer influência na área agroindustrial do Brasil.

A cidade é um polo regional do chamado pontal do Triângulo Mineiro, sendo referência para os municípios de Capinópolis, Santa Vitória, Gurinhatã, Canápolis, Cachoeira Dourada de Minas e Ipiacu. Ituiutaba é responsável por fazer a intermediação entre grandes e médias cidades, com funções urbanas regionais, assumindo uma responsabilidade territorial<sup>3</sup> considerável e importante em termos de consumo, de prestação de serviços públicos de educação, saúde e segurança municipais, estaduais e até federais para os municípios limítrofes que não possuem a mesma infraestrutura.

Dessa forma, conhecendo todos os bairros representados no mapa 4 e os seus setores respectivos, fica mais evidente entender as representações da violência urbana em Ituiutaba, no que tange aos dados estatísticos representativos da insegurança. Dessa maneira, apresentamos o índice dos crimes de furto e homicídio datados desde os anos de 2010 a 2018, levantados no âmbito da necessidade de conhecimento prévio da situação da segurança urbana<sup>4</sup>.

O crime de furto, por exemplo, um dos componentes das representações acerca da violência urbana em Ituiutaba-MG, está previsto no título II, capítulo I da parte especial do código penal de 1940, especificamente nos artigos 155 e 156, do título II que trata dos crimes contra o patrimônio, cuja ação se dá pelo apoderamento ilegítimo da coisa pelo agente. É através do furto, que a vítima é desapossada daquilo que lhe pertence, mas sem emprego de violência ou grave ameaça, diferente assim, do delito de roubo (art. 157 C.P.) em que há emprego de grave ameaça ou violência à pessoa.

Existem diferentes tipos de furtos especificados no código penal, dentre os quais, se destaca: o furto famélico (o sujeito que subtrai alimentos para poder se alimentar em estado de

---

<sup>3</sup> A noção de cidade de responsabilidade territorial foi apresentada pelo Geógrafo Jan Bitoun (2006) e se coaduna com o sentido conceitual utilizado para se entender a importância do município em análise.

<sup>4</sup> Os dados foram coletados na ocasião da realização da revisão do Plano Diretor de Ituiutaba (2017), diante da centralidade dada pela população à temática da segurança nas audiências e consultas públicas.

extrema necessidade); o furto de uso (é a subtração de coisa móvel alheia, com o propósito de usá-la momentaneamente e com a intenção de restituí-la a seguir); o furto de energia (à coisa móvel a energia elétrica ou qualquer outra energia que tenha valor econômico como a térmica, mecânica, nuclear, genética); o furto noturno (se o crime é praticado durante o repouso noturno), o furto privilegiado (furto mínimo ou furto de pequeno valor); e o furto qualificado (com maior periculosidade por parte do agente). Assim, o furto, como crime contra o patrimônio, é um fato potencialmente penal, que pode ser praticado por qualquer pessoa física, salvo o próprio proprietário, tendo como sujeito passivo o titular da posse ou da propriedade.

Sendo assim, durante os anos de 2010 a 2018 se apresentam os dados estatísticos relativos à distribuição espacial dos furtos pelos bairros da cidade de Ituiutaba-MG, disponibilizados pela Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (PMMG) do 54º batalhão, amparados pelo Sistema Integrado de Defesa Social de Minas Gerais e que compõem as representações acerca da insegurança urbana<sup>5</sup>.

Analisando os dados da tabela 3 podemos observar que nos anos correlatos a (2010 a 2018) tivemos uma tendência geral de queda no número de furtos registrados. Destacamos que alguns bairros apresentaram as maiores quantidades de registros de furtos no período considerado: Centro – 3.074, Setor Sul – 491, Independência – 510 e Natal – 400.

A análise dessa espacialização dos furtos em Ituiutaba deve ser contraposta com as representações de insegurança dos moradores da cidade, que captamos por meio das 10 entrevistas. Um aspecto interessante é o descolamento existente entre os bairros em que efetivamente são registrados os maiores índices de violência e aqueles que figuram entre os mais perigosos segundo a percepção dos moradores.

O que constatamos é que a representação dos bairros perigosos costuma seguir o roteiro de associação entre pobreza e violência predominante em nossa sociedade. Essa afirmação pode ser exemplificada a partir da fala de Marcelo Silva, morador do bairro Centro, professor, com 49 anos de idade. Embora o bairro em que ele mora figure entre os que mais apresentaram registros de furtos no período, o entrevistado não considera que seu bairro seja violento, seguindo a tendência de afastar simbolicamente a violência de seus espaços de vivência. Para

---

<sup>5</sup> Entendemos que o trabalho com as estatísticas é complexo e que apresenta algumas fragilidades, relativas à subnotificação e aos erros e inconsistências de registro, por exemplo. Mesmo assim, consideramos que os dados servem para mostrar o panorama da criminalidade no município estudado, servindo de ponto de partida para a análise.

ele, os bairros mais perigosos da cidade são outros, habitados por segmentos de renda mais vulnerável como o bairro Natal, Novo Tempo I e II, como vemos no trecho selecionado a seguir:

**Entrevistadora: Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?**

Entrevistado: Eu desde quando era criança o bairro Natal sempre foi muito violento, sempre foi um bairro extremamente violento, hoje em dia diminuiu, mas ainda é um bairro violento, o bairro Natal. E tem notícia que entre Novo Tempo I, ali Novo Tempo II, também é complicado, pelo que a gente vê nos noticiários, é complicado, agora bairros mais tranquilos, que você vê é o bairro Platina, o bairro Progresso, são lugares mais tranquilos.

**Entrevistadora: Se você pudesse escolher outro bairro da cidade, se mudaria? Para qual bairro?**

Entrevistado: O bairro Independência.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistado: Porque é um bairro de condição econômica boa, ruas largas, ruas grandes largas, por nossa cidade ser quente, é um lugar que a noite cai um pouquinho a temperatura, é mais fresco e é um local que dá a sensação de segurança. Marcelo Silva (professor, 49 anos).

Segundo a tabela 5, percebemos que os registros de furtos nos bairros Natal, Novo Tempo 2 são pequenos quando comparados com dados encontrados em outros bairros. Isso nos leva a crer que a produção das representações acerca da insegurança urbana é baseada em múltiplos fatores e não só na ocorrência efetiva de crimes e suas localizações geográficas.

Tabela 5: Ituiutaba. Ocorrências de furtos. 2010 a 2018.

Soma de Ocorrências	Ano Fato dos crimes de Furtos										
	Bairro	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Aeroporto			1		4	5	4	2			16
Alcides Junqueira			18	63	59	47	34	50	56	49	376
Alvorada	5		21	50	42	48	35	37	61	94	393
Bela Vista			3	7	6	5	2	7	5	12	47
Brasil			3	13	16	17	9	5	9	14	86
Camargo			8	16	7	7	7	3	10	9	67
Carlos Dias Leite			2	9	8	3	4	7	2	7	42
Carvalho				3		1	1	4	3	2	14
Central			1	6	2	7	3	5	2	2	28
Centro	117		365	499	509	365	272	325	344	278	3074
Cidade Jardim							1				1
Cristina				2	1	1	2	2	2	1	11
Distrito Industrial Baduy							1		2	3	6
Distrito Industrial Manuel Cancellia				8	6	3					17
Doutor Marcondes Ferreira								4	15	2	21

<b>Elandia</b>		2	25	16	12	14	12	17	14	112
<b>Eldorado</b>			2	3	4	8	4	3	4	28
<b>Esperança</b>						1			1	2
<b>Estância Dona Viola</b>									1	1
<b>Gardênia</b>		5	19	11	5	5	13	11	17	86
<b>Gerson Baduy</b>							7	1	8	16
<b>Gilca Cancellia Vilela</b>					1	3	1	3	7	15
<b>Guimarães</b>		5	7	21	13	4	9	25	14	98
<b>Vila Hélio</b>			5	5	3	1	3	9	7	33
<b>Independência</b>		23	63	95	60	60	64	83	62	510
<b>Desconhecido</b>	1807	1422	298	131	203	237	344	474	301	5217
<b>Ipiranga</b>		6	26	25	22	13	26	29	20	167
<b>Jamila</b>		3	7	5	8	2	4	4	8	41
<b>Jardim do Rosário</b>		15	39	33	24	21	21	15	14	182
<b>Jardim Europa</b>			7	8	6					21
<b>Jardim Europa 1</b>							4	12	6	22
<b>Jardim Europa 2</b>							7	18	8	33
<b>Jerônimo Mendonça</b>		9	34	41	20	11	8	13	12	148
<b>Lagoa azul 1</b>		3	22	14	21	14	12	25	20	131
<b>Lagoa azul 2</b>		1	2	6	1			2		12
<b>Loteamento Gerson Baduy</b>				3	7	7	1			18
<b>Maria Vilela</b>		4	30	21	23	17	18	22	26	161
<b>Marta Helena</b>		4	26	16	12	10	14	19	22	123
<b>Mirim</b>		2	10	6	4	2	3	3	3	33
<b>Monte Verde</b>			1	4	2	2				9
<b>Morada do sol</b>		1	2	3	1	3	4	4	4	22
<b>Nadime Derze Jorge 1</b>							1	4	7	12
<b>Nadime Derze Jorge 2</b>						2	11	10		23
<b>Natal</b>	2	2	92	87	47	39	26	45	60	400
<b>Nossa senhora Aparecida</b>								1	1	2
<b>Nova Ituiutaba 1</b>							3	11	25	39
<b>Nova Ituiutaba 2</b>								2	2	4
<b>Nova Ituiutaba 3</b>							2	9	30	41
<b>Nova Ituiutaba 4</b>									2	2
<b>Novo Horizonte</b>		7	16	9	15	6	19	12	9	93
<b>Novo mundo</b>		4	7	7	9	4	8	14	8	61
<b>Novo tempo 2</b>		21	32	26	19	22	23	32	30	205
<b>NS Aparecida</b>			3	6	3	1	4	1		18
<b>Paranaíba</b>		1	3	3	6	1	2	9	3	28
<b>Pirapitinga</b>		18	40	47	33	24	26	33	43	264
<b>Platina</b>	1	18	43	58	60	40	39	65	45	369
<b>Progresso</b>		8	65	53	40	37	44	53	31	331
<b>Residencial Buritis</b>	1		6	3	8	3	8	5	11	45
<b>Residencial Camilo Chaves</b>				2	10	2	3	9	4	30

Residencial Canaã 1				14	15	5	9	11	9	63
Residencial Canaã 2				5	9	13	9	11	6	53
Residencial Cidade Jardim								3	11	14
Residencial Drummond			3	8	5	7	4			27
Residencial Drummond 1						1	2	5	10	18
Residencial Drummond 2								3		3
Residencial Copacabana			1							1
Residencial Jardim Estados Unidos								8	1	9
Residencial Lisboa					1			1	1	3
Residencial Monte Verde								2	2	4
Residencial Portal do Cerrado									1	1
Residencial Portal dos Ipês				8	12	6	4	8	6	44
Residencial Primavera									1	1
Ribeiro		2	5	4	3	3	2	2	2	23
Santa Edwiges		1	5	4	6	5		3	10	34
Santa Maria		3	29	17	11	16	13	23	23	135
Santo Antônio		1	5	15	8	3	9	3	7	51
São José		2	13	11	10	6	9	16	16	83
Satélite Andradina		2	10	12	12	11	4	9	15	75
Setor Norte		23	76	43	33	22	42	35	34	308
Setor Sul	3	31	93	91	70	27	65	68	43	491
Sol Nascente			12	17	20	7	3	6	7	72
Tiradentes			1	2	1	1	1	2	3	11
Tupã		2	8	10	6	10	18	11	17	82
Setor Universitário		10	54	48	32	33	21	4		202
Vila Miisa			1	1		1				3
<b>Total Geral</b>	1936	2092	1952	1761	1480	1189	1541	1944	1650	<b>15545</b>

Fonte: SIDS, 2019.

A tabela do crime de furtos é uma das maiores, e nos destaca que existem várias outras ocorrências em diferentes bairros e o combate à criminalidade tem se intensificado por toda a cidade. Nos parece claro entender que existe a estigmatização de alguns bairros, porque não necessariamente a maioria de ocorrências se deu nos bairros apontados pelos cidadãos como locus de violência.

No que tange ao crime de roubo, que está inserido no título II, dos crimes contra o patrimônio, do Código Penal Brasileiro. Possui as mesmas características do furto, mas, quando há o emprego de grave ameaça, de violência ou outro meio que impossibilite a resistência da

vítima, fatores que, empregados pelo agente para que a vítima entregue o bem, se configura o crime. Nesta modalidade criminosa há emprego de violência, física ou moral contra a pessoa.

Com efeito, no que tange aos tipos de roubos existem: o próprio (art.157) relativo ao agente que emprega a violência ou grave ameaça antes ou durante a subtração, para concretizar o delito, subtraindo o bem do sujeito passivo (vítima); o impróprio (assegurar a posse da coisa subtraída ou a impunidade do crime); roubo qualificado pela lesão corporal grave (meio empregado de violência pelo agente, para que se apodere do bem, assegure sua posse, ou ainda para garantir a impunidade do crime); e o roubo qualificado pela morte, o latrocínio, (roubo seguido de homicídio doloso ou culposo, considerado crime hediondo).

Já na tabela 6 apresentam-se os índices estatísticos gerais (sem especificações sobre os tipos de roubos) com relação à quantidade de ocorrências registradas, no período delimitado, na cidade de Ituiutaba-MG, e que fazem parte das representações acerca da insegurança urbana.

Tabela 6: Ituiutaba. Ocorrências de roubos. 2010 a 2018.

Soma de Qtde Ocorrências	Ano Fato dos crimes de roubos										
	Bairros	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total Geral
<b>Aeroporto</b>						1					1
<b>Alcides Junqueira</b>			4	7	9	2	1	5	13	13	54
<b>Alvorada</b>	2	2	3	7	5	4		3	5	31	
<b>Bela Vista</b>				1				1	3	1	6
<b>Brasil</b>				2	1			1	3	1	8
<b>Camargo</b>			1	4	2	6		2	1	2	18
<b>Carlos Dias Leite</b>				2		2		1	1		6
<b>Carvalho</b>					1				4		5
<b>Central</b>	17	63	74	55	39	19	31	35	35	368	
<b>Distrito Industrial Manoel Cancellia</b>				1	1						2
<b>Elandia</b>				3	5	3	2	1	3	1	18
<b>Eldorado</b>					1				1	1	3
<b>Gardênia</b>				3	2	2	1	2	1	1	12
<b>Gerson Baduy</b>										1	1
<b>Gilca Cancellia Vilela</b>							1			1	2
<b>Guimarães</b>			2	5	2	6	3	1	5	1	25
<b>Vila Hélio</b>						1	2	2			5
<b>Independência</b>			4	22	12	13	15	7	11	21	105
<b>Desconhecido</b>	160	127	47	20	25	26	36	70	38	549	
<b>Ipiranga</b>			1	6	6	3	2	2	1	2	23
<b>Jamila</b>					1	1			1		3
<b>Jardim do Rosário</b>				3	8	6	3	2	1	2	25
<b>Jardim Europa 1</b>							1				1
<b>Jerônimo Mendonça</b>			1	1		1		1		3	7

Lagoa Azul			10	2		3		3	4	22	
Maria Vilela		2	8	8	5	1	1	3	1	29	
Marta Helena		1	4	3	3	1	3	4	2	21	
Mirim			2							2	
Monte Verde			1		1					2	
Morada do Sol									1	1	
Nadime Jorge Derze						1			4	5	
Natal			8	6	5	2	8	3	5	37	
Nova Ituiutaba 3							1			1	
Nova Ituiutaba 1							1			1	
Novo Horizonte				3	2	3	2	1	2	13	
Novo mundo		3	7	2	1	1		1	2	17	
Novo tempo 2		1	4	1		2	7	1		16	
Pirapitinga			7	8	2		1	5	5	28	
Platina		3	15	7	4	3	6	12	6	56	
Progresso		4	6	11	8	6	8	6	5	54	
Residencial Buritis		1		1					2	4	
Residencial Camilo Chaves								1		1	
Residencial Canaã					4	2		1	2	9	
Residencial Cidade Jardim									1	1	
Residencial Drummond			1	3	4	2				10	
Residencial Portal dos Ipês				2			1	1	1	5	
Ribeiro			1							1	
Santa Edwiges							1		1	2	
Santa Maria			1		2	1	1	3	2	10	
Santo Antônio			1	1				2		4	
São José		2	1	3				3	1	10	
Satélite Andradina							1		2	3	
Setor Industrial Antônio Baduy			1							1	
Setor Norte			9	4	2	3	2	1	2	23	
Setor Sul		3	11	16	10	5	2	14	6	67	
Sol Nascente			3	2	2		1			8	
Tiradentes			1					1		2	
Tupã				1	1	1	2	4	2	11	
Setor Universitário		2	12	10	10	2	2			38	
<b>Total Geral</b>	179	228	302	232	184	121	153	244	197	<b>1840</b>	

Fonte: SIDS, 2019.

Podemos observar que a espacialização das ocorrências efetivas de roubos não coincide exatamente com as representações do entrevistado Marcelo, utilizada como exemplo, e também dos demais entrevistados até o momento. Os bairros que tiveram os maiores índices de roubos no período analisado foram o Centro e o Independência, com números mais altos que os apresentados pelo Nova Ituiutaba e pelo Natal, por exemplo. Tanto o bairro Centro e o Independência são bairros de residência de cidadãos com maior poder aquisitivo, que não

figuram nos imaginários como sendo perigosos, embora as estatísticas revelem uma concentração de ocorrência dos crimes de roubo ao patrimônio.

Portanto, existem outros conteúdos para explicar a ocorrência de crimes nos bairros de Ituiutaba, não necessariamente por serem mais centrais ou periféricos, essa lógica visualizando as estatísticas oficiais não consegue dar conta de apresentar respostas precisas a problemática, por isso a importância de tentar apreender esse conteúdo subjetivo nas entrevistas com os moradores locais.

Já com relação ao crime de homicídio, que consiste em matar alguém, e suas especificações estão presentes na parte especial, do título I dos crimes contra a pessoa, no capítulo 1 dos crimes contra a vida, no artigo 121 do Código Penal brasileiro, abrangendo tipos diferenciados: simples (ato de matar alguém, eliminar a vida); privilegiado (motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, em seguida a injusta provocação da vítima); qualificado (mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe) e etc); e o culposo/doloso(se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as consequências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante).

Na tabela 7 apresentam-se os índices estatísticos gerais (sem especificações sobre os tipos de homicídios) com relação à quantidade de ocorrências registradas, no período delimitado, na cidade de Ituiutaba.

Podemos observar que a espacialização dos crimes contra a pessoa é diferente quando comparada à dos crimes contra o patrimônio, estando presentes mais nos bairros de residência dos segmentos mais pobres.

Observa-se que a espacialização das ocorrências de homicídios não coincide necessariamente com os mesmos bairros que tiveram os maiores índices dos outros crimes anteriores, mas o bairro Centro, Novo Tempo I, Natal tem números mais altos. Esses bairros não figuram nos imaginários como sendo perigosos (com exceção apenas dos bairros Natal e Novo Tempo I, já citados na fala do entrevistado), onde possivelmente tais estatísticas tem uma concentração de ocorrências de homicídios atrelados a movimentação das redes de criminalidade correlatas ao tráfico de drogas local e/ou regional.

Tabela 7: Ituiutaba: Ocorrências de homicídios. 2010 a 2018.

Soma de Qtde Ocorrências										
Bairro	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total Geral
Alvorada						2				2
Brasil	-						1			1
Carlos Dias Leite		1	2	1		1				5
Centro		1	1	1		3	2			8
Elandia				1			1			2
Independência						3		1		4
Desconhecido	17	15	2	2	3	3	2	3	3	50
Ipiranga			1			1				2
Jardim do Rosário			1	1						2
Jerônimo Mendonça				2	3	1	1		1	8
Lagoa Azul				1						1
Maria Vilela					1			1	1	3
Marta Helena								1		1
Monte Verde					1					1
Natal		1	1		1				1	4
Novo Tempo				1	4		1		1	7
Pirapitinga				2					1	3
Platina			1		1		1		1	4
Residencial Camilo Chaves				1						1
Residencial Canaã				1		1	1			3
Residencial Drummond				1						1
Residencial Portal do Cerrado									1	1
Santa Maria			1							1
Santo Antônio								1		1
São José				1						1
Satélite Andradina							1			1
Setor Sul				1	2					3
Sol Nascente								1		1
<b>Total Geral</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>10</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>125</b>

Fonte: SIDS, 2019.

É importante salientarmos, que é registrado nestas tabelas, os casos demandados por boletins de ocorrências, contabilizado pelas polícias locais. Existem ainda aqueles casos em que não foram realizados boletins de ocorrências e o poder público não tem conhecimento da existência desses crimes e fica difícil mensurar nas análises dessa pesquisa.

### 1.3 Geografia da marginalidade e o tráfico de drogas: Do vício ao crime

Vapor barato um mero serviçal do narcotráfico foi encontrado na ruína de uma escola em construção (...) E o cano da pistola que as crianças mordem reflete todas as cores da paisagem da cidade, que é muito mais bonita e muito mais intensa do que no cartão postal (...). Alguma coisa está fora da ordem, fora da Nova Ordem Mundial... (Letra da música Fora da Ordem, Caetano Veloso).

A Geografia atrelada a manifestação da marginalidade, busca compreender o comportamento do ser humano sob a ótica do meio em que está inserido, para entender as variáveis socioeconômicas que influenciam também no universo da criminalidade. A epígrafe da música de Caetano Veloso que abre este tópico provoca reflexões sobre essa marginalidade vivenciada nas cidades brasileiras e nos auxilia a compreender sua amplitude acerca da manifestação da criminalidade de traficância presente no espaço urbano.

Tal representação da marginalidade pode ocorrer em função da existência de indivíduos pertencentes ao grupo dos que recebem um rendimento inferior a um determinado nível de consumo e seriam identificados como um contingente populacional marginal.

Esta problemática da marginalidade ainda é reduzida às definições das categorias econômicas, não abarcando os direitos civis, o acesso aos serviços e o direito à cidade, como um direito efetivo, mas dependente em relação aos demais ramos. A marginalidade também se relaciona as figuras dos estereótipos de criminosos que são incorporadas ao imaginário coletivo.

A temática sobre o uso e consumo de drogas, tornou-se ao longo da minha vida de estudos acadêmicos, alvo de interesses a partir de leituras estratégicas, destaco principalmente dois livros que foram norteios reflexivos para esta dissertação. O primeiro é “A Noite da Arma” (2014) do ex-jornalista americano do The New York Times, David Carr, que realizou 60 entrevistas com pessoas ligadas à sua trajetória pessoal e familiar. Ele cruzou dados narrados por amigos e familiares (existem fotos e registros reproduzidos no livro) para ouvir as suas versões, pois identificava que durante boa parte de sua vida não reconhecia à própria história. A primeira parte relata a decadente viagem de Carr pelos vícios em cocaína, crack e álcool e a segunda parte relata sobre a superação do vício e a criação de suas duas filhas, bem como o auge na carreira jornalística.

O segundo é a obra “Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída” (1978) usuária de haxixe, LSD e comprimidos em Berlim, na Alemanha. Aos 13 passou a usar heroína e logo começou a se prostituir para sustentar o vício. Em 1975, a heroína começava a circular nas festas da moda em Berlim, todos os amigos de Christiane acabaram viciando-se em heroína, inclusive seu namorado. Christiane F. inalou heroína pela primeira vez, após participar de um

show do cantor David Bowie. Tempos depois, num banheiro público na Estação Berlin Zoologischer Garten, injetou heroína pela primeira vez, afundando no vício e em situações de violência durante sua vida. Sempre imersa nestes submundos. As leituras dessas duas obras suscitaram, em tempos e épocas diferenciados, algumas reflexões intelectuais e contribuíram para o alcance das argumentações desta dissertação.

Desse modo, tal curiosidade sobre as vivências marginalizadas, surgiu mediante as minhas observações atentas de ruas, avenidas, bares, baladas e vivências noturnas em diferentes espaços privados e também públicos em Brasília e em outras cidades. Possuía interesse em entender a imersão em submundos marginais e criminosos dado o contexto de desestruturas dos indivíduos. O sentimento de autodestruição dos viciados, a euforia, as desventuras, os delírios, as loucuras, as fissuras doloridas, até mesmo os tipos de crimes cometidos, que estão diretamente correlacionados a história de vida desses sujeitos já tão marginalizados e tidos como perigosos, destrutivos, criminosos em potencial.

A partir dessa perspectiva, o consumo de drogas tem acompanhado a humanidade ao longo dos anos, assumindo diferentes papéis. A representação da fragmentação e da apropriação do espaço por parte de grupos de indivíduos que comercializam drogas constitui um exercício de interpretação e de articulação de poder.

Para Roberta Duboc Pedrinha (2008) gradualmente ao longo da história, o ser humano, seja por motivos religiosos, quanto também medicinais, bélicos ou mesmo afrodisíacos se utilizou de substâncias que alterassem o estado de consciência.

Já na modernidade, com o surgimento do modo de produção capitalista, fez com que as drogas deixassem de ter um valor somente de uso para atender as leis de oferta e procura, convertendo-se gradativamente em meras mercadorias. Com isso, tais substâncias “passaram a se submeter às diversas formas de controle social, sendo reguladas, proibidas e apreciadas moralmente” (PEDRINHA, 2008, p.03-04).

Assim, o controle das drogas foi instituído com o objetivo de atingir a redução as consequências nocivas à saúde e visava garantir o acesso a medicamentos essenciais. Entretanto, isso não aconteceu, as políticas de drogas não otimizaram o sistema de justiça criminal, mas geraram também diferentes problemas sociais e de saúde, contando com imensos recursos gastos na erradicação da produção, da repressão aos traficantes e principalmente apenas na criminalização dos usuários, que não foram suficientes para reduzir a oferta nem o consumo de drogas nas cidades brasileiras. (PEDRINHA, 2008).

Entendemos que existe um contra desenvolvimento econômico do tráfico de drogas no Brasil, a partir do entendimento da geografia do território e das redes ilegais estruturadas a partir da violência urbana nos municípios brasileiros, mediante a articulação de escalas nacionais e locais acerca dessas redes operantes em variados submundos, tal articulação geográfica entre os territórios estrutura algumas redes ilegais de sociabilidade e de distribuição das drogas em diferentes cidades.

As facções apropriam-se de espaços para transformá-los em áreas quase que exclusivas para o tráfico, mas suas fronteiras não são constituídas por limites estritamente físicos rígidos. São as disputas internas e externas na busca pelo poder que geram as forças que buscam articular os territórios do tráfico. Toda cidade sofre de problemas inerentes a este movimento ilegal e não se pretende estigmatizar erroneamente a cidade de Ituiutaba neste aspecto e sim trazer à tona parte desse submundo, que nos cerca, e que talvez não enxergamos vivendo na cidade.

A compulsão do vício personificado através do uso e abuso de drogas por parte de alguns indivíduos, assevera em alguma medida, a probabilidade do cometimento de atos violentos e fomenta o aumento da criminalidade e de tipos de crimes específicos no espaço urbano. Nesse sentido, usuários de crack por exemplo, segundo Ronaldo Laranjeira (UNIAD-USP), ‘produz dependência muito maior do que a da cocaína. Quem fuma crack, não faz mais nada na vida, além de fumar a droga. Às vezes, passam dois ou três dias fumando crack e só param quando não suportam mais fisicamente. Chama-se dependência, uma doença do cérebro.’ Não pretendemos estigmatizar usuários de drogas, sejam elas de diferentes tipos, mas perceber tal correlação com o avanço ou não da violência urbana.

A partir desse contexto, o relatório mundial de drogas do ano de 2016, do escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) nos fornece uma visão global sobre a oferta e a demanda acerca da cocaína, da cannabis, dos estimulantes do tipo anfetamina e novas substâncias psicoativas, assim como sobre o seu impacto na saúde. Se analisa as evidências científicas sobre o consumo múltiplo de drogas, sobre a demanda por tratamento por uso de cannabis e sobre outras tendências mundiais. Além disso, cerca de 12 milhões de pessoas usam drogas injetáveis. Esses dados revelam que o impacto do uso de drogas na saúde continua crescendo muito e essa realidade é preocupante. (ONU, 2016).

Nesse sentido, com relação a (in) segurança urbana e a manifestação crescente da criminalidade, o tráfico de drogas se instala onde a presença do Estado é fraca, onde o Estado de direito é desigualmente aplicado e onde existem oportunidades de corrupção. Se analisa a

influência do sistema de justiça criminal nos mercados ilegais e de medicamentos, bem como no uso de drogas a partir dos indivíduos que as consomem.

A prestação de serviços de tratamento e cuidados baseados em evidências para os infratores consumidores de drogas, como alternativa ao encarceramento, demonstrou aumentar consideravelmente a recuperação e reduzir a reincidência, mesmo assim, o dano social do vício do usuário de diferentes drogas é elevado e fomenta o crescimento da violência urbana na atualidade no Brasil.

Nesse contexto perverso, é necessário ressaltar que com relação a (in) segurança e violência urbanas, há um aumento substancial de crimes nos municípios brasileiros correlatos ao tráfico<sup>6</sup> de drogas, em função de sua dinâmica de distribuição das drogas ilícitas nas cidades brasileiras e das disputas pelo controle dos territórios.

Tal panorama com relação a (in) segurança e a violência urbanas já foi pontuada pelo jornalista investigativo Allan de Abreu (2017) em sua obra sobre a rota caipira, em que faz uma contextualização sobre o narcotráfico no principal corredor de drogas do Brasil, enfatizando a importância geográfica do Triângulo Mineiro e do interior paulista como rotas de distribuição de cocaína no interior do Brasil:

[...] A cocaína é irmã siamesa da corrupção e da ganância. Porque nenhuma outra mercadoria do planeta é tão lucrativa. **Quis o acaso da geografia que o interior paulista e o Triângulo Mineiro estivessem na rota do narcotráfico internacional. A região é um ponto estratégico, caminho entre os países produtores da droga – Colômbia, Bolívia e Peru – de um lado, e os grandes centros de consumo – São Paulo e Rio de Janeiro – de outro.** É pela rota caipira, como foi batizada, que se mede a pulsação da compra e venda de cocaína no Brasil. (ABREU, 2017, p. 18-19, grifo nosso).

De acordo com Abreu (2017) a área que é formada pelo interior paulista, Triângulo Mineiro, e também o sul goiano é considerada nevrálgica para o narcotráfico internacional. É um ponto estratégico na logística dos traficantes, por ser caminho e rota entre os países produtores na América do Sul, tais como Colômbia, Bolívia, Peru e Paraguai, como já especificados, ressalta-se que uma das estratégias utilizadas, em função do bom tempo na maior parte do ano e do relevo plano facilitam-se o pouso de pequenos aviões carregados de pasta base de cocaína, facilidades que tornaram a região o maior entreposto no Brasil do tráfico internacional em grande escala.

---

<sup>6</sup> Também consideramos que o tráfico de drogas se encontra disfarçado através de atividades ligadas ao meio empresarial para ocultar operações relativas a lavagem de ativos e ocultação de bens ilícitos.

As cidades de São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e Bauru de fato, possibilitam a construção de pistas improvisadas. A cana-de-açúcar, que domina a paisagem caipira é um importante aliado (estando baixa) para se visualizar qualquer operação montada policial. Quando mais alta e crescida, perto de ser colhida, camufla as diferentes aeronaves e se aumenta a dificuldade de repressão policial. (ABREU, 2017).

Para Abreu (2017) o lícito sempre se mistura ao ilícito e é dessa forma que operam as grandes redes do comércio de drogas, foi justamente na conexão caipira que a Polícia Federal com o apoio do DEA, descobriu um esquema grande do cartel de Medellín, entre os anos 80 e 90 para levar a droga até a capital paulista, os policiais do DEA se infiltram na organização do colombiano Juan Lopez Zuñinga, ligado a Pablo Escobar, para negociar um carregamento de cocaína e descobriram que Zuñinga estava diretamente associado aos irmãos Reginaldo e Rosenberg Tahan, empresários em Ituiutaba, para operacionalizar a rota. Eram 130 quilos de cocaína que partiu da Colômbia de avião até a Bolívia e em seguida para o triângulo mineiro, de onde seguiu em automóveis até um posto de combustível de Barretos, onde foi entregue aos dois agentes infiltrados, e foi naquele momento, que toda quadrilha foi presa, inclusive Zuñiga. (ABREU, 2017, p. 25-26).

A realidade atual, relativa aos últimos dez anos, portanto, precisa ser estudada e pesquisada, com relação a cidade de Ituiutaba e as relações de sociabilidade referentes a (in) segurança urbana. Para tanto, algumas áreas do conhecimento desenvolvem estudos referentes à criminalidade e suas articulações, mas em sua maioria se limitam a discussões sociais da temática. Assim, a Geografia vem se dedicando a uma discussão que não é em sua maioria abordada pelas demais áreas científicas, que é voltada a espacialização da criminalidade e que pode nos ajudar a compreender tal fenômeno.

Entretanto o tráfico de drogas, vai muito além da violência e da criminalidade em si, pois estrutura relações de sociabilidade que influenciam no cotidiano dos cidadãos. Nas áreas periféricas das grandes cidades, por exemplo, possui características diferenciadas, quando comparadas com sua influência nas demais áreas:

[...] Na periferia de maneira geral o tráfico de drogas é desorganizado e fragmentado, porque os grupos estão dividindo, em uma mesma favela, pontos de venda de drogas. Uma única favela com quatro ou cinco mil moradores pode ter seis ou sete pontos de venda, os quais, no Sudeste são chamados de “biqueiras”, ou “boca de fumo”, no Sul. Ou seja, são pontos fixos de venda de drogas, onde tem um grupo de jovens disponíveis para oferecer o produto à clientela. Assim o cliente vai até lá comprar o produto, e geralmente os traficantes e vendedores estão armados de forma mais ou menos ostensiva, dependendo da região. De outro lado, eles são estruturados, porque existe uma hierarquia mínima: geralmente existe o patrão da boca, ou seja, o dono,

aquele que investe o dinheiro, que compra a droga no atacado para repassar para o varejo; depois tem um gerente, que faz a contabilidade, que é responsável pela articulação da droga, pela montagem dos produtos, ou seja, da maconha, da cocaína, do crack. Geralmente esse gerente ainda é responsável pela administração dos jovens que participam do grupo, daqueles que são os vendedores, daqueles que são os matadores e da garotada que faz a vigilância da área. Ou seja, eles têm uma organização, mas não se trata de um crime organizado sofisticado como o PCC se tornou em São Paulo. [...]. Numa mesma favela podem existir dois patrões e, se isso acontece, a possibilidade de conflito é muito grande. Mas numa favela em que há um único patrão dominando todas as bocas de fumo, aí a região tende a ser mais tranquila, uma vez que o domínio monopolizado do varejo evita conflitos. Mas o problema do domínio monopolizado é que o patrão, o dono do varejo, se torna a referência de lei e ordem da comunidade, porque esse passa a ser um território da cidade em que a polícia entra, mas não fica, onde a polícia entra em confronto, prende drogas, troca tiros e depois sai. No dia a dia, o trabalhador que mora nessas regiões está vivendo sob as regras impostas por esses traficantes, e todos os estudos brasileiros têm mostrado que isso é assim em todas as cidades em que o tráfico se instalou na periferia; esse é um fenômeno que ocorre de Norte a Sul do Brasil. (SAPORI, 2017).

A partir desse contexto se consegue perceber o crescimento da atuação de algumas organizações criminosas no Brasil, dentre as quais, o PCC presente em São Paulo e o Comando Vermelho atuante no Rio de Janeiro. Conforme salienta o sociólogo Luís Flávio Saporì (2017) e ex-secretário de segurança pública de Minas Gerais entre os anos de 2003 a 2007, a partir de estudos sobre o tráfico de drogas em todo estado, existe uma ordem no tráfico; ou seja, eles não se matam o tempo inteiro, e o tráfico não é regido por psicopatas e matadores de aluguel. Dificilmente se identificam indivíduos com tal perfil psicótico, porque o tráfico como negócio, necessita de previsibilidade, precisa de certa paz. O traficante<sup>7</sup> sabe que brigas, mortes, conflitos, violências, denota certo prejuízo. Mas há disputas internas entre os que operam o tráfico e muitas vezes não são controlados e começam a se matar por motivos banais que ultrapassam os parâmetros de quem está administrando/controlando o negócio local.

Para Saporì (2017) o crack foi decisivo para o atual cenário, pois o seu consumo gera um grau de dependência química muito intensa. A maioria dos usuários de crack morrem mais assassinados que por outros problemas de doenças. A outra traição no mundo do tráfico é em relação a figura simbólica do X-9, é um dos maiores crimes neste submundo, pois o delator se torna um informante da polícia, e esse indivíduo, se identificado, não permanece vivo muito tempo, em função da sociabilidade violenta das redes ilegais.

No caso de Ituiutaba por exemplo, o terceiro entrevistado, o João Ribeiro morador do bairro Novo Horizonte, servidor público de 35 anos nos sinaliza sobre esse tipo de

---

<sup>7</sup> É preciso verificar a lei de drogas (11.343/2006) para se diferenciar a figura do traficante e do usuário na operacionalização das atividades do tráfico de drogas em todo o Brasil.

criminalidade, bem como afirma o primeiro entrevistado Pedro Fontoura, que é DJ e universitário, de 21 anos, morador do bairro Satélite Andradina através das seguintes falas:

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistado: Já. Já ouvi falar, mas aqui eu nunca vi. Nos outros era mais normal. Devido também ao período de tempo que eu tô aqui.

**Entrevistadora: Quais tipos de drogas nos bairros que você teve conhecimento?**

Entrevistado: Crack, maconha, cocaína, ecstasy, LSD.

Entrevistadora: Tem também? Mas qual seria então o perfil de pessoas consumidoras?

Entrevistado: Nos bairros periféricos mais crack e maconha, cocaína também, mas menos.

**Entrevistadora: Quais bairros periféricos você está dizendo?**

Entrevistado: É onde eu morei, por exemplo, eu morei no Portal dos Ipês, então nesses bairros como o Canã, 1 e 2, bairros como o Buritis, o Nadime Derze, do outro lado da cidade, sentido saída para São Simão, no Jardim Europa, nesses bairros mais novos, Nova Ituiutaba que fica próximo da UFU, seria mais que eu vejo, crack, maconha e talvez cocaína, e essas mais chiques, mais caras, seria mais, no centro da cidade, as pessoas mais elitizadas e em festas, que sempre acontecem boatos do pessoal usar.

Entrevistadora: Seriam quais drogas?

Entrevistado: A cocaína, o LSD, ecstasy.

Entrevistadora: Seriam o que? Festas afastadas da cidade?

Entrevistado: Não, não, festas mais chiques.

Entrevistadora: Hum, entendo. Seriam festas específicas com um perfil de pessoas com renda maior?

Entrevistado: Exato. João Ribeiro (servidor público, 35 anos).

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistado: Já.

Entrevistadora: O que você pode dizer a respeito disso?

Entrevistado: Posso dizer que parte desses garotos que estudaram comigo no passado e que foram meus colegas de escola, hoje são envolvidos com tráfico, são assaltantes, alguns estão presos, uns estão mortos e de certa forma, as parcelas das pessoas lá no bairro que ainda mechem com tráfico de drogas, ainda não foram apreendidas pela polícia e ainda trabalham com isso.

Entrevistadora: Tem geralmente a sua idade ou são um pouco mais velhos? São adultos? São jovens?

Entrevistado: Bom, se for considerar a minha idade, sim se for considerar a média, eles têm a mesma idade que eu. Fomos colegas no ensino fundamental e tínhamos sim mais ou menos a mesma idade, não com muita diferença de um para outro.

**Entrevistadora: Você sabe o tipo de droga mais ou menos? Mais comum.**

Entrevistado: A mais comum é a Maconha e a Cocaína. Pedro Fontoura (DJ e universitário, 21 anos).

Neste contexto, no início do ano de 2018 por exemplo, em Ituiutaba, para se evidenciar diretamente a (in) segurança e violência urbanas, a polícia militar descobriu, uma casa localizada no bairro Independência, que era usada por traficantes como laboratório para refino de entorpecentes. No local, foram apreendidos cerca de 191 quilos de maconha, 94 quilos de pasta base de cocaína e 16 quilos de fenacetina, substância misturada à cocaína. Os policiais entraram no imóvel, onde não havia ninguém, mas muitos materiais estavam sendo usados pelo tráfico de drogas. Além da grande quantidade de entorpecentes, foram encontrados um silenciador, várias munições, balanças de precisão, três fornos micro-ondas, embalagens, um

prolongador de pistola Glock, entre outros. (PCMG, 2018).

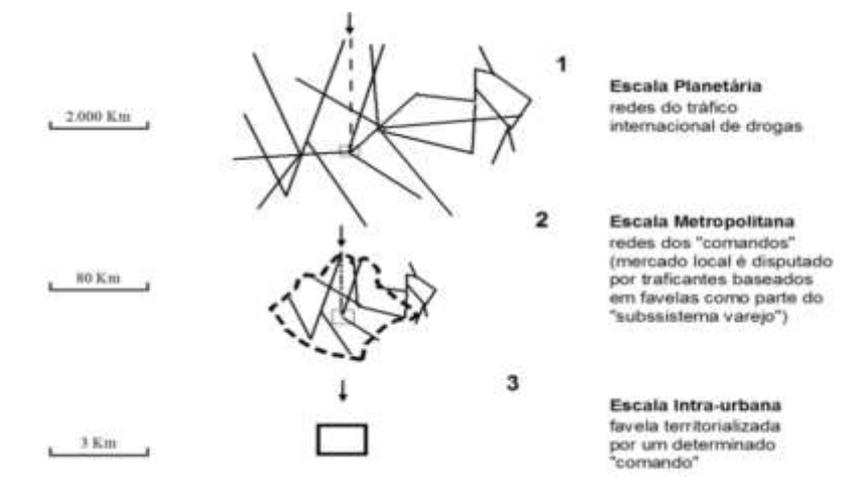
Outro caso correlato se deu, também no início de 2018, com a ação que contou com o apoio da Polícia Rodoviária Federal (PRF), de policiais militares e resultou na prisão de quatro pessoas. Os materiais e veículos foram levados para a delegacia de Ituiutaba junto aos presos. Um grupo foi detido pela Polícia Civil de Ituiutaba, por portar cerca de 31 Kg de pasta base foram apreendidos em compartimento falso de veículo. Segundo a Polícia Civil a droga era de origem boliviana e a abordagem do grupo ocorreu próximo a Monte Alegre de Minas, e que, posteriormente, os presos foram encaminhados a Uberlândia, conforme informações oriundas do site da polícia civil de Ituiutaba. (PCMG, 2018).

Esses exemplos mostram a importância e a magnitude das interações entre violência e (in) segurança em Ituiutaba, despertando nosso interesse, portanto, em buscar entender, a partir do contexto já exposto, como se dão essas relações de sociabilidade na cidade, como acabam por influenciar no cotidiano e se articulam com outros conteúdos e geram a sensação de (in) segurança.

Destarte, o bairro desempenha um papel fundamental para a organização espacial do tráfico nas cidades, de modo que, as sociabilidades são (re) dimensionadas como forma de expressão do fenômeno da violência urbana e da economia do crime essencialmente. É necessário se considerar o papel que as cidades ligadas as fronteiras do território brasileiro desempenham para as redes ilegais do tráfico.

Conforme Couto (2015) a partir de Marcelo Souza (1995) os bairros das diferentes cidades brasileiras estão inseridos em uma conexão que envolve a relação local/regional/global do tráfico de drogas no território nacional de acordo com a figura a seguir:

Figura 2: Organização espacial das redes do Tráfico



Fonte: Marcelo Souza (1995) adaptado por Couto (2010).

Essa relação a partir da organização territorial da figura 5 em que os grupos constroem a partir da incorporação do espaço nos bairros que sobrepõem outros tipos de territorialidades, porque atuam em redes que têm, de fato, o poder de (re) estruturar o espaço e (re) organizar os territórios a partir da atuação de atores que manifestam a ordem intencional de suas ações e por isso constrói formas de uso do espaço urbano que se diferenciam pelas particularidades que lhe são conferidas a partir da economia do crime ou como define Castells (1999) da integração perversa. Portanto, o comércio de drogas nos bairros das cidades brasileiras pode ser analisado mediante o entendimento da relação global/local ou local/global que envolve tal atividade ilícita de acordo com as ponderações de Couto (2015).

Há uma complexa relação que envolve a economia do tráfico e a economia urbana, pois o poder financeiro torna-se um elemento importante para facilitar as formas de organização espacial e territorial do crime, também há de se destacar o papel que os bairros nas cidades desempenham para este tipo de economia ilegal, como mercados consumidores, mediante o aumento do vício dos usuários de drogas, nas metrópoles e nas cidades médias.

A figura 6 demonstra algumas rotas utilizadas para distribuição de drogas em diferentes estados brasileiros. Como é perceptível, existe uma escala que perpassa estados da região Sudeste, dentre eles, o estado de Minas Gerais, que pode ser exemplificado pela operação Tiphon da Polícia Federal, deflagrada no ano de 2017, no município de Juiz de Fora.

Figura 3: A rota das drogas - Como agiam os traficantes (MG)



Fonte: Tribuna de Minas (2017)

É interessante analisar esses aspectos dos caminhos utilizados por traficantes para entendermos a articulação da rota caipira mediante a distribuição de drogas em diferentes municípios, através das diferentes BRs interligando todo o estado de Minas Gerais com outros municípios do interior.

A PRF sabe que a rota das drogas, incluindo a cocaína e a maconha, passa pelo Triângulo Mineiro quando vem em grandes quantidades. Já em volumes menores, existe uma rota que usa os ônibus de viagem entre o estado de São Paulo e o Nordeste do Brasil. Alguns carros de passeio também são alvo de fiscalização. Em julho de 2019, a PRF apreendeu cerca de quatro quilos de pasta base de cocaína escondidos no para-choque de um carro na BR-365, em Uberlândia, no Triângulo mineiro, por exemplo. (DENARC, 2019).

Para analisar esses aspectos em Ituiutaba, buscamos junto à Polícia Militar dados estatísticos acerca das apreensões de drogas, bem como do uso e consumo de usuários constantes e recreativos nos últimos 08 anos, que estão identificados a partir da tabela 8.

Tabela 8: Ituiutaba. Ocorrências de uso e consumo de drogas. 2011 a 2018.

<b>USO E CONSUMO DE DROGAS</b>									
<b>Soma de Qt Ocorrências</b>	<b>Ano Fato de uso e consumo de drogas</b>								
<b>Bairro</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>Total Geral</b>
<b>Aeroporto</b>			1		1				2
<b>Alcides Junqueira</b>	2	3	5	7	7	7	1	5	37
<b>Alvorada</b>	1	3	4	1	3		4	1	17
<b>Bela Vista</b>		1	1		1	1	1	1	6
<b>Brasil</b>			3	2	2				7
<b>Camargo</b>	1	1	1	2	1				6
<b>Carlos Dias Leite</b>		2	1				2		5
<b>Centro</b>	10	13	18	22	30	9	9	6	117
<b>Distrito Industrial Manoel Cancellia</b>			1	1					2
<b>Elandia</b>		5	2		1	1	1	1	11
<b>Eldorado</b>					1			1	2
<b>Gardênia</b>		2		1					3
<b>Guimarães</b>	1			1	1	1			4

<b>Vila Hélio</b>			1						1
<b>Independência</b>	1	1	2	3	8	3	2	2	22
<b>Desconhecido</b>	64	9	6	14	18	11	8	12	142
<b>Ipiranga</b>		2	1		2	3		2	10
<b>Jamila</b>						1	1	1	3
<b>Jardim do Rosário</b>		1	1			1			3
<b>Jardim Europa I</b>						1			1
<b>Jardim Europa II</b>							1	1	2
<b>Jeronimo Mendonça</b>		1	4		4		1	1	11
<b>Lagoa Azul</b>		1	4	1	1		1	1	9
<b>Maria Vilela</b>		1		1	3	3			8
<b>Marta Helena</b>	1	1	2	1	2	1	1	1	10
<b>Mirim</b>						1			1
<b>Morada do Sol</b>						1			1
<b>Nadime Derze</b>					1				1
<b>Natal</b>	1	3	3	12	5	2	3	5	34
<b>Nova Ituiutaba 3</b>								1	1
<b>Nova Ituiutaba 1</b>						1			1
<b>Novo Horizonte</b>		2	2	3	1	1	1		10
<b>Novo Mundo</b>		2	1						3
<b>Novo Tempo</b>	1	3	3	3	8	1	1	1	21
<b>Paranaíba</b>			1				1		2
<b>Pirapitinga</b>			2	4	4	3	1	1	15
<b>Platina</b>	1	1	2	3	4		1		12
<b>Progresso</b>	1	3	3	3	2		4	1	17
<b>Residencial Buritis</b>		2	2		4		1	1	10
<b>Residencial Camilo Chaves</b>				4					4
<b>Residencial Canãa</b>				2	3	1	2	1	9
<b>Residencial Drummond</b>			1		2				3
<b>Residencial Lisboa</b>								1	1
<b>Residencial Portal dos Ipês</b>					1				1

<b>Santa Edwirges</b>			1		3			2	6
<b>Santa Maria</b>			1		2				3
<b>Santo Antônio</b>			1						1
<b>São José</b>					3				3
<b>Satélite Andradina</b>	1		1						2
<b>Setor Industrial Antonio Baduy</b>				1					1
<b>Setor Norte</b>	1	3	15	11	5	2	2	1	40
<b>Setor Sul</b>	1	2	2	1	5	4	3		18
<b>Sol Nascente</b>		1							1
<b>Tiradentes</b>		1			1		1		3
<b>Tupã</b>					1	1	1		3
<b>Setor Universitário</b>		2	5	5		1			13
<b>Total Geral</b>	89	72	106	109	141	67	60	54	698

SIDS, 2019.

A tabela 8 nos mostrou acerca do uso e consumo de drogas em Ituiutaba. Mais uma vez a lógica dos segmentos médios aparece mais retratado pelo bairro Centro e Setor Norte, com mais ocorrências do que apenas os bairros tidos como periféricos como o Natal por exemplo. A tabela 9 retrata sobre a quantidade de ocorrências registradas na cidade correlatas aos crimes de tráfico de drogas e condutas afins entre os anos de 2011 a 2018 por bairro.

Tabela 9: Ituiutaba. Ocorrências de tráfico de drogas. 2011 a 2018.

Soma de Qtde Ocorrências	Ano Fato do crime de Tráfico de Drogas								Total Geral	
	Bairro	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017		2018
<b>Aeroporto</b>			1				1			2
<b>Alcides Junqueira</b>	5	5	4	6	12	4	6	11	53	
<b>Alvorada</b>	2	7	5	3	3	2	7	3	32	
<b>Bela Vista</b>	1				3	5	2	3	14	
<b>Brasil</b>		1	2	2	5	6	3	1	20	
<b>Camargo</b>	1	5	1	4	2	2	1	1	17	
<b>Carlos Dias Leite</b>					2	2		1	5	
<b>Carvalho</b>				2					2	
<b>Centro</b>	2	9	14	30	19	9	20	14	117	
<b>Cristina</b>			1					1	2	
<b>Distrito Industrial Antônio Baduy</b>							1		1	
<b>Distrito Industrial Manoel Cancellia</b>			1						1	

<b>Elandia</b>		3		2	3	2	2	1	13
<b>Eldorado</b>						1	2		3
<b>Esperança</b>					1				1
<b>Gardênia</b>		2	1	3	3	1	4	1	15
<b>Gerson Baduy</b>							1		1
<b>Gilca Cancellia Vilela</b>						5		2	7
<b>Guimarães</b>			1	3	2		1	2	9
<b>Vila Hélio</b>			1			1			2
<b>Independência</b>	2	5	5	4	5	5	6	5	37
<b>Desconhecido</b>	78	13	18	19	24	48	30	27	257
<b>Ipiranga</b>			1	2	6	3	1	6	19
<b>Jamila</b>			1	2	1		1	1	6
<b>Jardim do Rosário</b>		2	3	2	3	5		1	16
<b>Jardim Europa 1</b>						2			2
<b>Jardim Europa 2</b>							1	2	3
<b>Jerônimo Mendonça</b>		2	1	2	9	10	4	14	42
<b>Jerônimo Mendonça</b>						4	4		8
<b>Lagoa Azul</b>		3	4	3		3		1	14
<b>Maria Vilela</b>	3	1	5	3	2	2	2	3	21
<b>Marta Helena</b>		2		4	4	6	1	1	18
<b>Mirim</b>			2		1			2	5
<b>Monte Verde</b>		2							2
<b>Morada do Sol</b>						1	1	1	3
<b>Nadime Derze Jorge</b>					1	4			5
<b>Natal</b>	1	7	8	17	25	17	15	11	101
<b>Nova Ituiutaba 1</b>								3	3
<b>Novo Ituiutaba 3</b>	1	1	1	3	3			1	10
<b>Novo Mundo</b>		1	2	1	1	2			7
<b>Novo Tempo 2</b>	3	9	7	6	6	18	3	4	56
<b>NS Aparecida</b>		1		1	1	2			5
<b>Paranaíba</b>					1				1
<b>Pirapitinga</b>	1	3	2	9	12	11	6	4	48
<b>Platina</b>			2	3	5	4	2	2	18
<b>Progresso</b>	4	9	6	4	10	2	5	6	46
<b>Residencial Buritis</b>			3	3	3	2	1	2	14
<b>Residencial Camilo Chaves</b>				1	1				2
<b>Residencial Canaã</b>			2	3	1	4	2	3	15
<b>Residencial Cidade Jardim</b>								1	1
<b>Residencial Drummond</b>		1		3	1		1		6
<b>Residencial Jardim Estados Unidos</b>						1			1
<b>Residencial Monte Verde</b>							1	1	2
<b>Residencial Portal dos Ipês</b>							2		2
<b>Ribeiro</b>		1		1	1			1	4
<b>Santa Edwiges</b>	1				1	4		3	9
<b>Santa Maria</b>	1	6	3	2	4	2	3	1	22
<b>Santo Antônio</b>	1	1	1	1	1	5	2	1	13
<b>São José</b>		1	1		3	5	1		11
<b>Satélite Andradina</b>		1	2				3	1	7

<b>Setor Industrial Antônio Baduy</b>		1	1						2
<b>Setor Norte</b>	7	13	10	29	7	10	21	37	134
<b>Setor Sul</b>	2	3	5	1	9	7	4	2	33
<b>Setor Universitário</b>						2	4	4	10
<b>Sol Nascente</b>				4	3	1	3		11
<b>Tiradentes</b>			1		1	1			3
<b>Tupã</b>				1	1		1	3	6
<b>Vila Miisa</b>						1			1
<b>Total Geral</b>	117	123	131	192	220	248	192	204	1427

SIDS, 2019.

Desse modo, entendemos que no caso do crime de tráfico de drogas, a análise da espacialidade é bem parecida com a lógica da estigmatização dos bairros periféricos, mas que os números de ocorrências também se concentram em áreas centrais, nos identificando a compreender que não necessariamente somente a equação de bairros centrais versus os periféricos explica a sensação de (in) segurança e a manifestação dos crimes urbanos ocorridos nesses bairros. Para conhecer esse lado oculto da cidade foi preciso entrevistar os cidadãos locais e que nos detalham alguns fatos, memórias e experiências.

Após realizar essa contextualização acerca dos componentes estatísticos que permeiam a violência urbana, nos deteremos em analisar a construção simbólica das percepções de insegurança urbana em Ituiutaba, enfocando os relatos dos entrevistados, buscando compreender como os cidadãos reelaboram suas representações.

## **CAPÍTULO 2:**

### **ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA-MG: OS IMAGINÁRIOS DO MEDO**

*[...]. Tanto simbólica quanto materialmente, essas estratégias operam de forma semelhante: elas estabelecem diferenças, impõem divisões e distâncias constroem separações, multiplicam regras de evitamento e exclusão e restringem os movimentos. Muitas dessas operações são justificadas com conversas do dia-a-dia cujo tema é o que chamo de fala do crime. As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que tem o crime como tema contrapõem-se ao medo e à experiência de ser uma vítima do crime, e ao mesmo tempo, fazer o medo proliferar. [...] A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos. Ela divide o mundo entre bem e mal e criminaliza certas categorias sociais. Essa criminalização simbólica é um processo social dominante tão difundido que até as próprias vítimas dos estereótipos acabam por reproduzi-lo ambigualmente. (Teresa Caldeira, 2000, p. 9-10).*

Na presente seção apresentamos uma discussão acerca da estigmatização relacionada ao medo na cidade e seus pressupostos e iniciamos o debate acerca da associação da violência e pobreza atrelado ao sistema capitalista atual buscando responder ao seguinte questionamento “quais são os conteúdos da (in) segurança urbana encontradas em Ituiutaba-MG? ” realizando para isso uma complementação dos aspectos sociais, políticos, econômicos e levantamentos empíricos específicos de Ituiutaba.

#### **2.1 Os conteúdos da insegurança urbana em Ituiutaba**

A partir das entrevistas realizadas é possível traçar algumas análises de conteúdo, tendo relação direta com os objetivos desta pesquisa e que nos auxilia a compreender a sensação de insegurança em Ituiutaba. A epígrafe de Caldeira (2000) que inicia o capítulo 2 evoca a importância dessas narrativas dos cidadãos para compreendermos tal criminalização simbólica dos fenômenos em análise.

Assim, o medo aparece como um fator preponderante que causa a percepção da insegurança a partir dos atos tidos como violentos, isso ficou evidente em três entrevistas como forma de pano de fundo de determinados imaginários inerentes ao meio urbano. Nos cabe destacar por exemplo que a pesquisa Percepções da Crise, da Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicada em 2018, compara a evolução da percepção dos brasileiros em relação a outros 124 países. O dado mostra o Brasil como o segundo com maior medo de violência em 2017 e em que as pessoas mais têm medo de andar sozinhas a noite nas cidades. O primeiro é o Afeganistão, com 79%. Tal pesquisa nos revela que o fenômeno é típico das grandes cidades.

Mas destaca também que nos municípios maiores, 75% dos moradores sentem temor de andar sozinhos na rua escura. Já nas cidades menores, incluindo o campo, 61% têm essa percepção.

O conteúdo desta pesquisa é perceptível também em algumas das falas das entrevistas com relação à violência e a criminalidade urbanas no município de Ituiutaba e nos faz refletir que muitos outros conteúdos compõem tal noção da percepção de insegurança.

Nesse sentido para Nelson Lourenço (2013), a questão da segurança, na sua dimensão objetiva ou na sua dimensão subjetiva, ocupa um lugar destacado no quadro das preocupações da sociedade global. A violência, o crime e a segurança são conceitos reflexivos. A noção de modernidade permite integrar a análise da violência e segurança urbanas no quadro do processo de globalização, que desempenha um papel crucial na constituição da sociedade e dos processos sociais atuais.

Assume-se que o paradigma da globalização possui uma capacidade explicativa das mudanças sociais e culturais, sendo significativa a sua importância no quadro da moderna teoria social. A interação definida pela globalização e pela urbanização e a vulnerabilidade acrescida das cidades devido ao aumento da insegurança nos faz entender sobre a própria sociedade global conforme nos salienta Nelson Lourenço (2013).

No caso de Ituiutaba apresentaremos alguns conteúdos da insegurança urbana demonstrada pelos cidadãos e suas percepções experimentados e vivenciados que segue uma lógica de se culpar outros cidadãos de diferentes bairros da cidade, bem como de retratar sobre as relações conflituosas com a polícia local.

## 2.2 O lado oculto de Ituiutaba narrado pelos cidadãos

(...)The devil has got his hooks on you  
 You are racing his clock  
 His plastic paradise won't last  
 You've got a no future and no past  
 Anyone can see your eyes  
 Excuse me hell is full of lies  
 Please, don't do it no more, don't do it no more, no more  
 Junkies are sentimental.  
 Nina Hagen, Smack Jack, 1982.

A epígrafe que abre este tópico se refere a uma música da cantora alemã Nina Hagen, no auge dos anos 80, que nos evidencia o lado oculto do vício em drogas e que serve como metáfora poética, para nos fazer compreender a imersão neste universo mais marginalizado da cidade.

Nesta dissertação optamos por entender as novas práticas espaciais de combate à violência que são adotadas por particulares porque desejam preservar/alcançar um tipo de segurança não mais garantida pelo Estado. Por isso foi fundamental entrevistar os cidadãos de Ituiutaba para apreender melhor esse lado oculto da cidade, guardado nas impressões subjetivas de seus moradores.

Para Pedrazzini (2006) a violência é uma forma exasperada de motivações interrompidas pelas políticas de segurança e de segregação, nos resta no meio urbano, verificar uma paisagem devastada pela miséria, imóveis deteriorados, amontoado de sucatas e lixos, almas solitárias e que aos poucos um sentimento de insegurança permeiam as representações sociais de uma parcela crescente de cidadãos, sem compreendermos de fato o que oculta o termo insegurança, que diz respeito à um sentimento difícil de se explicar racionalmente e que não pode ser descrito com precisão.

Esse lado oculto, segundo Pedrazzini (2006) incorpora o novo regime de injustiça social absoluta e leva a violência e a insegurança como fenômenos que participam da identidade urbana, em que discursos já pré-estabelecidos preferem atacar as favelas (termo genérico morfológico para falarmos dos bairros pobres) do que combater a violência (real e simbólica) e a insegurança (incerteza) do meio urbano como espaço de desigualdades e da violência da globalização.

Para conhecer esse lado foi imprescindível entrevistar cidadãos diversos para chegarmos perto desta realidade oculta da cidade. A seguir foram selecionados trechos que

retratam algumas especificidades sobre o contexto da insegurança e da violência. Reunimos neste tópico os principais apontamentos sobre a situação em Ituiutaba e que nos dá um panorama sobre os bairros e as vivências lembradas pelos cidadãos entrevistados, que são importantes e reforçam a insegurança e a fragmentação socioespacial, ao passo que alteram a coesão socioespacial da cidade.

O cidadão residente do bairro Satélite Andradina, Pedro Fontoura, nos conta sobre o contexto da insegurança vivenciado por ele em Ituiutaba:

**Entrevistadora: A que atribui esse aumento da violência na cidade?**

Bom, eu acredito que tenha aumentado por um fator econômico, antigamente havia muito assalto localizado no meu bairro, onde pessoas de outros bairros, como o bairro Pedreira, por exemplo, que é vizinho ao Alvorada, que era um bairro vizinho do Satélite Andradina iam e saiam do meu bairro para assaltar terrenos, assaltar casas, pessoas, depois retornavam para os seus bairros de origem, é, hoje nem tanto no meu bairro, mas essa concentração de crimes está localizado mais nesses bairros recentes da cidade como o Canãa, esses novos residenciais que foram criados pela prefeitura e essa é a percepção que eu tenho, as pessoas tem tido uma dificuldade maior para encontrar emprego, em decorrência disso elas tem optado pelo lado mais extremo de viver e optar por essa criminalidade para poder conquistar algo. Pedro Fontoura (21 anos, DJ e universitário).

**Entrevistadora: Você sabe de alguém que já sofreu algum tipo de violência por aqui?**

Entrevistado: Violência também envolve agressão?

Entrevistadora: Hum, sim.

Entrevistado: Ah... Sim, até alguns conhecidos que estudaram comigo, no período de escola, de ensino fundamental, que eu estudava lá no bairro...

Entrevistadora: Qual escola mais ou menos?

Entrevistado: Escola Ayda Andrade Chaves. A municipal que tem lá. Eu fui aluno de lá e alguns desses alunos que passaram por esta instituição também que moravam, porque eles faleceram devido a tráfico, a acerto de contas dentro do próprio bairro, se fazem presentes nesse contexto de violência dentro do bairro.

Entrevistadora: Isso tem muito tempo? Uns 10 anos? 12 anos? É recente? Assim que você se recorde.

Entrevistado: Eu diria que uns 5 ou 6 anos. Desde que um dessas pessoas que estudou comigo foi morta por uma outra pessoa que também estudou comigo, devido a essa relação de tráfico de drogas e acerto de contas por dívida.

Entrevistadora: E eram colegas próximos?

Entrevistado: Sim. Pedro Fontoura (21 anos, DJ e universitário).

**Entrevistadora: Você ou alguém próximo já foi vítima de violência? Qual tipo?**

Entrevistado: Eu já fui vítima de violência. Tentativa de assalto da minha moto, já tive bicicleta, celular furtados de mim também, quando era mais novo, minha vizinha que eu considero como vó de criação minha também já foi assaltada, ah... algumas mulheres lá do meu bairro que já foram estupradas no passado, justamente por essas rotas do bairro Zoonoses, saída da Pedreira, que hoje tem uma estrutura um pouco melhor como iluminação pública, mas que ainda são escuros e algumas vias secundárias que as pessoas utilizam para se locomover justamente para um atalho do Satélite Andradina e o Centro e onde elas já sofreram esse tipo de abuso sexual. Pedro Fontoura (21 anos, DJ e universitário).

É interessante perceber que os bairros abertos recentes figuram como sendo lócus de episódios e ou vivências correlatas ao contexto de insegurança da cidade e nos evidencia o quanto as questões sociais como desemprego, desocupação, desestruturas de toda ordem, podem afetar a manifestação de crimes no espaço urbano, sobretudo, com relação ao uso e consumo de substâncias ilícitas na cidade e na quantidade de drogas apreendidas, conforme nos especifica o professor Marcelo Silva:

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistado: Tráfico assim a gente não vê falar, mas é uma coisa que, como se diz, por a gente não ser da polícia, fica a pensar como as coisas funciona.

Entrevistadora: Mas já ouviu falar? Algum movimento? Alguma coisa que seja expressiva com relação a isso?

Entrevistado: Não, assim, vê a gente não vê. Que deve existir, deve, né. Acredito que na cidade inteira exista, pelas grandes apreensões de drogas que acontece na cidade, acredito que exista em qualquer lugar na cidade, eu acho que pode ter alguns lugares mais localizados, mas em todos os lugares existam. Marcelo Silva (49 anos, professor).

**Entrevistadora: Como você conclui que a violência aumentou?**

Entrevistado: Eu volto sempre no mesmo ponto. Eu acredito que por trás disso aí está a questão da família e drogas, pessoal principalmente, com esse tipo de violência que acontece, são pequenos furtos, arrombamentos, são menores que querem dinheiro para comprar droga. Eu penso dessa forma.

Entrevistadora: Nesse sentido?

Entrevistado: Eu penso dessa forma. Marcelo Silva (49 anos, professor).

Assim, conforme nos fala o cidadão João Ribeiro do Bairro Novo Horizonte, em Ituiutaba, os bairros mais centrais figuram como os mais seguros por serem mais policiados do que os menos centrais e relata experiências pessoais isoladas vivenciadas no contexto da insegurança:

**Entrevistadora: A cidade de Ituiutaba é violenta? Há insegurança?**

Entrevistado: Sim e não, ao mesmo tempo, o que acontece, no centro da cidade há uma maior sensação de segurança, devido ao Batalhão estar no centro da cidade, a questão do Olho Vivo, mas nos bairros periféricos, é onde você vê a questão da violência, isso ocorre em qualquer cidade do nosso país em tese, o centro tende a ser a área mais segura. Porém esses bairros que eu morei, no primeiro bairro que eu morei, teve um assalto.

Entrevistadora: Que foi qual bairro?

Entrevistado: No Platina, na verdade não foi assalto, foi um furto. A pessoa entrou e roubou só coisas pequenas que depois eu descobri quem era a pessoa, que era da Apac, ele entrou para roubar coisas pequenas, para depois vender e comprar drogas.

Entrevistadora: Entendi. Então você percebe que a cidade ela é violenta em alguns pontos específicos.

Entrevistado: ahã. E em algumas épocas também, por exemplo...

Entrevistadora: Quais épocas?

Entrevistado: Por exemplo, esse ano nem tanto, porque não teve a exposição, mas quanto tem a exposição antes, costuma ocorrer mais assalto, vamos dizer final de ano, tem as festas de Natal e da Virada do ano, tem também mais assaltos. Há anos atrás

quando tinha o Carnaval, reconhecido aqui na região, sempre no mês de janeiro, quando o Carnaval...em fevereiro... o índice de assaltos e roubos aumentava, para as pessoas levantarem dinheiro, no caso esses meliantes, para poder usufruir da festa. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

## **2. A que atribui esse aumento da violência na cidade?**

**Entrevistadora: Na sua visão, qual seria de fato o fator que aumentaria essa violência aqui em Ituiutaba?**

Entrevistado: Vários fatores. O primeiro foi de as usinas terem fechado, as vezes de não terem acesso ao mercado de trabalho por ser um pouco restrito, em alguns setores. A influência querendo ou não do Capitalismo, desse consumismo, que influencia todo mundo a querer algo, às vezes, de preço elevado e a pessoa não conseguir, as vezes também muito da falta de oportunidade, ou a falta de vontade da pessoa trabalhar em si e procurar um meio mais fácil de conseguir as coisas.

**E aqui no seu bairro, como é a situação? Você considera que ele é violento?**

Entrevistado: Nesse que eu moro por ter pouco tempo que eu moro aqui, eu ainda não percebi, não como morador, não percebi, mas como eu frequento a universidade, então tem relatos, que dependendo do horário, e geralmente se for mulher ou até mesmo homens, tem incidências de roubo e de criminalidade, nos outros bairros aonde eu morei, um por ser um condomínio semifechado, era mais tranquilo. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

Nesse sentido, o condomínio Portal dos Ipês também figura entre os espaços da cidade envoltos da (in) segurança urbana e o cidadão entrevistado especifica também algumas memórias sobre as praças e usuários de drogas que usufruíam desses espaços:

**Entrevistadora: Era qual?**

Entrevistado: O Portal dos Ipês, que foi o segundo bairro, no outro, no primeiro bairro aonde eu morei aqui na cidade, que foi o bairro Platina, o local em específico não é tão violento, mas a rua que eu morava era, por causa que era a rua principal e que ligava duas outras aqui da cidade, que ligava a avenida 17 com a avenida 7, e a minha casa era próximo de uma praça onde tinha muitos usuários de drogas.

**Entrevistadora: Qual praça?**

Entrevistado: Não vou me lembrar o nome. Ficava próximo do Boi gordo, do antigo Boi Gordo. Era uma loja agropecuária antiga, hoje não existe mais. A minha rua era próxima da dos taxistas. Saía das praças dos taxistas e passava na praça dos taxistas, ficava na 17, ela subia passava em outra praça, no centro do bairro Platina, que ligava ao Centro, como o movimento nas duas avenidas é muito grande, ela tinha constante fluxo de pessoas, e a praça geralmente o pessoal usava entorpecente. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

Os entrevistados narram suas perspectivas e algumas considerações importantes sobre o cotidiano da cidade a partir de suas vivências. Apontam o sistema capitalista atual, mediante as desigualdades e o desemprego na cidade, como sendo a mola propulsora para muitas atitudes e condutas ilícitas e que são atribuídas ao público mais jovem em função da centralidade universitária em expansão:

**Entrevistadora: Como você conclui que a violência aumentou? O que seria o fator mais preponderante? O principal que faria essa violência aumentar na cidade, na sua visão?**

Entrevistado: Tem vários fatores, um foi das próprias usinas próximas da cidade terem fechado, fazendo aumentar o fator desemprego e isso não relativo a esse ano, mas há anos atrás, então vai aumentando. Esse é um dos motivos. A vinda da usina, a pessoa veio e começou a morar aqui, achou a cidade melhor e não voltou, devido ao desemprego não quis voltar, por causa do desemprego as vezes aumenta o crime e as vezes ele começa a usar drogas, começa a usar e ficar dependente, as vezes a pessoa até trabalha, mas o seu salário não sustenta o seu vício, então ele procura uma maneira extra de ganhar dinheiro para poder usar esse tipo de ilícito, talvez também por ter aumentado as universidades aqui.

**Entrevistadora: Expansão das universidades aqui? Esse seria um fator para?**

Entrevistado: Para a questão da criminalidade, por exemplo, aumentou o número de universitários e aumentou o número de jovens, dependendo da pessoa, se ela tiver o animus de realizar o crime, aquela pessoa mais nova, dependendo as vezes a mulher está saindo num final de semana, numa festa...

Entrevistadora: São fatores que na sua concepção integram essa violência em Ituiutaba?

Entrevistado: Da violência. E o consumo de drogas devido ao aumentar o público jovem, geralmente sempre usam mais. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

**Entrevistadora: A realidade local de Ituiutaba, o que é possível por exemplo, com o que você trouxe da questão das armas? O que é possível dizer? Sobre essas duas vertentes do tráfico de drogas e sobre as armas na cidade? De criminalidade e violência urbana.**

Entrevistado: Elas acabam estando ligadas... o que que acontece... o que eu vejo aqui na cidade de Ituiutaba, é um pouco diferente de outros lugares.

Entrevistadora: Como que é?

Entrevistado: Pega um exemplo, o Rio de Janeiro eles... quem mexe com o tráfico de drogas geralmente setoriza, tem um morro e quem é do morro x não vai no morro y ... aqui não.

Entrevistadora: Questão de território, né? Territorial...

Entrevistado: Exato, aqui não, você pode ver que não tem muito isso de guerra de gangues, porém eles geralmente andam armados por questão de trazer a droga de outro lugar, as vezes querendo confronto de enfrentar a polícia militar, as vezes talvez, a arma não é para se defender aqui, mas quando for revender a droga daqui para outro local, ou quando estiver trazendo de um outro local para cá.

Entrevistadora: Essa questão do tráfico de drogas tem a ver com a movimentação de armas em Ituiutaba ou na região? Ou você vê que não tem nada a ver uma coisa com a outra?

Entrevistado: Creio eu que sim. E também pode ser igual falei, questão da localização geográfica da cidade, muita das vezes essa arma vem fica aqui e passa e vai para outro local, aqui é um entreposto, já a questão de droga, devido ao aumento das universidades, querendo ou não todo mundo sabe que, universitário usa esse tipo de ilícitos.... Deixa ver o que eu mais que eu vou falar...

Entrevistadora: Com relação por exemplo ao perfil de pessoa, o que você pode falar com relação a isso? São mais de classe média? Mais periféricas? É misturado?

Entrevistado: É o que eu falei, isso vai muito do tipo de droga que a pessoa vai usar. No meu ponto de vista, maconha todos usam, tanto quem é baixa renda ou mais elitizado. Mas, porém, igual o crack, geralmente mais quem é baixa renda, cocaína que é uma droga mais cara é mais quem é elitizado, essas outras drogas químicas, o LSD, o ecstasy geralmente quem é mais elitizado, e geralmente você vê onde aumenta o consumo em alguns tipos de festas.

Entrevistadora: Hoje em Ituiutaba você poderia dizer por exemplo, a cocaína, ecstasy e LSD você consegue traçar o perfil do consumidor da droga em alguns bairros específicos ou não? Ou você acha que isso pode ser generalizado?

Entrevistado: Vamos dizer essas químicas sintéticas que o consumo delas é maior em festas.

Entrevistadora: De raves, de baladas, festas?

Entrevistado: Isso. Alguma festa diferenciada digamos assim, uma festa que acontece anualmente, e já a cocaína não tanto nas festas como usualmente o consumidor desse ilícito. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

O servidor público João que é ligado a área de segurança, nos aponta algumas especificidades sobre o consumo de drogas em Ituiutaba bem como a existência de bocas e/ ou biqueiras em alguns bairros e diferencia isso mediante o uso de entorpecentes, mais adiante, o estudante José Santana também aponta através de suas memórias um episódio envolvendo conflitos em seu bairro:

**Entrevistadora: Para finalizar... a cidade tem bocas de fumo?**

Entrevistado: Tem.

Entrevistadora: Você poderia apontar de forma generalizada em que bairros isso seria mais perceptível?

Entrevistado: Mais perceptível são nos bairros periféricos, Natal, Junqueira, Nova Ituiutaba, Jardim Europa.

Entrevistadora: E na sua visão e os bairros elitizados? Existe boca de fumo?

Entrevistado: Aquela boca de fumo digamos clássica que a gente vê em filme, aquelas coisas não, geralmente tem as vezes, creio eu que o vendedor deve entregar a domicílio na área desses bairros mais elitizados.

Entrevistadora: Que seriam na sua visão? Quais seriam mais?

Entrevistado: O centro, o setor sul, aquela área central mesmo da cidade que se tem a visão de bairros mais elitizados, no bairro Drummond, o Baduy.

Entrevistadora: Independência, Tupã?

Entrevistado: Independência... sim. Tem uma parte dele que tem um pessoal mais elitizado, ali mais para o lado do Junqueira, aí ali já tem um pessoal mais classe média. João Ribeiro (35 anos, servidor público).

**Entrevistadora: E aqui no seu bairro, como é a situação? Você considera que ele é violento?**

Entrevistado: Não, violento não. Assim, já teve época que já foi muito violento, mas hoje em dia é um bairro tranquilo.

Entrevistadora: Qual época que foi violento? Você lembra?

Entrevistado: Na época de 2008 até na minha saída daqui tinha muito drogado, entendeu? Então assim, acontecia muitas brigas na rua e não tinha hora certa de acontecer, principalmente com pais de família sentados lá fora, e vinha aquele transtorno lá de cima, até passar por famílias que estavam sentadas perto da sua casa. José Santana (19 anos, estudante).

A cidadina do bairro Natal nos esclarece sobre o contexto da insegurança urbana naquele espaço e sobre o contato com a movimentação e fluxos de pessoas que operam nesta logística e que conhecem desde que eram crianças até os dias atuais, mas que “não oferecem nada” a sua família, logo após relata sobre a centralidade da praça que possui contato aonde mora:

**Entrevistadora: Você sabe de alguém que já sofreu algum tipo de violência por aqui?**

Entrevistada: Assim assalto mesmo?

Entrevistadora: Assalto, agressão.

Entrevistada: Olha a gente fica sabendo..., mas eu não conheço, mas a gente fica

sabendo. Principalmente aonde eu trabalho aqui no bairro Natal, é a divisão do bairro Natal com o Novo tempo 1, então é um local muito perigoso aonde eu trabalho e a gente fica sabendo de muita coisa. É muita droga, é beira de córrego é muito perigoso, tem muito marginal. Então é gente que fala assim... ah é.... fulano foi preso, estava assaltando a mão armada, clonando cartão, então tudo isso aí é violência né?

Entrevistadora: Até clonagem de cartão? Mas assim... histórias que vocês ficam sabendo ou a senhora já conheceu de fato alguém do bairro, que era conhecido, que era famoso....

Entrevistada: Não. Alguém do bairro que foi assaltado, que foi... pouco tempo agora, minha tia saindo do trabalho e ela trabalhava no Hospital Nossa Senhora da Abadia e ela saiu de casa 05 h e 30 para pegar o ônibus...

Entrevistadora: As 05 e meia da manhã?

Entrevistada: Isso 05 e meia da manhã, já estava de dia já. Aí o cara correu atrás dela e tomou a bolsa dela... só que aí outras pessoas viram e ele acabou largando a bolsa e tudo. Mas ela caiu e machucou o joelho, machucou o braço...

Entrevistadora: Foi recente isso?

Entrevistada: Faz pouco tempo, foi esse ano.

Entrevistadora: Nossa, isso aqui no bairro Natal, ela também mora aqui?

Entrevistada: Isso, aí ela mudou daqui agora, né...ela foi embora para Uberaba, foi morar com o irmão dela lá em Uberaba.

Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistada: Já, muito.

Entrevistadora: Alguma história que possa vir à tona? De algum conhecido?

Entrevistada: Sim. Assim, mexe a gente sabe que todo mundo sabe, e que a gente pensa assim, a qualquer momento vai ser pego. Então a gente... graças a Deus, nunca ofereceu para gente aqui em casa. Eu tenho mais duas filhas e tenho mais netos e graças a deus, para minha família, nunca ofereceram nada. Mas a gente conhece que era criança, e com hoje mexe com as coisas erradas.

Entrevistada: Mexem com drogas no caso e vivenciam no bairro. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

A fala da cidadina Luciana Nogueira nos retrata sobre o imaginário do medo incidindo diretamente na sua apropriação e vivência em Ituiutaba, na medida em que se sente insegura e evita de transitar a noite na praça, por considerar um lugar perigoso, nos demonstrando a relação entre a insegurança e a fragmentação do espaço vivido:

**Entrevistadora: E nos espaços públicos (ruas, praças, parques) você também se sente inseguro?**

Entrevistada: Olha principalmente nas praças, né. Aonde a aglomeração de menino... nós estamos falando do bairro Natal, essa praça aqui do bairro Natal, a polícia está ali...

Entrevistadora: Qual é essa praça do bairro Natal? Eu passei ali mesmo e vi um posto policial, bem aqui próximo...

Entrevistada: Isso, é aquela praça mesmo.

Entrevistadora: Qual é o nome dela?

Entrevistada: Praça do Bairro Natal Céu. E aí a polícia está ali e fica cheio de marginal, eu particularmente não vou para a praça a noite de jeito nenhum e conforme for se eu tiver passando e as vezes tem dia que eu tenho que buscar meus netos na escola, e se eu tiver passando as vezes eles pedem para poder ir brincar, porque tem uns brinquedos ali, conforme tiver gente ali eu nem vou, porque é perigoso.

Entrevistadora: Existe usuários de drogas por ali?

Entrevistada: E muito e do lado da polícia aonde era um posto de saúde de primeiro, eles acabaram com o posto de saúde, assim o posto mudou para outro lugar e ficou a casa, no caso a casa e era uma casa com 3 quartos, cozinha, fez a casa e um posto, e

aí nos quartos eram os médicos atendendo, dois banheiros, e aí a sala no caso poderia até oferecer para uma pessoa morar no caso né... eles depredaram e acabaram com tudo ao lado do postinho da polícia... então... polícia então não resolve nada né... que ali deixou acabar. . Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

E ainda nos retrata sobre a sua rotina de trabalho e o contato com jovens e/ ou adolescentes que querem acesso a uma muda de plantas, para revender posteriormente e o dinheiro ser revertido em pedras (o que nos induz a pensar no crack, em função do preço popular) e a abordagem que foi feita a entrevistada, bem como ao seu medo frente a esta realidade:

**Entrevistadora: Essa violência influencia em seu cotidiano? Como?**

Entrevistada: Olha, é eu acho que a gente fica muito insegura né... eu não sei se estou te respondendo direito...

Entrevistadora: Está... não se preocupe em responder certo ou errado não. É o que a senhora entendeu. Essa violência que a gente está conversando aqui agora e que a senhora já percebeu na cidade toda e também aqui no bairro Natal ela influencia na sua vida? Como que ela influencia na vida da senhora?

Entrevistado: Influencia porque a gente fica com medo, eu por exemplo, fico no meu trabalho fico com medo o tempo todo, o tempo todo sabe, e esses dias eu estou trabalhando sozinha, só com Deus né...fico lá o dia todo sozinha, abro, fecho, fecho para o almoço, venho abro de novo, e tem que andar lá dentro e é cheio de marginal toda hora você vê um sabe, gente que entra e nem pede licença para entrar, quando você vê está dando de cara com a pessoa, então assim convivendo com o medo mesmo o tempo todo,

Entrevistadora: É assim a senhora fala da sua percepção como mulher? Que no caso a senhora se sente mais alvo do que um homem?

Entrevistada: Humrum.

Entrevistadora: A gente pode dizer isso por exemplo? Que a senhora trabalhando sozinha ali...

Entrevistada: Eu já falei até com minha chefe, que eu não quero ficar aqui trabalhando sozinha, não quero porque é cheio de mato para todo lado e quando esses dias para trás mesmo... eu estava lá e aí chegou... quando eu vi eram uns 8 moleques perto de mim: Dona, dá uma muda para nós? ... aí eu falei assim: Vocês querem muda de que? “ Ah a gente quer uma muda assim... mas nós vamos dizer para que que nós queremos... nós queremos essa muda para nós vender e para nós pegar o dinheiro pra nós comprar nossa pedra”. Aí se eu não desse... e aí se a gente não der eles depredam o viveiro, no outro dia você chega lá tem cano todo quebrado e bagunçado, é muda jogada e esvaçada e aí eu peguei e fui dar uma muda para eles, aí eu falei assim, espera aqui que eu vou lá dentro para ir buscar (e eu estava sozinha) aí estava descendo um caminhoneiro que eles pegam água lá no poço lá e eles pegam água no poço, o caminhão da prefeitura, aí o cara foi lá...

Entrevistada: E aí ele foi e preocupou e eles foram atrás de mim... e aí ele chegou e falou... “Não faz isso, né”. O que que eu ia fazer? Esses moleques pegam a senhora e isso é perigoso”. Então esse é o meu maior medo, sabe... por ser frequentado por marginal mesmo e que a gente fica à mercê deles né...o tempo todo e quando está com homem isso é diferente...

Entrevistadora: Isso foi recente? Esse ano ainda?

Entrevistada: Sim, foi. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

Um outro depoimento marcante é do cidadão Alex Santiago que expressa não frequentar alguns espaços de Ituiutaba, em função da insegurança vivenciada por ele, bem como uma

violência sofrida num outro momento e que nos denota uma possível correlação com a fragmentação em função do evitamento com o espaço, mas que não chegou a registrar oficialmente junto aos órgãos de segurança tal episódio vivenciado:

**Entrevistadora: Você evita de ir em algum espaço público de Ituiutaba? Por quê? Qual espaço é esse?**

Entrevistado: Sim, no pagode, porque tem muita briga lá, tem tiro, bagunça.

Entrevistadora: Mas que pagode é esse?

Entrevistado: Se chama Arena. E lá eu não vou de jeito nenhum.

Entrevistadora: A Arena seria o que uma boate?

Entrevistado: Não, um pagode e geralmente é no dia de domingo.

Entrevistadora: Fica aonde?

Entrevistado: Na 17 do lado do posto da 17.

Entrevistadora: Então lá você não vai de jeito nenhum?

Entrevistado: Não. Alex Santiago (Motorista, 28 anos).

**Entrevistadora: Você ou alguém próximo já foi vítima de violência? Qual tipo?**

Entrevistado: Eu já fui já. De coronhada, com um cano de revólver no cílio aqui.

Entrevistadora: Mas você estava aonde na cidade?

Entrevistado: Eu fui fazer uma corrida e os caras me renderam, cheguei lá e colocaram uma arma na cabeça e me levaram para um bairro, chamado Santa Edwiges, arrancou meus pertences, celular, relógio, correntes, roubou meu carro.

Entrevistadora: Aí você teve que comprar outro carro?

Entrevistado: Não, o carro soltou no mesmo dia, mas os pertences eu nunca mais achei.

Entrevistadora: Foi em 2019? Fez BO?

Entrevistado: Sim, não...acho que não. Alex Santiago (Motorista, 28 anos).

Já o cidadão Heleno Perez nos relata sobre o crescimento da violência e insegurança em cidades médias e apresenta como resposta o agravamento das crises das questões sociais no Brasil, como é o caso da educação e do desemprego, bem como nos alerta sobre o fator da impunidade como forma de ser um aspecto central do aumento da insegurança na atualidade e detalha sobre a sua atuação profissional na área criminal em Ituiutaba. Também nos relatou sobre o contexto do exercício da advocacia criminalista na cidade chamando atenção para os vícios inerentes a competição e a concorrência no mercado:

**Entrevistadora: E porque isso assim na sua visão?**

Entrevistado: É porque a criminalidade ela está migrando...né... dos grandes centros para as cidades menores, porque tem aquela facilidade para se cometer o crime, então uma cidade tipo Uberlândia hoje que tem uns 700 ou 800 mil habitantes por exemplo, ela já é uma cidade em uma proporção que equipara os grandes centros em termos de criminalidade e Ituiutaba também em proporção, ela está se tornando de pouco a pouco, ficando violenta. Você vê já muitos homicídios e muito tráfico de drogas, menores cometendo crimes e é isso.

**2. A que atribui esse aumento da violência na cidade?**

Entrevistado: Olha... a onda dos fatores aqui tem alguns, por exemplo, a impunidade. A lei no Brasil ela é uma fantasia, cria-se leis, leis, mas são leis assim frouxas...né... e o cara criminoso ou menor, comete o crime já sabendo que não vai ficar muito tempo na cadeia, então isso daí já é um incentivo para a criminalidade, enquanto não se tiver leis mais rígidas, severas e a pessoa sabe que se for para cadeia ele vai cumprir...aí não vai diminuir porque a criminalidade jamais vai acabar, nem se tiver pena de morte,

mas ela pode diminuir. E o outro fator, é a falta de investimento em educação, em lazer, a oportunidade para trabalho, um monte de jovens aqui na nossa cidade não tem oportunidade para trabalhar, então as vezes ele tem uma vontade de querer um tênis, um celular...e então o que acontece... aí ele acha mais fácil cometer aquele crime do que tentar achar um emprego, mas nem sempre se tentar arrumar um emprego ele vai conseguir, não só aqui, mas no Brasil como um todo. São mais de 12 milhões de desempregados, então falta investimento, uma política séria para se investir na educação e no emprego para ver se diminui né... Heleno Perez (Advogado, 57 anos).

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistado: Ah tem muito né... ali. Não só o tráfico, mas muitos usuários, e dá muito usuários de drogas na praça.

Entrevistadora: O que você pode falar em relação a sua atuação profissional nesse sentido? Como que é o tráfico de drogas em Ituiutaba num sentido da seara jurídica? O que você pode trazer de experiência profissional?

Entrevistado: Olha...antigamente...eu já atuei muito na área criminal. Há mais ou menos uns 10 anos atrás, mas hoje eu quase não atuo mais na área criminal, mas porquê? É porque a área criminal virou uma... um tipo de... **prostituição jurídica**, em que os próprios advogados que se dizem criminalistas, eles não se valorizam, eles não se valorizam, eles defendem os criminosos aí a preço de banana, eles não... e se você dá um preço... eles diminuem bastante esse preço para pegar o serviço entendeu? E quando você pega o serviço ou a causa, alguns profissionais aí ainda tentam denegrir a imagem do colega falando que com fulano vai demorar, mas que ele consegue liberar mais rápido... essas artimanhas para pegar o serviço. Então eu filtrei muito atuar na área criminal, só em casos específicos assim, bem selecionados.

Entrevistadora: Você já teve assim alguma atuação em processos de tráfico de drogas?

Entrevistado: Já. Vários. Foi tranquilo, porque a gente tenta, no caso do advogado em específico sobre drogas, você tenta atenuar aquela pena do seu cliente, tentando ver se ele é primário e se tem bons antecedentes, a pequena quantidade de drogas, então por aí vai.

Entrevistadora: A cidade tem traficantes?

Entrevistado: Tem. Aqui tem pequeno, grande e médio porte. A cidade é uma rota, e inclusive várias abordagens de drogas na região, no estado, ou até em outros estados tem muitas pessoas de Ituiutaba. Heleno Perez (Advogado, 57 anos).

A cidadina Núbia Bueno do bairro Jardim Europa II também narra algumas experiências singulares vivenciadas por vizinhos acerca da insegurança, bem como, de furtos e roubos inerentes aos espaços morados, e do contexto inerente a movimentação das atividades ilícitas em Ituiutaba, detalhando alguns imaginários do medo e sobre o evitamento da festa do Parque de Exposição, em função de algumas situações vivenciadas e do perigo narrado, assim como do contexto inerente as disparidades sociais diversas:

**Entrevistadora: E isso mais ou menos quando? E isso foi ano passado?**

Entrevistada: Ah, tem pouco tempo. Não... aconteceu esse ano, na porta da minha casa. Como aqui não tem muro, os meninos vêm, pega aquele banco meu que tem do lado de fora e fica. Incomodou os vizinhos e eles chamaram a polícia. Então eu penso que é a insegurança que eles têm, porque veem os meninos e ladrão não é, tá lá fazendo barulho, tão conversando e incomoda. Tem um... aconteceu um... episódio de um homem que ele passou aqui na rua, a minha menina caçula estava sentada ali fora, e ele passou mostrando a arma para eles, uma arma de fogo. Ele tirou a arma e passou mostrando.

Entrevistadora: Mas era uma arma de brinquedo?

Entrevistada: Não, ele passou mostrando uma arma de verdade. E ele mora na minha rua, e passou mostrando e porquê? Porque ele é implicado com os meninos com o

barulho de meninos que empinam moto e ela não gosta, entendeu? Ai ele passou ali do lado de fora mostrando a arma, e minha menina que chegou contando que ele passou mostrando a arma na cintura, e levantou a camisa e mostrou para eles. Tipo dizendo para eles: Cuidado comigo eu estou armado. Então você vê a insegurança... para que mostrar uma arma para adolescente? Adolescente é bocudo mesmo, ainda mais mexendo com eles. Mas não porque os meninos que vem aqui na porta, é ladrão, rouba, mas o povo tem tanto medo que o medo faz ele fazer esse tipo de coisa, de loucura. Porque aqui na minha casa não tem muro e eu nunca fui roubada, mas tem bairro que já roubaram até máquina de lavar aqui. Para você vê o absurdo.... Até máquina de lavar, encostavam, você deixava uma tampinha do lado de fora, e ia para o serviço, deixava a máquina no lugar e eles colocavam na máquina e iam embora, roubavam até blusa de frio, então para você vê.... Roubaram minha torneira do lado de fora... a torneira do relógio, então a insegurança é muita. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: E aqui no seu bairro, como é a situação? Você considera que ele é violento?**

Entrevistada: Mais ou menos, aqui já foi pior viu, já foi um bairro daquele assim que você fica cismado a mão. Hoje em dia eu posso dizer que ele está tranquilo, o único problema que a gente tem aqui muito, agudo, é a questão das motos empinando...nossa... meu deus...

Entrevistadora: Moto empinando? O que seria isso mais ou menos?

Entrevistada: Os caras que ficam empinando moto, que sobem e ficam de vandalismo... empinando moto.... É o que incomoda mais. Mas em questão de roubo assim, hoje em dia, a gente não pode falar assim que está pior, já esteve pior, bem pior, hoje em dia está tranquilo e está melhor, mas está tranquilo do que muitos bairros que a gente vê falar aí. Que nem o Novo Tempo, eu já ouvir falar no ponto de ônibus que eu vou, eu vou cedo, eu levanto cinco e meia e vou para o ponto as 06 e 05 ou 06 e 10 pegar o coletivo para ir trabalhar e tem dia que eu chego lá no ponto e está escuro, por ser horário de verão e não tem ninguém na rua sabe e aí eu sento lá e fico tranquila. Lá no Novo Tempo a mulher foi para o ponto cedo para pegar coletivo nesse horário as 06 e 30 da manhã e o cara passou e pediu a bolsa e ela estava indo e o cara veio de moto, aí o cara agarrou na bolsa dela saiu e puxou a bolsa e ele saiu arrastando ela, porque ela não soltou a bolsa, e acabou machucando ela todinha e era uma conhecida minha. Então a violência está maior lá, com toda certeza. Aqui em relação a violência do Novo tempo II está tranquilo aqui e você não vê falar esse tipo de coisa.

**5. Você sabe de alguém que já sofreu algum tipo de violência por aqui?**

Entrevistada: Vish...Maria...muita gente... (risos) não chega a homicídio, mas aqui na rua da minha casa mesmo, lá embaixo, lá na terceira casa eu acho, deram os tiros num portão uma vez, aqui no bairro, na rua da minha casa, um cara passou de moto e deu uns três tiros no portão da mulher e acertou o bumbum da mulher ... e essa mulher mudou daí, eu estava no serviço e vi aqui no grupo, porque eu estava no grupo aqui do bairro, que tinham dado um tiro aqui no bairro, e eu fiquei doidinha porque as meninas estavam aqui em casa sozinha... falei gente do céu...ah teve um caso ...e isso foi ano passado em 2018. Agora teve um cara que invadiu a casa de uma amiga minha, quebrou o vidro entrou na casa dela, nossa ela levou um tremendo susto porque ela estava para o serviço, no que ela chegou, ele estava lá dentro e ele saiu correndo e cortou até o braço e passou pelos vidros da porta... olha que absurdo! Ele deu conta de passar pelos vidros. Um dia a minha filha mais velha estava aqui dormindo, questão de violência.... Ela estava dormindo e um cara roubou uma moto e saiu da casa aqui do fundo e pulou dessa casa aqui do fundo, que não tinha muro ainda e veio pelo fundo da minha casa, e passou por um lugar ali que não era tampado e foi para uma casa do lado de lá da rua. A polícia estava caçando ele de casa em casa, ela chegou da escola e estava cansada e deitou para dormir, e acordou com esse cara arrombando a janela e a porta. A polícia... e ela veio cá e abriu... e eles entraram com tudo e nem pediram licença e a polícia já foi entrando caçando o bandido... só que ela estava assustada e muito nervosa...e eu fiquei sabendo...minha vizinha passou mal e quase que enfarta... porque ela viu o cara com a arma em punho e a polícia no quintal dela ...aí quando ele viu ela, quase derrubou ela... Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistada: Demais da conta, olha para você ter uma base, tem uma rua aqui para baixo, que tinha uma menina aqui, que eu fazia unha com ela, que ela parou de fazer unha, mas eu ia muito lá, na casa vizinha a casa dela, era um tráfico e era uma biqueira, como se dizem... era uma biqueira, e era movimentado o tempo todo, ali não tinha sossego, e ela falou que dava briga e ela tinha medo... um dia a polícia invadiu e acabou com tudo, esse era o único que eu lembro de se ver falar, aqui tinha aqui no bairro e era ali embaixo.

Entrevistadora: E isso mais ou menos quando?

Entrevistada: Isso foi agora no começo do ano, mas aí a polícia invadiu lá e acabou com a biqueira e era a única que eu fiquei sabendo que tinha aqui no bairro, porque isso por mais que o povo tenta esconder, um fala e o outro comenta e fala para os meninos.... E eu tenho filha de 17 anos e o comentário surge... e aí sentam e .... Conversam... e ela que me contou...nossa mãe invadiram a casa lá do fulano e porque a polícia invadiu a casa? Uai mãe era biqueira.... Aí levaram um menino preso que está preso. E tinha outro..., mas esse menino foi preso por roubo, não foi nem, por causa de droga, foi por roubo, na rua dali e pegaram ele, na casa dele, e tinha roubado umas duas televisões e as televisões estava na casa dele, precisaram de uma e a levaram ele embora. Mas também foram os únicos. Em relação a droga não ouvir falar mais de nenhum. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?**

Entrevistada: O Novo Tempo II eu morei lá muito tempo e era considerado um bairro muito violento. Outro bairro que a vida inteira eu ouvir falar que era violento e que até hoje acho que realmente deve ser, é o bairro Natal. Você já deve ter ouvido falar que lá já deu muita briga, muita confusão, morre gente e é um bairro que em minha vida inteira, eu vejo falar isso. Agora bairro tranquilo .... Agora eu acho que o bairro Natal assim dá muita confusão e brigas porque é um bairro muito cheio de gente, mas cheio de gente e.... mas de gente simples, que precisa de ajuda e não tem e a hora que você vai olhando as pessoas e você vai vendo o estudo... e o estudo é muito bom e ler te ajuda a se tornar melhor e tem gente que não faz esse tipo de coisa. Agora bairro seguro...seguro mesmo... olha não sei nem se o Centro é seguro mesmo porque teve um tempo que o povo estava pondo fogo nos carros, nessa cidade. Você lembra desses episódios, né?

Entrevistadora: É verdade. Eu me lembro desses episódios.

Entrevistada: Aí teve esse tempo de colocar fogos nos carros aí eu falei com uma amiga que estavam seguros no Centro e ela falou que não, que estão jogando garrafas com os trens de fogo por dentro e por cima do portão para pegar fogo nos carros da gente. Então em questão de segurança não sei muito no Tupã... minha mãe diz que por lá também está muito violento...agora bairro seguro aqui só se for aquele Estados Unidos ali, mas acho que não, um amigo meu mora ali perto e disse para mim que lá não é muito seguro, eu tô pensando.... Só se for o Baduy, um bairro de rico né? Ah o bairro de rico deve ser seguro.... (risos) é verdade... o Baduy deve ser seguro... porque os outros ... acho que é o único que é mais seguro aqui na cidade é esse Baduy. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: Se sente insegura em casa?**

Entrevistada: Olha...eu já me senti! Estavam roubando muito aqui e eu não conseguia dormir preocupada sabe, porque minha casa não tem muro e é só mulher aqui, aí eu falo: É Deus que toma conta de nós né... e eu nem dormia, tinha noite que eu perdia sono e nem dormia. Hoje em dia eu não tenho essa insegurança, eu já durmo tranquila, Graças a Deus, não sei se por ter me acostumado e por morar só eu e as meninas e porque realmente a violência aqui diminuiu você não vê aqui... que se roubou isso ou aquilo... e aqui não tem ladrão de varal.... lá no Novo Tempo II tinha ladrão de varal... você não podia deixar uma calça jeans dormir no varal que lá não amanhecia... Era....era triste! Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: Você evita de ir em algum espaço público de Ituiutaba? Por quê? Qual espaço é esse?**

Entrevistada: Ah.eu acho que não... não tem um lugar aqui que eu não deixe de ir não.... Eu tenho muito medo é da Exposição.

Entrevistadora: Porquê?

Entrevistada: Ah.... A Exposição aqui é muito violenta. Todo ano morre um aqui nessa Exposição! Todo ano aparece um morto, todo ano o povo briga e tem violência, tem brigas e os policiais jogam aquele spray de pimenta no povo, e eu sou asmática... uma vez jogaram e eu quase morri... com falta de ar lá...então a Exposição eu vou... eu ia para levar menino né? Agora que tudo cresceu e vai tudo sozinha, eu acho que eu não vou mais na Exposição não, e é um espaço pelo qual eu não faço questão de não ir é a Exposição, eu gosto dos cantores, mas não faço questão de ir, pela muvuca em si! Que aí junta tudo lá e você vê que roubam tanto celular... o povo te esbarra e quer brigar... é um lugar que o povo ...sei lá... não tem uma educação. É difícil te explicar! Mas é uma coisa complicada. Não é o ... orgulho não porque tem hora lá que o povo bebe demais e quer caçar confusão e tem muita gente interessada em roubar e tem uns que vão só para curtir mesmo a festa da cidade e tem aquele que vai por conta de confusão e coisas erradas e ilícitas. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Nesse trecho da entrevista, a cidadina Núbia Bueno nos narra acerca de um episódio de violência vivida por mulheres, exemplificado, através de uma vivência bem próxima sobre esse contexto perverso, que tem na atualidade alcançado também muitos lares no Brasil, não muito diferente do contexto de Ituiutaba e que as agressões domésticas têm sido mais percebidas:

**Entrevistadora: Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistada: Eu acho que tem sim e muita. É porque a pessoa é pobre e acha que pode gritar, bater e xingar, não tem educação de saber conversar, tem hora que todo mundo tem que gritar... e você grita, acho que você grita para desabafar, e quando você vê você está falando alto e você está gritando, mas é diferente da violência e você vê tantos maridos violentos diante das mulheres... (fala sussurrando) .... a minha vizinha aqui mesmo tem e ele batia nela e judiava dela... e quebrava as coisas dentro de casa e ela nunca foi na polícia ...sabe...ela não queria ficar casada e ela ia ao extremo... e ele bebia e chegava bêbado, ai a polícia vinha e tirava ele da casa ...mas até hoje eu escuto ele xingando ela sabe...e eu não tenho muito laço não porque eu sou meia bocuda. (...) porque eu tenho um marido de uma outra amiga minha que eu falei para ele, porque ele batia na minha amiga de mangueira, e ele era alagoano, e isso para mim é uma violência e ele foi criado numa terra muito pobre que é Alagoas, numa cidade, a deles em que a água tinha que ser carregada por balde, quem faz essa função? É a mulher! Ela carrega a água para arrumar a casa e lavar louça, para o banho dela, dos filhos e do marido, é ela que faz...e ele não pode pegar o balde e ir lá na beira do córrego buscar uma água não. É trabalhar para o seu sustento... ai chegou para cá e começou a bater nela de mangueira e quebrava demais com ele...ai falei para ele se não parar com isso...eu chamava a polícia para ele.

Entrevistadora: E eles ainda moram aqui no bairro?

Entrevistada: Não moram aqui mais não. Eles moravam lá no Novo Tempo II e eram vizinhos meus. Até hoje a gente é amigo, mas ele fala para mim que eu sou muito bocuda, então eu não estreitei laços com minha vizinha, porque eu ia falar para o marido dela tomar vergonha na cara! É porque a violência só te pega se você deixar... se o cara bater em você uma vez e você deixar... vai ser sempre. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

A cidadina Núbia Bueno também nos ressalta a importância da conversa, como forma de

prevenir as amizades “erradas” das filhas, que é personificada na chamada saída à francesa, uma forma de diálogo aberto e construtivo com as jovens amigas de suas filhas, para tentar prevenir a entrada e permanência em submundos que ofertam o dinheiro fácil:

**Entrevistadora: A senhora tem medo das suas filhas se envolver diretamente com a criminalidade?**

Entrevistada: Eu tenho, porque hoje em dia as amizades são todas conturbadas, as amizades são erradas, e sabe e infelizmente você não pode brigar e ir contra os amigos dessa forma, você tem que sair à francesa, e se você bater de frente com eles fica pior.

Entrevistadora: O que é sair a francesa?

Entrevistada: A francesa é você ir conversando, explicando, por exemplo, a minha filha caçula tem um monte de amiga que faz PG.

Entrevistadora: Que faz o que?

Entrevistada: Que faz programa. Quando você ouvir falar em PG é programa e são meninas de 15, 16 e 17 anos que faz programa e ganha a vida fazendo programa, aí veste muito bem, passeiam, tem moto, e tem todos esses luxos vamos dizer assim, que eu não posso proporcionar para ela, aí ela fala.... Não, mas a fulana tem isso tudo e faz programa. Mas minha filha, pelo amor de Deus, o que você está pensando? Essa vida não leva ninguém a nada não... o que elas tem? A não ser isso? Isso aí é tudo bobeira... e aí ...não mãe... eu acho que isso dá certo, não dá não minha filha... dá certo é trabalhar, é a gente ser honesto e fazer as coisas direito, programa não dá futuro para ninguém, você vai ficar infeliz com uma pessoa que você não gosta, por causa de um dinheiro que vai acabar rapidamente porque isso não é uma coisa de Deus, então para mim, já é errado, e hoje em dia, as meninas de 12, 13, 14 anos tudo transando, e achando a coisa mais natural da face da Terra, eu não estou falando que é errado, mas elas estão muito novas e não tem maturidade para saber... o que é isso... aí minha menina fala que é virgem e assim... como assim até hoje você é virgem? Como assim gente? Isso é uma opção da pessoa e vem com o tempo certo... e não é no tempo que a pessoa quer...mas os amigos ao mesmo tempo que podem vir a ajudar eles podem vir a atrapalhar, e você não pode falar para eles deixar de ter amizades, porque senão fala para eles para deixar ter amigo por causa da mãe, é assim que eles fazem...então a gente tem que ir à francesa ... a palavra é essa, você senta e conversa e faz amizades com os amigos perdidos, e falo, isso aí não é vida para ninguém. Vamos mudar de vida, achar um emprego, trabalhar, e falo muito... o que eu te ensinei nessa minha vida... o que eu te ensinei? A ganhar direito honesto, porque dinheiro errado não dá futuro para ninguém, porque eu passo sufoco, trabalho e ganho pouco, mas eu venço. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Nesse contexto, Edson Pontes que é produtor rural, nos aponta episódios acerca da insegurança em seu bairro de morada e relata sua percepção sobre isso. Também nos aponta sobre a migração existente em Ituiutaba, em função da expansão da indústria sucro alcooleira e da estigmatização de outros cidadãos locais:

**Entrevistadora: Você sabe de alguém que já sofreu algum tipo de violência por aqui?**

Entrevistado: Sim. Na rua atrás da minha casa, esta casa foi assaltada as 7 horas da manhã e os assaltantes sabiam o que eles queriam pegar naquela casa, portanto, porque a funcionária da casa, passou todas as informações para os assaltantes que sabiam a que horas chegar ou os horários que os proprietários não estariam em casa para poder roubar. Isso foi o que mais me chamou atenção ali.

Entrevistadora: Aconteceu quando mais ou menos?

Entrevistado: A uns 04 meses atrás e foi o único caso de violência que me chamou a atenção no bairro. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

**Entrevistadora: Como você conclui que a violência aumentou? O que seria o**

**fator mais preponderante? Mais específico?**

Entrevistado: Porque aumentou a população e com esse aumento vieram muitas pessoas em função do aumento da indústria sucro alcooleira, muitos migrantes vieram de outros estados, principalmente nas últimas duas décadas, do estado de Alagoas, e são pessoas com temperamento diferentes dos mineiros, são pessoas de outro temperamento. Eles quando recebem o salário no final de semana, se excedem na bebida e ficam mais nervosos, brigam entre eles e causam mais violência nesse aspecto, isso você pode comprovar indo no pronto socorro municipal você vai ver no final de semana, a maior incidência, esse tipo de violência. E segundo, a população não vou dizer que cresceu, a população da cidade inchou. Com mais gente e oportunidades de empregos, cada dia menores, infelizmente... aí um dinheiro fácil, do crime, estimula a pessoa a procurar o crime como fonte de renda, do que um emprego formal qualquer um que seja. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Nesse trecho da entrevista, o cidadão ainda localiza mais a movimentação e fluxos ilegais nos bairros periféricos, mas identifica que parte da classe média também pode estar envolvida nessa cadeia de consumo de entorpecentes:

**Entrevistadora:** Mas voltando... porque eu fiquei em dúvidas...você falou por exemplo no seu bairro que não tem muito tráfico de drogas... tem a questão de consumidores que buscam traficantes para comprar drogas... e isso eu entendi. Você localiza esse tráfico de drogas mais na periferia ou mais nos bairros da classe média?

Entrevistado: Mais na periferia. Mais nas periferias.

Entrevistadora: Mas e na classe média?

Entrevistado: Ela consome.

Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Para Venina Ramalho, residente no bairro Progresso, esse aumento da violência está atrelado a migração de cidadãos de outras cidades para Ituiutaba e nos detalha o cotidiano de estudantes universitários serem mais assaltados, logo após, nos detalha sobre a situação referente ao tráfico local e suas observações acerca de um bairro em específico da cidade:

**Entrevistadora: A que atribui esse aumento da violência na cidade?**

Entrevistada: Eu penso que... pode ser porque tem muita gente de fora.... Então as pessoas sabem que você é de fora e por se tratar de uma cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, e uma pessoa que é de fora chama a atenção. Inclusive no bairro onde eu moro, a maioria dos assaltos que acontecem são contra estudantes de fora, assim pelo menos que eu tenho notícias. Então eu acho que um dos motivos é esse, é assim... na minha realidade. Mas eu acredito que tem mais outros fatores, principalmente de ordem social também que a gente não pode ignorar, mas assim... mais específico do meu ambiente é que eu penso que eles sabem que a gente é de fora. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

**Entrevistadora: Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?**

Entrevistada: Sim, inclusive se não me engano, no ano passado, ou foi no começo desse ano a polícia apreendeu um traficante do lado de trás da minha casa e assim todo mundo escutou porque foi uma bagunça e também já teve outras apreensões lá no bairro, a gente sabe porque acompanha noticiário e tudo, e apesar de ser um bairro mais velho de questão de idade assim, também acontece tráfico de drogas lá sim. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

**Entrevistadora: Mas essa questão dos traficantes é imaginária? Ou é o que é**

**falado? Ou alguma experiência em relação a isso?**

Entrevistada: Não. Quando eu cheguei aqui na cidade, e eu comecei a trabalhar, eu falava sobre o bairro Drummond, e as pessoas já falavam isso: "Ah... lá moram muitos traficantes". Inclusive, quando a gente estava lá fazendo vendas, lá a gente viu um portão todo destruído de bala. E isso me chamou muita atenção, porque, assim eu...

Entrevistadora: Você lembra a rua mais ou menos?

Entrevistada: Não lembro, porque lá as ruas são r e d e números né. E foi uma mais afastada e eu não sei o que que foi, se tentaram intimidar ou se foi tentativa de homicídio, mas o portão parecia um "queijo" de tanto buraco que tinha de bala. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

E ainda nos detalha sobre o cotidiano de festas parecidas com Raves frequentadas em experiências anteriores, em espaço mais afastado da cidade e o contexto da insegurança:

**Entrevistadora: Você ou alguém próximo já foi vítima de violência? Qual tipo?**

Entrevistada: Sim. Eu fui vítima de uma tentativa de assalto. Como eu falei antes, que eu trabalhava e também numa festa também aconteceu...

Entrevistadora: Mas em qual festa?

Entrevistada: Foi uma festa que teve numa chácara.

Entrevistadora: Foi universitária ou não?

Entrevistada: Ah... foi uma festa normal, mas mista, tinha universitário, tinha gente que não era universitário, tinha pessoas aqui da cidade e aconteceu um fato, que a gente tinha ido... era tipo festa Rave sabe, só que Rave de interior. Mas menos gente e tudo, e a gente estava lá aproveitando a festa, e tinha acabado de começar e não tinha nem muita gente, e chegaram três caras armados e estava eu e meu namorado nessa festa, e eles já chegaram atirando, sabe, falando que era assalto, e tanto que nessa hora eu tinha saído do lugar e não fiquei cara a cara com os bandidos, mas eu escutei todos os tiros, inclusive eu tive que me esconder na mata porque eu fiquei com muito medo. E isso foi...mais ou menos há uns 2 anos também. E eu fiquei muito traumatizada porque foi... Eu tinha acabado de sofrer uma tentativa de assalto, e pouco tempo depois aconteceu isso. Fora a invasão, que invadiram a casa que o meu namorado morava, e aí chamaram a polícia que demorou muito a chegar, tanto que quando eles chegaram o invasor nem estava lá mais, e aí assim, foram em datas muito próximas, e isso me marcou muito, e eu fiquei com medo de sair até na rua, pra falar a verdade, e principalmente porque teve essa da arma de fogo, porque realmente eles não estavam nem aí, chegaram apontando a arma, mandando passar o celular, e tinha muita gente que ficava desesperada, então foi um cenário de pânico, e isso me marcou muito porque eu nunca tinha passado isso na minha vida.

**Entrevistadora: Em relação a essa festa que você comentou aqui, foi feito BO?**

Entrevistada: Foi, inclusive, todo mundo que teve bens roubados foi na Delegacia fazer e chegaram viaturas lá também na festa, só que assim que os bandidos foram embora, elas começaram a ir embora porque todo mundo ficou muito assustado, tinha gente que não tinha dinheiro para ir embora, porque eles levaram, e é uma chácara afastada da cidade, você pega BR para ir lá, então muitas pessoas ficaram sem ter como voltar para casa, só que lá na hora, todo mundo se ajudou e conseguiram. Mas foi um episódio muito traumatizante. Até hoje eu lembro e me dá um desconforto.

Entrevistadora: Mas e aí depois disso você foi em outras festas parecidas ou não?

Entrevistada: Em chácara não. Só dentro da cidade.

Entrevistadora.: Entendi. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

Nesse trecho da entrevista, Venina Ramalho nos retrata variados fatores sobre o aumento dessa violência, bem como da lógica das oportunidades de estudo e da noção da meritocracia inerente a cada indivíduo, e nos aponta a dificuldade de encontrar um fator em específico para

explicar tal questão social:

**Entrevistadora: Como você conclui que a violência aumentou? O que seria o fator mais preponderante? Mais específico?**

Entrevistada: Eu não sei exatamente uma resposta assim... exata para te falar. Eu vou te falar o que eu acho, tirando aquela questão que são pessoas de fora, e as vezes são pessoas que vem de cidades menores que aqui, como foi o meu caso, na minha cidade tem violência também como em todo lugar do mundo, só que lá em algumas horas é mais tranquilo. Você mexer em celular na rua por exemplo...

Entrevistada: E você sai e volta mais tarde um pouco, e apesar de acontecer as vezes, lá é mais tranquilo, e as vezes a pessoa vem para cá, que é uma cidade um pouquinho maior com esse costume, então, eu acho que esse é um fator que favorece um pouco o assalto, não que é culpa da vítima, mas aqui é como eu te falei, as pessoas sabem quem é de fora e quem que não é, então se a pessoa "está ali dando sopa", com o telefone uma hora da manhã na rua, a chance de ela ser assaltada é muito grande. Tem a questão também dos bairros mais afastados, eu não sei exatamente se tem alguma ligação, eu não sei. Como eu te falei eu não tenho uma resposta muito exata para essa questão do aumento da violência. Mas hoje, cada vez mais cedo, as pessoas não estão se preocupando muito, sabe, com estudos... e tem as questões das oportunidades mesmo para as pessoas, e assim quando a gente fala da questão de violência, não tem como a gente não ligar ao fator social, então tem essa divergência que a gente aprende lá na escola, em sociologia e a gente vê isso na prática. Então tem que pesar, não que não haja meritocracia, não é isso, mas eu acredito que ... falta muita oportunidade, e infelizmente na falta de oportunidade muitas pessoas recorrem a um jeito muito mais fácil. Eu não sei se eu respondi bem a sua pergunta. Mas eu acho difícil de responder. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

Dessa forma, em algumas falas da entrevistada Venina, fica evidente a correlação entre a insegurança vivenciada, mediante o imaginário do medo e os processos de evitamento no período noturno, em espaços de Ituiutaba, nos sugerindo um contexto propício para a fragmentação socioespacial em curso:

**Entrevistadora: Mas já foi em festas aqui....**

Entrevistada: Sim, eu não tenho coragem de ir em festas assim, como é que vou te explicar... porque aqui em Ituiutaba acontece umas festas que o pessoal chama de Frevo, eu não tenho coragem de ir. Porque assim... eu conheço gente que vai, e me fala abertamente, que tem um pessoal que entra com arma, entra com droga, e a polícia chega lá e não quer saber de nada, já chega te revistando, não quer saber de nada, quer saber se você está com alguma coisa, e lá é assim, se tiver um cara de uma gangue e ver um outro cara da gangue rival vai dar briga, a pessoa que vai, falou isso comigo, então eu penso que é um lugar que eu não teria coragem de ir nunca. Outro lugar que eu já tive a oportunidade de ir, mas não tenho coragem de ir mais, é na Mikonos, que é a balada daqui uma porque eu tenho medo....

Entrevistadora: Você nunca foi acompanhada?

Entrevistada: Não, eu já... queria me levar até de graça e eu tenho um pouco de medo e não quis ir... e ainda mais que teve casos lá de brigas e sair tiros, então, eu evito esses lugares. Eu sou uma pessoa mais caseira. Mas basicamente qualquer lugar que eu tenha que ir sozinha a noite e lugares à noite, esses eu evito ir de verdade.

Entrevistadora: Você já ouviu falar de um lugar chamado Arena e já teve a oportunidade de ir lá? Ou conhece alguém que foi nesse Arena?

Entrevistada: Fica perto do Parque de Exposições. Inclusive eu já tive oportunidades de ir lá também..., mas eu não fui. Pelo mesmo motivo praticamente. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

Para Venina Ramalho foi importante destacar também a violência sofrida por uma

amiga próxima. Na medida em que numa festa na cidade, a amiga por estar bêbada e não responder por si (na sua visão) sofreu algum tipo de abuso nos detalhando:

**Entrevistadora: Esse é um episódio que aconteceu com você? Conhece outro episódio que aconteceu com outras amigas?**

Entrevistada: Sim, mas basicamente a mesma coisa de sempre né... passando na rua, os caras mexem, e já aconteceu com uma pessoa próxima a mim, dela estar bêbada e acontecer quase um estupro, para mim foi um estupro. E ela estava bem bêbada, sabe, não que isso justifique, mas é que ela nitidamente não respondia por ela mais, e teve uma hora numa festa que ela sumiu, ela desapareceu e a gente procurando e nada, e aí uma amiga minha falou: Olha, procura nos quartos porque eu vi ela com um cara muito estranho. E eu nem pensei na hora.... Saí batendo em todos os quartos... e aí realmente ela nem sabia que estava dentro do quarto, e ela nem sabia o que estava acontecendo com o cara lá, então assim, eu não sei o que aconteceu lá antes de eu chegar...

Entrevistadora: Mas você sabe se foi consentido ou não?

Entrevistada: Mas na hora que eu cheguei eu tirei ela de lá, mas eu tenho certeza que consentido não foi, porque ela nem lembrava e nem sabia o que estava acontecendo. E a pessoa sabia da situação dela, então foi uma situação muito chata que aconteceu e para mim foi um estupro. Venina Ramalho (Estudante, 22 anos).

Para Yves Pedrazzini (2006) é de fundamental relevância trazer à tona a narração dos cidadãos sobre a cidade analisada como forma de se aprofundar nas questões mais obscuras dos submundos urbanos.

As vivências marginais/marginalizadas nos auxiliam a entender com certa profundidade as crises sociais, políticas, socioeconômicas mais atuais que abrangem determinado bairro ou áreas vulneráveis. É relevante conhecer esse lado oculto de Ituiutaba para avançarmos em políticas públicas de inclusão.

### **2.3 Divisão social do trabalho e o desemprego**

As falas anteriores de nossos entrevistados nos revelam que parte das noções da (in) segurança e da fragmentação socioespacial se encontram envoltas pelas manifestações sociais e econômicas referentes a vigência do sistema capitalista, na sociedade moderna, atrelada as múltiplas desigualdades que vão pautando a cisão da sociedade e do espaço.

Por isso optamos por incluir discussões acerca da divisão social do trabalho na atual sociedade moderna e global, mediante o entendimento amplo das configurações crescente do desemprego e da diferenciação de classes sociais.

Nesse contexto, para Marx (1983), as condições materiais em que o indivíduo é criado, bem como o momento social e político vivenciados, acabam por favorecer ao desenvolvimento da consciência social individual, sendo uma das bases do materialismo histórico dialético, no

qual se pesa o confronto entre as duas classes sociais: os donos dos meios de produção e os expropriados de meios de produção que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver, como salientado neste trecho:

[...] Na mesma proporção em que a burguesia, ou seja, o capital se desenvolve, desenvolve-se também o proletariado, **a classe dos trabalhadores modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho, e só encontram trabalho na medida em que este aumenta o capital. Esses trabalhadores que são obrigados a vender-se diariamente, são uma mercadoria, um artigo de comércio, sujeitos, portanto, às vicissitudes da concorrência, às flutuações de mercado.** Devido ao uso intensivo da máquina e à divisão do trabalho, o trabalho proletário perdeu seu caráter individual e, por conseguinte, todo seu atrativo. (Marx, 1967, p. 99, grifo nosso)

A divisão social do trabalho se inicia com a apropriação dos meios de produção pela iniciativa privada na atualidade, conforme a ampliação do capital, através dos processos e das técnicas no âmbito dessa divisão, intensificando-se também no processo de alienação do trabalhador e a deterioração das relações sociais inerentes ao ambiente de trabalho.

O trabalhador na sociedade moderna dispõe da sua força de trabalho como único produto, ficando à mercê das condições de subsistência e de exploração que a lógica da acumulação consumista nos impõe para viver. A vulnerabilidade do trabalhador diante das forças do capital, através da divisão de trabalho, retrata da configuração do caráter de alienação do trabalhador perceptíveis nas análises marxistas.

Assim, para compreendermos a construção dos laços frágeis sociais presentes na sociedade contemporânea, através da estruturação do desemprego e das classes sociais, que para tanto, nos basearemos nas teorias do filósofo Pierre Dardot (2016) e do sociólogo Christian Laval (2016) ambos franceses e do sociólogo brasileiro Ricardo Antunes (2018) relacionados a sociologia do mundo do trabalho, do capitalismo contemporâneo e do neoliberalismo vigentes.

Nesse contexto, para Dardot e Laval (2016) a receita neoliberal já possui um senso que avança nas discussões e políticas referentes a diminuição do Estado, das privatizações, da contenção de gastos sociais, da expropriação de recursos públicos. E ainda nos complementa:

[...] Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móveis subjetivos da mobilização são enfraquecidos pelo sistema neoliberal: a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo. O sofrimento causado por essa subjetivação neoliberal, a mutilação que ela opera na vida

comum, no trabalho e fora dele, são tais que não podemos excluir a possibilidade de uma revolta antineoliberal de grande amplitude em muitos países. Mas não devemos ignorar as mutações subjetivas provocadas pelo neoliberalismo que operam no sentido do egoísmo social, da negação da solidariedade e da redistribuição e que podem desembocar em movimentos reacionários ou até mesmo neofascistas. As condições de um confronto de grande amplitude entre lógicas contrárias e forças adversas em escala mundial estão se avolumando. (DARDOT, LAVAL, 2016, p.9).

No âmbito geral da concepção que sustentam tais medidas, estaria uma realidade do mercado, que nos dispensa intervenções e alcança o equilíbrio, a estabilidade e o crescimento econômicos. É assim, entendido sob o signo do *Laissez-faire* (grifo nosso), que o neoliberalismo é meramente reduzido à aplicação de métodos político-econômicos, mediante o seu declínio durante a crise financeira mundial do ano de 2008. Assim, os aspectos perigosos das políticas implementadas, absorveram o modelo que se define como uma racionalidade que impõe uma lógica de sistematização da própria conduta dos homens.

Desse modo, Dardot e Laval (2016) através do livro: “ A nova razão do mundo ”: ensaio sobre a sociedade neoliberal, discutem de forma qualificada, a natureza do capitalismo contemporâneo. Realizam uma análise de genealogia da política neoliberal explorando seus desdobramentos a partir do decurso do século XX, desde o nascimento, na década de 1930, à virada nos anos 80, em que nomes políticos como Ronald Reagan e Margaret Thatcher rompem com a social democracia e defendem livremente o neoliberalismo a partir da crise fordista dos anos 70.

Os autores analisam essas dimensões e dão forma a uma razão que atravessa o Estado e as instituições e chega às subjetividades inerentes aos sujeitos. Por isso mesmo, o neoliberalismo não se resume a uma ideologia, ou doutrina ou política econômica, mas a uma racionalidade forjada através de um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo entre os homens segundo o princípio geral da concorrência inserida num campo de concorrência regional e mundial que o leva a agir dessa forma (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 19).

Assim, conforme nos esclarece Dardot e Laval (2016) é por meio de recursos estratégicos e disciplinares como avaliações de resultados, benefícios e sanções, análises de desempenho, que se constrói uma dinâmica competitiva que é incorporada pelos sujeitos num âmbito privado, modificando sua conduta e suas relações, sendo que o neoliberalismo, difunde-se pela coerção do controle de corpos e mentes e da difusão do poder.

A figura central de nossa sociedade é do neosujeito percebido como um espírito empreendedor que fica constantemente conectado, informado, buscando superar a si e aos

outros na corrida pelo lucro. A concorrência, a rivalidade, a competição não são mais efeitos de uma lógica de mercado, mas condições articuladas de forma virtuosa, que promovem a sua ascensão pessoal e profissional, relacionada as ideias de felicidade.

Ao se perceber como um capital humano, o neosujeito transfere a análise de desempenho para as suas ações, mesmo as mais subjetivas entendidas como investimento, ou seja, trata-se de um atleta projetando constantemente sua carreira em busca de sucesso contínuo tão presentes na sociedade moderna, que valoriza as interações virtuais das redes sociais e a ostentação das felicidades de todos, a partir de diferentes instantes cotidianos:

[...] Mas esse quadro muito geral é ainda insuficiente para identificar como uma nova lógica normativa se impôs nas sociedades ocidentais. Em particular, não permite apontar as inflexões que a história do sujeito ocidental sofreu nos últimos três séculos e, menos ainda, as transformações em curso que podem ser reportadas à racionalidade neoliberal. Se existe um novo sujeito, ele deve ser distinguido nas práticas discursivas e institucionais que, no fim do século XX, engendraram a figura do homem empresa ou do “sujeito empresarial”, favorecendo a instauração de uma rede de sanções, estímulos e comprometimentos que tem o efeito de produzir funcionamentos psíquicos de um novo tipo. Alcançar o objetivo de reorganizar completamente a sociedade, as empresas e as instituições pela multiplicação e pela intensificação dos mecanismos, das relações e dos comportamentos de mercado implica necessariamente um devir-outro dos sujeitos. O homem benthamiano era o homem calculador do mercado e o homem produtivo das organizações industriais. O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial. (DARDOT, LAVAL, 2016, p.317).

Nesse ponto, para Dardot e Laval (2016) o crescimento do individualismo é uma tendência à destruição da dimensão coletiva das relações, da solidariedade, fazendo com que as formas de crise social sejam percebidas como individuais, em que as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade quase que individual em sua essência. Isso se dá efetivamente no campo moral nessa conjuntura de controle, pois por estar em consonância com o espírito empreendedor é fonte de virtudes como a honestidade, a coragem, a força de vontade, mas do contrário, é vincular-se a pobreza e a inaptidão da mentalidade dos programas assistencialistas em diferentes áreas.

O conjunto desses fatores culmina no controle do mercado de trabalho flexível, em que a ameaça do desemprego está no horizonte de todo assalariado (Dardot; Laval, 2016, p. 229). Surgindo uma relação próxima de causa e efeito, ou seja, do contexto flexível que recoloca a todo momento ameaça de desemprego, o que fortalece o controle de algumas particularidades. Para os autores, o neoliberalismo pode ser reduzido a máxima que reforça que a “cultura de empresa” é a nova subjetividade competitiva.

Isso nos leva a pensar sobre as novas configurações entre capital e trabalho a partir da dinâmica de reestruturação do capitalismo global e do discernimento que essas mudanças significam para os trabalhadores tem atravessado no século XXI, em que o trabalho e a empregabilidade tem se tornado fragmentado num contexto precário de processos diferentes da perda de direitos e de poderes da classe trabalhadora. Assim, Dardot e Laval (2016) nos alertam:

[...]Um desconhecimento análogo está em curso hoje, impedindo a compreensão da relação entre as condutas dos neossujeitos (inclusive as manifestações de comportamento desviante e mal-estar, os modos de resistência e fuga) e todas as formas de controle e vigilância que são exercidas sobre eles. Assim, é inútil lamentar a crise das instituições de enquadramento, como família, escola, organizações sindicais ou políticas, ou chorar a decadência da cultura e do saber ou o declínio da vida democrática. É melhor tentar compreender como todas essas instituições, valores e atividades são hoje incorporados e transformados no dispositivo de desempenho/gozo, em nome de sua necessária “modernização”; **é melhor examinar de perto todas as tecnologias de controle e vigilância de indivíduos e populações, sua medicalização, o fichar, o registro de seus comportamentos, inclusive os mais precoces; é melhor analisar como disciplinas médicas e psicológicas se articulam com o discurso econômico e com o discurso sobre segurança pública para reforçar os instrumentos da gestão social.** Porque, do dispositivo de governo dos neossujeitos, nada ainda foi definitivamente estabelecido. Os impulsos são diversos, não faltam ciências candidatas e suas fusões estão em curso ou se farão no futuro. A questão central que se coloca ao governo dos indivíduos é saber como programar os indivíduos o quanto antes para que essa injunção à superação ilimitada de si mesmo não descambe em comportamentos excessivamente violentos e explicitamente delituosos; é saber como manter uma “ordem pública” quando é preciso incitar os indivíduos ao gozo, evitando ao mesmo tempo a explosão da desmedida. A “gestão social do desempenho” corresponde precisamente a esse imperativo governamental. (DARDOT, LAVAL, 2016, p.364, grifo nosso).

Para os autores é explícito compreender que é preciso repensar o discurso econômico aliado à segurança pública para reforçar os instrumentos de gestão social. A lógica das desigualdades de consumo, impulsionados pela figura do homem empresarial, ou do neossujeito competitivo e trabalhador de si mesmo, não sustenta a ordem pública vigente nas sociedades modernas, mediante a força coercitiva dos Estados-nações.

Entretanto, para Ricardo Antunes (2018) essa discussão aborda sobre o bem-estar físico, social e psicológico dos trabalhadores e nos faz refletir sobre uma nova formação de classes, correlatas a precarização, reificação e terceirização do trabalho no Brasil nas áreas de serviços, indústrias e agronegócio a partir do novo proletariado de serviços na era digital, personificados em postos de trabalho precarizados e altamente tecnológicos.

Embora Antunes (2018) tenha uma leitura social bem diferenciada de Dardot e Laval (2016) sobre o capitalismo contemporâneo e os fenômenos evidenciados, nos chama atenção, para entender sobre a ótica crescente do neoliberalismo global na contemporaneidade.

Nos cabe ressaltar que a subjetividade neoliberal, individualista e privatista contribui diretamente para o esfacelamento socioespacial das cidades, contribuindo para o processo de fragmentação socioespacial e afastando o Direito à Cidade, como demonstram os trechos de entrevistas que selecionamos para tratar nos próximos tópicos.

## 2.4 Violência versus Pobreza

Na sociedade globalizada existe um estado de violência incorporado à cultura e ao imaginário individual e coletivo, ambos transformam as relações de sociabilidade, na busca de lugares de encontro, de proteção e que precisam ser geridos por meio de práticas simbólicas, sociais e espaciais diversas.

No mundo moderno a insegurança e a sua sensação estão ligadas a ascensão da violência e que tem subsidiado o fortalecimento dos imaginários do medo. Primeiramente, é preciso especificar que tal quadro se agrava mediante as condições socioeconômicas, os níveis de miséria e pobreza que permeiam algumas camadas da população se elevam de forma célere e endêmica, agravada mais ainda pela disseminação do uso e abuso de drogas entre crianças, jovens e adolescentes, de modo que a desestrutura entre a escola e os meios tecnológicos e a falta de equipamentos de esporte e de lazer na maior parte das cidades e dos bairros brasileiros, contribui diretamente para o alcance de uma sociedade geradora de rejeições, de exclusões, de recusa do outro (Balandier 1997, p. 212) e isso contribui para o desenvolvimento de um imaginário do medo. E é importante especificar que:

Esse imaginário do medo, bem como sua concretização, tem suas raízes paradoxalmente fincadas, por um lado, numa crença infinita na razão, que pretende explicar o medo por meio do conhecimento científico e eliminar simultânea e gradativamente formas simbólicas de tratá-lo; **por outro, num excessivo individualismo próprio do liberalismo moderno (selfmade man), que vem promovendo, cada vez mais, o distanciamento entre os indivíduos.** Ambas as atitudes – racionalizadora e individualista – têm como fundamentos justificadores e legitimadores uma visão etnocêntrica predominante, cujas consequências concretas são a marginalização e a exclusão do diferente, do Outro. (Teixeira; Porto, 1998, pg. 52-54, grifo nosso).

O imaginário do medo marginaliza e exclui o diferente e estigmatiza negativamente o outro (principalmente aqueles estereotipados/as como sendo homossexuais, favelados, migrantes, pelo fato de ser negro, ou por ser nordestino, prostitutas, drogados, todos aqueles que fogem à imagem ideal e que não se enquadram no padrão de normalidade vigente) tendem a serem excluídos, segregados por representarem o baixo calão da sociedade urbana atual e por

vezes são mais controlados e vigiados pelas instituições públicas para os enquadrarem, justamente no intuito de controlar, reeducar, ressocializar o diferente, como visto em escolas, reformatórios, prisões, asilos, manicômios, espaços socioeducativos e que promovem, algumas vezes, certo distanciamento e representam medidas que (retro) alimentam tal imaginário e sobretudo porque:

Na modernidade, a violência tem sido considerada como uma das figuras reveladoras da desordem e da diferença que ela ameaça introduzir. Segundo Balandier (op. cit., pp. 207-212), a violência pode tomar a forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade num estado de insegurança que gera o medo. O medo, a catástrofe, os apocalipses frequentam os palcos da modernidade como os velhos monstros de retorno. Uma cultura de assombro (e um imaginário do medo) inscreve-se no corpo em movimento da cultura atual. [...] Paradoxalmente, o imaginário do medo permite ao Estado medidas cada vez mais autoritárias, leis cada vez mais punitivas, legitimadas por demandas sociais de proteções reais e imaginárias, principalmente de alguns setores da sociedade, em especial, a classe média. Além disso, justifica atitudes como a legalização do porte de armas, a criação de empresas de segurança e o apoio à privatização da polícia. Cria, ainda, uma indústria de segurança – grades, seguros, alarmes – que, na maior parte das vezes, fornece mais proteção simbólica que real. **Por fim, legitima discursos oficiais de políticos, da mídia, de chefes religiosos, de “personalidades” diversas, sobre o aumento da violência e da criminalidade como resultado de uma sociedade em decadência moral. Famílias desfeitas, liberação das mulheres, liberdade sexual, crise da ética do trabalho, crise da fé religiosa, crise moral são algumas causas citadas desse aumento.** (Teixeira; Porto, 1998, pg. 55-56, grifo nosso).

A perspectiva da violência urbana atrelada a sensação de insegurança permanente a partir dos imaginários do medo, nos faz compreender, a decadência moral e das crises de valores presentes na sociedade.

O discurso do enfrentamento ao crime perpassa desde a reformulação de políticas de segurança mais endurecidas, até mesmo a defesa da privatização das polícias, da adoção de penas de morte, de acesso as armas, do desrespeito aos direitos humanos de presidiários e internos de espaços socioeducativos e a quebra de coesão dos direitos inerentes aos indivíduos criminosos que cumprem pena.

Tal discurso é ancorado pela eterna luta dos bandidos versus os cidadãos de bem que merecem ser protegidos, o que é completamente racional compreender que a sociedade precisa de fato, do apoio e do policiamento ostensivo e investigativo das polícias e dos órgãos de segurança e inteligência. O que não significa operar para se ter uma seletividade penal de indivíduos e grupos e quais crimes a ser mais perseguidos ou investigados do que outros de tipos penais específicos. O combate à violência e a criminalidade precisa acontecer de forma homogênea sem interferências de questões morais ou meramente sociais. E é aí que o direito

penal e processual penal se mostra como uma alternativa para enfrentar tal situação.

O minimalismo de cunho penal propugna um direito aonde se tenha a mínima intervenção, com máxima garantia. O direito penal deve intervir somente quando estritamente necessário, quando os demais ramos não forem capazes para resolver casos concretos, sendo assim, é a última barreira do Estado para combater os conflitos sociais.

No Brasil, o código penal de 1940 foi abarcado pela Constituição Federal de 88, e está em vigor, contudo, a aplicação do direito penal faz luz dos princípios constitucionais, pelo menos teoricamente.

Para o criminólogo italiano Alessandro Baratta (1987) o objetivo foi de realizar uma articulação da ideia da mínima intervenção penal, como um guia para o norteio da política penal a curto e médio prazo, para isso, ele traçou um conceito de direitos humanos, apresentando suas duas funções básicas. A primeira que é negativa concerne aos limites da intervenção penal e a segunda que é positiva, dispõe do respeito da definição de objeto da possível tutela por meio do direito penal.

Nesse contexto, segundo Baratta (1987) os principais resultados que se tem até hoje, no âmbito das ciências histórico-sociais e da criminologia crítica são a pena (mediante sua esfera de liberdade pessoal, incolumidade física dos indivíduos, que é traduzida essencialmente pela violência institucional) e também dos órgãos de justiça criminal (representados pelo legislador, polícia, ministério público, juízes que não representam ou tutelam os interesses comuns).

No que tange ao funcionamento desse direito penal mínimo, se percebe que é bastante seletivo, exclui as minorias sociais, evidencia o perfil da população carcerária, há graves violações dos direitos humanos, que partem dos indivíduos que pertencem a grupos dominantes ou fazem parte de organizações estatais privadas.

Destarte, sobre o sistema punitivo, Baratta (1987) retrata sobre os problemas que se pretende resolver, e salienta que é inadequado para desenvolver as funções úteis declaradas em seu discurso oficial, que é promover a (re) inserção social do preso (a). O cárcere comprova seu fracasso histórico, mediante o não cumprimento das propostas nas práticas, que visam combater/conter a criminalidade e a ressocialização do indivíduo, de modo que, serve para diferenciar e administrar os conflitos sociais como um problema particular do criminoso (a), ou seja, funciona como uma escola do crime para produzir e reproduzir delinquentes e infratores e representa com normalidade as desigualdades sociais, mediante, a reprodução material e ideológica das diferentes desigualdades e mazelas de cunho social e político.

Para Baratta (1987) tal sistema punitivo tem como função *reproduzir a lógica da*

*criminalização da pobreza e das classes populares nas sociedades*, é um sistema penal, que faz sim um recorte do tipo de indivíduo a ser mantido preso (a), ou seja, geralmente mais pobre, menos educado (a), socialmente vulnerável, se percebe um recorte de seletividade penal e social da população carcerária que também pode ser perceptível no Brasil. Sabemos que parte dessa população é composta por indivíduos mais pobres, pretos e pardos conforme inúmeras pesquisas sobre o sistema penitenciário. Isso nos sugere, um certo indício da chamada necropolítica<sup>8</sup>, conceito difundido pelo sociólogo camaronês Achille Mbembe, ou seja, em que se estabelece o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer. É um poder de determinação sobre a vida e a morte ao desprover o status político dos sujeitos.

Ao passo que, se comparado a indivíduos de outras classes mais abastadas, esse encarceramento é pouco percebido. O Estado esfacelado não dá conta de prover tal sistema e não proporciona mudanças relevantes, o que se faz essencialmente, é segregar a população carcerária nos presídios.

Assim, Baratta (1987) nos chama a atenção sobre as lutas para contenção da violência estrutural e para a afirmação dos direitos humanos, sendo praticamente as mesmas, tendo duas consequências. A primeira sobre a política de contenção da violência punitiva, sendo realista e só inserida no movimento para afirmação dos direitos humanos e da justiça social. A segunda consequência relata sobre as possibilidades de se usar alternativamente os instrumentos tradicionais da justiça penal para defesa dos direitos humanos sendo mais limitantes.

Conforme Baratta (1987) os princípios que se articulam na esfera da lei e da ideia da mínima intervenção penal estão sob dois pontos de vista. O primeiro ressalta o ponto de vista interno característico por dar lugar aos princípios intrassistemáticos que indicam essencialmente à manutenção da lei. O segundo ressalta o ponto de vista externo, que perpassa do lugar dos princípios extrassistemáticos, que se referem a critérios políticos e metodológicos para a descriminalização e da construção de conflitos sociais.

Destarte, uma causa da não redução da criminalidade se dá pela ação das instituições dominantes constituintes do sistema de justiça criminal que criminalizam e encarceram, elevando o nível dessas classes sociais mais vulneráveis a níveis alarmantes no sistema

---

<sup>8</sup> Para a antropóloga Juliana Borges (2017) pautada por Achille Mbembe, há uma racionalidade na aparente irracionalidade desse extermínio. Utilizam-se técnicas e desenvolvem-se aparatos meticulosamente planejados para a execução dessa política de desaparecimento e de morte. Ou seja, não há, nessa lógica sistêmica, a intencionalidade de controle de determinados corpos de determinados grupos sociais. O processo de exploração e do ciclo em que se estabelecem as relações neoliberais opera pelo extermínio dos grupos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio.

prisional.

É perceptível que uma cultura do controle, reforçada através da política criminal, nos conduz a entender que a única maneira de minimizar a criminalidade e garantir a paz social é mediante *o sacrifício consciente das classes desfavorecidas* que é alvo dessas ações que culminam por lotar os leitos dos cárceres, prisões e espaços socioeducativos.

Não concordamos com esta perspectiva, visto que, qualquer indivíduo que cometa algum tipo de conduta tipificada como crime deveria (na prática) sofrer os mesmos trâmites legais, independentemente de qual classe social venha a pertencer. O artigo quinto da Constituição federal de 1988 nos assegura isso, de que todos somos iguais perante a lei, entretanto, percebe-se um maior nível de encarceramento das classes desfavorecidas, em parte dos levantamentos científicos, realizados pelo Ipea e Ministério da Justiça na atualidade, em detrimento dos crimes de colarinho branco, corrupção ativa e passiva e lavagem de dinheiro perpetrados por outros tipos de criminosos e de outras classes.

Neste contexto perverso, uma das consequências mais nocivas é a criminalização da pobreza e das classes sociais vulneráveis, uma vez que desvia o foco do indivíduo criminoso e violento para se sobrepor a vítima, transformando assim, o discurso pela redução da criminalidade numa crucial plataforma política, midiática e de pensamentos radicais. Por criminalização da pobreza, entende-se que significa uma condição de classe influenciada por questões de socialização, conforme o entendimento de Baratta (1987).

No Brasil, para o geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2008) ocorre nas cidades um sentimento de insegurança, que faz com que sejam tomadas medidas defensivas e repressivas buscando uma mudança nesse processo, Souza (2008) enfatiza sobre o entendimento dos processos de fragmentação e autossegregação nas cidades, sobretudo, quando da opção das elites, acaba sendo a de se isolar nos condomínios exclusivos/fechados mantendo distância dos indesejados, da classe perigosa, que vive do outro lado dos muros altos e do ambiente protegido e muito se percebe essa criminalização de classes e da pobreza defendida pelo criminólogo italiano Alessandro Baratta (1987).

Embora Souza (2008) trate de uma temática mais metropolitana (presentes em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte), as temáticas abordadas servem para cidades de outros portes, seja uma metrópole, uma cidade média ou uma cidade pequena. A violência urbana e a insegurança estão presentes nas cidades contemporâneas, não fazendo restrições quanto ao seu porte. Souza (2008) especifica, por exemplo, que existem condomínios fechados (de alto padrão ou destinado a classes mais populares) em diferentes cidades brasileiras.

Para Souza (2008) é importante evidenciar que a sensação de insegurança e do imaginário do medo está presente nas cidades e que os moradores buscam se proteger da maneira que as condições permitem, e que as soluções para esses problemas continuam cada vez mais longe de se tornarem realidade, mesmo mediante construções de possibilidades de uso e direito efetivos da cidade.

O medo do crime é um fator preponderante para se entender essa sensação de insegurança. Conforme nos expressa Cordner (2010) o medo do crime tem tendência a ser maior entre indivíduos pertencentes a minorias étnicas e entre residentes de zonas urbanas. A percepção sobre o risco de poder ir e vir faz com que a vítima tenha medo do crime. Esse medo dos crimes é tanto contra a propriedade e as pessoas de uma forma geral. Com tantas limitações externas que somos expostos (as) ressalta-se que:

[...] Pistas comuns para o perigo do crime incluem: a escuridão, ambientes estranhos, a falta de companhia, a presença suspeita de estranhos e sinais de incivildades/desordem. O comportamento mais comum, como reação decorrente do medo do crime, consiste em evitar frequentar áreas inseguras durante a noite. As pessoas mais idosas costumam queixar-se, de forma exagerada e generalizada, de altos níveis de medo do crime, mas quando lhes é perguntado acerca das fontes específicas dos seus medos ou porque razão reagiu assim (por exemplo: ter medo de sair à noite) as suas respostas são tipicamente similares às das pessoas de meia idade. Jovens em idade escolar e jovens adultos costumam queixar-se de sentirem altos níveis de medo do crime, mas são os menos propensos a adotarem comportamentos defensivos e/ou restritivos. As mulheres costumam queixar-se de altos níveis de medo do crime, muito mais que os homens. Isto parece ser induzido pelo medo de serem atacadas sexualmente, o que influencia o medo de serem roubadas e, de alguma forma, assaltadas, o medo de estranhos, de ruas escuras, e muitas outras condicionantes. (CORDNER, 2010, p. 34)

Numa sociedade tão desigual e multifacetada como a brasileira torna-se naturalizado o processo de conviver com o aumento substancial da violência, da criminalidade e da sensação da vigilância consentida pela lógica privatista (principalmente para as classes mais abastadas que podem consumir as tecnologias de segurança privada).

Para Sposito e Góes (2013) o medo generalizado do cometimento de crimes, atrelado às fragmentações dos espaços e a pouca aplicabilidade do planejamento urbano das cidades, mediante, por exemplo, a ausência de implementação dos planos diretores, conduzem os moradores a investirem na busca pela sensação de segurança, como através do uso de equipamentos tecnológicos vendidos pelas empresas particulares de segurança privada.

Sposito e Góes (2013) ressaltam que na atualidade a indústria da segurança tem apostado na crescente sensação de insegurança urbana. Uma forma de atuação do mercado de segurança é a construção de condomínios horizontais, de loteamentos fechados, do aumento de shoppings

centers privativos, sendo estes espaços mais elitizados que (re) produzem a sensação de segurança e fomentam o sentimento da vigilância pela lógica privatista (através de monitoramento de câmaras de segurança altamente tecnológicas, por exemplo) em virtude da (in) segurança pública não abarcada pelo Estado.

Nesse contexto de generalização da insegurança e de todo o mercado correspondente, podemos observar que ela é um conteúdo presente no cotidiano urbano mesmo em cidades que não apresentam em seu tecido loteamentos e shopping centers, visto que as estratégias de busca por segurança se multiplicam e diversificam, tendo que ser analisadas no âmbito do cotidiano urbano.

Assim, identificamos a lógica da estigmatização da pobreza e a presença do medo em Ituiutaba a partir das falas de alguns de nossos entrevistados, que tendem a reforçar diretamente a equação da manifestação da violência versus a pobreza, ou seja, o entendimento de que o indivíduo que “escolhe” as práticas violentas, o faz porque geralmente tende a ter um nível de renda e consumo mais vulnerável do que outras parcelas da população, por isso opta por um estilo de vida desviante, tão mais bandido, mais estigmatizado por diversos perigos e condutas criminalizadas pelo código penal:

**Entrevistadora: Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistado: Bom, eu... existe sim. Existe uma relação que não necessariamente essa relação vá ser condicionada por uma consequência certa. Eu por exemplo, eu hoje estou numa Universidade, passei pelo mesmo caminho que essas pessoas que estavam ao meu lado e que não estão hoje passaram. Minha mãe hoje ainda continua catando reciclado para poder somar uma renda a mais para minha casa e eu me considero membro desse mesmo grupo, que a gente chamaria de pobre ou de uma classe média baixa, mas que não necessariamente a pobreza vá refletir numa consequência de criminalidade, acho que você tem a opção de poder escolher se você vai ou não tentar violar o outro, através de assalto, de furto, assassinado, etc e tal. Mas essa relação existe, mas não é necessariamente inevitável e por ser pobre eu vou me tornar um criminoso. Pedro Fontoura (DJ, 21 anos).

**Entrevistadora: Há relação entre pobreza e violência? Comente.**

Entrevistado: Acredito um pouco. Até certo ponto sim.

**Entrevistadora: Porquê?**

Entrevistado: É porque eu acho que é a questão do capitalismo, a pessoa trabalhando honestamente...é muito bonito o capitalismo, dificilmente a pessoa vai ter um padrão de vida legal, então muitas vezes o que eu vejo, uma pessoa, um rapazinho falando... não... eu vou traficar, vou levar a vida na bom aí, comprar carro caro aí, curtir aí uns 5 ou 10 anos, depois eles mesmos sabem que vai ser preso, vai ser morto, mas vai viver um padrão de vida legal, o que muitos sabem que honestamente dificilmente iria ter condição de acontecer isso na vida. Isso eu acho que seria fruto do capitalismo. Marcelo Silva (professor, 49 anos).

**Entrevistadora: Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistado: Sim, é o que eu tinha comentado antes. Querendo ou não eu sou de classe média, eu posso me considerar de classe média alta. Não sei se ainda usa essa especificação, essa terminologia. E tem um cidadão baixa renda, nós dois andando

pela cidade, passando no Centro, vimos um tênis, talvez eu vou comprar com mais facilidade, a pessoa que é de baixa renda não vai, então o nosso tipo de sistema econômico influencia muito, vamos dizer, o capitalismo. Às vezes a pessoa pode trabalhar mesmo sendo de baixa renda e compra o tênis parcelado. Então, essa diferenciação é a que acontece, faltas as vezes um pouco de noção da pessoa. Eu falo assim: ‘eu posso ter? Posso. Eu preciso ter? Só que o nosso sistema ela faz a pessoa... quase que obriga a pessoa a querer ter’.

Entrevistadora: A querer consumir.

Entrevistado: É. Exato.

Entrevistadora: E essa noção desenfreada de consumo, aliado talvez a falta de educação, a falta de limite e de família, faz com que as pessoas se revoltam e tenham esse sentimento de revolta e ... isso é canalizado então lá na violência. É isso, mais ou menos isso?

Entrevistado: Cai na violência, mas na violência igual os crimes, vamos dizer, do roubo, do furto, as vezes do estelionato. João Ribeiro (servidor público, 35 anos).

**Entrevistadora: 19. Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistado: Ah eu acho que a desigualdade as vezes revoltam as pessoas...e as vezes a pessoa não tem aquela índole de praticar crimes, mas as vezes as circunstâncias levam a praticar. Nas reportagens você vê aí pessoas que vão aos supermercados para roubar ou usar um desodorante, uma comida, na extrema pobreza. Heleno Perez (Advogado, 57 anos).

**Entrevistadora:19. Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistado: Sim, há. A relação que eu mais denoto, é a falta de educação com a violência e a pobreza... Não tem acesso a uma boa educação nesse país, não tem... Tem que se sujeitar a escola pública do bairro que ela mora. E eu acho a escola pública nossa... o ensino público muito ruim, muito...muito ruim, então o jovem por não ter acesso a uma boa educação não tem estímulo a estudar, a ingressar na universidade pública que seja, ou a um financiamento estudantil, e a pouca oferta de emprego, muitas vezes cai no crime, por esses motivos. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Alguns entrevistados não conseguem perceber a incidência de tantas desigualdades sociais que permeiam escolhas perigosas (da imersão na vida do crime) e que se apresentam como meio de sobrevivência numa sociedade de consumo global, pelo próprio contexto de vida do indivíduo, pelas chances reduzidas no mercado de trabalho e pelo descaso desestruturante de políticas públicas sociais e ressocializadoras, como estruturado nas falas anteriores.

Desse modo alguns até deixam claro que não necessariamente a pobreza esteja atrelada a violência, mas quando expõem seus argumentos enfatizam a questão do consumismo na sociedade atual e a pressão do sistema econômico vigente, no caso o capitalismo e da interferência do capital no atual estilo de vida urbano. No entanto, a fala da cidadina Venina Ramalho, se contrapõe as apresentadas anteriormente, porque explora a situação grave da criminalização da pobreza:

**Entrevistadora: 19. Há relação entre pobreza e violência? Comente um pouco.**

Entrevistada: Nem sempre. Eu acredito que aí entra aquela questão das oportunidades que eu falei mais cedo. Não acredito que seja um fator que liga diretamente, inclusive é um problema social muito grave isso, o da criminalização da pobreza. É um estereótipo muito feio, e é um problema social muito grave. Mas eu acho assim... que

não tem ligação não sabe. Tem ligação com a questão das oportunidades, como eu falei antes, que aí a gente entra em outro assunto. Mas com a pobreza diretamente não. Venina Ramalho (Universitária, 22 anos).

Desse modo, entendemos também que tal criminalização ocorre devido as estigmatizações de diferentes aspectos que acometem as populações mais vulneráveis no Brasil difundidas entre as classes.

As oportunidades de vida que Venina se refere, de fato, são condicionantes para coibir a entrada e permanência nos submundos urbanos. Ter acesso ao mercado de trabalho, aos estudos, ao lazer e a uma família estruturada, pode modificar a inserção social e espacial dos indivíduos.

## 2.5 Violência Urbana e a Polícia

Conforme Adalberto Cardoso (2008) o Brasil perpassou por diferentes períodos políticos com diferentes características. A escravidão deixou marcas no imaginário e nas práticas sociais modernas. Em torno dela construíram-se uma ética do trabalho precarizado, uma imagem degradante do povo e da identidade nacional, uma indiferença moral das elites quanto às carências da maioria e uma hierarquia social rígida, marcada por enormes desigualdades.

Esse conjunto de heranças coloniais e escravocratas, segundo Adalberto Cardoso (2008) é que projeta o ambiente que acolheu o trabalho livre no final do século XIX e no início do século XX, ditando os parâmetros gerais de reprodução. É o caráter multidimensional da herança escravista na sociabilidade capitalista sobre as condições de reprodução da desigualdade social no Brasil.

Para Jessé Souza (2017) é preciso reinterpretar a história do Brasil tomando a escravidão como o elemento definitivo que nos marca como sociedade até a atualidade. A interpretação dominante do Brasil, foi pensada a partir de Gilberto Freyre (1900-1987), essa ideia de que viemos de Portugal e que de lá herdamos um jeito específico de ser. Para Jessé Souza (2017) "Casa Grande e Senzala" especifica essa herança positiva ou, pelo menos, confusa. Já Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), (re) interpreta a ideia como negatividade em registro liberal. Cria, assim, o brasileiro com o complexo de vira-lata, pré-moderno, emotivo e corrupto.

Dessa forma, Jessé Souza (2017), especifica que a classe ralé é uma continuação direta dos escravos, em grande parte mestiça, objeto de superexploração, do ódio e do desprezo

correlatos ao escravo negro. O assassinato indiscriminado de pobres é atualmente uma política pública informal e velada de grandes cidades brasileiras.

A elite econômica também é uma continuidade perversa daquela do período escravagista. Nesse contexto, Jessé Souza (2015) nos esclarece acerca dos danos causados pelo patrimonialismo brasileiro e o jeito cordial de administrar o Estado e especifica sua análise a partir do entendimento de que os grupos (principalmente a elite dominante conservadora) ao longo da história do Brasil e os danos que foram causados, em função dessa cultura política do apadrinhamento, sobretudo, com ênfase na economia do país e da cegueira simbólica do capitalismo e do poder político centralizado.

Parece oportuno às classes dominantes criminalizar as classes associando-as ao banditismo, a crescente violência e criminalidade, é uma maneira de entender a violência existente em toda sociedade, mas apenas, os ditos ‘populares desclassificados’, mereciam e merecem o rigor da polícia e da permanente suspeita, assim como da indiferença de seus direitos. É por isso que se percebe nos meios de comunicação de massa, o enfoque direcionado a violência associada à pobreza, a miséria, ou seja, em linhas gerais, se traduz, no medo dos cidadãos de baixo (que podem se rebelar) e que motiva os cidadãos de cima desta pirâmide social, a manterem o estigma sobre a ideologia dos direitos humanos.

É um movimento articulado e pensado estrategicamente para criminalizar condutas populares e menosprezar condutas típicas de crimes de colarinho branco, de improbidade administrativa, de crimes de lavagem de ativos, geralmente mais propensos a outras classes sociais, em função das dinâmicas de inserção e permanência desses cidadãos. Isso já era percebido no século XIX e não é um fenômeno atual quanto a atuação das polícias:

(..)a polícia funcionava como extensão, sancionada pelo Estado, do domínio da classe proprietária sobre as pessoas que lhe pertenciam. A polícia cresceu acostumada a tratar os escravos e as classes inferiores livres de maneira semelhante, e com a diminuição do número de escravos na população após meados do século as atitudes e práticas do sistema de repressão foram aos poucos sendo transferidas para as classes inferiores não-escravos — e perduraram (HOLLOWAY, p.215)

Especificamente no Brasil, conforme pondera, Paulo Sérgio Pinheiro (1991), após os anos 80, os novos regimes políticos se confrontaram com o desafio de exercer o monopólio da violência do Estado, utilizando padrões de legalidade.

O Estado garante sua hegemonia mediante o uso coercitivo da força física com os controles ideológicos, mesmo na democracia. As instituições da violência representadas pelo

racismo, tortura, prisões e manicômios, os ditos aparelhos repressivos, continuam a reproduzir a dominação hierárquica das sociedades desiguais.

De uma certa forma, nos ajuda a entender, os chamados microdespotismos que sobreviveram após o término da ditadura militar no Brasil. Nesse contexto, isso tem a ver com a noção do autoritarismo socialmente implantado e com a transição correlata a falsa pacificação da violência desde o término da ditadura e transição para a democracia.

O que acontece no Brasil, é o controle institucional da violência ilegal praticados por autoridades públicas, nem mesmo, o Estado de direito é garantido como instrumento fundamental da efetividade dos mesmos a sociedade civil, as limitações do sistema judiciário, não asseguram de fato, o cumprimento das garantias de direitos adquiridos conquistados, nem mesmo expressos na Constituição Federal de 1988. Há uma dificuldade de abandonar determinadas culturas e ações autoritárias que legitimam essa violência institucional, reforçadas na política de segurança pública em prática desde 1983 já reproduzidas historicamente.

Com esta possibilidade de tolerância, a dissimulação se intensifica mediante uma roupagem mascarada dos procedimentos disciplinares ilegais, de modo que, conforme sustenta Pinheiro (1991) as práticas da violência ilegal ou a sua tolerância em substancial, contribui para continuar impedindo que membros da sociedade não se tornem iguais, ou seja, que essa ordem estabelecida de manutenção do poder se perpetue, através de hierarquias de comando e controle sociais.

Assim, defende a existência de um regime de exceção paralelo, que consiste em criminalizar a conduta das classes populares, ou seja, os órgãos de repressão passam a perseguir condutas tipificadas como perigosas, de acordo com as necessidades de grupos dominantes, e a repressão ilegal a criminosos comuns e torna a repressão política a luta para combater o crime comum. Essa perspectiva nos remete a entender como as elites dominantes conseguem apaziguar as demandas sociais para dominar, através de vários aparelhos ideológicos, a maneira como a classe popular se comporta, consome, pensa, reage na atualidade. Usa como instrumentos de manipulação a cultura, o consumo de classe, a aquisição de renda, o próprio direito. Conforme nos esclarece são reintegrados também na Constituição de 1988 nas políticas de segurança pública. (PINHEIRO, 1991, p.45-46).

A polícia em todo Brasil, apesar do momento de transição política da ditadura à democracia, continua perpetrando violência explícita e letal, ou seja, o combate ao crime comum segue os ritos autoritários e ilegais, controversos e correlatos ao período do regime militar. De modo que, a autonomia no funcionamento dos aparelhos repressivos é dissimulada

através do discurso democrático, porque não levam a cabo a importância da aplicabilidade dos direitos humanos e da vontade política para mudanças efetivas. Esse regime de exceção paralelo existe por apoio legitimado por grupos no interior da sociedade brasileira. (PINHEIRO, 1991, p.45-46).

Ademais, apesar de vivenciarmos uma democracia estabelecida desde 1988, as instituições democráticas violam suas próprias legislações, onde se percebe claramente a trepidação que o Estado sofre, não consegue se autogerir, muito menos controlar seu poder, algo real e controverso, que legitima a repressão policial até na atualidade. É notável que ainda se percebe violações de direitos em diferentes instituições públicas, e da situação a que estão submetidos presos (as) no sistema penitenciário ou mesmo nos espaços socioeducativos em todo o Brasil (principalmente relativo a violência perpetradas contra os jovens negros e pobres), apesar da adoção da Constituição Federal de 88 e do ECA, há uma incompatibilidade no tratamento institucional. Há incongruências sérias e gravosas. O estado brasileiro não está conseguindo superar a criminalização da pobreza e nem dos aspectos sociais e políticos que permeiam tal questão. Muito menos a adoção dos direitos humanos. (PINHEIRO, 1991, p. 46-47).

A ampliação de tais direitos humanos representava uma ameaça as classes médias e dominantes, a chamada institucionalização das regras de dominação, por inverter a equação e colocar em risco os sistemas de hierarquias conquistados ao longo da história, assegurando as assimetrias de classe entre o dominador versus o cidadão dominado.

Destarte, a cultura política dependente dos sistemas hierárquicos implantados pelas classes dominantes e reproduzidos mediante os aparelhos ideológicos de repressão, bem como da criminalização da oposição política e do controle ideológico sobre a sociedade civil tem raízes culturais das relações de poder. Para Florestan Fernandes, é uma violência institucionalizada mediante o viés de classe, para mediar as relações de poder de estamentos mais altos, isso de algum modo, ajuda a legitimar o alcance das violações tradicionais dos direitos civis (apesar da legislação constituída). (PINHEIRO, 1991, p.50).

Portanto, que esse autoritarismo implantado é a imposição dos métodos impostos à força pelos grupos no poder, que restringem a representação e participação política, inclusive, de estratos sociais que são vítimas desse sistema de opressão. É a pedagogia do medo imposta às classes sociais populares (invasão de domicílio, chacinas, matanças, massacres, sequestros) já naturalizados para oprimir os mais pobres. Ao passo que em outras classes e estratos brasileiros, o discurso dominante, reforça a ideologia do ‘endurecimento do judiciário,

aplicação das leis em vigor a ferro e fogo, redução da maioria penal” como medidas para prevenir a criminalidade inerente às massas. (PINHEIRO, 1991, p. 47-50).

Um dos principais desafios é desencadeado pelo sistema de desigualdades no Brasil: entre elas as de raça e etnia, o qual tem definido quem deve viver e quem deve morrer, conforme nos pondera Ana Flauzina (2006) quando especifica que a população de negros (as) sofre diferentes discriminações no convívio social. No que tange aos processos de criminalização de condutas inerentes à criminologia crítica é possível perceber que o direito penal estende a todos os indivíduos, mas especificamente de maneira diferenciada e vulnerabilizada com os indivíduos negros.

Para se ter uma dimensão disso, por exemplo, a taxa de mortalidade média de jovens de 20 a 24 anos foi de 261,80 por 100 mil habitantes relativos aos jovens (sexo masculino) e de 58,43 por 100 mil, para jovens (sexo feminino). A taxa de mortalidade na faixa etária de 18 a 24 anos foi de 204,58 para cada 100 mil jovens brancos e de 325,04 para cada 100 mil jovens negros a partir de uma média nacional. Portanto, é evidente que morrem mais jovens negros do que brancos no Brasil de acordo com os relatórios do IPEA (2010).

Nos cabe ressaltar que a violência apresenta-se como uma ordem contra-natural, porque é o fim de uma vida inteira pela frente, ou seja, é um falecimento não naturalizado do indivíduo enquanto ser social, filho(a), estudante, futuro(a) profissional e também um falecimento estatal em não conseguir prevenir este jovem, das forças e ações da criminalidade e cooptação criminosas e perversas, bem como da violência e dos processos de criminalização que estiverem (a juventude e toda sociedade de forma geral) expostos socialmente.

Contribuem para a vinculação dessa imagem criminalizada e que se remete à violência, bem como a influência do poder midiático e dos meios de comunicação e a própria (des) construção da imagem da polícia, que interferem nas questões de segurança pública e do crescente aumento da violência no Brasil pois:

[...]Entre mitos, verdades e equívocos, parece pertinente supor que violência e segurança pública passaram a compor, neste mundo contemporâneo de riscos e incertezas, um par conceitual a partir do qual a violência é o fantasma cada vez mais presente que afronta e põe em risco a segurança. Constituir o binômio mídia/segurança pública como objeto de análise significa refletir sobre o fato de que cada um dos polos do binômio constrói a realidade social por meio dos sentidos e das narrativas pelos quais representam a “realidade” da violência e a violência como realidade. **Em outras palavras, se a realidade é construída, apresentada, representada por meio de narrativas e imagens de guerra ou de paz, os efeitos sobre possíveis formas de orientação de condutas dos atores sociais [...] A natureza das relações mídia/segurança pública é complexa, porque tensa e contraditória, por vezes,**

**consensual e cúmplice, por outras.** Essas relações, por obedecerem a formações discursivas diferentes, são realidades não acabadas em si mesmas e conformam um campo em constante tensão e crise. Colocadas frente a frente, mídia e segurança pública têm afinidades, e ao mesmo tempo muito se estranham. (PORTO, 2009, p. 214-215, grifo nosso).

Esse trecho ressalta a relação marcada por tensões entre a mídia especulativa versus a realidade das operações policiais relativas à manutenção da ordem e segurança pública em todo o Brasil.

A ideologia da defesa social juntamente com a criminologia crítica e os sistemas penais latino-americanos contribuem para a manutenção do imaginário punitivista como sustenta Flauzina (2006) frente ao sistema punitivo brasileiro.

Na concepção de Ana Flauzina (2006) o Estado acaba definindo, portanto, quais segmentos sofrem maior vigilância e que devem ser mais combatidas através de um processo de criminalização em função da ordem social e sobre a relação entre as práticas de racismo e o sistema punitivo no Brasil.

Apesar da história de tensões e do poder punitivo exercido pela polícia em variados estados, desde os tempos passados aos atuais, é preciso esclarecer que na atualidade, a polícia (enquanto órgão estatal) também possui projetos e iniciativas que se aproximam de alguns segmentos da sociedade, principalmente de jovens, crianças e adolescentes, mediante iniciativas de educação no trânsito, voltada a prevenção de violência e drogas, educação voltada as civilidades e em iniciação a esportes. Nem sempre esses órgãos podem ser apontados como meramente repressores, porque tem tentado ter vínculo com as comunidades locais.

Na cidade de Ituiutaba, por exemplo, mediante as narrativas de cidadãos entrevistados podemos destacar alguns depoimentos que nos retratam sobre o trabalho policial na região e que são perceptíveis na visão dos diferentes moradores:

**Entrevistadora:3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistado: Sim. Acredito que a polícia desempenha um papel que é destinado, não vejo assim em termos dessa criminalidade de pequenos furtos, de arrombamento em residência, de assalto, eu acho que ela cumpre o papel, ela prende, tanto a civil e a militar, esses pequenos crimes que assustam a população mais simples, acredito que ela cumpre o papel, não vejo nada de errado não. Marcelo Silva (49 anos, professor).

**Entrevistadora: 3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistado: Sim. Ótima. Pela questão de pouco efetivo, baixo salário, apesar de ser grande o grau de resposta das coisas que acontecem e muita das vezes a sociedade não vê a polícia com o mérito que ela merece, então faz um excelente trabalho, não só no centro da cidade, em todos os locais.

**4. E no seu bairro? Como que é a atuação da polícia?**

Entrevistado: Ótimo, por causa que presencialmente eu sempre vejo eles passando, principalmente como eu já disse, é uma rua que liga o setor universitário aos bairros periféricos.... (Agora eu não sei que lado é esse da cidade), que o bairro Buritis e Canãa, a movimentação de pessoas é muito grande, então a presença deles é efetiva aqui. João Ribeiro (Servidor público, 35 anos).

**Entrevistadora: 4. E no seu bairro? Como que é a atuação da polícia? Como que é a questão da polícia?**

Entrevistado: Não, não tenho nada a reclamar. Acredito que é um serviço de muita honra, então assim, acredito que fazem um bom serviço sim.

5. Você ou alguém conhecido já precisou recorrer ao serviço da polícia? Como foi?

Entrevistado: Sim, já precisou.

Entrevistadora: Como foi o atendimento?

Entrevistado: Foi um atendimento bem rápido e ágil. Inclusive até vizinhos nossos lá, com briga de família, que envolvia cerveja.... Essas coisas assim... acabaram se alterando e rapidamente chegou a viatura, fez a abordagem e levou o genro detido.

Entrevistadora: Então no geral o atendimento foi célere e atendeu ao propósito, né? É isso?

Entrevistado: Isso. José Santana (Estudante, 19 anos).

O cidadão Alex Santiago nos alerta sobre a demora de atendimento em função de ser prestado por outra comarca:

**Entrevistadora:3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistado: Sim, o trabalho deles, é muito bom, eu acho que não deixa não a desejar o trabalho deles, eu avalio bem o trabalho deles.

**4. E no seu bairro? Como que é a atuação da polícia? Como que é a questão da polícia?**

Entrevistado: É pouco, não sei se porque lá é afastado, mas lá é pouco. Muito raro ver uma viatura lá no meu bairro.

Entrevistadora: Nunca viu um vizinho comentando a respeito?

Entrevistado: Não. O meu bairro é muito tranquilo...então tipo assim... eu acho que eles garram muito nos lugares que são falados... lugar que tem chamado e tem fama, tipo assim, a noite tem 50 chamadas no Canãa e tem 02 no Alvorada, então assim foca num certo lugar.

**5. Você ou alguém conhecido já precisou recorrer ao serviço da polícia? Como foi?**

Entrevistado: Ah eu já recorri muitas vezes, mas conhecido assim que eu saiba não,

Entrevistadora: Foi bem atendido?

Entrevistado: Fui mal atendido. Porque aqui você tem que chamar em Uberlândia, até que eles conseguem identificar o local que você está e quem é você... até chamar a patrulha...passou da hora. A chamada é demorada. Alex Santiago (Motorista, 28 anos).

E em seguida o advogado Heleno Perez complementa dizendo que confia no trabalho policial local:

**Entrevistadora: 3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistado: Sim, a polícia aqui é boa, é uma polícia que está presente dentro da sua estrutura e possibilidades e tem contribuído bastante e eu confio no trabalho policial. Heleno Perez (Advogado, 57 anos).

A cidadina Núbia Bueno, do bairro Jardim Europa II, nos alerta sobre o seu medo de uma fuga em massa do presídio de Ituiutaba, mas acrescenta que também acha importante o trabalho desempenhado por policiais:

**Entrevistadora: Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistada: Olha... eu não acho um serviço péssimo não, eu só acho assim que eles poderiam ser mais educados com a população, mas fora isso, eles estão trabalhando e se esforçando e eles querem prender bandido e correm atrás de bandidos... antes não tinha viatura passando aqui no bairro, mas agora já tem, passa entre duas e três vezes as viaturas... e eu estou chegando do serviço e estou vendo viaturas passando... sabe... e esse bairro aqui é um bairro afastado, é um bairro perigoso e eu tenho medo daqui porque se foge gente ali da cadeia...o primeiro lugar que eles vão vir é para cá... porque se eles correrem de lá... passa pelo Alvorada e aqui é caminho de saída então... é para esses lados aqui que a gente tem que ter medo, se acontece uma rebelião lá e escapa bandido... é para cá que eles vem! Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Para a universitária Venina Ramalho a atuação da polícia permeia também pelo comportamento social dos agentes e pelos tipos de abordagens realizados:

**Entrevistadora: 3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistada: Difícil. Olha eu já tive algumas experiências aqui com polícia, já aconteceu algumas situações que a polícia teve que ir na minha casa, e assim eu achei ótimo o jeito que eles abordaram e foram muito tranquilos, mas como eu te falei depende da situação sabe, até hoje eu não tive experiências ruins com a polícia,

E assim não foi apenas uma vez que eu precisei da polícia, precisei ou tive contato. Já aconteceu de eu estar num lugar, numa festa a polícia chegar, as pessoas alteradas, sabe, e assim tinham policiais que ficavam calmos e outros já mais estourados, mas nunca aconteceu comigo de eu ter uma situação desagradável com a polícia, só que aí a gente tem que pensar o seguinte: Eu não sou branca, mas meio que eu sou um padrãozinho.

**Entrevistadora: Como assim um padrãozinho? Por ser parda?**

Entrevistada: A gente sabe que tem tipos de pessoas que são mais abordadas pela polícia do que outras. A gente sabe disso. Então eu nunca fui abordada na rua por policial, porque eu sei que apesar de eu não ter a pele clara, eu me encaixo no estereótipo que geralmente a polícia não para na rua, entendeu? Então tem essa diferença.

**4. E no seu bairro? Como que é a atuação da polícia? Como que é a questão da polícia?**

Entrevistada: Ah muito pouco. Na minha rua mesmo quase não passa polícia, mas assim, em volta do meu bairro passa porque tem mais avenida, mais movimentação, tem a faculdade, mas assim na minha rua, no meu linho ali que eu moro, assim ali quase não passa. Venina Ramalho (Universitária, 22 anos).

Evidentemente nem todos os cidadãos possuem essas mesmas visões, além de tecerem alguns elogios também fazem críticas e nos retratam sobre episódios cotidianos ocorridos em Ituiutaba que envolvem a polícia local:

**Entrevistadora:5. Você ou alguém conhecido já precisou recorrer ao serviço da polícia? Como foi?**

Entrevistado: Já, a gente precisou recorrer esse serviço justamente quando havia esse bar ao lado da nossa casa e havia esse som automotivo ligado todos os finais de

semana até altas horas da manhã, onde a gente acionava o pedido, a polícia demorava muito e chegou um ponto que a atendente do Batalhão disse que a unidade não podia ser deslocada porque eles tinham serviços mais importantes para atenderem e... então isso marca um pouco a presença e o papel que ela exerce, ou pelo menos exercia, porque hoje não acontece mais. O bar ele saiu do lado da minha casa para um terreno na frente na mesma rua, mas o som automotivo não tem pelo menos mais.

Entrevistadora: Isso mais ou menos e que ano? Você se lembra?

Entrevistado: Eu era adolescente, tinha por volta de 13 ou 14 anos. Isso começou a deixar de existir depois dos 15 anos mais ou menos se não me falha a memória.

**6. Alguém que você conhece já teve algum problema com a abordagem policial, como por exemplo, algum tipo de abuso de poder? Comente se possível for.**

Entrevistado: Essa eu preciso puxar do fundo do baú e vê se ...

Entrevistadora: Aqui a pergunta no caso ela está sendo dirigida a você ou algum colega, conhecido, familiar com relação a abordagem policial.

Entrevistado: Eu não sei se isso entra como abuso de poder, mas as vezes em algumas Blitz realizadas pela polícia, alguns policiais eles têm uma atitude mais... não posso dizer que são mais agressivas, mas que me transparecem em um certo descaso ou falta de atenção com as pessoas que estão ali na Blitz, tratando a gente como se fosse, não necessariamente que a gente fosse, mas como se a gente fosse a moto que a gente tem ou o veículo que a gente tem, então... alguns policiais, eu preciso deixar isso claro porque outros são muito respeitosos, mas dentre estes, alguns tem esse descaso, na atuação e nesse papel durante a realização de Blitz.

Entrevistadora: Isso aí você fala a partir da sua visão que você vivenciou em relação as Blitz da cidade.

Entrevistado: Isso, sim.

Entrevistadora: Você acha por exemplo e aqui fazendo uma pergunta que eu acho que está dentro do contexto, fora um pouco do roteiro, mas acho que está dentro do contexto. Você acha então que se deve ter uma formação mais qualificada, uma formação mais específica dos policiais para saber lidar com essas diferenças sociais?

Entrevistado: Sim, sem sombra de dúvidas e pela questão da polícia ela ter uma doutrina militar, eu não posso dizer que a formação de todos é desqualificada, mas eu acho que uma formação de uma polícia que se distingue ao papel ostensivo, de uma maneira mais humana, por assim dizer eu acho que se faz mais necessário, porque o militarismo ele segue essa necessidade dessa disciplina, desse rigor, cumpridor da prática da moral muito a sério daquela atuação. Pedro Fontoura (DJ, 21 anos).

Nesse trecho, a entrevistada Luciana, retrata também das relações de sociabilidade com vizinhos do bairro em que mora, destacando sobre uma experiência vivenciada que precisou de um atendimento policial e teceu críticas sobre a abordagem:

**Entrevistadora:3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?**

Entrevistada: Muito pouco e precisa melhorar é demais. E demais. Esse negócio realmente da gente... eu precisei chamar a polícia esses dias, tem mais ou menos uns 2 meses que aconteceu isso, um vizinho aqui estava fazendo uma festa e era de domingo para segunda e isso já umas 02 horas da manhã e a gente não conseguia dormir e as venezianas balançavam com o som e aí eu falei gente não tem lógica... amanhã menino tem escola, eu trabalho dia todo, meu esposo tinha que ir, na época ele estava trabalhando na usina e meu esposo pega caminhão o dia inteiro carregando e é uma responsabilidade e não consegue dormir, ninguém dorme, aí minha vizinha aqui pegou e me ligou e falou: Eu chamei a polícia, chama você também, vamo chamar junto, porque eles falaram que só um é muito pouco para ligar, aí eu vou começar a ligar... aí eu liguei e ela ligou e depois a gente ligava de novo, mas eu peguei e liguei do telefone do meu neto, liguei do telefone do meu marido, ligando de outros telefones... peguei meu fixo e liguei... aí sabe qual foi a resposta deles para nós? " Se nós formos aí, vocês fazem um boletim de ocorrência, vocês assinam um boletim

de ocorrência? Vocês saem aí de fora? Aí eu cheguei a abrir minha veneziana e pôr o telefone do lado de fora para que ele ouvisse, sabe... ‘‘aí ele pegou e falou que estava um pouquinho alto, mas a senhora não acha que de repente... coloca algodão no ouvido’’ e ainda veio com piadinha...sabe, aí eu fui e falei para ela não vou chamar mais não porque não está resolvendo. Aí eu vou chamar... aí eu chamo a polícia e ele quer que eu faça um boletim de ocorrência, o vizinho não precisa ficar sabendo que fui eu que chamei ou o fulano que chamou porque aí eu vou estar criando atrito entre o vizinho, porque lá se ele está usando desses... e o barulho está tão alto... é porque a bebida já está para lá de... mais alta talvez ainda. Então vou estar cassando confusão com meu vizinho.

Entrevistadora: Isso aconteceu recentemente com a senhora?

Entrevistada: Isso aconteceu tem uns dois meses atrás e aí não veio nada e eles simplesmente abaixaram o som porque quiseram abaixar o som, então assim eu achei uma falta de respeito, porque você paga tudo, paga imposto de tudo quanto há, inclusive você ajuda a pagar o salário da polícia... e a hora que você mais precisa deles.... Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

Para Edson Pontes o serviço de atendimento foi demorado e não teve uma boa experiência com relação as vivências de um vizinho do bairro e posteriormente nos relata sobre um caso tido como de abuso de poder vivenciado em Ituiutaba em termos de abordagem:

**Entrevistadora:4. E no seu bairro? Como que é a atuação da polícia? Como que é a questão da polícia?**

Entrevistado: Eu quase não os vejo. Existe muito pouco. Passa muito pouca viatura porque é um bairro tranquilo e não tem muita demanda do policiamento.

5. Você ou alguém conhecido já precisou recorrer ao serviço da polícia? Como foi?

Entrevistado: Sim, já precisei e não foi bom, eles demoraram e não foi bom.

Entrevistadora: Da Polícia militar?

Entrevistado: Sim, militar.

Entrevistadora: Demoraram como? Qual era o tipo de ocorrência?

Entrevistado: Roubaram um celular do vizinho na rua, o vizinho chegou desesperado em casa e pediu para ligar para polícia, liguei para polícia, e eles demoraram uns 40 minutos para chegar em casa e colher o depoimento da pessoa.

Entrevistadora: Mas porque que ele não se deslocou para a Delegacia?

Entrevistado: Porque ele estava muito abalado, muito chocado com a violência que ele sofreu e a Delegacia era longe digamos...e ele não tinha condições emocionais e psicológicas naquele momento de se dirigir à Delegacia.

Entrevistadora: E era uma pessoa idosa?

Entrevistado: Não, era uma pessoa normal, idade média em torno de 40 anos de idade.

**Entrevistadora: 6. Alguém que você conhece já teve algum problema com a abordagem policial, como por exemplo, algum tipo de abuso de poder? Comente se possível for.**

Entrevistado: Não, que eu saiba.

Entrevistadora: Ficou sabendo de algum caso assim em Ituiutaba?

Entrevistado: Já, muitos.

Entrevistadora: Você pode detalhar isso?

Entrevistado: Sim, claro. Um professor da UFU, professor de Geografia, um especialista em Paleontologia...Roberto Candeiro, ele é pardo..né...e trajava roupas normais com calça, camiseta, mochila nas costas e a polícia abordou ele violentamente e mandou ele jogar a mochila no chão, que tinha notebook e os livros, e ele se identificou como professor da universidade e tal...’’ cala a boca e tal’’...

Entrevistadora: Isso foi em que ano mais ou menos?

Entrevistado: Ah....isso faz muito tempo, uns três anos atrás.

Entrevistadora: Esse professor que você está falando...eu não o conheço... do Pontal aqui. Mas é de Uberlândia?

Entrevistado: Não, não era daqui. Mas era professor e tal... e a matéria que ele dava aula não fazia parte da tua grade curricular...

Entrevistadora: Ah..então... você está falando desse episódio a uns três anos atrás e esse professor fazia parte do Pontal e hoje não faz mais?

Entrevistado: Não, ele conseguiu doutorado não sei aonde fora aí e foi embora.

Entrevistadora: E esse episódio aconteceu em Ituiutaba?

Entrevistado: Aconteceu sim em Ituiutaba.

Entrevistadora: Muita gente ficou sabendo ...a comunidade acadêmica todinha da UFU sabe disso. Ele se identificou e o policial viu...que era um professor e ele realmente prestou queixas e foi avante na reclamação e isso me deixou muito chateado. Essa atitude da polícia realmente foi desnecessária e inútil e horrorosa. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Tais depoimentos retratam alguns antagonismos entre a relação da polícia com a sociedade brasileira como um todo. Dessa forma, precisamos ultrapassar o paradigma bélico da segurança pública no Brasil, porque representa a ponta do iceberg, que incrementa o sistema penal, visto ser ele que seleciona, captura, criminaliza e dá início ao processo punitivo. Reverter essa ideologia impregnada no sentimento coletivo, por penas mais duras e de uma guerra a se vencer, é um processo difícil por estar arraigado na cultura brasileira.

Assim, o combate coercitivo e institucionalizado moldou a polícia emergente brasileira, pois se pautou historicamente num modelo para atender os interesses das elites brasileiras enquanto guardava distância do cidadão. Como é possível notar no Brasil, a polícia estruturou-se, à exceção da polícia civil e talvez a federal, em uma rígida estrutura militar que se subordina às forças armadas, modelo incompatível com a lógica democrática. O foco estaria num inimigo interno, aquele que ameaça à segurança nacional e cuja eliminação é justificada para o bem da nação. (GARLAND, 2008).

No contexto histórico de 1964 este inimigo era externo e estava no comunismo, posteriormente, já na atualidade, foi transferido para a figura do traficante/criminoso, justificando assim o status quo da estrutura policial. Inegavelmente, mesmo mediante, contradições e antagonismos é imprescindível o combate à criminalidade, seja mais ou menos periférica ou elitizada. Até porque as cidades precisam estar mais pautadas na legalidade, do que imersas em submundos marginalizados. (GARLAND, 2008).

A estrutura do sistema atual, se concretiza numa polícia voltada para os interesses do Estado com fortes conotações político-partidárias, e que é seletiva em suas abordagens e práticas mantendo o foco incidental e reativo como forma de combate à criminalidade, além de guardar estreito relacionamento com o modelo predecessor de segurança pública que se fundamentava na figura de um inimigo a combater:

Apesar da recorrência à criminalização, os níveis de encarceramento chamavam a atenção mais pela qualidade do que pela quantidade de encarcerados. Foi a partir de

1964 que ganhou indiscutível força no discurso de segurança pública a figura do inimigo interno, encarnada então pelo comunista, pelo subversivo, assim como a lógica do combate militarizado. O golpe militar, sabemos, se baseou na doutrina de segurança nacional, que, nas palavras de Nilson Borges, era a “manifestação de uma ideologia que repousa sobre uma concepção de guerra permanente entre o comunismo e os países ocidentais, e tinha raízes na noção de segurança coletiva (hemisférica) da Doutrina Monroe. A doutrina de segurança nacional, (re) formulada pela Escola Superior de Guerra para a realidade brasileira, trabalhava com uma concepção belicista do processo social, segundo a qual toda a política nacional deveria ser orientada em função da segurança. Tal mentalidade preconizava a utilização da guerra interna ou eliminação do inimigo interno como estratégia imposta pelos imperativos da segurança nacional (NASCIMENTO apud GARLAND, 2008, p. 15).

A opção pela reatividade do combate ao crime, então é mais proposital que accidental, podendo fundamentar-se tal pensamento na figura do inimigo, do criminoso no período de redemocratização justamente como forma de justificar que a guerra continuasse e o aparato de segurança, ao mesmo tempo, em que mantinha sua estrutura belicista, subjugava-se às forças armadas estando constitucionalmente colocada como força auxiliar e reserva do exército, que vem trazendo consequências negativas desde o período de redemocratização do país pela ausência de políticas que tentem reformular o sistema. (GARLAND, 2008).

## **CAPÍTULO 3:**

### **ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ITUIUTABA-MG: AS PRÁTICAS ESPACIAIS**

*Novas formas de produção do espaço urbano com tendência à fragmentação socioespacial, geram novas práticas espaciais. Essas, por sua vez, alteram os conteúdos dos espaços públicos e as representações que sobre eles se elaboram. O lançamento desses novos produtos imobiliários, na perspectiva dos agentes interessados diretamente na sua comercialização e a partir da visão dos que escolhem esses espaços para habitar, apoia-se no pressuposto de que há um aumento generalizado da violência urbana, que abordamos como insegurança urbana. (SPOSITO E GÓES, 2014).*

No presente capítulo são abordados alguns aspectos da fragmentação socioespacial atreladas a (in) segurança urbana em Ituiutaba que se relacionam diretamente com as práticas espaciais. As reflexões apresentadas buscam responder ao seguinte questionamento: “Como as práticas espaciais em busca da segurança se correlacionam com a fragmentação socioespacial em Ituiutaba”? A epígrafe que abre este capítulo nos oferece uma visão da tendência de fragmentação perceptíveis no município analisado por abarcar as práticas espaciais, sobretudo as de securitização, aliadas as diferentes formas de se habitar o espaço urbano.

#### **3.1 Da Segregação à Fragmentação Socioespacial**

A segregação espacial tem sido objeto de análise pelo campo das ciências sociais, principalmente da sociologia urbana da Universidade de Chicago, desde a primeira metade do século XX, através da Escola de Chicago. A cidade era percebida como lócus da luta pela sobrevivência e os estudos da ecologia fatorial avançaram no entendimento sobre a segregação residencial.

A economia política através das bases do materialismo histórico e dialético de Marx e de Engels também influenciaram nos estudos acerca da segregação residencial no espaço urbano, ao identificar a existência dos grupos sociais nas cidades, e reconhecer as áreas segregadas como os locais de reprodução das classes sociais, conforme nos aponta Castells (1983).

Desta forma, as interpretações da geografia urbana influenciaram a compreensão da espacialidade através da visão geográfica acerca da reprodução das diferenças sociais no espaço urbano, por meio de diferentes perspectivas analíticas, como a ecologia urbana da escola de

Chicago e o marxismo que basearam o olhar estratégico dos geógrafos urbanos no estudo da segregação atrelada a sua dimensão residencial.

Nesse sentido, a cidade contemporânea é marcada pela segregação socioespacial, ou seja, pela separação no espaço dos diferentes grupos sociais. A distribuição das áreas industriais, das áreas de lazer, dos espaços públicos, dos locais específicos de consumo, das vias de tráfego, dos espaços inerentes a movimentação do transporte público, das áreas das escolas, dos hospitais, da segurança pública, dentre outros elementos urbanos, está atrelada a segregação, na qual as parcelas mais pobres da sociedade ficam restritas a espaços com piores infraestruturas e condições de vida mais precárias enquanto que as parcelas mais ricas se apropriam das melhores localizações.

Desse modo, para Marcuse (2003) o espaço inerente a cidade capitalista, sobretudo das grandes cidades, é delimitada essencialmente pelo fato de ser fragmentado, se tornando um mosaico irregular com áreas de diferentes tamanhos, formas e conteúdos, gerados por processos sociais e agentes sociais totalmente diferenciados. Acreditamos que esse processo pode também ser encontrado nas cidades de porte médio, como em Ituiutaba por exemplo. Marcuse (2003) defende que as áreas desse mosaico representam os movimentos do tempo, com paisagens recentes, envelhecidas, construindo alguns processos de renovação que são ampliados.

A divisão social do espaço urbano no contexto da segregação socioespacial diz respeito à existência de áreas com uma homogeneidade interna e alguma heterogeneidade externa em aspectos específicos. Cada área define conteúdos a partir das questões de renda, de instrução, de faixa etária, de ocupação, da religião. O mosaico social é estabelecido pelo preço da terra, pela valorização da propriedade fundiária, da proximidade dos centros de negócio (da área central, subcentros e áreas especializadas) e que desempenham papéis fundamentais na estruturação socioeconômica.

Para Corrêa; Vasconcelos; Pintaudi (2013) tais áreas sociais, econômicas estão justapostas, se superpõem a partir das lógicas das áreas que tem diferenças. A acumulação de capital e a reprodução das diferenças de classe representam o espaço da cidade capitalista e que culmina na segregação espacial, sobretudo no aspecto residencial.

A segregação socioespacial pode ser abarcada pelas tendências de marginalização espacial e de periferização. A primeira conforme nos aponta Fassin (1996) engloba a noção de centro/periferia inerente ao espaço social e da marginalização social e espacial dos cidadãos. Tal noção fomenta a dualidade das cidades de países em desenvolvimento, em que as áreas centrais possuem notáveis infraestruturas de serviços, ao passo em que em suas margens não

tem a mesma demanda de estrutura e estas compõem as espacialidades periféricas percebidas como marginais como tem sido presente perceber mediante as entrevistas com cidadãos locais em Ituiutaba. A noção de periferização norteia o avanço da nomenclatura de marginalização espacial e tolera normas irregulares fora das áreas fomentadas pelo mercado imobiliário e os cidadãos são forçados a habitar os espaços não ocupados das periferias.

Diferentemente de Vasconcelos (2004) Sposito (2013) nos ressalta que a segregação fomenta o reconhecimento de diferentes formações socioespaciais e que seus conteúdos se modificam gradualmente e precisam reconhecer processos mais profundos da segmentação socioespacial. Para Sposito (2013) tal conceito de segregação é polissêmico e varia conforme a composição do sistema urbano em diferentes escalas e está associada a uma relação entre uma parte e o conjunto das cidades.

Dessa forma, a segregação está ligada a uma forma de diferenciação ou desigualdades presentes em diferentes cidades brasileiras, mas nem toda diferenciação ou desigualdade de fato é mesmo uma forma de segregação conforme nos esclarece Sposito (2013).

A segregação é sim um processo de competição pela área residencial mais valorizada no mercado, marcada pela homogeneidade social, econômica e cultural e incorpora certa noção-valise, mas com diferentes formas de segregação, mas a autora defende o componente espacial como forma de diferenciar outros conceitos correlatos como a espoliação, marginalização e estigmatização. Sposito (2013) defende o processo da segregação considerando as múltiplas temporalidades da vida urbana, mediante a revelação dos campos de lutas e ações na esfera social e que é mais danosa à sociedade urbana como um todo. E está diretamente vinculada aos atores sociais que permeiam tal processo que denotam conflitos étnicos, culturais e religiosos mais intensos no tecido espacial urbano.

Historicamente no Brasil, a segregação socioespacial foi uma forma de compreender a discriminação associada aos processos de favelização, que conforme nos salienta Sposito (2013) foi mais acentuado nas últimas décadas, em função do domínio de grupos do tráfico sobre parte desses espaços de ocupação ilegal, através de apontamentos de Marcelo Souza (2008) sobre tal realidade e que culminou no processo de periferização das populações mais pobres desde a década de 70.

Já a partir da década de 80, as cidades brasileiras ampliaram a produção de espaços residenciais murados (percebidos também na cidade de Ituiutaba) ou cercados com a utilização ou não de sistemas de segurança e controle, culminando na produção dos espaços residenciais fechados.

Para Teresa Caldeira (2000) a partir disso outras formas de segregação socioespacial foram geradas (autosegregação) em que aqueles que possuem mais poder preferem se separar dos outros, de forma a isolar os de menor poder e é aprofundada a partir das lógicas contemporâneas da própria produção do espaço, ampliando a urbanização difusa e aumentando as desigualdades socioespaciais, tanto pelo pouco acesso a mobilidade urbana quanto pelos problemas inerentes ao tráfego de trânsito.

Portanto, tal dinâmica de afastamento socioespacial relativo aos segmentos com pouco poder aquisitivo tem gerado o agravamento da situação geográfica (principalmente da posição ocupada por um imóvel) dos mais pobres, que tem seguido a tendência de se afastar, no sentido de tentarem resolver as problemáticas com a moradia e é neste ponto que a segregação socioespacial pode se intensificar, culminando na multiplicidade de afastamento e isolamento da população mais pobre quase que essencialmente. (SPOSITO, 2013).

É preciso destacar que o processo de segregação se articula em simbiose com o de autosegregação, na medida em que, um retroalimenta o outro através das ações dos atores sociais envolvidos, seja no ato de segregar ou de ser segregado por outros grupos.

As ideias defendidas por Sposito (2013) nos suscitam a compreender a abrangência da segregação atrelada a segmentação socioespacial e da sua correlação com a mobilidade urbana dos cidadãos em cidades de diferentes portes, principalmente nas médias.

Na fragmentação do espaço urbano capitalista existe uma divisão econômica do espaço e uma divisão social do espaço. Tal divisão econômica representa a espacialidade das atividades econômicas, através dos terminais de transporte, de depósitos, estabelecimentos atacadistas e varejistas, escritórios de serviços, hospitais e escolas, desse modo, a espacialidade de cada atividade possui uma lógica própria garantindo a sua localização específica no espaço das cidades.

Gonzalo Saravi (2015), na sua obra sobre as juventudes fragmentadas, aborda as experiências dos alunos em relação à escola, a cidade e ao consumo por meio de um trabalho etnográfico realizado por ele retratando duas instituições voltadas para as "classes privilegiadas" e mais duas que recebem jovens de "classes populares". É através da narrativa dos entrevistados que Saravi (2015) explora como a desigualdade é construída, dando lugar ao que ele chama de fragmentação social (p. 27). Esse conceito é fundamental, pois especifica a coexistência de mundos social e culturalmente bem distantes, que são isolados um do outro, mas ainda nos especifica que:

A desigualdade não é apenas os pobres, nem é um problema que apenas os afeta ou pode ser igual a pobreza. O outro lado desse fenômeno é riqueza e privilégio; a desigualdade também inclui os ricos e é um problema que preocupa e afeta também para as classes altas da sociedade (SARAVI, 2015, p. 28).

Para Gonzalo Saravi (2015), essa fragmentação social é perversa, porque se ancora numa lógica do acúmulo de desvantagens e vantagens que poderia levar ao mesmo destino definido pelo enfraquecimento do vínculo social (p. 33). Para o autor, o privilégio e a privação podem ser concebidas como expressões similares de um processo de exclusão ou de distanciamento social dos padrões de participação e do bem-estar social assumidos como normais em cada sociedade. (p. 34) e ainda nos alerta que é importante olhar para os problemas que a desigualdade subjacente proporciona, uma vez que não se limitam à precariedade de alguns pela abundância de outros. Desse modo nos evidencia que:

Embora o caráter totalizador seja mais perceptível e evidente na cidade exclusiva devido à sua concentração em um espaço relativamente pequeno, não é uma característica única desse tipo de espaço urbano [...] a cidade aberta apresenta também esse caráter totalizante, que permite, contribui e determina que o cotidiano dos jovens das classes populares ocorre no espaço periférico e, para eles, é esse espaço a cidade inteira e a sociedade única. Isso traz consigo, de acordo com o autor, que fora desses espaços determinados, o sujeito vive a cidade como desconhecido e alheio à sua experiência de vida. (SARAVI, 2015, p.157-158).

Dessa forma, para Gonzalo Saravi (2015) a ideia da fragmentação das práticas sociais afeta a construção de percepções de desigualdade, elucidando que os jovens constroem suas percepções de desigualdade a partir de experiências extremamente restritas que levam à ignorância dos problemas em outras vertentes, além de retomar ideias originadas de estigmas e preconceitos que enfatizam apenas parte do abismo social que vivenciam nas cidades. A realidade fragmentada dos jovens vivenciada nas cidades também pode ser estendida a outros grupos de cidadãos de diferentes idades, posto que tal experiência parcelar também é vivenciada e sentida por variados cidadãos.

O conceito de fragmentação socioespacial é trabalhado por diferentes geógrafos urbanos. Para Prévôt-Schapira (1999) essa noção se associa a diluição orgânica entre os pedaços da cidade, com bairros de pobreza justapostos a algumas partes de riquezas isoladas presentes nos arquipélagos urbanos. Dear (2000) salienta que tal fragmentação ocorre por tendências de centralização administrativa do desenvolvimento das autônias mais locais, já Paquot (2002) defende que é composta por um todo homogêneo e é constituída de diferentes territórios, de forma que, é uma organização territorial criada através da globalização e

essencialmente estruturada através de um sistema baseado no automóvel, ou seja, na noção do transporte privado em detrimento do coletivo.

Nesse contexto, nos cabe enfatizar, a importância da noção expressa por Navaz-Bouchanine (2002) que percebe tal fragmentação em quatro dimensões; a social; a da forma urbana; a socioespacial; a administrativa e política do território urbano. Para a autora a fragmentação representa um tipo de processo de fechamento de territórios espacialmente delimitados e habitados por populações socialmente percebidas como homogêneas, assim, conforme sustenta Navaz-Bouchanine (2002) a fragmentação representa uma explosão, um mosaico urbano impulsionado pelo seu crescimento e fronteiras internas.

O processo de fragmentação quebra essa lógica de cidade dividida em centro - periferia. Em Ituiutaba isso é perceptível pelo fato do condomínio dos médicos estar do lado do loteamento do Minha Casa Minha Vida no bairro Gilca Cancelli Vilela por exemplo.

Já para o geógrafo brasileiro Marcelo Lopes de Souza (2006) a fragmentação do tecido sociopolítico-espacial (numa forma linguística diferenciada, mas com sentido geográfico aproximado de noções sociais e políticas) em muito se aproximava dos fechamentos de loteamentos e de condomínios, bem como da noção do fechamento de favelas por traficantes de drogas locais e do abandono de espaços públicos.

Desse modo, a cidade em processo de fragmentação para o autor, possui infraestruturas de transporte precárias e é (re) produzida pela ausência do Estado, pela fomentação do mercado imobiliário, pela ação da população mais pobre e representa certa fratura social e política.

Para entender a complexidade da fragmentação, é preciso conhecer algumas noções ligadas aos indivíduos, no que tange a exclusão (pessoas geograficamente e materialmente pobres) que estão presentes na maioria das cidades brasileiras e que habitam e vivenciam uma parte mais periférica do que outros segmentos sociais. E as noções de inclusão (o processo diferente da exclusão) que representa as políticas de acesso dos habitantes dessas áreas excluídas às áreas centrais mediante a acessibilidade dos sistemas de transportes.

A noção de segregação não se sustenta sozinha, de modo que não consegue explicar as formas radicais da diversificação e diferenciação das áreas de consumo de bens e serviços que são base da cidade com multi (poli) centralidade urbana, necessitando de compreender a fragmentação socioespacial em curso na atualidade, por esta abarcar uma parte dos estudos de políticas públicas, pelo modo de governança presentes em grandes metrópoles, transformações globais aliadas as formas de ações e atividades empresariais que se articulam no tecido espacial. Desta forma, Souza (2000) entende que esta fragmentação advém do próprio processo de

globalização que se dá pela homogeneização cultural e de um costuramento econômico que culminam em excluir e segmentar os diferentes, que pode resultar numa redefinição econômica das práticas espaciais. Os conceitos de segregação e fragmentação precisam ser diferenciados.

Desse modo, a segregação socioespacial ressalta a dicotomia entre a lógica centro-periferia e estão mais ligadas as diferenciações residenciais e a competição de suas áreas mais valorizadas. Não explica unicamente as complexidades urbanas atuais. Já a fragmentação socioespacial enfatiza a multi (poli) centralidade urbana e um conjunto de processos operando em 3 dimensões (tecidos, imaginários e práticas espaciais) a partir de uma redefinição incluindo diferentes fatores sociais e espaciais.

Isso implica na produção do espaço urbano pelas situações geradas pelos agentes de articulação do mercado imobiliário, tais como os incorporadores, proprietários de terra, corretores de imóveis, atores do poder público com maior força econômica ou política, tanto no âmbito privado (incorporadores de condomínios verticais e horizontais) e também de condomínios residenciais mais populares com imóveis bem reduzidos a partir do financiamento inerente ao Programa Minha Casa, Minha Vida. Tais iniciativas fomentam a descontinuidade do tecido espacial urbano, porque alguns são distantes das áreas e bairros centrais e ainda não se estruturaram em termos de acessibilidade de equipamentos públicos e privados observados nos bairros contemplados por esta política pública habitacional no município analisado.

Nos cabe enfatizar, de acordo com Sposito (2013), que imóveis voltados aos grupos de menor potencial financeiro, sobretudo aqueles financiados em longo prazo, apresentam uma distância acentuada do centro principal, ou seja, tem como característica a baixa adesão do transporte público coletivo não atender, de forma mais célere, as demandas por deslocamento entre ruas, avenidas e bairros tanto na frequência desse atendimento quanto de alguns trajetos que interligam o bairro ao centro, de modo que, a solução para os cidadãos se dá pelo uso de motocicletas, identificáveis em Ituiutaba, pois se encontram em áreas do espaço urbano um pouco mais afastadas de escolas públicas, postos de saúde, rede de comércios e farmácias, supermercados, lojas e em função de tal afastamento a partir dessa dificuldade de acesso, a segregação socioespacial pode vir a se intensificar, mediante as diferenças acentuadas e do afastamento espacial, nos aprofundando a compreender os processos de fragmentação em curso no tecido urbano.

A (re) definição do papel do centro das cidades é linear para compreender a estruturação do espaço urbano pelo protagonismo da escala inerente as redes interurbanas. No entanto, Sposito (2013) nos alerta que as áreas centrais são os espaços que compõem as

centralidades, mas não podem ser confundidas, visto que estão imbricadas nas relações entre localizações e os fluxos que o sustentam a partir da espacialização urbana e da dimensão espacial do Centro.

Nesse ponto, algumas ações são feitas para um grupo seletivo de interessados nestas centralidades, o que nos sugere, uma certa segmentação e seletividade socioespaciais porque reforça a separação social e residencial nas cidades, atendendo apenas aos segmentos sociais que cultuam hábitos específicos de consumo que geram práticas espaciais novas, e que atendem muito mais a noção de policentralidades do que apenas de meras centralidades. Mas há uma certa superação da dicotomia da lógica centro-periferia que orienta a divisão econômica e social e nos remete a reestruturação urbana.

Ademais, no que tange a mobilidade urbana dos cidadãos, é importante destacar que aqueles que possuem transporte individual tem mais chances de fazer escolhas de consumo em diferentes espaços tendo mais acesso a festas, restaurantes, bares mais afastados, a levar os filhos na escola e vivenciam uma cidade mais multi (poli) cêntrica, mesmo centrado em seus mundos e muros mais particulares, mas também contribuem para consolidar o imaginário das cidades inseguras, conforme o trecho que ressalta sobre:

[...] Um conjunto de razões objetivas que ajudam a explicar a maior mobilidade daqueles que têm mais recursos e a menor entre os que dependem do transporte coletivo. Elas não são suficientes porque outros elementos contam, alguns de ordem subjetiva e poderíamos fazer alusão a várias situações em que cidadãos ‘pobres’ têm mais autonomia e liberdade em seus trajetos, em suas escolhas, em suas formas de apropriação do espaço urbano, do que alguns cidadãos ‘ricos’. É preciso então relativizar a caracterização apresentada, mas não deixar de considerá-la como tendência e prevalência. Todas essas dinâmicas destacadas levam a possibilidade (e elas se realizam) de que os processos de segregação se aprofundem, ampliem-se em número e se diversifiquem, em qualidade e perfil, segundo múltiplas combinações que podem se efetivar. O processo de segregação é mais intenso e complexo, a meu ver, pela relação entre esse espaço multi (poli) cêntrico e as formas de circulação urbanas[...] porque se combina com as condições políticas, os interesses culturais, as possibilidades socioeconômicas, as representações sociais ancoradas em velhas discriminações, as novas apoiadas em fatos reais ou impostos pela mídia, como a própria associação entre cidade e violência (não se importando de que cidade se trata). [...] O automóvel ele mesmo segrega, porque separa com vidros fumês e com seus sistemas de segurança ou de blindagem; porque passa pelos espaços públicos, sem que isso signifique a apropriação deles, porque propicia um nível de velocidade na circulação que os meios de transporte coletivo não oferecem. É secundado pelas motocicletas, ágeis e rápidas, favorecendo mais a velocidade, ainda que seus usuários não tenham o mesmo prestígio e seus corpos não estejam tão isolados do espaço em que trafegam. [...] o transporte automotivo individual oferece relativa liberdade de escolha para seus motoristas, que se tornam donos dos itinerários que efetuam, propiciando a segmentação socioespacial, na realização de todos os âmbitos da vida urbana. (SPOSITO, 2013, p. 79-80).

Assim, Capron (2006) e Salgueiro (2001) nos apontam para uma cidade fragmentada em construção por nos apontar alguns processos inerentes a um território policêntrico, composta por enclaves e da participação dos cidadãos nas redes e relações de sociabilidade. A cidade fragmentada está calcada na necessidade de se separar da possibilidade de um encontro, ou seja, da vontade do evitamento com os outros diferentes ou mais distantes. Capron (2006) enfatiza as relações entre segregação e fragmentação considerando que se complementam.

A fragmentação socioespacial é ampla e complexa, e é compreendida pelo conjunto de relações, pois associa as formas tidas como materiais e imateriais de separação, que alteram o direito de liberdade (de ir e vir) e que os sistemas tecnológicos de segurança e os muros altos controlam o cotidiano de ruas e/ou bairros, bem como à medida que áreas de bens e consumo não são para todos os que querem e desejam frequentar, se for aliado ao tempo de deslocamento pela cidade, nos apontam para uma tendência de fragmentação, que nos exige compreender as dimensões espacial, temporal e social.

O afastamento socioespacial latente entre os cidadãos representa uma forma de desigualdade dos direitos de acesso à cidade e os tempos desiguais dos cidadãos no aspecto de mobilidade tendem a orientar os processos de fragmentação socioespacial a partir de três esferas: através dos tecidos (no aspecto socioespacial); pelas práticas espaciais (dos evitamentos e de securitização por exemplo) e dos imaginários coletivos (os do medo, da violência e da insegurança na cidade). (MAGRINI, 2013).

Na cidade de Ituiutaba percebemos que a fragmentação se mostra reduzida na configuração do tecido - com poucos enclaves típicos - porém se mostra nos imaginários e nas práticas espaciais de securitização com algumas evidências mais fortes. O capítulo 2 enfatizou os aspectos dos imaginários do medo na incidência da fragmentação. Este capítulo enfatiza as práticas espaciais de securitização adotados pelos cidadãos de diferentes bairros.

A fragmentação resulta de um processo ligado as dimensões da morfologia e das práticas espaciais que é multiescalar e em cada uma dessas escalas, há especificidades constitutivas desses processos, tanto dos grandes empreendimentos com os usos que se estabelecem dentro deles, quanto da separação e também nos bairros, onde a fragmentação acontece dentro deles, mediante um processo que vai além das estratégias de dualidade embora se contenha as articulações entre o mais pobre, o centro e a cidade aberta e o mais rico, a periferia e o acesso à cidade fechada.

Assim, nos cabe ressaltar que, a fragmentação é um processo que congrega simultaneamente em sua essência, as relações entre as diferenças e as desigualdades, o que nos

remonta a enfatizar as distinções entre os conteúdos destes com os processos para tentar aumentar sua força explicativa.

Então, entendemos tal fragmentação como uma analogia inerente a sociedade urbana, aquela que permeia toda a lógica da produção e do consumo no atual sistema capitalista, que impulsionam muitas vezes a negação do urbano de forma a limitar o acesso e o direito à cidade. Mas no caso de Ituiutaba esse processo de fragmentação socioespacial pode ser estruturado pelas seguintes falas em essência, a primeira é do Pedro Fontoura que nos conta sobre a realidade do bairro Satélite Andradina e as dificuldades de acesso a outra parte da cidade:

**Entrevistadora: 8. Você gosta de morar lá? Por quê?**

Entrevistado: Não gosto de morar lá porque a infraestrutura do bairro, internet e a acessibilidade aos outros pontos da cidade como a situação do bairro das zoonoses, do bairro Pedreira não serem asfaltadas, as vezes prejudica um pouco porque a gente precisa mudar a rota para poder ter acesso à cidade, mas não que essas duas rotas impossibilitem, mas é a possibilidade de ter acesso por elas, por ser um trajeto mais curto e por ser curto, facilitar ou ajudar na economia de combustível. E .... o pouco investimento por parte da iniciativa privada como o Sacolão, é bar, farmácia, você não ter dentro do bairro e precisar se deslocar para outro bairro para poder ter acesso a esses itens.

Entrevistadora: Mas não tem nada que ofereça esse tipo de infraestrutura de serviço?

Entrevistado: Recentemente inaugurou-se um mini mercadinho dentro do bairro que tem alguns itens, não todos que as vezes a gente necessita por essa especificidade do que a gente procura as vezes, mas como farmácia e sacolão ainda não. Pedro Fontoura (Universitário, 21 anos).

A segunda fala retrata sobre os processos de evitamentos de convivência em setores estigmatizados de Ituiutaba, em que o imaginário do medo se opera de forma generalizada, ocasionando a sensação de insegurança e da percepção fragmentada dos lugares mais distantes. Apesar do entrevistado dizer que não evita bairros específicos, ao mesmo tempo, sua fala mostra-se contraditória porque enfatiza o local e horários de bairros que considera como complicados:

**Entrevistadora: Quantas vezes na semana? Foi nesse sentido a pergunta.**

Entrevistado: Sempre, sempre estou nos bairros, não assim questão de atividades, mas sempre ando nos bairros sim.

Entrevistadora: Você vai nos bairros... mas fica mais no centro e universitário?

Entrevistado: Até esse domingo, eu fui num aniversário, num bairro perto do Santa Edwiges, um bairro carente, mas é aquela história, eu cheguei lá e já pedi para guardar a moto dentro da garagem, eu não teria coragem de deixar a moto do lado de fora, é questão de precaução, eu sei que estou num lugar perigoso.

Entrevistadora: Então o bairro Santa Edwiges é perigoso?

Entrevistado: Sim. Não é um bairro tranquilo.

**12. Você evita de ir em algum bairro específico em Ituiutaba? Por quê?**

Entrevistado: Não, evitar não evito não. Eu tomo precaução, quando eu estou em algum lugar, eu sei do local que estou indo dependendo o lugar e horário eu evito de ir.

Entrevistadora: Mas em relação a um bairro específico, igual o Santa Edwiges você toma a mesma precaução em outros bairros? Quais bairros?

Entrevistado: Natal, é um bairro complicado. Igual te falei anteriormente, é um bairro difícil, o Natal, Novo Tempo I, Novo Tempo II, são lugares complicados. Marcelo Silva (Professor, 49 anos).

A fala da cidadina Núbia Bueno, moradora do Jardim Europa II, incorpora a realidade vivenciada e sofrida pela ausência de posto de saúde no bairro em que reside e nos mostra a fragmentação do espaço mediante a falta de transporte público, fazendo com que os cidadãos necessitem andar mais a pé:

**Acha que falta infraestrutura de serviços e comércio no seu bairro?**

Entrevistada: Ah eu acho que falta, podia ter uma farmácia e um posto de saúde, e o médico podia vir ao menos uma vez por semana para cá, para gente ter médico tem que ir lá no Alvorada, e tem que madrugar e você chega lá e o menino olha para sua cara e diz: ‘‘A gente está atendendo vocês por cortesia e não é nossa obrigação’’ ..., mas gente... paga por equipamentos da saúde, e não, não é a obrigação deles, entendeu? Eu tenho problemas no joelho, e para mim andar daqui até o Alvorada, é uma luta,.. Uma lástima... e eu estou precisando ir no médico lá e levar minha menina, mas eu não aguento andar muito e para mim ir lá e se eu quiser um médico tem que ir lá, e se eu quiser tem que pagar moto táxi e não dá e o dinheiro não dá para pagar moto táxi, e é difícil, então não tem! Mas eu acho que ele poderia vir aqui uma vez por semana até organizar e vinha na parte da manhã, e com certeza acharia alguém para ceder.... Para falar: não, médico, pode atender aqui e tal. Até organizar um posto de saúde, e estar trabalhando. Sabe até... olhar as criancinhas e os idosos, que tem que tomar os remedinhos deles, de pressão e tudo mais, é tão difícil eles saírem daqui...nesse sol quente e ir lá naquela distância, mesmo que seja de manhã, o sol dá 9 horas ou 10 horas, está quente, e é a hora que termina a reunião dos hipertensos lá que eles estão indo embora. Tadinho deles a pé. É complicado! Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

E ainda nos alerta com relação a falta de distribuição de correios no bairro em que vive e da cobrança de impostos locais:

**Entrevistadora: E com relação a comércio e serviços? Tem ou não tem?**

Entrevistada: Aqui não tem correios até hoje e tem uns 04 anos que moramos aqui, não... mas nós temos numa época que... como que chama aquele negócio que a gente paga da casa, minha filha?

Entrevistadora: É o IPTU?

Entrevistada: Esse... esse aí o correio acha nós, para pagar o IPTU acham nós..., mas no geral assim... se você precisa receber alguma coisa pelo correio... e o nosso horário de correio é ruim é das 14h até as 16h e só... que nós aqui do bairro, pode ir lá e pegar nossas coisas... entendeu? E antes não entrega, só das 14h às 16h e então é muito complicado para quem trabalha nesse horário, não tem correios! E comércio só tem o Marção ali... e tem outra mercearia ali embaixo que fizeram mais... as coisas ali são muito mais caras, e ficou melhor agora porque abriu o supermercado ali o Bahamas, então assim, vai melhorar mais para gente, porque a mercearia aqui da esquina a do Marção fecha no domingo e nem abre no feriado, então para nós o supermercado é vantagem nesse ponto, porque se você quer comprar um pão, um macarrão, porque nem tudo você compra, as vezes você quer comprar outra coisa, aí as vezes com um comércio melhorou muito. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Essa percepção da fragmentação fica mais evidente, quando a citadina nos responde sobre como se dão seus deslocamentos na cidade e as atividades de lazer mais usuais, em função da condição socioeconômica de sua família, ela não consegue nem mesmo ir à missa durante o fim de semana por falta de transporte público e aí nos argumenta que não há lazer fora de casa:

**Entrevistadora: 3. Seus deslocamentos pela cidade são feitos como?**

Entrevistada: De moto, a pé, de Uber, de coletivo, são esses três porque aqui em casa não tem moto, nem carro, então quando a gente vai...ou de Uber...quando vai lá para minha mãe sempre de uber ou táxi né, porque é mais longe, porque tem que atravessar a cidade, minha mãe mora lá do outro lado perto da UFU, então a gente vai e tem que pagar uns 15,00 reais para ir, e mais 15,00 para voltar então...não dá para ir lá direto porque fica caro, aí para ir ao serviço eu vou de coletivo e as vezes eu pego o coletivo, mas volto de moto, porque o coletivo aqui no bairro é só três vezes por dia, é de manhã, na hora do almoço e das 18 horas e se perder esse acabou... aí tem que voltar de mototáxi, é muito pouco o coletivo aqui. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**4. Quais as principais atividades de lazer?**

Entrevistada: Olha é difícil viu. Lazer você pegou agora hein! O lazer aqui nessa casa não está tendo não, lazer...ah.... Eu vejo séries no celular porque sair de casa não está dando, a renda não está dando para arrear o pé de casa não, mas a gente estava tentando ir numa missa, mas até para ir numa missa está difícil, porque se for para ir na missa tem que ir de táxi, o coletivo não passa no fim de semana aqui não, então não vira! E olha.... Que eu já falei até com o prefeito sobre esse assunto, quando ele estava dizendo que ia trocar a Paranaíba e eu falei que... tinha que por coletivo para cá...no fim de semana! Porque o pobre também quer ir na igreja, o pobre também quer ir na praça e pobre não pode porque se você for ir na igreja, aí você tem que ir para a igreja e pagar um táxi para você ir e quer passar na praça porque lá tem um tanto de coisa... tem umas comidas lá... aí você quer comer alguma coisa e se você for de coletivo dá para você comer, mas se você for de táxi não dá, uai como você vai gastar um tanto de dinheiro desse se você não tem e tem contas para pagar? E as prioridades sempre são as contas, então não tem lazer de sair de casa não! Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Algumas das falas apresentadas contribuem para identificarmos o processo de fragmentação socioespacial em curso em Ituiutaba, também impulsionados pela segregação socioespacial.

O estilo de vida individual e mais privativo é uma mola propulsora para os processos da quebra de laços de sociabilidade na cidade e na intensificação das desigualdades socioeconômicas, bem como nas diferentes estigmatizações e preconceitos de todos os tipos.

**3.2. A (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial: As práticas espaciais de securitização na cidade de muros**

A partir do que já foi exposto anteriormente a respeito da segregação e da fragmentação em curso nas cidades de porte médio e nas cidades médias brasileiras, para Sposito e Góes (2014) estas formas de produção do espaço urbano possuem tendência à fragmentação

socioespacial, porque geram diferentes práticas espaciais, que alteram algumas características dos espaços públicos e as representações sobre eles, a partir dos atuais produtos imobiliários, dos agentes interessados na sua comercialização, bem como daqueles que escolhem esses espaços para habitar, e que se apoiam muito no discurso centrado num aumento generalizado da violência urbana ou da insegurança urbana como um todo.

Então, a partir de Curbet (2007) consideramos que as reações dos cidadãos com a insegurança envolvem mais práticas individuais, privatizantes e de mecanismos de controle caracterizadas pela desconfiança em relação aos outros, é desses mecanismos de controle e das novas morfologias urbanas relacionadas a essas práticas espaciais, através da microescala do cotidiano, quando se articula à macroescala global, na qual medos podem ser forjados.

As práticas espaciais são correlatas a um processo de fragmentação socioespacial da cidade, mas com divergências entre as estratégias defensivas adotadas pelos cidadãos de espaços residenciais abertos e fechados, em seus espaços circunscritos e em relação ao lado de fora, que são as descontinuidades.

A partir desse contexto global e do aumento da percepção da insegurança no meio urbano em grandes cidades e também nas de médio porte a partir da noção nacional, que para Curbet (2007) as reações dos cidadãos à insegurança envolvem cada vez mais práticas individuais, privatizantes e adeptas de mecanismos de controle, caracterizadas pela desconfiança em relação aos outros.

É a partir dos mecanismos de controle e das novas morfologias urbanas relacionadas as práticas espaciais, que a microescala do cotidiano, que são apreendidas, se articula à macroescala global, na qual tanto os medos como necessidades são também (re) produzidos.

Destarte, para Sposito e Góes (2013) tais práticas apontam na direção de um processo de fragmentação socioespacial da cidade, a partir das divergências entre as estratégias defensivas adotadas pelos moradores de espaços residenciais fechados, por exemplo, em seus espaços e em relação ao exterior, que podem ser interpretadas como descontinuidades.

Apesar de Ituiutaba ter poucos condomínios horizontais, esse aspecto aparece um pouco a partir da entrevista do servidor público João Ribeiro de 35 anos, residente do bairro Novo Horizonte, quando o entrevistado detalha melhor a realidade de um espaço fechado na cidade, do condomínio semifechado Portal dos Ipês pela sensação de segurança que tal espaço permite:

**Entrevistadora: 9. Se você pudesse escolher outro bairro da cidade, se mudaria?**

Entrevistado: Sim, para o Portal dos Ipês, onde eu morei. Por ser um bairro semifechado, um semicondomínio, só tem uma entrada e uma saída, a movimentação é menor de pessoas, mesmo se entrar pessoas desconhecidas, então se tem menos

movimentação tem menos barulho de carro, as vezes você sabe quem está passando na sua rua.

Entrevistadora: Tem um controle de vigilância? Seria isso que você está querendo dizer?

Entrevistado: Exato.

Entrevistadora: Isso seria uma forma de proteção para você?

Entrevistado: Isso uma forma de segurança privada. Lá no Portal dos Ipês tem segurança privada.

Entrevistadora: Existe isso lá? é uma realidade isso?

Entrevistado: Existe.

Entrevistadora: É o único condomínio em Ituiutaba ou você tem conhecimento de outros?

Entrevistado: Não. Tem outros, ele é um tipo de semicondomínio, os moradores não são obrigados a pagar, mas todos enfim, resolvem pagar, porque tem a vigilância da entrada e as câmaras na entrada. Então, se alguém entrar pela entrada do bairro, você vai saber quem é. Outro bairro que tem é o Portal do Lago, que foi o primeiro, e tem um que se não me engano está em desenvolvimento, mas vai demorar, que é o.... esse eu não vou lembrar o nome. João Ribeiro (servidor público, 35 anos).

Algumas falas de João, José e Luciana apresentam algumas características da fragmentação socioespacial, como um processo no qual os habitats fechados desempenham importante papel, mesmo que não exclusivos, que tendem, simultaneamente, a buscar por segurança na atualidade:

**Entrevistadora: 6. Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?**

Entrevistado: Onde eu moro eu subiria o muro da frente e colocaria concertina, porque as duas casas do meu lado têm, então faria isso.

Entrevistadora: Para você seria um fator inibidor?

Entrevistado: Exato.

Entrevistadora: Só o muro alto e concertina?

Entrevistado: Não, trocaria o portão por causa que gosto mais de ser discreto, eu gosto de .... a pessoa passar na rua e olhar para dentro da casa e me ver.

Entrevistadora: Humrum. Você queria uma privacidade? Digamos assim...

Entrevistado: É, aumenta minha privacidade dentro da casa. Talvez nem questão de segurança, as vezes o portão aberto tem mais segurança, que se tiver acontecendo alguma coisa, quem passa na rua as vezes pode ver e acionar a polícia, mas por questão minha de privacidade eu prefiro casa mais fechada.

Entrevistadora: É uma opção sua no caso. João Ribeiro (servidor público, 35 anos).

**Entrevistadora: 6. Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?**

Entrevistado: Bom, fala dentro de casa mesmo ou não?

Entrevistadora: Dentro de casa, na sua rotina, na sua vida. Se você tivesse mais recurso financeiro para investir na segurança, especificamente na segurança, o que você faria?

Entrevistado: Não, acredito que assim, a segurança eu acho que infelizmente, não tem como a gente evitar muitas coisas. Porque é... se você for focar muito nisso, você vai viver num mundo fechado, onde você não vai nem poder ver o sol, não vai poder tomar um ar claro, porque assim, a pessoa vai querer se esconder, então assim, uma forma de segurança que você vê é banco ou presídio, olha que é uma forma de segurança que tem uma boa vigilância, então assim, aonde tem grades, tem atiradores para todo lado, tem guarita, então assim isso é uma segurança, mas um cidadão assim de bem, não poderia pensar assim porque senão ele ia parar de viver, com a própria vida dele, certo? Então assim a segurança mesmo dele são as forças ostensivas que estão na rua, ou seja, policiais, bombeiros, policiais civis.

Entrevistadora: Mas assim você se tivesse mais recurso financeiro o que mais você

faria para se proteger? Para investir em segurança?

Entrevistado: Eu para mim, se proteger melhor, ah... eu acredito em assim... só se eu colocasse a mesma segurança que tem um presídio mesmo (ri um pouco) ... assim cercar tudo, isolar mesmo, colocar câmeras tanto lá fora, dentro de casa. José Santana (estudante, 19 anos).

**Entrevistadora:6. Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?**

Entrevistada: Olha, colocaria os muros alto... (ambas ficam rindo) mesmo se fosse na frente e muro alto e com grade, colocaria o portão eletrônico, colocaria câmara, sabe se eu tivesse condições essa seria algumas das estratégias. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos.).

Os depoimentos citados nos revelam que a busca por segurança é um fator relevante com relação as residências dos entrevistados, para se ter uma casa mais segura perpassa pela lógica de se investir economicamente, para coibir a sensação de insegurança e conseqüentemente deixar de ser alvo da violência e da criminalidade locais.

Contudo, para Sposito e Góes (2013) identifica-se as representações sociais dos outros, responsabilizados pela insegurança crescente, analisadas a partir do cotidiano urbano. As novas formas de produção do espaço urbano com tendência à fragmentação socioespacial, geram também novas práticas espaciais. Essas práticas alteram os conteúdos dos espaços públicos e as suas representações mais elementares. Portanto, o distanciamento crescente entre os cidadãos pauta-se numa relação dinâmica e entre a homogeneidade e a diferenciação social, o que nos aponta para uma tendência do processo de fragmentação socioespacial.

Desse modo, entendemos que as práticas espaciais atreladas com o urbanismo e a economia política interna das cidades, principalmente relativas aos agentes do mercado imobiliário e do mercado<sup>9</sup> da segurança privada, através dos discursos sobre a insegurança, também sustentados pela mídia e pela espetacularização das redes sociais, não podem ser desconsiderados a partir dos depoimentos dos nossos entrevistados em Ituiutaba, principalmente por determinar a representatividade da importância dos muros e demais equipamentos de segurança, dos mecanismos de controle, especialmente voltados a câmaras de vigilância em espaços públicos como forma de observação do cotidiano e de prevenir atos isolados de violência e também porque:

[..] Se combinam ao emprego de equipamentos de segurança, destinados, sobretudo, a impedir o acesso dos pobres que habitam os outros espaços urbanos e que, embora sejam identificados como moradores de determinados bairros, representam cada vez mais uma ameaça difusa, que pode estar em toda parte. [...] levamos em conta particularidades da realidade brasileira, como a herança escravista, a decorrente

---

<sup>9</sup> Representado por aqueles que vendem e especulam sobre os equipamentos de segurança privada para as residências particulares. Equipamentos como concertinas clipadas, interfones, câmaras de segurança com videomonitoramento externo, cercas elétricas e outras tecnologias correlatas.

desqualificação do “outro trabalhador” (e do próprio trabalho) e a relação entre violência e pobreza que estão fortemente imbricadas às transformações mais amplas, resultantes da globalização. Enfatizando o contexto brasileiro mais recente e as relações entre mudança política e forma urbana, Caldeira atribui importância ao processo de democratização brasileiro que, longe de aproximar as diferentes classes sociais, acabou por estimular a busca de novos mecanismos de distinção. Dessa perspectiva, **a violência urbana seria “um bode expiatório”**, ou um pretexto para a opção por residir em espaços residenciais fechados, por exemplo. Para essa antropóloga, a gênese desse processo estaria na década de 1980, durante a qual, inclusive, foi promulgada a nova Constituição Brasileira, em 1988, considerada avançada por reconhecer amplos direitos à população. (Sposito e Góes, 2014, p.8, grifo nosso).

Nesse caso, a violência não seria um bode expiatório apenas para quem reside em espaços residenciais fechados, mas também para os que habitam os bairros abertos, tendo em vista que se percebe um descolamento das estatísticas oficiais de crimes praticados para justificar o autoenclausuramento das residências e as práticas de securitização adotadas, como é o caso por exemplo de Ituiutaba, por isso identificamos alguns imaginários com relação ao medo da violência e da insegurança, bem como a tendência de se atribuir isso aos outros cidadãos de bairros e de estereótipos mais estigmatizados e/ ou marginalizados.

A partir do processo de urbanização difusa defendidos por Sposito e Góes (2013) existem elementos para reconhecer as práticas espaciais e valores de segregação definidos a partir da implantação de espaços residenciais controlados por sistemas de segurança, ou seja, com tais práticas espaciais é possível reconhecer as dinâmicas relativas a fragmentação socioespacial.

Desse modo, conforme nos alerta, Sposito e Góes (2013) à medida em que diferentes empreendimentos se instalam em áreas mais afastadas, existe uma nova definição do que é percebido como periférico e central nas cidades e é relativo ao processo de expansão territorial urbana, como representa descontinuidade dos tecidos urbanos mediante o crescimento e a expansão. Assim, com o processo de urbanização difusa não se compreende apenas os espaços metropolitanos, se estabelece também alguns particulares da rede urbana através de uma recente divisão social do espaço. E nos sugere uma tendência de fragmentação em curso.

Ainda conforme nos salienta Sposito e Góes (2013) o processo de mudança da periferia geográfica da cidade, e aí Ituiutaba também se inclui, não implica necessariamente na diminuição das desigualdades socioespaciais, existe uma divisão social do espaço, que convivem muito próximas entre si, com áreas residenciais específicas destinadas a segmentos de poder aquisitivos diferentes, que estão separados por muros e sistema de segurança que controlam e garantem essa distinção socioeconômica, ainda que exista um certo agrupamento

desses empreendimentos murados em diferentes setores da cidade. Isso pode ser perceptível a olho nu principalmente na coexistência de bairros populares estando próximos de condomínios ou espaços privados, como por exemplo, no Gilca Cancellia Vilela.

É a partir desse afastamento espacial de segmentos médios, com certa concentração de poder aquisitivo, não provocando certa anulação das diferenças socioeconômicas, entre os percebidos como pobres que são moradores de espaços tidos como periféricos e os mais ricos, residentes em bairros diferenciados e mais próximos as áreas centrais. Isso contribui diretamente pela dispersão da cidade com a pluralização de conteúdos sociais que fomenta a fragmentação socioespacial. A seletividade espacial reproduz a lógica da periferia que representa um mosaico ocupado por cidadãos com padrões socioeconômicos diferentes e que alteram algumas práticas espaciais relativas as moradias.

Conforme nos aponta Sposito e Góes (2013) as localizações periféricas em cidades médias possuem pouco acesso ao grau de mobilidade, as diferenciações residenciais e o acesso ao consumo de bens e serviços e as distinções entre as formas de produção do espaço urbano e que implicam nas lógicas tanto da segregação quanto da fragmentação.

As práticas espaciais contemplam as dinâmicas de consumo, comportam relações contraditórias entre reprodução e inovação e tensões entre eles. A articulação entre formas de reprodução econômica e social, de um lado, e práticas, de outro, bem abordado por Alonso (2006, p. 31) compreende o consumo como reprodução da estrutura social, mas também como estratégia de ação, e que representa de fato as práticas reais dos cidadãos nas cidades:

[...] Envolvendo questões aparentemente banais, as práticas espaciais expressam dimensões da vida social, micropolíticas e culturais, assim, sua inter-relação com a subjetividade é complexa: sentidos, significados e imagens sobre os espaços se constroem e tomam forma, no desenvolvimento das práticas e, ao mesmo tempo, uma vez construídos, condicionam as práticas futuras. Essas, por sua vez, podem levar a reconstrução dos sentidos (Lindón, 2006, p.370), como ocorre com o consumo, transformado em “campo” fundamental para instaurar e comunicar diferenças (Bourdieu, 2008). As relações entre práticas espaciais e subjetividade são ainda mais importantes no período atual, o qual Alonso (2006, p. 53) caracterizou como aquele da “ordem fordista ampliada”, pois tal ordem constitui-se em “organizador genérico de tempos e de estilos de vida” [...] O significado, o alcance e a importância das práticas espaciais, ainda que fugazes e imprevistas, que implicam na possibilidade ou necessidade de se visualizar os outros, diferentes, não são percebidos se não se contextualizam os espaços públicos pesquisados em realidades urbanas concretas. (Sposito e Góes, 2016, pg. 42-45).

O trecho nos salienta sobre as práticas espaciais representarem as dimensões da vida social dos cidadãos nas cidades, nas dinâmicas de consumo e de lazer e na implicação com a

interação dos espaços públicos, por isso, uma possível tendência de homogeneização, calcada por uma economia cada vez mais globalizada, está a de fragmentação social e espacial.

Tal processo é destacado por Alonso (2006) que entende que as identidades sociais estão mais fragmentadas e se multiplicam, como fator preponderante de se consumir e dos efeitos sociais e culturais das práticas de consumo, mas contrapõe-se a tal movimento de homogeneização, a constatação de que, segundo Bourdin (2005, p.84), tal modelo de consumo atual contribui à individualização da experiência e à aceleração da diferenciação, mas no Brasil o acesso ao consumo se disseminou nos últimos anos, sobretudo voltado para o público mais jovem. (SPOSITO E GÓES, 2016, p. 52-53).

As práticas espaciais são condicionantes para entendermos as questões voltadas a insegurança urbana, ao processo de fragmentação socioespacial em curso e as relações de sociabilidade entre os cidadãos de Ituiutaba, bem como aos imaginários coletivos que permeiam o cotidiano urbano.

Para Teresa Caldeira (2000) os processos de mudança social nas cidades contemporâneas geram novas formas de segregação social e de discriminação social, e fomentam a sensação de insegurança e o medo, de modo que alguns cidadãos buscam se proteger através da privatização da segurança e da reclusão em enclaves fortificados (principalmente em condomínios fechados e horizontais) mediante a seletividade socioeconômica de seus cidadãos. Isso tem modificado o espaço público das cidades brasileiras, não abarcando as construções de possibilidades de uso e direitos efetivos para todos.

As cidades expressam contradições e diferenças, em função de serem os lócus da produção, da distribuição, da troca e consumo, além de nelas (co) existirem segmentos sociais antagônicos, decorrentes das profundas desigualdades que marcam as cidades brasileiras.

No modo de produção capitalista estas contradições se tornam exacerbadas e o que passa a dominar nas cidades são as leis do mercado e do consumo, o distanciamento extremo entre os segmentos sociais, e os processos de alienação, espoliação, expropriação, especulação, segregação e fragmentação socioespacial, sendo que o valor do uso dá lugar à lógica da mercadoria e ao valor de troca, transformando assim a cidade obra em cidade produto essencialmente.

Para Lefèbvre (2008) contribui de maneira particular e efetiva para a definição do conceito o entendimento com a afirmação de que o espaço se apresenta simultaneamente como abstrato/concreto, global/fragmentado, homogêneo/desarticulado. As características trazidas por Lefèbvre (2008) nos ajuda a ampliar o horizonte de análise sobre o conceito e a

compreender parte de sua complexidade. Inclusive a compreender melhor como se produz o espaço urbano e a sua possível correlação com os processos de fragmentação socioespacial nas cidades.

Neste contexto, as grandes desigualdades que marcam os países latino-americanos, no geral, e o Brasil, em especial, têm fortes influências sobre a organização do território, bem como a configuração espacial também tem impactos sobre as relações sociais quase que diretamente. Entende-se que por fragmentação corresponderia a movimentos de um mesmo processo de estruturação das cidades brasileiras e que ao analisar a fragmentação devem-se levar em conta aspectos cruciais como a disposição espacial e social e a diversidade de integração.

O aumento da violência urbana nas últimas décadas fez com que o crime se tornasse uma das principais causas de preocupação dos habitantes dos grandes centros urbanos, especialmente em decorrência da falta de planejamento urbano e a estrutura de políticas públicas específicas no sentido de controlar e prevenir a criminalidade, além de combatê-la.

Esta constatação nos sugere problemas na segurança pública, tornando-se cada vez mais evidente que é necessário desenvolver estudos na prevenção do crime e da violência urbana, assuntos primordiais no desenvolvimento da sociedade na atualidade (ADORNO, 1994; DINIZ, 2005).

As cidades resultam principalmente da interação entre os antagônicos elementos que participam de seu processo de produção e de apropriação. São constituídas, pelas materialidades, expressadas em seus tecidos urbanos e pelas práticas socioespaciais que nelas se desenvolvem, bem como pelas representações e imaginários de seus habitantes. Podem ser consideradas como entroncamentos que se articulam e se justapõem entre os espaços, as práticas, viveres e representações diferenciadas tanto complementares quanto conflitantes. (MAGRINI, 2013).

O processo de fragmentação socioespacial das cidades está também atrelado a uma tríade de características: que são a diferenciação das práticas socioespaciais ligadas à sociedade e ao espaço, conforme já nos demonstra Soja (1993) na sua obra sobre geografias pós-modernas, pautada também pela segregação socioespacial que é marcada pelas desigualdades entre os espaços e os cidadãos, e a partir dessas duas vertentes, se compreende melhor o alcance da chamada fragmentação socioespacial, que em sua essência, é um processo que resulta da interação de um conjunto de práticas e de representações orientadas por uma lógica de separação e evitamento extremos entre diferentes espaços e de segmentos sociais, que nos levam ao enfraquecimento das articulações que mantinham unidas as diferentes partes que

constituem as cidades. É um processo em contínua construção científica e pouco perceptível em algumas realidades, mas comporta uma complexidade de fatores sociais, econômicos, culturais, do espaço urbano das cidades, é mais amplo do que o conceito de segregação, mas nos auxilia a compreender também o constante processo de urbanização no Brasil. (MAGRINI, 2013).

Cabe-nos acrescentar que a diferenciação socioespacial é um processo, de acordo com a visão de Sposito (2011), que caracteriza as cidades desde os seus primórdios da urbanização, e já não existem cidades sem divisão social e territorial do trabalho. Essa divisão do trabalho permeava a cidade e o campo, e foi ficando mais complexo com o aumento da divisão social e territorial do trabalho no interior das próprias cidades, ampliando a produção de espaços mediante a lógica da diferenciação.

É assim, que se começa então, a delinear, o quanto essas cidades brasileiras com tantos fragmentos socioespaciais e com distintas realidades, muitas vezes sem qualquer tipo de implantação dos planos diretores, se encontram envoltas na violência e na (in) segurança urbana, do aumento da criminalidade, associada às diferentes cidades, também porque (re) qualificam o processo de segregação socioespacial e impulsionam à fragmentação socioespacial, ao fomentar a produção de obstáculos materiais e simbólicos para segregar os espaços de onde se tem uma percepção qualificada de segurança, e que de alguma forma, (re) significam uma maior abrangência da cultura do medo em função da sensação de insegurança constante nas sociedades modernas.

Para Gabriel Kessler (2009) essa (in) segurança urbana também pode ser gerada a partir do sentimento de insegurança a partir das ameaças a democracia, desde meados dos anos 80 a preocupação tem sido expandida, acompanhando os diferentes setores sociais e os centros urbanos, nesse sentido, a insegurança ligada ao crime tem também uma noção sociológica. A insegurança urbana também é correlata as manifestações do crime organizado, tal insegurança consistiria em uma ameaça que pode recair de forma aleatória sobre qualquer um de nós. A insegurança é um foco nacional, representado na ideia de que cada lugar pode ser um ponto perigoso e se percebe um controle espacial de territórios. (KESSLER, 2009, tradução nossa).

Em contrapartida, o mercado da vigilância privada e do controle eletrônico, entre outros serviços, tem conhecido um crescimento exponencial e diversificado, isso tem provocado, por parte da classe média por deixar as cidades, para se estabelecer em residências privadas, mas a paisagem urbana em si, tem mudado para se dividir entre áreas seguras e inseguras, lugares protegidos e lugares desprotegidos, e tem sido utilizado dispositivos, guardas

particulares e cartazes vigiados que lembram aqueles que observam qualquer ameaça ao ambiente. (KESSLER, 2009, tradução nossa).

Como foi perceptível nos capítulos anteriores analisar sobre a (in) segurança urbana em Ituiutaba, existe uma aproximação relativa entre as manifestações da violência real (conforme os índices de furtos, roubos, homicídios) nos últimos 08 a 10 anos e as percepções de insegurança dos cidadãos expressas por suas experiências pessoais e imaginários urbanos presentes em suas falas. Essa relação perpassa pelas práticas espaciais dos cidadãos e suas escolhas cotidianas, fazendo com que o medo e os estigmas influenciem a produção e a apropriação da cidade.

Nesse sentido, além da aceleração desigual de valores dos modos de vida próprios da modernidade como nos enfatiza Bauman (2009), uma aproximação entre a (in) segurança urbana e a fragmentação socioespacial se dá, por exemplo, mediante uma lógica da tendência da privatização da vida, como apresentado em algumas falas de nossos entrevistados, relativo a importância de câmaras de vigilância no espaço público e da relação em Ituiutaba das áreas centrais versus os bairros periféricos e estigmatizados:

**Entrevistadora: Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?**

Entrevistado: Vou começar do final para o começo. Os mais seguros, na área central, por causa da mesma coisa que falei antes no bloco anterior, por questão de logística. Tem o Olho Vivo, querendo ou não, o policiamento lá é maior, só de ter o Olho Vivo já ajuda muito, inibe muito a ação de criminosos.

Entrevistadora: Esse Olho Vivo seria o que? Um programa da polícia ou do município?

Entrevistado: Ele é o vídeo monitoramento da polícia. São as câmaras de monitoramento da cidade, de certa forma ela serve para inibir, e mesmo assim se não inibir, com o vídeo monitoramento você descobre quem foi ou facilita.

Entrevistadora: Na forma da observação do espaço?

Entrevistado: Exato.

Entrevistadora: Então, esses bairros mais centrais têm essa vigilância? Tende a ser mais seguros do que os outros bairros?

Entrevistado: O que eu morei também tem essa peculiaridade por causa de ser um condomínio, lá todo mundo pode entrar e sair, mas por ter somente uma entrada e saída para veículo e por ter monitoramento, acaba que você sabe quem mais transita dentro do bairro.

Entrevistadora: Hum, dá uma sensação de mais segurança?

Entrevistado: Exato.

Entrevistadora: Quais que você considera mais violentos e porquê?

Entrevistado: Seria o bairro Junqueira, o bairro Natal, esses novos bairros como o Nova Ituiutaba que vai do 1 ao 4. O Buritis, o Nadime Derze. A questão de vários fatores, por exemplo, várias pessoas que foram morar lá, muitas das vezes são pessoas de baixa escolaridade, são pessoas que as vezes... Igual falei antes, querem conseguir as coisas de forma mais fácil, visando não o próprio mérito em estudar e trabalhar e sim prefere o comodismo. João Ribeiro (servidor público, 35 anos)

**7. Qual sua opinião sobre a colocação de câmeras de vigilância nos espaços públicos, como praças, áreas de lazer...?**

Entrevistada: Certinho, não acho que está errado, na minha opinião não está tirando a privacidade de ninguém, eu acho que é uma questão de segurança, porque se Deus me livre acontece alguma coisa você busca a câmara, igual esse tempo atrás agora, isso acontece mais ou menos no mês de setembro ou outubro, o pai de uma cunhada minha, guarda a noite, e aí essas câmeras que pega nas ruas...

Entrevistadora: Deve ter sido o Olho Vivo...

Entrevistada: É... deve ter sido... e aí o cara chegou, como se fosse conversar com ele de boa, o cara de bicicleta, aí e ele sozinho lá no guarda né...aí ele pegou e falou assim para ele...’’ chega aqui um pouquinho né, não estou escutando o senhor direito, aí o senhor foi e desceu as escadas, aonde ele estava e chegou e falou que era um assalto, roubou o celular dele com a faca nele, montou na bicicleta dele e sumiu.

Entrevistadora: Isso em qual bairro?

Entrevistada: No Centro. E assim, menos de um quarteirão de distância, tinha um restaurante que estava cheio de gente, e ninguém viu. E ele ainda falou assim: ‘’se o senhor reagir o bucho do senhor sai’’, aí tomou a carteira dele, aí pegou o dinheiro que estava dentro, graças a deus devolveu os documentos né... entregou a carteira para ele de volta. Mas pegou o celular, pegou o relógio, pegou o que deu para ele pegar né... ele pegou e saiu de boa de bicicleta, andando, e aí ele foi e pediu ajuda, na hora que o cara encobriu, ele foi no restaurante pediu para acionar a polícia para ele, porque estava sem celular, pediu para acionar a polícia, aí a polícia veio e só pegou o cara por causa do Olho Vivo. Luciana Nogueira (Viverista, 55 anos).

Tais depoimentos retratam algumas estigmatizações que nos levam a tentar compreender a (in) segurança atrelada à fragmentação socioespacial calcadas na diferenciação social levada ao extremo na cidade.

A cidade de Ituiutaba não está livre destas questões, pois conforme nos esclarecem Sposito e Góes (2013) os problemas de insegurança e de violência também se encontram nessas cidades, fazendo com que diferentes práticas espaciais sejam realizadas em nome da busca por segurança, sejam elas mais evidentes como a produção de loteamentos fechados e shopping centers ou menos visíveis, como as distintas tentativas de securitização privada que são realizadas pelos diferentes segmentos sociais. Essas práticas alteram os conteúdos da separação socioespacial dos cidadãos, contribuindo para o processo de fragmentação.

Neste cenário, a partir da estrutura urbana há um ponto determinante dos conceitos e das circunstâncias da insegurança, através de uma nova dimensão da realidade, que resulta em um processo de várias escalas, manifestando-se em tempos e espaços totalmente diferentes.

Para Sposito e Góes (2013) essas novas formas de ocupação do espaço relacionadas com a busca por segurança como os loteamentos fechados localizam-se nas periferias das cidades, por exemplo, modificando o conceito de periferia, até então considerada como lugar de moradia dos mais pobres, dos excluídos a partir da visão sociológica e também geográfica. Ou seja, esses desenhos urbanos produzem uma nova divisão social do espaço da cidade, uma

mudança nas formas e nos conteúdos da periferia complexificando o entendimento da cidade como um todo.

A partir de Sposito e Góes (2013) podemos observar que em Ituiutaba o processo de fragmentação encontra-se ancorado na lógica representativa da inclusão (dos de "dentro" da cidade) e da exclusão (dos de "fora" da cidade) através do discurso do nós versus o outro (do forasteiro) percebido pelo seu perigo e condição socioeconômica, haja vista a estigmatização da divisão social e espacial do seu bairro de residência, por exemplo:

**2. Você acha que se aumentasse o número de policiais nas ruas diminuiria a violência na cidade? Por quê?**

Entrevistada: Depende da violência, depende muito da violência e a gente sabe que tem um estereótipo de bandido, a gente sabe e isso é muito claro, não acontece só no Rio de Janeiro, por um lado eu acho que sim, que diminuiria até porque o policiamento ele é necessário, mas como eu falei depende do tipo de violência, porque a gente sabe que tem uma certa violência policial, não é fato exclusivo de Ituiutaba é do Brasil inteiro, inclusive é um tema de debate isso aí, então eu acho que sim em alguns casos, mas depende muito da situação, e do tipo de crime e até do próprio bairro. Eu percebi que aqui tem muito isso. Tem alguns bairros aqui que a pessoa já liga diretamente a um índice maior de crimes, tem que tomar cuidado com isso no meu ponto de vista. Venina Ramalho (Universitária, 22 anos).

**Entrevistadora: Você tem algo relevante a mais para ser falado?**

Entrevistada: Aí, tem. Quando eu vim para cá... eu acho que nem é tão relevante, mas é para a gente ter uma noção do choque de cultura que tem aqui da cidade, quando eu cheguei o pessoal me zuava muito pelo meu sotaque.

Entrevistadora: Mas você é de que estado?

Entrevistada: Eu sou de Minas, por incrível que pareça.

Entrevistadora: De qual região de Minas?

Entrevistada: Eu sou da região norte de Minas. Então a gente puxa mais o sotaque do Nordeste, aí pegaram muito no meu pé por causa disso. Inclusive tinha gente que me perguntava se eu era brasileira, mas gente... eu falo só o português e muda só algumas coisas, mas é porque tem o choque mesmo. E foi um choque de cultura bem interessante que eu vi aqui, porque tem palavras que eu falo na minha cidade que o pessoal não conhece aqui sabe, e aqui algumas palavras que eles falam e eu não conhecia, então deu esse choque. Mas assim no geral é uma cidade boa para se morar, mas depende. Depende muito da situação que você vai viver, do círculo que você vai se encontrar, das pessoas que você vai conhecer. Aqui eu conheço pessoas que foram maravilhosas para mim, pessoas que me ajudaram mesmo, daqui mesmo de Ituiutaba e de fora, meus colegas de fora. "Os de fora" principalmente porque entende mais a situação. **Assim também como tive experiências ruins com pessoas daqui; pessoas assim que nitidamente tratavam a gente diferente. Tem pessoas aqui que não gostam de quem é de fora.** Mas foi uma coisa que ficou muito clara para mim sabe. Pessoas que me acolheram muito bem e pessoas que não, eu acredito que em todo lugar é assim, mas no geral, o pessoal me acolheu muito bem aqui sabe. Principalmente pelo fato de ter vindo sozinha e de fora e então o pessoal me abraçou. E acho que tem um pouco de sorte também porque depende de quem você conhece. Mas em geral é uma cidade boa e eu nem pretendo ir embora daqui quando me formar, e quero ficar aqui até decidir outra coisa. Mas é porque aqui tem bem mais oportunidades do que de onde eu vim. Venina Ramalho (Universitária, 22 anos).

Para além dessa interpretação, Prévôt-Schapira (2000) relaciona esta fragmentação socioespacial com a separação entre os que tem e os que não tem, quebrando totalmente os laços de sociabilidade nas microescalas relativas as relações sociais.

Tal conteúdo comparece em algumas falas de nossos entrevistados que relatam que pouco interagem com outros bairros além dos de sua moradia, e preferem estar entre os "seus", ou se limitam apenas a visitar alguns amigos ou parentes que moram em bairros mais distantes do que residem, em datas, horários e itinerários específicos através da própria mobilidade de carros ou motos próprios, interagindo desta forma pouquíssimo com o transporte público da cidade de Ituiutaba.

A fragmentação socioespacial é um processo mais evidente, em suas três dimensões, em grandes metrópoles e capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, com a presença dos loteamentos fechados como os Alphavilles, por exemplo. No entanto, há uma tendência de expansão gradual da produção desses estabelecimentos nas cidades médias e de porte médio.

Além disso, consideramos que mesmo naquelas cidades em que praticamente ainda não se tem tantos espaços residenciais fechados, como é o caso de Ituiutaba, o processo de fragmentação socioespacial se delinea, mesmo que com características e ritmos diferentes em relação às cidades maiores. Isso porque como defende Magrini (2013) a fragmentação socioespacial não é um processo que se dá exclusivamente no âmbito do tecido urbano, ocorrendo também no das práticas espaciais e dos imaginários urbanos, sobretudo nos dois últimos no caso do município em análise.

Na cidade de Ituiutaba foi verificado em trabalhos de campo realizados pelo grupo de pesquisa FragUrb (2019) que a proliferação de muros altos é perceptível em todos os bairros, tanto naqueles de alta e de baixa renda.

As práticas espaciais de securitização mais usuais são permeadas com aparatos de segurança privados e com a presença maciça dos muros altos e portões fechados, denotando assim pouco contato com o espaço externo das ruas e avenidas.

O isolamento residencial todo cheio de muros é especificado por Teresa Caldeira (2000) que nos orienta a refletir sobre o individualismo presente na sociedade e no não contato com a cidade, em função da sensação de insegurança e das fragilidades inerente ao aumento da manifestação da criminalidade presente nos imaginários dos cidadãos.

A arquitetura do medo nas residências e prédios se dá pelos sistemas de controle de segurança privados e principalmente por erguer muros mais altos e fortificados (na perspectiva de enclaves) presentes também nas cidades de médio porte como Ituiutaba.

Nesse sentido, podemos observar por exemplo, os tipos de moradias construídas em Ituiutaba que nos apontam para a adoção de uma arquitetura do medo (CALDEIRA, 2000), em

que algumas pessoas com alto padrão de renda investem em muros, câmaras, cercas elétricas em suas residências, fazendo com que a separação com o entorno seja extremada, configurando uma tendência de fragmentação socioespacial a partir de práticas espaciais no interior de bairros abertos conforme as próximas fotografias de residências que se seguem:

Figura 4: Residências dos bairros Centro e Independência

	
<p>Foto de residência no bairro Independência com presença de muro alto, portão fechado e câmara de vigilância na entrada principal.</p>	<p>Foto de residência no bairro Centro com estrutura arquitetônica diferenciada de outros bairros da cidade</p>
<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2018).</p>	<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2018).</p>

Na figura 4, a foto do bairro Independência retrata uma moradia com os aparelhos de segurança privada, tais como câmara, com muro mais alto, portão fechado, nos denotando pouco contato com a rua enquanto espaço público. Já a foto ao lado, relativo a uma moradia do bairro Centro, possui uma estrutura arquitetônica mais diferenciada, é uma residência mais fechada, com mais barreiras físicas de proteção, do que se figura em moradias de áreas/ bairros tidos como periféricos. Assim, ambas são áreas residenciais mais vedadas e blindadas ao público em geral, próprias do desenvolvimento urbano atual e que difunde a ideia de um produto imobiliário mais exitoso.

Ao contrário da figura 5 que retrata uma diferenciação da homogeneidade social presente nos bairros. As residências nos enfatizam o padrão de construção diferenciados entre as classes sociais de Ituiutaba. A primeira foto do bairro Drummond enfatiza a lógica da insegurança urbana, marcada por uma residência com portão fechado, muro alto, cerca elétrica acima do portão central. Ao passo que a residência popular do bairro Canãa não possui ainda os mesmos aparatos de segurança privada por exemplo. Nos parece que tal padrão de construção

marcam esses detalhes nos bairros de Ituiutaba. Isso também nos é evidenciado a partir de Capron (2006) que argumenta sobre a cidade moderna, coexistirem barreiras sociais tão antagônicas que abrigam muitos cidadãos em situações desiguais de moradia, conforme é possível vislumbrar na figura 5.

Figura 5: Residências nos bairros Canãa e Drummond



A figura 5 nos retratou sobre a heterogeneidade social de residências distribuídas em alguns bairros. Já a figura 6, no entanto, nos expõe, sobre outros modelos de moradia de cidadãos de bairros mais populares, e é visível a sua diferenciação perante a dos bairros Drummond e Centro, por exemplo. Com uma presença menor de aparatos e aparelhos de segurança privada. Do ponto de vista espacial, a existência de diferenças representa um atributo das cidades, em função da diferenciação da divisão social do trabalho que também é territorial, e se difere das relações entre o urbano e o rural.

Desta forma, as desigualdades se aprofundam, abrindo um certo espaço para a diferenciação geográfica conforme nos enfatiza Sposito (2011) para as diferenças socioeconômicas, em que quase todos os cidadãos, são inseridos no mercado de consumo, que a cidade, suas paisagens, espaços são parte disso em essência. Nesse sentido, são características perceptíveis em Ituiutaba.

Para Sposito e Góes (2013) esse processo das formas de habitação, e dos espaços de consumo, são mais recombinados mediante as relações espaciais que compõem a cidade, que alteram os conteúdos pelo conjunto de diferenças que se estabelecem, mediante as oposições entre o murado, e o aberto, o controlado e o não controlado, os centrais e os periféricos que

provocam a diminuição das relações de sociabilidade entre os cidadãos locais, em função da heterogeneidade produzida no espaço urbano mediante a noção da urbanização difusa.

Figura 6: Residências nos bairros Junqueira e Satélite Andradina

	
<p>Foto de residência presente no bairro Junqueira com portão e muro reduzidos.</p>	<p>Foto de residência no bairro Satélite Andradina sem muro e sem portão o que representa a desigualdade socioespacial na cidade.</p>
<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2018).</p>	<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2018).</p>

No que tange a Ituiutaba, à medida que a cidade cresce na criação de novos bairros, alguns espaços também tiveram a tendência de se afastar da área central, e que nos ajuda a entender uma certa tendência da incorporação de glebas rurais ao tecido urbano, por meio de iniciativas de espaços residenciais mais abertos através de diferentes padrões socioeconômicos por exemplo.

A figura 6 retratou acerca das desigualdades socioespaciais com relação a alguns modelos de moradia entre o bairro Junqueira e Satélite Andradina.

Entretanto, a figura 7, vem comparando mais outros dois modelos, que enfatizam mais uma vez, a lógica da insegurança urbana, mediante a adoção de muros altos, portões fechados, contentinas e o não contato com o espaço público de ruas e avenidas dos bairros representados.

Nos parece que a lógica da insegurança, através das barreiras físicas de proteção, contribui para o imaginário do medo de roubos, assaltos e furtos às residências e uma certa tendência da fragmentação como uma exclusão necessária ao processo de reprodução da sociedade local, separando e evitando o contato com os segmentos sociais mais vulneráveis. Desse modo, tal fenômeno é também perceptível em cidades de porte médio e médias e não somente em metrópoles policêntricas.

Essa forma de enclausuramento de residências denota uma certa preocupação com a preservação da propriedade privada e o evitamento de atos tidos como violentos, por isso o investimento financeiro em aparatos e barreiras físicas que proporcionam tal sensação de segurança, conforme visto na figura 7.

Figura 7: Outras residências - Drummond e Portal dos Ipês

	
<p>Foto de residência presente no condomínio semifechado Portal dos Ipês com portão e muro bem fechados.</p>	<p>Residência presente no bairro Drummond com portão e muro fechados e com uso de concertina.</p>
<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>	<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>

A figura 7 de fato retratou dois modelos de moradia que trazem à tona a lógica da insegurança em detrimento do não contato com o espaço público inerente ao bairro. Essa autosegregação nos indica que as práticas espaciais dos segmentos médios e/ ou mais altos, incorpora uma estratégia de autodefesa, a despeito dos indicadores de criminalidade, não justificarem diretamente tal preocupação. Culminando principalmente no isolamento da classe média e que Sposito e Góes (2013) defendem que tal radicalidade de uma suposta solução da insegurança, seria a segurança privada e o isolamento da classe média, se tornando mais aceitáveis, porque se justificam, em função da autodefesa do cidadão e de sua família, o direito de defesa de sua propriedade privada (sobretudo no espaço da casa própria, por exemplo).

Ademais, a figura 8, nos evidencia as residências bem desiguais em dois bairros de Ituiutaba, o Drummond e o Satélite Andradina. A primeira foto denota uma certa homogeneidade social entre os cidadãos residentes e uma padronização de moradias, mais fechadas e com pouco contato com a rua e avenida e a segunda foto nos mostra uma casa sem

os aparatos de segurança e bem mais distante do centro principal da cidade, bem como não possui uma infraestrutura de serviços de comércio e consumo, que estão mais distantes do tecido urbano mais consolidado, de modo que, tal complexidade resulta das articulações entre diferentes dimensões de vida urbana e dos processos de reestruturação espacial e de uma ruptura dos espaços urbanos para com a reestruturação através de funções, práticas, valores, papéis urbanos. O que impulsiona os processos de segregação rumo à condição de fragmentação socioespacial.

A segregação socioespacial é um processo espaço-temporal, conforme defende Sposito e Góes (2013) mediante múltiplas escalas da área residencial da cidade, em dimensões objetivas e subjetivas. Por isso, focamos em mostrar o aspecto residencial dos bairros de Ituiutaba nesta dissertação, por perceber que, tanto a segregação quanto a autosegregação (faces de um mesmo processo) define a separação total ou relativa das minorias sociais em função da situação socioeconômica.

No que tange, a autosegregação geralmente é representada pelos grupos com melhores condições financeiras que escolhem se isolarem em relação ao conjunto da cidade, que é o espaço dos outros. Tais processos fomentam o aprofundamento das diferenças sociais, religiosas, políticas, socioeconômicas. Ampliando os níveis de radicalismo, bem como a intolerância ao outro, sobretudo nas microescalas das relações de sociabilidade entre os cidadãos, fomentando a fragmentação percebida na figura 8.

Figura 8: Heterogeneidade residencial- Drummond e Satélite Andradina



Foto de residências presentes no bairro Drummond com portão e muro fechados. Geralmente padronizadas e com alguma homogeneidade social entre os cidadãos.

Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).



Foto de residência presente no bairro Satélite Andradina sem portão e muros fechados e bem diferenciado das construções do bairro Drummond ao lado.

Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).

Destarte, a busca por exclusividade, por segurança e para se viver entre os iguais tem um peso importante para os segmentos da classe média quando optam (ou mesmo já moram) em bairros mais abastados da cidade. Essa mesma sensação não é sentida pelos cidadãos que moram em bairros mais afastados do centro de Ituiutaba ou mesmo nas áreas tidas como mais vulneráveis, como foi perceptível perceber nas entrevistas realizadas. Portanto, para cada bairro, existem diferentes fatores e vivências diferenciadas na cidade.

Nesse sentido, a figura 9 retrata sobre a separação do muro na morfologia urbana e o seu impacto na paisagem de Ituiutaba, no bairro Gilca Cancelli. Neste conjunto de figuras, nos é possível vislumbrar a separação do espaço do chamado Condomínio dos médicos (ainda que pouco habitado) que é marcado principalmente pela utilização de um muro bem alto e uso de concertina e que segrega e fragmenta os cidadãos que vivem e moram neste bairro, dos que habitam fora dos muros.

Na foto ao lado, é também possível perceber o impacto carregado na paisagem, em comparação com o bairro aberto, reforçando então, uma tendência da fragmentação do espaço vivido, apoiado pelo discurso crescente da tendência de (in) segurança marcando a produção desse espaço.

Figura 9: Muros e outras separações da paisagem de Ituiutaba



Foto do muro com uso de concertina, no bairro Gilca Cancelli, marcando a exclusão dos cidadãos segregados e fragmentados fora do espaço do chamado condomínio dos médicos.

Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).



Foto do muro com uso de concertina, no bairro Gilca Cancelli, marcando a exclusão dos cidadãos segregados e fragmentados fora do espaço do chamado condomínio dos médicos. Nesta foto é perceptível visualizar o contexto de fragmentação do espaço vivido.

Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).

Já a figura 10 retrata a paisagem do bairro Satélite Andradina, por meio de algumas fotos, que mostram o processo de ausência de urbanização presentes, bem como a diferenciação da construção das moradias de cidadãos residentes. Em comparação com outros bairros, a exemplo, do Drummond e Portal dos Ipês, do Centro, o bairro Satélite Andradina não possui a mesma infraestrutura de serviços e de comércios, e de acordo, com o cidadão Pedro Fontoura, o bairro é um dos mais afastados do centro da cidade, em virtude de um pequeno trecho de rodovia que corta uma parte do bairro, alterando a mobilidade e o seu acesso.

Assim, o crescimento de Ituiutaba, através da extensão de seus territórios, de acordo com Sposito e Góes (2013) bem como a um aumento (ainda que não tão grande assim) da população local, também coincide com uma tendência de enfraquecimento das relações de sociabilidade entre os cidadãos, em função da autossegregação crescente (residências no geral) e que se amplifica para o processo de fragmentação, mesmo que em segmentos mais vulneráveis.

Figura 10: Paisagem urbana - Satélite Andradina

	
<p>Foto de residência presente no bairro Satélite Andradina.</p>	<p>Foto de uma parte do bairro Satélite Andradina ainda não urbanizado e a vista para o Centro de Ituiutaba com a presença de prédios.</p>
<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>	<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>

A figura 11, por sua vez, incorpora uma diferenciação entre os tipos de residências populares versus os condomínios privados da cidade, mediante uma lógica de comparação acerca da coexistência desses dois tipos antagônicos de empreendimentos imobiliários, relativo ao acesso habitacional e que possui, para fins de moradias, um perfil socioeconômico (de moradores) totalmente diferenciado desses espaços.

O condomínio privado (dos médicos) possui atualmente glebas de lotes a serem vendidos, fomentados pelo mercado imobiliário local e regional. Já as residências do programa do Governo Federal Minha casa, Minha Vida, demandados pela política pública de acesso à habitação, que são mais populares e possuem uma lógica de aquisição permeados pela oferta e demanda mais facilitado de acesso à moradia, mas com reduzida mobilidade e longe das áreas mais centrais de Ituiutaba.

Figura 11: Condomínio privado x Residências populares?

	
<p>Foto do Condomínio dos Médicos que é privado e ainda não habitado em Ituiutaba, que possui em todo seu redor um muro muito alto todo envolto de concertina.</p>	<p>Foto do Programa residencial popular Minha Casa, Minha Vida ainda não entregue aos contemplados por esta política pública. O município de Ituiutaba foi um dos que mais teve acesso a construção e financiamentos de casas do Programa do Governo Federal.</p>
<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>	<p>Fonte: SANTOS, I.M.V (2019).</p>

Para fazer uma contraposição às figuras anteriores, o conjunto de figuras 12, mostra uma pequena parte da paisagem comercial do bairro centro de Ituiutaba, composta por redes de lojas, farmácias, comércios, lojas de roupas e calçados, ruas mais largas e com presença de faixa de pedestre, nos evidenciando uma organização espacial relativo ao trânsito local, diferenciada de outros bairros menos centrais, bem como com a presença de prédios comerciais e residenciais.

Figura 12: Paisagem urbana comercial- Centro



Nos parece que o conjunto de figuras dos bairros de Ituiutaba, representam a fragmentação no nível do tecido social e de organização espacial, a partir da realidade encontrada pela pesquisadora, nas lógicas de estruturação do espaço urbano, porque permeiam a redefinição dos papéis do território policêntrico do centro, bem como pelo aparecimento de algumas áreas mistas mediante os enclaves dissonantes nos tecidos com alguma homogeneidade morfosocial e também dos fluxos de movimento e trocas de informações das redes de relações entre os cidadãos.

Não se pode deixar de mencionar a ocorrência da contiguidade sem continuidade, através da proliferação da construção de muros nas residências particulares dos cidadãos de

diferentes bairros, separando estes habitats fechados, em função, de uma certa tendência de sua localização periférica, alterando tal conteúdo complexo das áreas residenciais, que tendem a se implantarem nas bordas da cidade, à medida em que se acentua o processo de expansão territorial.

Dessa forma, tais elementos nos apontam para uma tendência de fragmentação, que é um processo posterior ao da segregação que tende a enfatizar os aspectos residenciais, mas que a fragmentação combina elementos da existência de policentralidades e a conformação de territórios descontínuos, gerando morfologias bem menos integradas no território.

Tais relações de contiguidade e proximidade foram alteradas, devido ao uso do transporte automotivo individual (visto no conjunto de figuras 18) e na ampliação das interações espaciais entre as áreas residenciais e as de trabalho, consumo, de lazer, estudos. Nesse sentido, conforme nos aponta Sposito e Góes (2013) esse resultado de tais transformações gera uma geometria espacial de fluxos bem mais complexa, com praticamente a redução de vivências coletivas e seus espaços de inserção dos diferentes cidadãos. Isso fomenta a segregação numa perspectiva de agravamento da fragmentação socioespacial, mesmo nos bairros abertos nas cidades médias.

Para Caldeira (2000) e Lira (2017) as cidades assumem feições expressadas por uma arquitetura do medo através dos muros mais altos, cercas ao redor, sofisticados sistemas de segurança e alarmes. Isso ocorre em residências em que os proprietários possuem condições financeiras para este tipo de investimento, conforme podemos perceber nestes exemplos em Ituiutaba. Essa estética incorpora elementos de defesa medievais e prisionais, assim como das torres de vigilância presentes nos condomínios fechados na atualidade, bem como nas construções das casas e prédios e fomentam as lógicas de segregação impulsionando a fragmentação socioespacial, mediante o medo crescente da insegurança e violências dos outros.

A arquitetura do medo se lança nesses moldes, como um constructo que operacionaliza a sensação de (in) segurança nos espaços urbanos, personificados mediante a construção de muros altos, do incentivo ao uso de câmaras de vigilância, de cercas elétricas, portões eletrônicos e diferentes equipamentos de vigilância privada. Esse tipo de arquitetura também se correlaciona ao aumento da procura, por parte da sociedade como um todo, aos dispositivos de segurança do mercado privado dessas empresas, que (re) vendem essa sensação de insegurança para as classes que podem consumir tais tecnologias.

O espaço público não é mais o das trocas, do aprendizado. A rua não é mais um local de socialização, mas uma via que serve para levar as pessoas de um local privado para outro por exemplo.

Esse processo traduz a chamada privatização da vida e faz com que a relação com a cidadania seja muito limitada e com características latentes da individualização no meio social e do evitamento de determinados lugares das cidades e dos segmentos sociais que os habitam e está correlacionado à fragmentação socioespacial.

Essa arquitetura incorpora os processos de disseminação da cultura do medo, da culpabilização de determinados grupos/segmentos sociais, da estigmatização socioespacial e da banalização da violência.

Tal arquitetura do medo exemplificada em relação aos bairros mais ricos da cidade é destoante se comparada a dos bairros estigmatizados e mais populares em Ituiutaba, que não possuem tanta infraestrutura, mostrando um padrão estético bastante antagônico, demonstrando uma desigualdade nas condições de busca por segurança.

Nas residências populares esta arquitetura existe e é representada de forma simples, com a proteção dos muros por pequenas cercas elétricas, com cacos de vidros, portões envoltos em lanças, presença de elementos fincados em seus muros. A arquitetura do medo tem sido, na atualidade, a principal marqueteira dos grandes empreendimentos imobiliários, a partir da construção de condomínios e loteamentos fechados, completamente isolados da vida social pulsante inerente às cidades. (LIRA, 2017)

Na visita de campo, realizada em julho de 2018 pela pesquisadora, em Ituiutaba, foi possível observar a infraestrutura de alguns bairros e a relação de proximidade e da distância entre eles, bem como a falta de comércio e serviços nos mais periféricos como Canãa e Nadime Derze e a presença de estabelecimentos de comércio em outros bairros como o Independência e o Centro. Nessa mesma visita de campo, foi notado a pouca presença de transporte público transitando entre os bairros da cidade no momento de coleta de fotos, tanto em bairros periféricos quanto mais centrais. Haviam poucos cidadãos presentes nas ruas, então não foi possível dialogar diretamente para perguntar sobre a realidade do bairro de forma mais informal.

Nesse levantamento preliminar de algumas visitas de campo, foi possível identificar diferentes elementos da fragmentação socioespacial presentes na cidade, visitando ruas, observando residências e prédios, percebendo bairros com ruas asfaltadas e outras não asfaltadas, comparando as práticas defensivas, observando as relações de sociabilidade, entre

outros elementos. Isso porque, embora todos esses fatores não expliquem especificamente os meandros do processo de fragmentação socioespacial em si, mas as notáveis desigualdades socioeconômicas entre os cidadãos de diferentes bairros indicam cotidianos fragmentados, dando base para a investigação desta pesquisa.

### **3.3. As relações de sociabilidade no cotidiano urbano**

É através da vida do cotidiano conforme nos esclarece Magrini (2013) que se estabelece a apropriação de diferentes espaços para a realização das atividades que são baseadas na reprodução da vida social, como moradia, trabalho, consumo, lazer; estudos e são instituídas as chamadas relações de sociabilidade entre os cidadãos; desenvolvidas a partir das representações sobre os diferentes espaços sociais.

No cotidiano que se tornam possíveis as experiências urbanas como, por exemplo, a elaboração de caminhos percorridos na cidade, a identificação individual com determinados espaços e com segmentos sociais, a estigmatização de lugares e bairros, a realização de encontros, as escolhas no não contato com ruas e bairros, que pautam a construção diária e permanente dos modos de vida nas cidades e das memórias e impressões vivenciadas.

Com efeito, no que tange as relações de sociabilidade em Ituiutaba, boa parte dos entrevistados (a) relatam que possuem bom relacionamento com vizinhos e com conhecidos dos bairros em que residem, sendo que um dos entrevistados menciona a importância dos grupos de redes sociais, com destaque para os aplicativos de comunicação, como WhatsApp, como uma forma de estruturar redes solidárias e de ajuda mútua, com relação as demandas locais, de serviços, comunicados, mensagens importantes, como no trecho que reforça nosso entrevistado:

**Entrevistadora: Como assim redes solidárias?**

Entrevistado: Igual quando eu morava no Portal dos Ipês, depois você vai conferir, eu conhecia quase todos os vizinhos da minha rua, então se a pessoa dizia: Ah...eu vou viajar, eu falo para o meu amigo, meu vizinho no caso ou ele vê alguém diferente na minha casa, que não é amigo meu, querendo ou não a gente sempre sabe quem está frequentando a casa um do outro. Talvez essa rede de vizinhos também ajudaria, o vídeo monitoramento na 31, nessas avenidas comerciais, porque ele fica muito no centro da cidade, que é o principal centro de comércio da cidade, mas nesses bairros onde tem muita movimentação de pessoas que tem essas ruas comerciais, também acho que ajudaria, e as outras coisas não é bem do município, seria mais incentivado via União ou Estado, que seria melhorar o policiamento, aumentar o efetivo, melhorar salário deles, melhorar salário de professor, questão mais de logística mais pesada não fica a cargo do município.

Entrevistadora: Mas de toda uma estrutura de dentro do Estado?

Entrevistado: Talvez, eu não sei o tamanho da população de Ituiutaba, acho que tem mais de 100.000 mil habitantes, uma guarda municipal também ajudaria, porque aí seria um reforço na questão de efetivo de pessoas por policiamento, com a guarda

municipal, a polícia ao invés de trabalhar no centro, ela iria para os periféricos e o centro da cidade ficaria mais a cargo da guarda municipal.

[...] Entrevistado: Devido ao meu emprego, eu tenho um certo grau de segurança, e minha rede de amigos também. Se eu precisar fazer o contato com alguém, querendo ou não, quem trabalha junto comigo tem o hábito de passar na rua de conhecidos, vamos dizer, eu conheço a casa de fulano... de tal e se eu vejo uma movimentação de gente, eu faço um contato com ele via WhatsApp ou de algum grupo, e ...”olha ele tá viajando. Tem alguma coisa de diferente”.

Entrevistadora: Entendo. Vocês têm uma ajuda mútua de segurança entre vocês?

Entrevistado: Em tese sim. Entre os amigos, não vou falar entre todos, mas uma parcela de amigos tem.

Entrevistadora: Entendi. João Ribeiro (servidor público, 35 anos).

No entanto, outro cidadão entrevistado nos relata outras formas de sociabilidades, como no trecho que salienta pouco diálogo entre os vizinhos:

**Entrevistadora: 8. Você conhece seus vizinhos? Como é seu relacionamento com eles?**

Entrevistado: Conheço... conheço. É o relacionamento hoje em dia é igual falei anteriormente é pouco, é básico, porque na verdade são muros altos, portões altos, então praticamente a gente não tem contato, as vezes o contato é aquele mínimo, as vezes a gente está chegando, o vizinho está saindo, a gente tá saindo, e cruza assim eventualmente, então não tem muito contato, quando... A anos atrás, nessa casa aonde a gente mora, os muros eram baixos a gente conversava com os vizinhos através dos muros...

Entrevistadora: Mesmo?

Entrevistado: Mesmo. Essa casa que a gente mora, tinha uma senhora lá..., a veinha ficava o dia inteiro, ficava o dia inteiro na máquina de costura, e a gente conversava com ela pelo muro, mesmo a casa de baixo também, era um muro alto mas baixo, a gente conversava também, a gente conversava com os vizinhos, tinha maior possibilidade, os vizinhos não mudaram muito não. Inclusive as casas de baixo sempre foram as mesmas pessoas, não houve mudança, mas é ficou mais distante.

**9. Se identifica com as pessoas do bairro?**

Entrevistado: Como assim se identificar? Seja mais específica.

Entrevistadora: Se identificar no sentido de socialização, de se entrosar, das relações sociais entre vocês.

Entrevistado: Não é igual já foi não. Antigamente as vezes quando um vizinho fazia uma festa, uma reunião, chamava a gente para ir, ou quando a gente fazia também, a gente chamava, já hoje em dia não existe isso não.

Entrevistadora: Quando você fala antigamente, você está falando há uns 10 anos atrás?

Entrevistado: Uns 20. Marcelo Silva (Professor, 49 anos).

A sociabilidade corresponde a uma certa tendência para a vida social, de quem vive inserido numa sociedade. Essa motivação se dá pelo contato com o outro a partir do princípio de igualdade, tais relações sociais já foram preconizadas por Karl Marx quando percebe que a sociabilidade é um conjunto de relações que os indivíduos mantêm entre si, dentro do qual, vivem e produzem sua existência, inseridos em meios e ambientes antagônicos. Por isso, entendemos que a sociabilidade é um anseio humano para o alcance do sentido de existência na história.

Nas pequenas cidades e nas de médio porte, a sociabilidade tem algumas marcas, conforme Caniello (2003, p. 33), destaca que ela é condicionada pelo viés da pessoalização, de modo que, as pessoas, se (re) conhecem por quem representam socialmente, como por exemplo, pelo cargo que exerce e pelo sobrenome familiar ou mesmo por quase todo mundo se conhecer na cidade.

Nesse sentido, a sociabilidade relativa ao mundo contemporâneo teve uma transformação significativa. Alguns contatos primários com afetividade se limitam entre os grupos ou parentes e amigos, mas também marcadas por relações complicadas. Os contatos secundários com colegas de trabalho ou que convivem em outros espaços sociais tendem a ser superficiais e mais distantes na atualidade. Parte disso possa estar associado à violência, à liquidez de contatos humanos, ao sentimento de insegurança urbana, ao individualismo crescente, à insegurança pessoal no caso de mulheres e grupos minoritários, à ausência do Estado, à mídia, às políticas repressivas, aos medos diversos e que modificam o tecido espacial urbano contemporâneo e o seu modo de vida tecnológico.

Constatamos uma diminuição nos laços de conversas com os vizinhos em Ituiutaba, apesar da convivência pacífica em alguns bairros, os entrevistados relataram poucos detalhes sobre a vizinhança no geral, indicando que se limitam a meros cumprimentos formais. Certamente, tais atitudes fazem parte de um contexto geral/global, a partir das consequências do modo de produção vigente, pautado na amplificação dos medos e das desconfianças no contexto da hegemonia da subjetividade neoliberal (DARDOT E LAVAL, 2016).

Assim, o bairro é um espaço de sociabilidade importante a ser analisado porque há a tendência de concentração de moradores de determinada camada social. É no espaço da cidade que se expressam as hierarquias sociais. O espaço se apresenta como um campo de forças com formação desigual, se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções inseridos numa sociedade global (SANTOS, 1978, p. 122).

Desse modo, a infraestrutura urbana localizada no bairro centro de Ituiutaba, reúne os serviços de comércio (rede de farmácias, lojas, mercados) e outros atendimentos de setores públicos e privados (como consultórios médicos, odontológicos, companhias de água e abastecimento da cidade, energia elétrica, sistema bancário, academias de ginástica).

Entretanto, essa realidade não é a mesma em outros bairros menos centrais, como é o caso do Natal e do Satélite Andradina, que tendem a ter menos comércios e infraestrutura de

serviços, sendo que parte de seus cidadãos se deslocam constantemente para o Centro para realizar suas atividades, carecendo de mobilidade urbana em diferentes horários por parte do transporte público, o que não é uma realidade em Ituiutaba fazendo que esses bairros possam ser considerados como fragmentos devido ao seu relativo caráter de enclave.

Em relação aos bairros da cidade, tivemos ainda o discurso que associa a sensação de (in) segurança a determinados espaços (por exemplo a praça Cônego Ângelo - Centro e a Praça Céu - Natal) que passam a ser evitados em função de experiências individuais de furtos e de medos diversos, a partir do período noturno.

Os locais públicos, como as calçadas, praças e parques, constituiriam espaços privilegiados para a convivência e a construção de relações mais estreitas entre os cidadãos de Ituiutaba, porém, parte de nossos entrevistados relatou que prefere evitar locais públicos com muita aglomeração de pessoas, já outros enfatizam que não frequentam espaços em que indivíduos estigmatizados no meio policial circulam.

Nessa direção, alguns bairros periféricos também vêm à tona em relação a lugares de evitamentos no período noturno, sobretudo, a partir de relatos acerca de pequenos roubos e furtos de transeuntes. Os entrevistados relataram também sobre o medo de que jovens e adolescentes andem sozinhos (na figura de filhos, netos, bisnetos) à noite, principalmente de jovens garotas serem mais visadas.

No que tange ao meio universitário, um de nossos entrevistados, por ter estudado em anos anteriores na UFU, nos relata da importância da patrulha do policiamento ostensivo atuando próximo as universidades públicas e particulares em Ituiutaba no período noturno, como forma de inibir ações de furtos e roubos já vivenciados por universitários em geral, particularmente de jovens mulheres universitárias.

Com relação as soluções viáveis do papel estatal, especialmente a âmbito da atuação das polícias civis e militares em Ituiutaba, os entrevistados nos relatam acerca de uma espera burocrática para realização de boletins de ocorrência em localizações mais distantes do Centro, bem como do tratamento diferenciado em blitz no trânsito da cidade (em função do tipo de locomoção), mas que no geral atendem bem a população da cidade combatendo o crime e o tráfico de drogas local, apesar de uma estrutura pequena de servidores públicos da segurança pública que precisam atender também ocorrências criminais dos municípios limítrofes de Ituiutaba.

Através da análise das diferentes práticas espaciais de securitização, apresentadas no tópico anterior, percebemos como elas contribuem para o processo de fragmentação

socioespacial ao diminuir a coesão urbana, constituindo um entrave para a construção do Direito à cidade e que também estão relacionadas a diminuição direta das relações de sociabilidades no espaço urbano.

O Direito à cidade para Henri Lefebvre (2004) se percebe como uma exigência do apelo as centralidades recentemente elaboradas nas cidades, no entanto, ainda é um direito bastante lento, que precisa reivindicar a sua segregação do campo. Para Lefebvre (2004) essencialmente o direito à cidade é o direito à vida urbana, e a tudo que ela pode representar enquanto local de encontros e de trocas. O direito à cidade está inserido nas perspectivas pela superação da realização da vida urbana mediante a esfera do mercado, com a concretização do domínio econômico, materializado no valor do mercado e da mercadoria. E nos remete a refletir sobre o direito à liberdade, à individualização na socialização, o direito ao habitar, o direito a participar da construção da cidade, bem como o direito de apropriação do produto construído, que é diferente do direito de propriedade por exemplo e a superação das exigências capitalistas.

Percebemos que lutar pelo Direito à Cidade é buscar a modificação da problemática das fragmentações e desigualdades socioespaciais urbanas, considerando que a cidade é um lugar de convivência coletiva.

Nos cabe ressaltar novamente, que os estudos acerca da (in) segurança urbana atrelada às tendências da fragmentação socioespacial em Ituiutaba, seguem uma lógica global/local tanto nas cidades com realidades de metrópoles, quanto nas cidades médias conforme nos apontam Sposito e Góes (2013).

Tal quadro se agrava em função da onda crescente do neoliberalismo e privatizações enfatizados por Dardot e Christian Laval (2016), pelo individualismo tratado pela modernidade líquida defendida por Bauman (2009) que é permeada pela quebra dos laços sociais, e do aumento do sentimento de medo personificados através dos discursos midiáticos diários na televisão e nas redes sociais.

A violência urbana nos aponta um substancial aumento gradativo das tendências e articulações criminosas em potencial. É preciso que o poder público municipal e estadual das cidades, atentem-se para tal realidade para proteger a sociedade local e fomentar mais políticas de segurança efetivas.

Fica evidente ressaltar as diferentes dimensões da fragmentação socioespacial, da análise das diferentes práticas defensivas, dos evitamentos pelos distintos segmentos sociais, observando em que medida elas contribuem ou não para a fragmentação, destacando como a

fragmentação e as práticas de securitização se opõem a construção do Direito à Cidade por exemplo.

Figura 13: Brasil - um país cordial sanguinário?



Fonte: Sitade/iStock (2018)

Todo esse contexto corrobora para vislumbrar a violência real da representada nos imaginários sociais, sobretudo, a partir do cenário político atual desenhado no Brasil, que facilitará o acesso, o porte e a posse da arma de fogo para a sociedade civil, inclusive em espaços públicos.

Serão os estudos e pesquisas acadêmicas dessas temáticas que nos indicarão, de fato, o resultado prático de tais medidas para conter ou para se combater o avanço da criminalidade, propiciando os enclaves fortificados nas residências e nos condomínios das cidades, mediante a utilização da segurança privada. Será que armar a sociedade civil organizada (como visto na figura 13) coibirá a violência e as sensações de (in) segurança urbana nos estados e municípios brasileiros a partir da autodefesa do cidadão?

### **3.4 O Direito à Cidade tem estado à deriva?**

Como dito anteriormente, a segregação e a fragmentação socioespacial e os imaginários relativos a sensação de insegurança, e a própria violência permeada nas cidades, provocam uma diminuição da participação coletiva urbana e isso representa uma forma de limitar o acesso do Direito a cidade, a partir do momento, que os cidadãos nem sequer vivenciam os seus espaços públicos, vivenciam muito mais a sua negação em Ituiutaba.

A noção de direito a cidade está ancorada nos anseios permeados pela vida social, sobretudo, de se contrapor ao contexto de desigualdade socioespacial perceptível nas cidades. Assim como a ampliação do acesso ao conjunto da vida urbana. De modo que, tende a significar mais acesso aos equipamentos urbanos e à serviços públicos de qualidade, e ao alcance de uma sociedade igualitária, com acesso à cultura, a construção da cidadania através da pulsação da vida política inerente as cidades.

Para David Harvey (2014) o Direito à Cidade não é um direito individual exclusivo, mas coletivo concentrado e depende do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização em essência:

O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a si mesmos por mudar a cidade. É, sobretudo, um direito coletivo, ao invés de individual, pois esta transformação inevitavelmente depende do exercício de um poder coletivo para dar nova forma ao processo de urbanização. O direito a fazer e refazer nossas cidades e nós mesmos é, como quero argumentar, um dos mais preciosos, e ainda assim mais negligenciados, de nossos direitos humanos. (HARVEY, 2014, s/n).

Tal contraponto é feito por Henri Lefebvre (2001) que defende que para a construção do Direito à Cidade é preciso refletir sobre as necessidades sociais que sustentam a vida urbana, indo além daquelas consideradas no âmbito da sociedade de consumo. E precisa permitir que a diversidade cultural não se limite ao tradicionalismo imposto, que impedem que os grupos sociais sejam representados e legitimados como atores sociais portadores de direitos. Tanto a cidadania, a participação popular e o protagonismo, são formas de alcance para o desenvolvimento da política urbana, ou seja, por um acesso renovado e visando a transformar a vida nas cidades.

O Direito à Cidade não se reduz a meros elementos que já existem, mas porque prescinde que a população tenha voz e atitude críticas e políticas para construir elementos urbanos novos, que irão compor a vida urbana como sustenta Lefebvre (2001).

Essa construção depende essencialmente da vontade coletiva, sendo uma das dimensões do Direito à Cidade mais complexas de se almejar, dado o contexto privatista e individualista, permeado por interesses políticos, econômicos, que tentam impor a produção dos espaços urbanos contemporâneos. O direito à cidade precisa também se centrar na melhoria da segurança urbana e nas estruturas socioculturais das cidades, visando o acesso à informação e aos movimentos sociais e políticos das cidades, bem como ao combate das desigualdades socioespaciais.

Desse modo, Ana Fani Carlos (2013) sustenta que a produção do espaço urbano é baseada na produção social da cidade e sua forma de apropriação privada, é a partir da existência desse tipo de propriedade privada, sustentada por uma sociedade de classes, que a constituição do espaço como um instrumento de valor de troca, é que se gera então a luta pela reivindicação do Direito a cidade, porque criou acessos desiguais na aquisição de moradia própria. Para a autora, o atual cidadão tem novas características ligadas cada vez mais ao acesso ao consumo, e a reprodução do espaço urbano em fragmentos, porque todas as esferas da vida atual estão coligadas as lógicas da reprodução capitalista, ou seja, o espaço vira mercadoria e formas de acumulação.

O acesso ao consumo é preponderante para entendermos a produção das subjetividades no contexto contemporâneo para fomentar mais a justiça espacial, em que as insatisfações são colocadas em outro nível correlatos a vida urbana. Na cidade fragmentada existem paisagens e uma morfologia que cerca os espaços públicos, perpassando pelas representações da insegurança construída pela mídia local, sendo correlatas, as práticas socioespaciais fragmentada no espaço e no tempo e que para Ana Fani Carlos (2013) segue a seguinte lógica:

- a) Diferenciações do acesso ao espaço urbano, na diferenciação entre centro e periferia;
- b) Realça as diferenças entre ricos e pobres e a miséria absoluta;
- c) Distinção da pobreza e da riqueza e a hierarquização entre os indivíduos na cidade, com o poder de classe e a supremacia aquisitiva.

Portanto, para a autora, o espaço urbano torna-se gradualmente uma mercadoria e o seu acesso é dado pelo processo de valorização do valor e que é delimitado pelo mercado imobiliário, com o acesso a bens e serviços urbanos e a centralidade. O espaço é homogêneo e pode ser fragmentado pela existência do mercado imobiliário, que subdivide a cidade, basicamente com o intuito de vender partes e gerar lucro (marketing urbano) e da especulação de investimentos para valorização da localização geográfica de moradias e se constitui na hierarquização de lugares definindo funções limitadas pela divisão do trabalho. A fragmentação do espaço se revela a partir da propriedade privada do solo urbano presentes no mercado imobiliário e no sistema capitalista.

A fragmentação socioespacial é muito mais complexa e densa para Sposito e Góes (2013) conforme explicitado em tópicos anteriores, do que apenas pela extensão do valor de uso de troca dividindo a parcela do espaço para o mercado da moradia, sendo associada à existência de rendas diferenciadas e se justapõem na morfologia urbana social e espacial defendido por Ana Fani Carlos (2013) numa visão mais tradicional da fragmentação e

segregação das cidades. Nesse sentido, Catalão, Lindo e Magrini (2019) delimitam conceitualmente a noção de que:

A fragmentação socioespacial se configura assim como um processo complexo que resulta na quebra da organicidade material e simbólica das cidades que passam a ser produzidas e apropriadas **a partir de práticas de fechamento e de evitamento entre os diferentes segmentos sociais (CATALÃO e MAGRINI, 2016)**. As lógicas fragmentárias não podem ser entendidas somente a partir da divisão dual da sociedade em ricos e pobres, visto que as práticas de enclausuramento, pautadas em barreiras físicas ou simbólicas, perpassam os diferentes grupos sociais, produzindo enclaves socioespaciais de conteúdos distintos, como os loteamentos fechados que podem ser tanto de alto como de médio e médio baixo padrão. A percolação destas lógicas privatistas e segmentadoras para os cidadãos de forma geral atua na corrosão dos laços sociais e da ideia de cidade como um espaço coletivo e de partilha, o que faz com que as desigualdades socioespaciais intrínsecas ao capitalismo sejam agudizadas no plano cotidiano. Desse modo, as cidades produzidas sob a lógica do desenvolvimento capitalista, ao mesmo tempo em que possuem os espaços “vitrine” – produzidos para serem símbolos da pujança econômica e do progresso –, apresentam em seu reverso os espaços de espoliação constantemente invisibilizados por meio de diferentes estratégias. **Nesse contexto, a discussão e a requalificação do direito à cidade se tornam centrais para o estabelecimento de um outro tipo de urbanização que se ancore em padrões mais solidários e que permitam sinergias que possam questionar e subverter o projeto capitalista.** (CATALÃO, LINDO, MAGRINI, 2019, pg. 206, grifo nosso).

Assim a fragmentação socioespacial possui uma dimensão ontológica muito mais profunda do que a visão de Ana Fani Carlos (2013). Para Catalão; Magrini (2019) as práticas espaciais de evitamento, as lógicas privatistas e segmentadoras entre os cidadãos, com espaços de espoliação invisibilizados, sugerem a intensificação da fragmentação do espaço urbano, os autores identificam como remediação a proposta, um tipo de urbanização diferente, mediante a noção correlata ao Direito à cidade, para inverter esta lógica de desigualdades socioespaciais presentes e promover uma luta revolucionária.

Por isso que se dá a importância do Direito à Cidade na atualidade, para se contrapor e combater a lógica da segregação e fragmentação socioespacial presentes nos espaços tidos como periféricos e da produção do imaginário das cidades inseguras através do aumento da sensação de insegurança urbana.

O conjunto de trechos das entrevistas com cidadãos em tópicos anteriores nos denotam a importância da convivência coletiva em diferentes lugares, espaços, experiências na cidade de Ituiutaba para o alcance da sociabilidade urbana mais intensificada proporcionando o direito ao seu acesso.

### 3.5 E as soluções viáveis e o papel estatal?

Uma investigação científica como esta, demanda entender, a partir das entrevistas com cidadãos locais, acerca da adoção de soluções viáveis e do papel estatal em Ituiutaba. Nesse sentido, para combater a estigmatização da pobreza é preciso ter o avanço em políticas sociais de inclusão, além da diminuição dos índices de crimes manifestados no espaço urbano.

Selecionamos alguns trechos apontados por cidadãos como forma de prevenção da incidência de violência e da diminuição de desigualdades no espaço e que se torna importante ressaltar.

A cidadina Venina nos exemplifica respondendo pela ampliação de políticas públicas de inclusão para os jovens de Ituiutaba, como forma de tentar pacificar a entrada e permanência nos submundos criminais, por torná-los protagonistas de suas histórias e por incluí-los como sujeitos de direitos, bem como enfatiza o incentivo ao acesso à educação:

**Entrevistadora: 1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?**

Entrevistada: Políticas públicas.

Entrevistadora: Quais políticas públicas?

Entrevistada: Projetos, tem um projeto aqui na cidade que eu acho muito bonito que é o “oficial mirim” esse projeto ele basicamente traz jovens entre 14 e 16 anos e inserem eles em órgãos públicos, então eles trabalham meio período, de uma forma que não atrapalha na escola e eles recebem um salário para isso né... no caso se não me engano é meio salário, e eu acho um projeto muito bacana, por que você traz esse jovem (porque se escolhe o de baixa renda) você traz ele para **dentro do sistema e ele aprende e se sente incluído**. Eu acredito que políticas públicas nesse sentido, se fossem ampliadas, diminuiria um pouco sabe, a própria questão de curso técnico sabe, o incentivo ao estudo, que assim eu vejo que não tem muito e eu tiro por exemplo de onde eu vim sabe, você não ensina o jovem a estudar, você não incentiva ele a fazer essas coisas. Então eu acredito que políticas nesse sentido, ajudariam e inclusive na ampliação desse projeto do menor aprendiz e eu acho muito válido, acho que contribuiria muito para diminuir a incidência de violência porque eu acredito muito na educação sabe. Porque eu acho que as coisas só estão como estão porque as pessoas não investem em educação. O governo não investe na educação, então é um dos motivos pelo qual estamos passando agora, então se tivesse um investimento maior em educação eu acho que os índices de violência iriam diminuir. Não só na educação, mas também na arte e na cultura, porque isso prende o jovem. Ele se sente importante para a sociedade.

Entrevistadora: Protagonista né?

Entrevistada: Exatamente. Venina Ramalho (Universitária, 22 anos).

Nesse sentido, para Pedro Fontoura também enfatiza a importância do acesso à escola, mas que esta não despreze o contexto da comunidade local em que se encontra inserida, e que cumpra a sua função social de inclusão mediante atividades lúdicas, culturais, mais inseridas

das comunidades, e que nos remete as ideias defendidas por Gonzalo Saravi (2015) para não fomentarmos em Ituiutaba a chamada fragmentação social das juventudes:

**Entrevistadora:1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?**

Entrevistado: Bom , com a psicologia hoje eu consigo perceber que a base onde as crianças são reforçadas como sujeitos sociais e como cidadãos, eu acredito que seja a escola, o investimento na base por parte do governo, não desprezando a comunidade em que aqueles alunos estão inseridos, mas as vezes como eu trago no meu discurso, quando eu evito esses bairros, logo eu, de certa forma indiretamente, estou dizendo que as pessoas que vivem nesses bairros são necessariamente perigosos ou são assaltantes ou criminosos, mas eu reconheço que não são, mas as vezes a escola tem se feito indisponível para essas crianças, não tem executado seu papel de formação intelectual, ao qual deve ser estabelecida e passou a ser um lugar, ou talvez sempre foi um lugar, onde tenha sido, porque a única lembrança que eu tenho da escola é componente curricular matéria, matéria, matéria e não tenho acesso a formação para mim enquanto pessoa, só tive essa formação, enquanto no meu núcleo familiar, minha mãe, minha vó ou pessoas próximas a possibilidade do investimento, talvez em esportes, em serviços sociais como: CRAS e essas atividades que são desenvolvidas no CRAS como oficinas, de jogos, danças, canto, eu acho que tudo isso soma um pacote maior que deveria ser observado com mais atenção e reformulado enquanto campo de atuação do Estado com as comunidades.

Entrevistadora: Entendi, é uma forma de diminuir na sua concepção.... Pedro Fontoura (DJ, 21 anos).

Para o advogado Heleno Perez, o investimento em lazer e esportes pode ser também uma forma viável de solução estatal para a diminuição de violência, bem como uma política voltada a geração de empregabilidade para coibir as margens das questões sociais do avanço da criminalidade:

**Entrevistadora:1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?**

Entrevistado: Igual te falei anteriormente, eu acho que deveria...entre autoridades né... o prefeito investir no esporte, no lazer, fazer campeonatos de futebol e de petecas, de vôlei, porque através do esporte, está provado, você tira muitas pessoas do crime, você recupera muitas pessoas e Ituiutaba antigamente, se investia muito, nas escolas de futebol, no lazer, tinha alguns campeonatos para os jovens e as crianças e hoje diminuiu bastante. Não está nem tendo. Então o esporte, se pegar uma política de esportes voltada para o lazer e gerar oportunidades para a pessoa praticar o esporte e participar de campeonatos vai diminuir bastante, é certeza. Tanto é verdade, que eu participo lá da Diretoria do Ituiutaba Clube, eu faço parte, e lá quando meu menino era pequeno, lá tinha uma escolinha de futebol com umas 100 (crianças e adolescentes) e sempre tinham crianças e adolescentes participando de campeonatos locais, regionais, municipais e isso aí trazia muito os jovens todos para lá... é uma coisa que ajuda 100% a tirar o jovem da criminalidade e também dá oportunidades, para o menor aprendiz, para trabalhar, ganhar seu próprio dinheiro, se você deixar as pessoas na margem das questões sociais, a criminalidade só vai aumentando. Heleno Perez (Advogado, 57 anos).

Nesse sentido, a entrevista Núbia nos aponta sobre uma situação de furto famélico em Ituiutaba resgatada por meio de suas memórias e não consegue apontar uma causa, em

específico, para solucionar tais problemáticas e das dificuldades enfrentadas por indivíduos que são presos ou cumprem pena e logo após não conseguem trabalhar devido a estigmatização já constituída de ex-presidiários:

**Entrevista:1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?**

Entrevistada: Olha diminuir a violência aqui em Ituiutaba, eu não sei nem te falar se resolveria ter mais policial, porque a polícia na mesma hora que ajuda, eu acho que ela atrapalha. Era para eles ajudar mais, eu acho que podia ao invés de prender os delinquentes que pegam... roubando supermercado porque acontece muito... aqui no bairro mesmo, assim que nos mudamos para cá, já tem uns três anos atrás...eles invadiram o Pontual e roubaram um tanto de coisa lá...e foram pegos roubando chocolates... sabe aí eu fico com dó e pensando... e eu conheço um deles e um dia fui perguntar... mas porque que vocês foram roubar chocolate, pelo amor de Deus? Ah...era porque eu estava com muita vontade de comer chocolate.... Aí fiquei pensando... roubar chocolates? Mas era porque eles queriam comer... ai juntou ele e mais uma turma... foi coisa de moleque mesmo...eles foram presos... mas... ai você fica pensando.... É falta de emprego? De boa vontade? Eu fico pensando se para eles falta emprego ou se é boa vontade... o que está faltando para eles para saírem desse mundo? De achar que essa vida fácil é boa.... Sabe esse menino foi preso e saiu... aí passou um tempo e ele foi solto e aí eu pensei né...não vai andar errando mais não né... vai firmar.... Mas não adiantou... e lá só aprende o que não presta... depois não quis arrumar serviço e ninguém arrumou serviço...porque quem tem nome sujo de cadeia não arruma serviço... voltou a roubar e está preso de novo, então é um círculo vicioso. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

Já para o entrevistado Edson Pontes o aumento do efetivo policial nas corporações aliado ao investimento da atividade de inteligência, através do cumprimento das leis e penas contra os criminosos em potencial, é também uma forma de diminuir a violência e se mostra como uma alternativa para as soluções estatais evidenciadas:

**Entrevistadora:1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?**

Entrevistado: Ah...duas coisas. O aumentar o efetivo das polícias, ter um serviço de inteligência melhor das polícias, e que as leis sejam cumpridas, tipo que se ele cometeu uma infração que pague por ela e não porque seja solto, porque a cadeia está cheia ou cometeu um crime menor, não. Se cometeu o crime, pague por ele.

Entrevistadora: Independente de que crime for ou do potencial ofensivo menor...

Entrevistado: Se cometeu que pague, até para que ele aprenda e não retorne a fazer. Edson Pontes (Produtor rural, 56 anos).

Os trechos selecionados nos elucidam sobre a importância de tentar abarcar as discussões dos papéis estatais como formas de soluções, a partir da articulação entre diferentes instituições, esferas e poderes para combater o imaginário de uma cidade insegura e fragmentada.

Para Magrini (2013) a produção do imaginário das cidades inseguras é propagada a partir da interação entre aspectos materiais e subjetivos, que se contrapõe ao cotidiano e as

situações e espaços seguros e inseguros, de acordo com parâmetros previamente veiculados nos discursos e imagens que tentam sustentar este imaginário. De modo que não é resultado de um conjunto ocasional de processos e sim de uma produção bastante articulada, através de seus agentes produtores, sobretudo dos mais diretos, como os criminosos em potencial, a polícia e a justiça, tendo suas ações consideradas no âmbito do combate a uma insegurança já posta.

Percebe-se a ação de grupos de agentes que contribuem indiretamente para a produção das representações de insegurança: como a mídia, os diferentes promotores imobiliários, as empresas que oferecem equipamentos e serviços ligados à busca privada por segurança, os políticos, advogados, os próprios cidadãos, que reproduzem as representações estigmatizadas pelos demais agentes. (MAGRINI, 2013, p. 55-56).

Por isso espera-se eficazes soluções estatais de diferentes articulações, incidindo no território, para fomentar menos desigualdades socioespaciais e o acesso igualitário para se vivenciar mais nas cidades fragmentadas.

No caso de Ituiutaba é preciso um esforço coletivo de diferentes setores tanto públicos e privados, de prestação de serviço voluntário, de entidades de assistência social ou religiosas que fomentem uma articulação de forças e diretrizes para o aumento das soluções viáveis de combate à pobreza extrema.

Apenas num cenário como este de cooperação de iniciativas é que será possível se combater a marginalidade e a criminalidade local, assim como a violência, a sensação do medo do outro, promovendo uma inclusão mais ampliada de diferentes cidadãos, independentemente do bairro que residem, mediante o acesso ao consumo consciente, com oportunidades de viver a cidade de forma mais intensa e interativa, de ter empregabilidade, de usufruir de todos os fatores que os inserem numa vida mais digna ofertando crescimento social e profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar os mapas pode ser esclarecedor. Olhar para eles de ângulos novos pode ser ainda mais esclarecedor. Mas, se você quer libertar a sua mente de todas as ideias preconceituosas e preconcebidas que os planisférios tendem a produzir, provavelmente só terá um remédio: arranjar um globo - e mantenha-o sempre rodando. (Basil Blackwell)

(...) A acumulação de capital e a miséria andam de mãos dadas concentradas no espaço. (David Harvey)

As duas epígrafes mencionadas suscitam reflexões importantes sobre a geografia, que é uma ciência cujo objeto de estudo está direcionada ao espaço geográfico, pois trata-se de uma categoria de análise consolidada. O espaço geográfico compreende a totalidade da superfície terrestre, considerando o seu substrato físico de objetos naturais e sociais, e também a ações que compõe a sua dinâmica e o seu processo histórico de produção.

Para a compreensão do espaço, o geógrafo dispõe de um conjunto de categorias analíticas, que estão contidas no espaço geográfico, a saber: paisagem, lugar, território e região. Cada uma destas categorias de análise possui múltiplas concepções que contribuem com a apreensão da natureza do espaço e do território, sobretudo da geografia ligada aos aspectos da realidade urbana.

É a partir desse contexto que esta pesquisa de cunho científico, realizada por meio de levantamento bibliográfico, por meio de leituras das temáticas, dos trabalhos de campos que exploraram a realidade local, do conjunto de entrevistas realizadas com cidadãos, do levantamento de estatísticas de crimes no espaço urbano, e da observação dos discursos estigmatizados vinculados pela mídia nacional, nos levam a crer que a (in) segurança urbana expressa diferentes significados, que vão desde a preocupação com a probabilidade de se tornar uma vítima de crimes diversos, até mesmo de ser alvo de atos violentos (sobretudo os mais gravosos) em ruas e avenidas. A (in) segurança urbana tornou-se uma plataforma para difundir diferentes formas de apropriação da sociabilidade e da produção do espaço urbano na atualidade.

Assim, nos foi possível identificar que a (in) segurança urbana alcança cidadãos e seus cotidianos, incidindo diretamente na produção do imaginário das cidades inseguras, e com influências nos aspectos correlatos à vida urbana. Esses mesmos cidadãos podem assumir posições antagônicas sendo ao mesmo tempo possíveis vítimas, agressores, sofrer diferentes estigmatizações e contribuem para o imaginário das cidades inseguras, produzido por meio da articulação de discursos e ações de diferentes atores, que conseguem alçar vantagens mediante o medo e a generalização da insegurança como um todo.

Na cidade de Ituiutaba, nos foi perceptível entender que as visões dos segmentos médios e inseguros, são personificadas nas vítimas como as dos segmentos mais pobres, identificados como agressores, o que não significa que sejam bandidos ou que as ocorrências violentas possam diminuir sua percepção de (in) segurança.

As representações acerca da (in) segurança urbana convergem em função dos roteiros determinados no imaginário das cidades inseguras. Esse imaginário torna-se tão perverso a ponto de apontar quase que simultaneamente os tipos de inimigos nos segmentos pobres (a serem combatidos), sem garantir também que outros segmentos sociais possam ser seguros, mas que são afastados desta realidade porque pouco figuram (ou não se mostram) nestes submundos.

Os bairros pobres são considerados como mais perigosos, enquanto que a noção de perigo é disseminada pela cidade inteira, em virtude da localização de bairros específicos, em que se retrata a estigmatização da pobreza associada as desconfianças, com as diferenças socioespaciais e representam a (in) segurança nas vivências urbanas.

Nesse contexto, as práticas espaciais aparecem como produção desses imaginários e que retroalimentam o sentimento de insegurança e de medo, personificadas através da busca pelo mercado que oferece equipamentos, serviços e espaços que prometem garantir mais segurança, conforto e proteção contra a criminalidade não combatida pelas forças de segurança pública. Desse modo, diferentes mecanismos simbólicos, operam na produção das barreiras que visam garantir a separação e o evitamento, processos necessários nas cidades contemporâneas e que contribuem para o processo de fragmentação socioespacial em curso. Nos parece que em Ituiutaba, existem formas específicas de se lidar com as desigualdades, que são expostas pela justificativa da (in) segurança constante.

É através da cidade aberta fragmentada, que a classe mais pobre vivencia mais relações conflituosas com a polícia e precisam equilibrar seus cotidianos frente às normativas do crime e da insegurança que são vítimas do imaginário das cidades inseguras, porque figuram como perigosos e dispõem de poucos meios para buscar segurança. Dessa forma, alguns cidadãos que se veem como “cidadão de bem” estigmatizam outros de diferentes bairros de Ituiutaba. Já os segmentos mais ricos não pretendem adentrar os enclaves/bairros estigmatizados dos pobres, tidos como muito inseguros.

Tal tendência para uma apropriação mais seletiva da cidade vai diminuindo as capacidades de participação comunitária e o interesse em lidar com as diferenças, o que amplia o estranhamento quando estes encontros ocorrem, permitindo que a insegurança se instaure.

Estes aspectos afastam as possibilidades de construção de uma cidade comum, o que fortalece a fragmentação socioespacial e afastam o direito de vivenciar mais a cidade em seus diferentes aspectos. Alertamos ainda que enquanto as muitas disparidades socioeconômicas existirem podem impedir as trocas, reafirmando a necessidade da busca por espaços da homogeneidade em Ituiutaba.

Assim, precisamos superar às práticas de discriminação e preconceito com os segmentos pobres, para enfrentar as divisões socioespaciais tão prejudiciais à vida em sociedade. É preciso conforme nos enfatiza Soja (2010) e Catalão (2013) mudar estratégias para alcançar uma cidade com maior justiça espacial e social. Esperamos ter contribuído, para o debate acerca dos imaginários e práticas contemporâneas, a partir de temas da violência e insegurança e dos estudos urbanos, em uma cidade de porte médio com contexto não-metropolitano.

A pesquisa realizada revela e chama atenção para a necessidade de maior ênfase na construção e implementação das políticas públicas para tentar reduzir a manifestação das desigualdades socioespaciais em Ituiutaba. Priorizar as áreas de educação, saúde, segurança, e as oportunidades crescentes de empregabilidade, além do incentivo para a construção da cidadania, são demandas que se configuram como medidas eficazes para prevenir a manifestação da violência.

Portanto, no que tange a problemas sociais e políticos relativos à manutenção da violência, precisa-se ainda combater com eficiência e responsabilidade o aliciamento e cooptação de crianças e adolescentes para participar de grupos que cometem crimes/atos infracionais pela cidade. Nesse contexto, a administração da gestão pública do município precisa priorizar as áreas de educação, saúde, segurança da sociedade local, o que envolve ofertar a juventude e aos cidadãos em geral, a não entrada e a não permanência nos submundos criminais.

Certamente esta dissertação não esgota a discussão sobre a temática da violência urbana e da fragmentação socioespacial, mas fomenta outros estudos futuros, mas que nos provoca com as questões apresentadas, reflexões importantes que servem para subsidiar ações políticas e sociais concretas na realidade local e que possibilite a prevenção da violência em toda a região. O processo dialético de ouvir os cidadãos nos enfatiza muito do que ainda precisa ser estruturado para as próximas gerações:

**Entrevistadora: Bloco 7- Você tem mais comentários finais a fazer? Gostaria de acrescentar algo para esta pesquisa?**

Entrevistada: Eu acho que é uma pesquisa muito boa e eu espero realmente que todo mundo que você está pesquisando, tenha alguma coisa para falar e que venha a ajudar

a prefeitura, os governos e o Estado e todos que forem fazer alguma coisa pela segurança e pela melhora dessa cidade, que o que ela está precisando é de mais emprego, de polícias mais educadas, de educação que é fundamental e não é só para os filhos da gente não, é para geral e a saúde também precisa de melhoras... em tudo... e vai melhorar quando os nossos governantes entender que se precisa dessa melhora. Núbia Bueno (Diarista, 46 anos).

**Entrevistadora: 5- Você tem mais comentários finais a fazer? Gostaria de acrescentar algo para esta pesquisa?**

Entrevistado: Não sei se vai colaborar diretamente com a sua pesquisa, mas eu acho que a prática dessas pesquisas é muito importante como coleta de informação e devolutiva tanto para a academia quanto para essas instituições que cuidam do policiamento, tanto da polícia militar quanto da polícia civil, do poder público, eu acho muito importante ter esse tipo de pesquisa porque ela nos proporciona o acesso a esse tipo de informações e também proporciona ao poder público, o feedback do que está acontecendo aqui e que nem sempre é visto de maneira mais clara o possível, porque as vezes a gente é tratado só como um número pelo poder público e não como pessoa. Pedro Fontoura (DJ, 21 anos).

Através dessas falas individuais dos cidadãos, conseguimos apreender de fato as necessidades locais e a demanda necessitada por parte da população. Nos parece salutar evidenciar isso, para que possamos ter uma cidade vivenciada por diferentes classes sociais, convivendo de forma mais harmônica e igualitária, tendo acesso a espaços e lugares ainda não usufruídos por todos (as).

O levantamento bibliográfico constatou também que as causas da violência são bastante amplas. Entretanto, a desestruturação familiar, a condição social, a falta de lazer enquanto direito, as mudanças socioespaciais, a negação da vivência na cidade, podem ser elencadas como as que influenciam na sensação de insegurança crescente. Verificou-se que o convívio com os submundos do tráfico e das microcriminalidades diárias, assim como as carências relativas à dignidade e ao meio familiar, a fome, as estigmatização da pobreza, ao desemprego, são muitas vezes condicionantes para a escolha da perpetuação de ações violentas.

De maneira geral, a violência possui bases de cunho político, social e histórico. Tais evidências podem ser encontradas e percebidas no cotidiano desses cidadãos mais estigmatizados, através das disparidades sociais, bem como a falta de moradias dignas, do não acesso e permanência ao sistema de educação.

No Brasil, a manifestação de atos violentos nos espaços urbanos brasileiros, tem como consequência o conjunto de processos, em que o Estado era e talvez ainda seja, um mediador da segregação, da exclusão, da fragmentação socioespacial.

Nesse sentido, os objetivos gerais e específicos foram alcançados e corresponderam diretamente para as discussões dialéticas que compõem a realidade da violência urbana em Ituiutaba. Tal panorama contribui para conhecer parte das problemáticas e demandas sociais e

criminais, por isso a relevância de se aprofundar nas pesquisas científicas para desvendar tal cenário de incertezas. O direito, a geografia e a sociologia são ciências que contribuem para entender tais fenômenos no espaço urbano.

Essa análise, realizada na dissertação, nos indica que é necessário considerar as relações entre violência e insegurança urbana de maneira aprofundada, na medida em que nem sempre os dados estatísticos fomentam as representações dos cidadãos, sendo necessário buscar as origens e os conteúdos das significações e das estigmatizações que pautam a produção dos territórios possivelmente (in) seguros. E torcemos para que o poder público municipal e estadual atente-se para tal realidade, para proteger a sociedade local e fomentar mais políticas de segurança com ênfase na diminuição das diferenças socioespaciais.

Esperamos que outros/as pesquisadores/as na área de geografia aprofundem os conhecimentos nos conteúdos explorados a partir desta dissertação, para conhecer com maior profundidade as relações de sociabilidade, insegurança, violência e fragmentação que permeiam o município analisado.

O conhecimento científico renova-se com o passar das relações de tempo-espaço continuamente e é necessário que os atores sociais e acadêmicos em geral se debruçam com afinco em pesquisas de cunho social, para tentar alcançar uma melhora significativa de iniciativas para o avanço e o desenvolvimento da política urbana dos estados e municípios brasileiros no que tange ao combate à criminalidade e as diferenciações socioespaciais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Allan de. **Cocaína – A rota Caipira: o narcotráfico no principal corredor do Brasil**- 1ªed.-Rio de Janeiro: Record, 2017.

ADORNO, S. **Violência e educação**. Trabalho apresentado no 5º Simpósio Municipal de Educação. Caxias do Sul, RS, 50-90, 1988.

ADORNO, S.. **Cidadania e Administração da Justiça Criminal**.In: Diniz, E. Lopes, J.; Prandi, R (orgs). O Brasil no Rastro da Crise. São Paulo: Anpocs/Ipea/Husitec. P. 304-327. 1994.

ADORNO, S. . **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. Jornal de Psicologia-PSI, n. Abril/Junh, p. 7-8, 2002.

AMENDOLA, G. **La ciudad postmoderna**. Madri: Ediciones Celeste, 2000.

ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARATTA, Alessandro. **PRINCIPIOS DEL DERECHO PENAL MÍNIMO (PARA UNA TEORÍA DE LOS DERECHOS HUMANOS COMO OBJETO Y LIMITE DE LA LEY PENAL)**. Texto publicado na Revista “Doutrina Penal” n. 10-40, Buenos Aires, Argentina: Depalma, 1987. pp. 623-650.

BATELLA, W. B.; DINIZ, A. M. A. **Análise espacial dos condicionantes da criminalidade violenta no estado de Minas Gerais**. Sociedade & Natureza (UFU. Impresso), v. 22, p. 151-163, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000100011>

BATELLA, Wagner Barbosa. **Análise Espacial dos Condicionantes da Criminalidade Violenta no Estado de Minas Gerais – 2005: Contribuições da Geografia do Crime**. 2008. 142p. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação em Geografia – tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar- Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. **Código penal** (1940). 45. ed. São Paulo: Saraiva, OAB, 2018.

BECK, Ulrich. **A sociedade do risco**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2008.

CARDOSO, Adalberto. **Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social**. *Novos estud. - CEBRAP* [online]. 2008, n.80 [cited 2018-02-06], pp.71-88. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002008000100006> .

CARLOS, Ana Fani. Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013, pp.53-74.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**; tradução de Frank de Oliveira-São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000. 400p.

CANIELLO, M. **O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena**. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 31-56, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132003000100003>

CATALÃO, Igor. **Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba**. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente/Université d’Avignon et des Pays de Vaucluse, Avignon.

CATALÃO, Igor; LINDO, Paula; MAGRINI, Maria Angélica Oliveira. **URBANIZAÇÃO, (CONTRA) DESENVOLVIMENTO E DIREITO À CIDADE**. *Bol. geogr.*, Maringá, v. 37, n. 1, p. 199-213, 2019. <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v37i1.36923>

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura** Vol. 1 - O Poder da Identidade. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.

CORDNER, G. **Reducing Fear of Crime: Strategies for Police**. Kutztown University, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: editora Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. São Paulo: CIDADES, v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.

COUTO, Aiala Colares. **Geografia, Lugar e Cotidiano da Economia do Narcotráfico na Periferia de Belém**. XI Encontro nacional da Anpege: DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: ESCALAS E DIMENSÕES DA ANÁLISE E DA AÇÃO DE 9 A 12 DE OUTUBRO. 2015.

CURBET, Jaume. **Conflictos globales violências locales**. Quito, Flacso, 2007.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, A. M. A. **Migração, Desorganização Social e Violência Urbana em Minas Gerais**. Revista Ra'Ega. Curitiba: n.9, 2005a. p. 09 – 23. <https://doi.org/10.5380/raega.v9i0.3443>

DINIZ, A. M. A. **Violência Urbana nas Cidades Médias Mineiras: Fim de um Mito?** In: MOURA, A. M. S.; SENA FILHO, N. (Org.) **Cidades: Relações de Poder e Cultura Urbana**. Goiânia: Vieira, 2005b. p. 133 – 170.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, **World Drug Report**, 2016, ONU. (ISBN: 978-92-1-148291-1, ISBN: 978-92-1-060623-3, publicação das Nações Unidas, Vendas No. E.17.XI.6).

FELIX, S. A. **Geografia do Crime: Interdisciplinaridade e Relevância**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública. Edição VII**. São Paulo, 2013.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo caído no chão: O sistema penal e o projeto genocida brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Direito, Universidade de Brasília, 2006.

GARLAND, David. **A Cultura do Controle: Crime e Ordem Social na Sociedade Contemporânea**. Tradução de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008. Título Original: The Culture of control.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**: 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GLASNER, Barry. **Cultura do medo. Porque tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos**. São Paulo: Francis, 2003.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, D. **O Direito à cidade. Lutas Sociais**, n. 29, jul./dez., São Paulo, 2014; p. 73-89.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

KESSLER, Gabriel. **El sentimiento de inseguridad: sociología del temor al delito**. 1ed-Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 20 ed. Atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LEFÈBVRE, H.. **Espaço e política**. (r. M. Martins., Trad.) Belo Horizonte: UFMG. 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 2004.

LEFEBVRE, H. **A Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1994.

LIRA, Pablo Silva. **Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas** / Pablo Silva Lira. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2017.

LOURENÇO, Nelson, « **Globalização e insegurança urbana** », Revista Angolana de Sociologia [Online], 11 | 2013, posto online no dia 09 dezembro 2013, consultado no dia 23 outubro 2018. URL: <http://journals.openedition.org/ras/308>; DOI: 10.4000/ras.308. <https://doi.org/10.4000/ras.308> .

MAGRINI, Maria Angélica. **Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos**. 2013. 488 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_, **Interações entre violência e cidades: em busca de uma definição de violência urbana**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.36, v.1, p.83-98, jan. /jul. 2014.

\_\_\_\_\_, **Violência e insegurança nas cidades brasileiras**. Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, Ituiutaba, v. 9, n. 1, p. 89-105, jan./jun. 2018.

MARX, Karl. **O CAPITAL. Volume I, Livro primeiro- o processo de produção do capital**. Abril S.A. Cultural, 1983.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. RJ, Zahar editores,1967.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MISSE, Michel. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó**. 2008. 172f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista** / - Presidente Prudente: 2013 305 f. : il. Orientador: Arthur Magon Whitacker Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. **Des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale: une approche critique de la notion de fragmentation**. In: DORIER-APPRILL, Elisabeth (dir.). *Vocabulaire de la ville. Notions et références*. Paris: du Temps, 2002.

NERI, Marcelo. **Percepções da Crise. Pesquisa da FGV**. 2018.

PEDRINHA, Roberta Duboc. **Notas sobre a política criminal de drogas no brasil: elementos para uma reflexão crítica**. 2008. Disponível em: <[http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/salvador/roberta\\_duboc\\_pedrinha.pdf](http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/salvador/roberta_duboc_pedrinha.pdf)>. Acesso em 03 de novembro de 2019.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das Cidades**; Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PINHEIRO, P. S. **Autoritarismo e transição**. Revista USP, Brasil, n. 9, p. 45-56, mai. 1991. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i9p45-56> .

PORTO, M. S. (2009). **Mídia Segurança Pública e Representações Sociais**. Tempo Social, revista de sociologia da USP: Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n2/v21n2a10.pdf>> 2009. Acesso em: 11/11/19.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp. 2008.

SANTOS, Roberval Soares. **Geografia do Crime: A produção de Espaços Segregados pela Violência em Caetité**. 2012. 78p. Monografia do Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Caetité-BA, 2012.

SANTOS, M. 1978. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_.1985. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel.

SAPORI, Luís Flávio. **A racionalidade econômica sustenta o tráfico de drogas de Norte a Sul do Brasil**. 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6899-a-racionalidade-economica-sustenta-o-trafico-de-drogas-de-norte-a-sul-do-brasil>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

SAPORI, L. F. e SOARES, G. A. D. **Por que cresce a violência no Brasil?** Editora PUCMINAS autêntica, Belo Horizonte, 2014.

SARAVI, Gonzalo, **Juventudes fragmentadas: socialización, clase y cultura en la construcción de la desigualdad**, México: CIESAS/FLACSO, 2015.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **“O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”** In: **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1995. Pp.77-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato / -** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira. Ou como o país se deixa manipular pela elite.** São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Jéssica Silva, 1991- **Cidade, consumo e práticas espaciais em Ituiutaba - MG** [recurso eletrônico] : segmentação e fragmentação socioespacial / Jéssica Silva Souza. - 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal.

SOJA, Edward. Geografias Pós-modernas. **A reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SUERTEGARAY, D. M. A. 2002. **Geografia e trabalho de Campo.** In Geografia Física Geomorfologia: uma (re) leitura. Ijuí: Editora da UNIJUI.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais.** In: CARLOS, Ana Fani. SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Sposito. (org.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. P. 123-145.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GOÉS, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: Insegurança Urbana e fragmentação socioespacial/** Maria Encarnação Beltrão Sposito, Eda Maria Góes. 1-ed. –São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000400005>.

VASCONCELOS; Pedro de Almeida CORRÊA Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (orgs). **A cidade contemporânea: Segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013.

**APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA EM ITUIUTABA-MG**  
**ANEXO**

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS – CIDADINOS**

**Bloco 1- Perfil do entrevistado (a);**

1. Qual sua idade?
2. Qual sua profissão?
3. Quantos componentes da família, idades e profissões?
4. Há quanto tempo moram nesse bairro?
5. O imóvel em que moram é próprio ou alugado?
6. Qual a renda média mensal da sua família?

**Bloco 2- Sensação de Insegurança na cidade**

1. A cidade de Ituiutaba é violenta? Há insegurança?
2. A que atribui esse aumento da violência na cidade?
3. Você acha que a presença do presídio em Ituiutaba e na região contribui para o aumento da violência?
4. E aqui no seu bairro, como é a situação? Você considera que ele é violento?
5. Você sabe de alguém que já sofreu algum tipo de violência por aqui?
6. Quais são os principais pontos positivos do bairro? Quais são os pontos negativos?
7. Já ouviu falar sobre tráfico de drogas no bairro que mora?
8. Você gosta de morar aqui? Por quê?
9. Se você pudesse escolher outro bairro da cidade, se mudaria?
10. Para qual bairro?
11. Quais os bairros de Ituiutaba que você considera como mais violentos? Por quê? E os mais seguros? Por quê?
12. Você ou alguém próximo já foi vítima de violência? Qual tipo?
13. Como você conclui que a violência aumentou?
14. Se sente inseguro em casa?
15. E nos espaços públicos (ruas, praças, parques)?
16. Você evita de ir em algum espaço público de Ituiutaba? Por quê?

17. Dentre os crimes a seguir, quais você tem mais medo? (Dos crimes entre assaltos, assassinatos, tráfico de drogas, roubos de residências, furtos)?

18. O que você acha que leva as pessoas a praticarem crimes?

19. Há relação entre pobreza e violência? Comente.

20. Acha que falta infraestrutura de serviços e comércio no seu bairro?

### **Bloco 3- Estratégias socioespaciais em busca de segurança em Ituiutaba-MG**

1. Essa violência influencia em seu cotidiano? Como?

2. Quais as estratégias para buscar segurança você adota em sua casa? (Equipamentos: muro alto, cerca elétrica, cadeados ... e até condutas: trancar as portas e janelas, não atender ninguém à noite, não sair de noite ...).

3. Em relação a seus filhos, tem cuidados? Dá algum tipo de orientação para eles?

4. Você acha que eles (seus filhos) se sentem inseguros em Ituiutaba?

5. Tem medo de seu filho (a) se envolver diretamente com a criminalidade?

6. Se você tivesse mais recursos financeiros para utilizar em segurança, o que faria?

7. Qual sua opinião sobre a colocação de câmeras de vigilância nos espaços públicos, como praças, áreas de lazer...?

8. Você conhece seus vizinhos? Como é seu relacionamento com eles?

9. Se identifica com as pessoas do bairro?

10. Tem mais amigos no bairro onde mora ou em outros bairros?

11. Quantas vezes por semana você realiza atividades em outros bairros? (Não incluir atividades de trabalho.)

12. Você evita de ir em algum bairro específico em Ituiutaba? Por quê?

### **Bloco 4- Vivências do cotidiano em Ituiutaba-MG**

1. Quais lugares costuma comprar roupas, sapatos? Em quais supermercados, açougue você costuma comprar?

2. Costuma ir ao shopping para quais atividades?

3. Seus deslocamentos pela cidade são feitos como?

4. Quais as principais atividades de lazer?

### **Bloco 5- Soluções viáveis e o papel estatal**

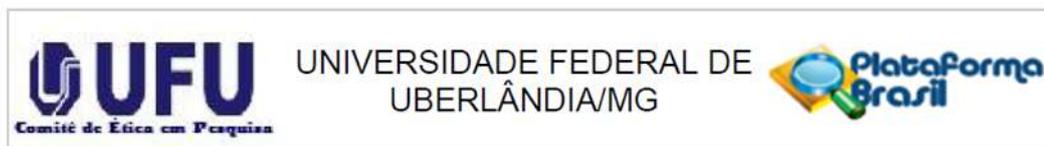
1. O que você acha que poderia ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?

2. Você acha que se aumentasse o número de policiais nas ruas diminuiria a violência na cidade? Por quê?

3. Como você avalia a atuação da polícia em Ituiutaba? Você confia no trabalho policial?
4. E no seu bairro?
5. Você ou alguém conhecido já precisou recorrer ao serviço da polícia? Como foi?
6. Alguém que você conhece já teve algum problema com a abordagem policial, como por exemplo, algum tipo de abuso de poder? Comente se possível for.

**Bloco 6- Você tem mais comentários finais a fazer? Gostaria de acrescentar algo para esta pesquisa?**

## COMPROVANTE FINAL DO CEP/UFU (ANEXO 1)



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ENTRE A (IN) SEGURANÇA URBANA E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL: As relações de sociabilidade em Ituiutaba-MG

**Pesquisador:** MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA MAGRINI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 08867219.9.0000.5152

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Integradas do Pontal

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.356.950

#### Situação do Parecer:

Aprovado

#### Necessita Apreciação da CONEP:

**Endereço:** Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica  
**Bairro:** Santa Mônica **CEP:** 38.408-144  
**UF:** MG **Município:** UBERLANDIA  
**Telefone:** (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br